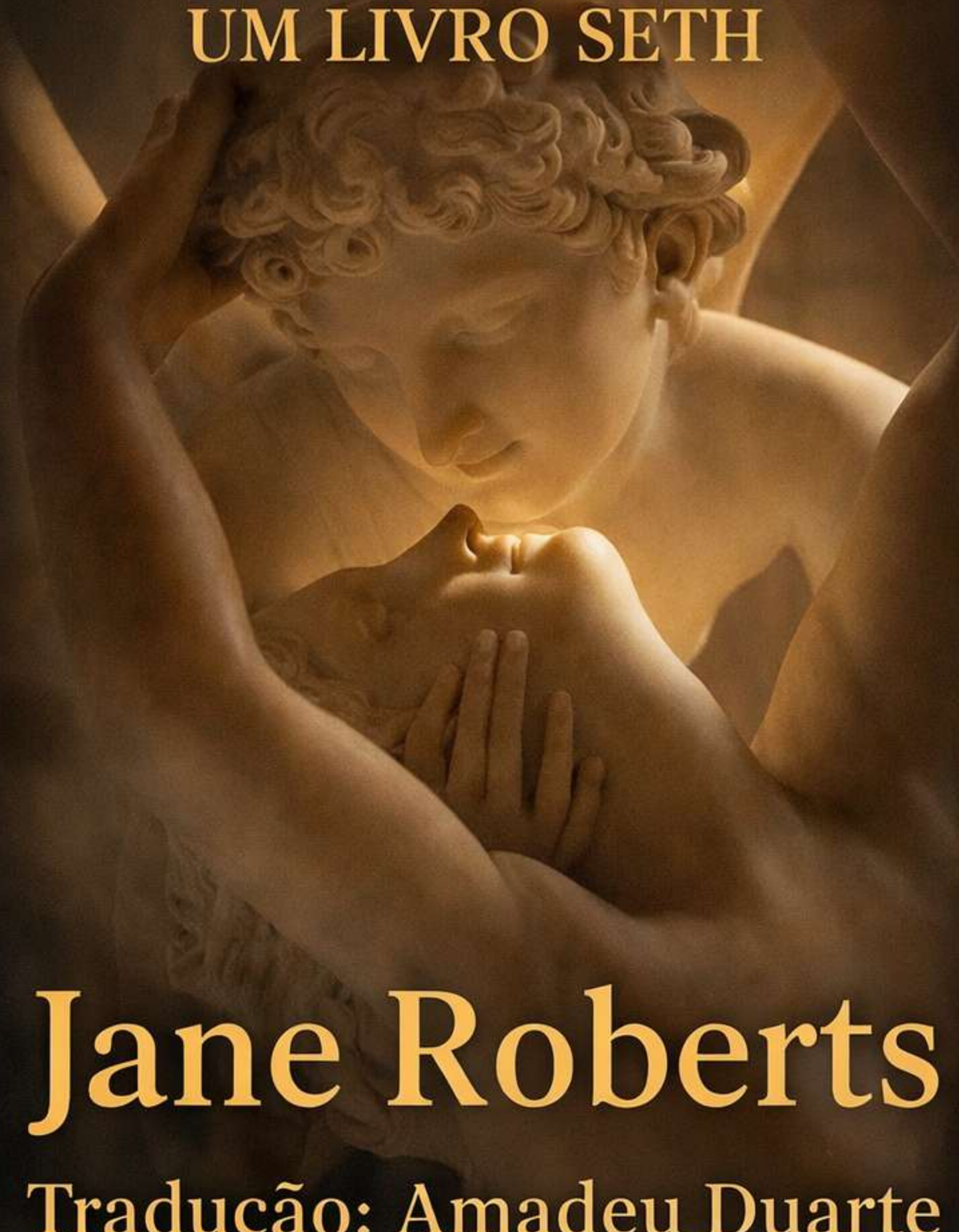




A NATUREZA DA PSIQUE

UM LIVRO SETH

Jane Roberts

Tradução: Amadeu Duarte

A NATUREZA DA PSIQUE AS SUAS EXPRESSÕES HUMANAS

A sociedade ocidental tentou forçar toda a expressão de amor a manifestar-se através da atividade sexual, ou então bani-la por completo. A performance sexual é considerada a única forma segura de utilizar o imenso potencial das emoções humanas. Quando te parece que a sociedade está a tornar-se libertina, em muitos sentidos ela está, na verdade, profundamente inibida.

Estas palavras são de Seth, ditas através da voz de Jane Roberts. Foram cuidadosamente registadas durante as sessões de transe de Jane pelo seu marido, Robert Butts. A não ser que ela "se transforme em Seth" — a não ser que Seth sorria e fale — não existe material de Seth. Pois são as revelações, as verdades surpreendentes que nos ajudam a aprofundar a compreensão e a enriquecer a vida, que vêm apenas de Seth, a notável personalidade espiritual de outro mundo, que voltou para ensinar todos aqueles que ousam questionar.

INTRODUÇÃO DE JANE ROBERTS

Enquanto escrevo esta introdução, já me esqueci de tantas noites anónimas durante as quais Seth, a minha personalidade em transe, ditou este livro. Apenas as notas das sessões, feitas pelo meu marido, Robert Butts, me dizem em que atividades diárias estávamos envolvidos na altura em que o livro foi produzido. Uma coisa é certa: nas noites de sessão, entrei em transe e, como Seth, ditava estes capítulos. As vitórias e derrotas de cada dia desapareceram mais ou menos, mas aquelas horas noturnas estão de algum modo contidas nestas páginas e, nesse sentido, perduram. Mas será Seth realmente a minha personalidade em transe — um habitante de reinos psicológicos intemporais que envia mensagens para o nosso mundo moldado pelo tempo?

Ou serei eu a personalidade em transe de Seth, a viver no espaço e no tempo, quase esquecida da minha herança? Talvez nunca venha a saber realmente. No entanto, as minhas experiências contínuas mostram-me que a personalidade de Seth está impressa nas sessões e nos seus escritos — e talvez também na minha própria consciência — de formas únicas. A não ser que eu "me transforme em Seth", que vá até ao fim, que altere o meu próprio alinhamento psicológico — a não ser que Seth sorria e fale — não existe material de Seth. Por isso, embora apenas duas pessoas estejam na nossa sala de estar nas noites de sessão, é bastante justo dizer que não estamos sozinhos.

Sei muito bem que houve noites em que "devia" ter feito a sessão regular de Seth, mas não o fiz, por razões que também já se perderam. Talvez não me

sentisse bem, ou estivesse na secretária, envolvida na minha própria escrita. Talvez tenha aparecido um convidado inesperado, ou os feriados tenham atrapalhado. Na verdade, estava bastante preocupada com a rapidez com que o tempo passava, e com a pressão de preparar manuscritos para publicação. Durante o período em que Seth ditava este livro, o Rob estava a dactilografar os dois volumes da obra anterior de Seth, *A Realidade "Desconhecida"*, e a adicionar inúmeras notas que correlacionavam o material de Seth com o dos seus livros anteriores. Sabia que, nas noites de sessão, o Rob "perdia" tempo de trabalho nesse projeto, e ainda tinha de dactilografar a sessão mais recente no dia seguinte; enquanto tudo o que eu tinha de fazer era... o quê? Transformar-me em Seth.

Muitos correspondentes escrevem, comentando o elemento dramático das sessões — e de facto todo o processo é um drama psicológico rico e evocativo. Mas a maioria das pessoas não faz ideia do tempo ou do esforço necessários para acompanhar a criatividade aparentemente infinita de Seth: as sessões a serem dactilografadas, as várias fases de preparação do manuscrito, ou a simples persistência necessária para que as sessões continuem apesar das distrações normais da vida. O Rob dactilografou os outros livros de Seth — *Seth Fala: A Validade Eterna da Alma*, *A Natureza da Realidade Pessoal* e os dois volumes de *A Realidade "Desconhecida"*, com as suas próprias notas — e fez praticamente todo o trabalho de preparação para publicação. Ainda estava a trabalhar em *A Realidade "Desconhecida"* quando Seth terminou este livro. E quase de imediato, Seth começou outro, *O Indivíduo e a Natureza dos Acontecimentos em Massa*.

Durante esse tempo, eu também estava a escrever os meus próprios livros e a prepará-los para publicação, por isso o Seth não estava, de forma alguma, a ocupar espaço criativo que me estivesse a faltar. Ainda assim, olhei para *Psyche* quando Seth o terminou, e desejei que ele também soubesse dactilografar! Recordei todas aquelas horas de transe de que não me lembrava, observando-as de outro ângulo e quase surpreendida por um pensamento simples que nunca me ocorrera daquela maneira: essas horas de transe foram produtivas.

Produziram resultados no mundo do tempo. Aquela consciência em transe, seja qual for o nome, sabia o que estava a fazer. E perguntei-me: que aparência terei para o Rob, quando me inclino como Seth, a sorrir (sem os meus óculos, com os olhos de Seth mais escuros que os meus), a brincar como Seth, a gesticular, a esperar enquanto o Rob me vai buscar — a mim, Jane — uma cerveja?

Tenho a certeza de que existe uma espécie de memória em transe, mas a minha memória comum regista muito pouco dessas horas. E, no entanto,

também não me lembro de imediato do que aconteceu na minha vida normal durante esses dias. Assim, tanto o tempo "real" como o tempo em transe desapareceram: e esta semana voltarei a entrar em transe, e o Seth ditará mais uma parte de um novo livro que o Rob dactilografará para publicação, talvez daqui a um ano. Então, este "hoje" também fará parte do passado. Nos nossos termos.

Digo "nos nossos termos", porque as sessões em si parecem sempre presentes, apesar de tudo o que acabei de dizer. Parecem conter uma energia que ganha vida nas palavras de Seth, pertencendo tanto ao futuro como ao passado. Essas palavras foram todas originalmente faladas, de forma espontânea e enfática, embora lentamente o suficiente para o Rob conseguir tomar notas. Foram enunciadas com a pronúncia peculiar de Seth, acompanhadas de gestos — uma verdadeira performance viva que espero que o leitor tenha em mente.

Montes de horas de transe! Aqui estão elas. Mas se eu estava em transe, será que o Seth também estava? Ele está certamente atento, ativo, recetivo, preocupado com as pessoas — tanto individualmente como no geral — e com o mundo. E, no entanto, sinto que apenas uma parte da sua consciência está presente durante as sessões — a parte que se expressa através de mim — de modo que, seja qual for a natureza da experiência nativa de Seth, a sua presença no nosso mundo é apenas uma sugestão de uma complexidade psicológica muito além da nossa atual compreensão.

Em *Psyche*, Seth aborda pela primeira vez, nas suas obras publicadas, a questão da sexualidade humana, explorando-a na sua relação com o psiquismo individual e coletivo, e ligando a sexualidade às suas fontes espirituais e biológicas. Como a maioria dos nossos leitores sabe, Seth começou por chamar-me Ruburt, e ao meu marido, Rob, Joseph, logo no início das sessões. Explicou que esses eram os nossos nomes enquanto entidades, e achei graça ao facto de o meu ser masculino, e de Seth se referir a mim como "ele". Quando dava aulas, Seth também dava a muitos alunos os seus nomes enquanto entidades, e houve discussões animadas sobre as designações sexuais desses nomes.

Descobrimos agora que tais referências foram moldadas com base nas nossas próprias ideias algo... limitadas sobre as qualidades atribuídas aos sexos, pois em *Psyche*, Seth deixa claro que a psique não é masculina nem feminina, "mas um reservatório do qual são extraídas as afiliações sexuais". Ele sublinha a natureza bissexual da humanidade e a importância da bissexualidade, tanto do ponto de vista espiritual como biológico. No entanto, a bissexualidade de que Seth fala é um conceito muito mais vasto do que aquele normalmente sugerido pelo termo, sendo considerada por ele uma fonte fundamental da qual

emergem as nossas definições sexuais. E que definições são essas? Quantas são inatas e quantas aprendidas? É a essas questões que Seth se propõe responder. Mais ainda: ele liga a sua discussão sobre sexualidade ao nascimento das linguagens e à natureza do “Deus oculto”.

A psique, porém, não é apenas um repositório de afiliações sexuais, mas também contém capacidades e características ocultas que são ativadas por estímulos exteriores. No Capítulo 3 de *Psyche*, Seth afirma: “Certamente as fórmulas matemáticas não estão impressas no cérebro, mas são inerentes à sua estrutura, implícitas na sua própria existência.” Segundo Seth, os nossos desejos, focos e intenções determinam que tipo de informação interior retiramos dos campos infinitos de conhecimento disponíveis; pois ele vê todo o saber como existindo em simultâneo, não como dados áridos ou registros, mas animado pela consciência que o percebe.

As mentes do passado e do futuro estão abertas para nós — ou, pelo menos, os seus conteúdos —, não numa relação parasitária, mas numa troca dinâmica e viva, na qual o conhecimento de cada época enriquece todas as outras eras históricas. Seth atribui a esta partilha de saber uma realidade tanto espiritual como biológica.

As implicações de tais afirmações para a educação são surpreendentes: além de transmitir informação memorizada, as nossas escolas e universidades deveriam expor-nos ao maior número possível de áreas do conhecimento, pois estas atuam como estímulos exteriores que despertam o saber interior natural, fazendo emergir competências à espera de serem ativadas por estímulos adequados no mundo exterior.

Enquanto Seth ditava este livro, dedicado aos potenciais da psique e à sua capacidade de receber informação interior, as minhas próprias experiências — como sempre — pareciam servir de lições práticas que sustentavam a sua tese. Por exemplo, Seth mal tinha começado *Psyche* quando, de repente, me tornei recetora psíquica de um livro sobre filosofia e técnicas artísticas. Alegadamente, o conteúdo vinha da “visão de mundo” de Paul Cézanne, o famoso pintor francês que morreu no início do século XX.

Seth começou a falar de visões de mundo em *A Realidade “Desconhecida”*. De forma simples, uma visão de mundo é um quadro psicológico vivo da vida de um indivíduo — com o seu conhecimento e experiência — que se mantém ativo e sensível muito tempo depois da morte física. Assim, o material que recebi não veio de Cézanne em si, mas da sua visão de mundo. Na verdade, ao receber o livro, sentia-me como uma secretária a tomar ditado mental. Mas que ditado!

O manuscrito apresentava não só um retrato fascinante de um génio em plena criação, como também oferecia conhecimentos especializados sobre arte — uma área em que, na melhor das hipóteses, sou apenas uma amadora. O próprio Seth escreveu a introdução, ditando primeiro o seu material sobre *Psyche* e, na mesma sessão, passando depois para a introdução de Cézanne. Esse livro, *A Visão de Mundo de Paul Cézanne*, foi publicado pela Prentice-Hall em 1977. Mal o terminei, surgiu uma experiência semelhante, precisamente quando Seth finalizava *Psyche*.

O Diário Pós-Morte de um Filósofo Americano: A Visão de Mundo de William James chegou da mesma forma — como ditado mental — só que, ao passo que a visão de Cézanne era especializada em arte, a de James era mais abrangente. Comentava, com profundidade, o nosso mundo desde a morte de James e abordava a história americana no que dizia respeito ao espiritualismo, à psicologia e à democracia.

Segundo Seth, qualquer um de nós pode sintonizar com este tipo de informação “extra”, mas recebê-la-emos de acordo com os nossos próprios desejos e intenções. Por exemplo, o meu interesse pela arte e a apreciação que o Rob tem pelas obras de Cézanne ajudaram a originar o livro sobre Cézanne; da mesma forma, a minha curiosidade sobre William James e a admiração do Rob pelo seu trabalho contribuíram para o surgimento do manuscrito sobre James. Seth afirma que a informação interior chega frequentemente às nossas mentes, mas é filtrada pelas nossas psiques individuais e colorida pelas nossas vidas, de tal forma que muitas vezes nem reconhecemos a sua origem.

Às vezes isso acontece em sonhos, ou como inspiração: um inventor, por exemplo, pode estar a receber uma ideia vinda do futuro, ou um arqueólogo pode fazer uma descoberta ao receber informação do passado. Seth defende que o nosso saber interior se funde tão naturalmente com as nossas preocupações atuais que raramente damos conta da sua fonte; no entanto, fornece ao indivíduo e à espécie um fluxo constante e fiável de informação, através de uma linha psicológica de ligação à qual todos estamos conectados.

Ele analisa em profundidade a experiência do homem primitivo e as diferentes formas de organização da percepção que prevaleceram ao longo do tempo, sublinhando que a espécie humana sempre teve acesso a “dados interiores” e que a sua fonte de conhecimento nunca dependeu exclusivamente das circunstâncias exteriores. Segundo Seth, é a partir desse corpo interior de conhecimento que emergem os nossos processos sociais organizados de armazenamento de informação objetiva. Seguindo essa lógica, a precognição estaria envolvida nas alterações evolutivas, de modo a que as várias espécies

se preparassem no presente para as mudanças que seriam necessárias no futuro.

E em tudo isto, como sempre, Seth salienta o papel vital das probabilidades no desenvolvimento do indivíduo e da espécie, vendo nelas a base do livre-arbítrio. A psique, segundo ele, experimenta em privado ações prováveis durante o estado de sonho, e os sonhos coletivos da humanidade funcionam como um veículo interior através do qual a humanidade escolhe os acontecimentos globais.

A psique é privada, mas, no seu todo, cada psique contém acesso à psique coletiva. Contudo, como Seth deixa claro, este livro não é um tratado seco sobre “a psique”, mas foi construído de modo a colocar cada leitor em contacto mais direto com a sua própria psique individual. Inclui muitos exercícios para familiarizar cada pessoa com essa parte mais profunda do eu e convida o leitor a explorar as suas ideias e experiências em múltiplos níveis. Crenças distorcidas sobre sexualidade, por exemplo, podem travar o progresso psíquico ou espiritual — e Seth aborda estas questões de forma minuciosa.

As questões do lesbianismo e da homossexualidade também são abordadas, juntamente com os seus efeitos tanto privados como sociais. Estávamos particularmente ansiosos por tornar este material acessível ao público, já que muitos correspondentes nos escrevem a pedir a opinião de Seth sobre a sexualidade. Este desejo, aliado à criatividade aparentemente inesgotável de Seth, levou-nos a tomar uma decisão: a partir de agora, os livros de Seth incluirão muito menos notas.

Nos dois volumes de *A Realidade “Desconhecida”*, o Rob tentou correlacionar as ideias de Seth sobre vários temas, traçando-as até aos seus livros anteriores (e muitas vezes até a material inédito), mostrando o contexto em que essas obras foram escritas. Agora, manteremos as habituais notas de sessão, mas caberá ao leitor acompanhar o desenvolvimento das teorias ou correlacioná-las com os livros anteriores de Seth, ao seu ritmo.

Neste momento em que escrevo, Seth vai a meio do livro *O Indivíduo e a Natureza dos Acontecimentos em Massa*, que irá mostrar onde e como as crenças privadas se tornam eventos públicos. Quanto a mim, terminei para publicação *A Educação de Emir no Uso Correto dos Poderes Mágicos* (todo o primeiro capítulo surgiu num sonho), bem como *A Educação Continuada de Oversoul Seven*.

Tudo isto — os livros de Seth e os meus próprios — são prova clara da imensa criatividade da psique e da sua capacidade de perceber e utilizar informação que provém tanto do interior como do ambiente exterior. Os livros

são a minha especialidade. Para outras pessoas, essa criatividade pode manifestar-se nas relações familiares e na compreensão emocional, nas outras artes, nas ciências, no desporto, ou simplesmente na elevação da qualidade de vida para um nível mais novo e mais rico.

CAPÍTULO 1

A PSIQUE E O SEU AMBIENTE

Sessão 752

Vocês entram na condição que chamam de vida, um abandonam-na. De permeio vocês enfrentam uma vida. Suspensos — ou assim certamente lhes parecerá entre o nascimento e a morte, vocês interrogam-se sobre a natureza do vosso próprio ser. Buscam a vossa experiência e estudam histórias oficiais do passado, na esperança de encontrar aí pistas sobre a natureza da vossa própria realidade.

A vossa vida parece sinónimo da vossa consciência. Consequentemente, parece que o conhecimento que têm de vós próprios cresce gradualmente, à medida que a vossa consciência de vós se desenvolve desde o seu nascimento. Além disso, parece que a vossa consciência encontrará uma morte além da qual a consciência de vós não sobreviverá. Podem pensar com saudade e com uma nostalgia quase otimista da religião da vossa infância, e lembrar-se de um sistema de crença que lhes garantiu a imortalidade. No entanto, muitos de vocês, meus leitores, anseiam por algumas garantias íntimas e particulares e buscam alguma certeza interior de que a vossa própria individualidade não é abruptamente rejeitada na morte.

Toda a gente sabe intuitivamente que as suas próprias experiências de alguma forma são importantes e que existe um significado, embora obscuro, que liga o indivíduo a um padrão criativo maior. Toda a gente sente de vez em quando um propósito particular e, no entanto, muitos ficam frustrados por essa meta interior não ser conscientemente conhecida ou claramente apreendida. Quando eram criança, sabiam que estavam a crescer em direção à idade adulta.

Eram sustentados pela crença na projeção das capacidades — isto é, vocês aceitavam como certo que estavam em um processo de aprendizagem e crescimento. Não importa o que lhes sucedesse, vocês viviam numa espécie de ambiente psíquico rarefeito, no qual o vosso ser estava carregado e brilhava. Vocês sabiam que estavam num estado de transformação. O mundo, nesses termos, também está num estado de transformação.

Na vida privada e no cenário mundial, a ação ocorre o tempo todo. É fácil olhar para vós próprios ou para o mundo, para se ver e se tornarem tão hipnotizados

pelo vosso estado atual que toda mudança ou crescimento pareça impossível, ou ver o mundo da mesma maneira. Via de regra vocês não se lembram do vosso nascimento. Certamente parecerá que vocês não se lembram do nascimento do mundo. Entretanto tiveram uma história antes do vosso nascimento — tal como lhes parecerá que o mundo tenha tido uma história antes de vocês nascerem.

As ciências ainda escondem segredos umas das outras. As ciências físicas fingem que os séculos existem um após o outro, enquanto os físicos percebem que o tempo não é apenas relativo ao observador, mas que todos os eventos são simultâneos. Os arqueólogos alegremente continuam a datar os vestígios de civilizações "passadas," sem nunca se interrogarem do que o passado significa — ou dizendo: "Isto é passado em relação ao meu ponto de percepção."

Os astrónomos falam do espaço sideral e de galáxias que superariam as vossas. No mundo que vocês reconhecem, também existem guerras e rumores de guerras, profetas de destruição. No entanto, apesar de tudo, o homem privado ou a mulher privada, desconhecidos, anônimos para o mundo em geral, sente-se obstinadamente dentro de uma afirmação estimulante e determinada que diz:

"Eu sou importante. Tenho um propósito, embora não entenda qual seja. A minha vida que parece tão insignificante e ineficaz, é no entanto, de importância primordial de alguma forma que eu não reconheço." Embora apanhado numa vida de aparente frustração, obcecado com problemas familiares, desconfortável na doença, derrotado ao que parece para todos os efeitos, uma parte de cada indivíduo ergue-se contra todos os desastres, todos os desânimos e, de vez em quando pelo menos vislumbra uma sensação de validade duradoura que não pode ser negada. É a essa parte conhecedora de cada indivíduo que me dirijo.

Não sou, por um lado, um autor fácil de abordar, por falar de um nível de consciência diferente daquele com o qual vocês estão familiarizados. Por outro lado, a minha voz é tão natural quanto folhas de carvalho ao vento, pois falo de um nível de consciência que é tão nativo na vossa psique quanto agora as estações parecem ser para a vossa alma. Estou a escrever este livro por meio de uma personalidade conhecida como Jane Roberts. Esse é o nome que lhe foi dado por altura do nascimento. Ela partilha convosco os triunfos e sofrimentos da existência física.

Como vós, ela é presenteada com uma vida que parece começar com o nascimento, e que se acha suspensa desse ponto de emergência até o momento da partida da morte. Ela faz as mesmas perguntas que vocês fazem nos vossos momentos de silêncio. Contudo, as suas perguntas foram feitas com tal veemência que rompeu as barreiras que a maioria de vocês ergue, e

assim começou uma jornada que é empreendida por ela e por vós também — por cada uma das vossas experiências, por mais diminuta ou aparentemente insignificante que seja, que passa a fazer parte do conhecimento da vossa espécie. De onde vieram vocês e para onde estão a ir? O que é que são? Qual será a natureza da psique?

Só posso escrever uma parte deste livro. Vocês precisam completá-lo. Pois "A Psique" não tem sentido, exceto no que se refere à psique individual. Falo-lhes através de níveis vossos que vocês esqueceram, e ainda assim não esqueceram.

Falo-lhes através da página impressa, mas as minhas palavras vão despertar em vós as vozes que falaram na vossa infância e antes do vosso nascimento. Este não será um tratado árido, cuidadosamente a informá-los sobre alguma estrutura hipotética chamada psique, mas, em vez disso, evocará das profundezas do vosso ser experiências que vocês esqueceram e congregarão a partir das vastas extensões do tempo e do espaço, a identidade milagrosa que são vós próprios."

Bem: a Terra possui uma estrutura. Nesses termos, a psique também. Vocês vivem numa área específica da face do vosso planeta e só conseguem perspetivar uma parte dela num determinado momento — ainda assim vocês tomam como certo que o oceano existe mesmo quando vocês não conseguem sentir-lhe a espuma ou ver as marés. E mesmo que vocês vivam num deserto, vocês acreditam que realmente existem grandes campos cultivados e torrentes de chuva.

É verdade que parte de vossa fé se baseia no conhecimento. Outros viajaram até onde vocês não, e a televisão fornece-lhes imagens. Apesar disso, contudo, os vossos sentidos apresentam apenas uma imagem de vosso ambiente imediato, a menos que sejam cultivados de certos modos particulares que são relativamente incomuns.

Vocês tomam como certo que a Terra tem uma história. Nesses termos, a vossa própria psique também tem uma história. Vocês condicionaram a vós próprios a olhar para fora, para a realidade física, mas a validade interior do vosso ser não pode ser encontrada nela — apenas os seus efeitos. Vocês podem ligar a televisão e assistir a um drama, mas a mobilidade interna e a experiência da vossa psique estão misteriosamente envolvidas em todos aqueles gestos externos que permitem que vocês liguem a televisão para começar a dar sentido às imagens apresentadas. Portanto, o movimento da vossa própria psique geralmente escapa-lhes.

Onde está localizado o drama televisivo antes de aparecer no vosso canal — e para onde vai depois? Como pode existir um momento e estar concluído no seguinte, e ainda assim ser reproduzido quando as condições se revelam

propícias? Se vocês entendessem a mecânica, saberiam que o programa obviamente não vai para lugar nenhum. Simplesmente existe, enquanto as condições adequadas o ativam para a vossa atenção. Da mesma forma, vocês estão vivos, estejam ou não operar num "programa" terreno. Vocês estão vivos, estejam vocês no tempo ou fora dele. Possivelmente neste livro vamos colocá-los em contato com o vosso próprio ser, visto que ele existe fora do contexto em que vocês estão acostumados a percebê-lo.

Como vocês residem numa determinada cidade, vila ou vila, atualmente "vivem" numa pequena área do planeta interior da psique. Vocês identificam essa área como a vossa casa, como o vosso "eu." A humanidade aprendeu a explorar o ambiente físico, mas mal começou as grandes jornadas interiores que serão empreendidas à medida que as áreas interiores da psique forem exploradas com alegria e bravura. Nesses termos, existe uma terra da psique. No entanto, esse território virgem é património de cada indivíduo, e nenhum domínio é igual ao outro. Todavia, há de facto um comércio interno que ocorre e, à medida que os continentes externos se erguem da estrutura interna da Terra, as áreas da psique emergem de uma fonte invisível ainda maior.

Sessão 753

Assim como a terra é composta de muitos ambientes, a psique também o é. Tal como existem diferentes continentes, ilhas, montanhas, mares e penínsulas, a psique assume diversas formas. Se vocês habitam um país, geralmente consideram os nativos de outras áreas do mundo como estrangeiros, embora, é claro, eles os vejam da mesma maneira. Em tais termos, a psique contém muitos outros níveis de realidade. Do vosso ponto de vista, eles podem parecer estranhos, contudo fazem parte da vossa psique tanto quanto a vossa pátria mãe é uma parte da terra.

Diferentes países seguem diferentes tipos de constituição e, mesmo em qualquer área geográfica, podem haver várias leis locais seguidas pela população. Por exemplo, se vocês estiverem a dirigir um carro, poderão descobrir, para vosso pesar, que o limite de velocidade local numa pequena cidade seja vários quilómetros mais lento do que noutra. Da mesma maneira, diferentes partes da psique existem com as suas próprias "leis" locais e diferentes tipos de "governo." Cada um deles possui a sua própria geografia característica...

Se vocês forem de viagem ao redor do mundo, precisarão fazer ajustes de horário frequentes. Ao viajar pela psique, vocês também descobrirão que o vosso próprio tempo é automaticamente deformado. Se, por um momento, vocês tentarem imaginar que são capazes de levar o vosso próprio tempo

convosco nessa jornada cuidadosamente embalado num relógio de pulso, vocês ficarão bastante surpreendidos com o que acontecerá.

Ao de aproximarem dos limites de certas áreas psíquicas, o relógio de pulso funcionará ao contrário. À medida que vocês penetrarem outros reinos da psique, o vosso relógio apresentar-se-á mais acelerado ou mais lento. Bem, se o tempo de repente retrocedesse, vocês haveriam de o notar. Se corresse suficientemente mais rápido ou devagar vocês também haveriam de notar as diferenças.

Se o tempo andasse muito lentamente para trás, e de acordo com as condições, vocês poderiam não ter consciência da diferença, porque lhes levaria tanto "tempo" a ir do momento presente para o "anterior" que vocês poderiam ficar surpreendidos, em vez disso, simplesmente com a sensação de algo lhes parecer familiar, como se já tivesse acontecido antes.

Em outras áreas da psique, todavia, podem ocorrer eventos ainda mais estranhos. O relógio em si pode mudar de formato, ficar pesado como uma rocha ou leve como um gás, de modo que vocês não conseguiriam dizer as horas. Ou as mãos podem nunca se mover. Diferentes partes da psique acham-se familiarizadas com todas essas ocorrências mencionadas — porque a psique se estende por qualquer uma das leis locais que vocês reconhecem como "oficial" e tem dentro de si a capacidade de lidar com uma quantidade infinita de experiências da realidade.

Ora bem. É óbvio que o vosso corpo físico tem capacidades que alguns de vocês usam ao máximo. Mas, para além disso, a própria espécie possui as possibilidades de adaptação que lhe permitem existir e perdurar no ambiente físico em circunstâncias drasticamente variáveis. Ocultas na estrutura biológica corporal existem as especializações latentes que permitiriam a continuidade da espécie e que levam em consideração qualquer uma das mudanças planetárias que possam ocorrer por qualquer motivo. Contudo, a psique, embora esteja sintonizada com a terra na vossa experiência, também tem muitos outros sistemas de realidade "a enfrentar." Cada psique contém, pois, dentro de si os potenciais, habilidades e poderes possíveis ou capazes de serem ativados sob quaisquer condições.

A psique, a vossa psique, pode registrar e experimentar o tempo para trás, para a frente, ou para os lados por meio de sistemas de presentes alternativos — assim como pode manter a sua própria integridade num ambiente desprovido de tempo. A psique é a criadora de complexos de tempo. Teoricamente, o momento mais fugaz do vosso dia pode prolongar-se indefinidamente. Contudo, isso não seria um alongamento estático, mas um mergulho vívido naquele momento, de que todo o tempo, conforme vocês o concebem, passado e futuro e todas as suas probabilidades, pode emergir. Se vocês estiverem a ler este livro, já se terão cansado dos conceitos convencionais, e já terão

começado a sentir essas dimensões mais vastas do vosso ser. Vocês estão prontos para se afastarem de todas as doutrinas convencionadas e, numa medida ou noutra, estão impacientes por examinar e experimentar o fluxo natural da natureza que é direito inato. Esse direito inato há muito foi revestido de símbolos e mitologias.

A consciência forma símbolos. Não é ao contrário. Os símbolos são joguetes exuberantes. Vocês podem construir com eles da mesma forma que com blocos de crianças. Vocês podem aprender com eles, como antes empilhavam blocos do alfabeto numa pilha na escola. Os símbolos são tão naturais à vossa mente quanto as árvores à terra.

Contudo há uma diferença, entre uma história contada às crianças sobre as florestas e uma criança real numa floresta objetiva. Tanto a história quanto a floresta são "reais." Mas, nos vossos termos, a criança que entra na floresta objetiva envolve-se no seu ciclo de vida, pisa folhas que caíram ontem, descansa sob árvores muito mais antigas do que a sua memória e ergue o olhar à noite para ver uma lua que logo desaparecerá.

Olhar para uma ilustração do bosque pode facultar à criança algumas experiências imaginativas excelentes, mas serão de um tipo diferente, e a criança conhece a diferença. Porém, se vocês confundirem os símbolos com a realidade, programarão a vossa experiência e insistirão em que cada floresta se pareça com as imagens do vosso livro.

Por outras palavras, esperam que as vossas próprias experiências com várias partes da vossa psique sejam mais ou menos as mesmas. Carregarão as leis locais convosco e tentarão ler as horas psíquicas com um relógio de pulso. Contudo, precisaremos usar alguns dos vossos termos, principalmente no início. Outros termos com os quais vocês estão familiarizados, iremos espremer além de todo reconhecimento.

A realidade do vosso próprio ser não pode ser definida por ninguém além de vós, e depois a vossa própria definição deve ser entendida como um ponto de referência, na melhor das hipóteses. O psicólogo, o padre, o físico, o filósofo ou o guru só podem explicar-lhes a vossa própria psique na medida em que esses especialistas conseguirem esquecer que são especialistas e lidarem diretamente com a psique privada de onde procedem todas as especializações.

Sessão 755

(Devido à pressão de outros compromissos após a 753.^a sessão — o meu trabalho a fazer as notas para *A Realidade "Desconhecida"* de Seth, o envolvimento da Jane na escrita de uma introdução para um dos seus próprios livros que vai sair numa nova edição de bolso, e uma série de visitas inesperadas — não realizámos sessões durante várias semanas. [O livro em

causa é *A Chegada de Seth*, subtítulo *O Ambiente da Psique*, originalmente publicado em capa dura com o título *Como Desenvolver os Seus Poderes de Percepção Extra-Sensorial*.)

(Depois, na 754.^a sessão, a 25 de Agosto, Seth apresentou uma excelente dissertação sobre aquilo a que chamou “a marca da identidade” — explicando como o indivíduo, de forma psíquica, assinala certos aspetos exteriores da realidade e “os torna seus”, em sintonia com símbolos interiores pessoais. Mais tarde, durante essa sessão, a Jane sentiu que Seth a estava a levar numa visita guiada por Jerusalém, algures no primeiro século d.C. Nada disto fazia parte do livro, por isso a sessão permanece nos nossos arquivos juntamente com outro material que esperamos publicar um dia.)

(Uma hora antes de entrar em transe esta noite, a Jane disse-me que conseguia aceder a vários “canais” de Seth, cada um sobre um tema diferente, e que “seria melhor vermos” qual deles surgiria esta noite. E, mesmo antes da sessão começar, disse que seria sobre a nova obra que Seth estava a ditar.)

Agora: Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Vamos começar com o ditado.

Quando eu uso o termo "psique," muitos de vocês imediatamente se interrogam quanto à minha definição. Qualquer palavra, simplesmente por ser pensada, escrita ou enunciada, implica imediatamente uma especificação. Na vossa realidade diária, é muito útil distinguir uma coisa da outra, dar um nome a cada item. Entretanto, quando vocês lidam com uma experiência subjetiva, as definições podem frequentemente servir para limitar em vez de expressar uma determinada experiência. É óbvio que a psique não é uma coisa. Não tem começo nem fim. Não pode ser visto nem tocado em termos normais.

É inútil, pois, tentar qualquer descrição dela por meio do vocabulário usual, pois a sua linguagem permite principalmente que vocês identifiquem a experiência física da não física. Não estou a dizer que as palavras não possam ser usadas para descrever a psique, só que não conseguem defini-la. É fútil questionar: "Qual será a diferença que existe entre a minha psique e a minha alma, a minha entidade e meu ser mais vasto?" pois todos esses são termos usados num esforço para expressar as porções mais vastas da vossa própria experiência que vocês sentem dentro de vós.

Contudo, o uso da linguagem pode deixá-los impaciente por definições. Possivelmente, este livro irá permitir alguma consciência íntima, alguma experiência definitiva, que os familiarize com a natureza da vossa

própria psique, e então vocês verão que a vossa realidade escapa a todas as definições, desafia todas as categorizações e afasta com exuberante criatividade todas as tentativas de a embrulhar num pacote impecável.

Quando vocês começam uma jornada física, vocês sentem-se distintos da terra pela qual viajam. Não importa o quão longe vocês viajem — numa motocicleta, num carro ou num avião, ou a pé — de bicicleta ou a camelo, ou um caminhão ou navio, vocês ainda são o viajante, e a terra ou oceano ou deserto é o ambiente através do qual vocês viajam.

Quando vocês iniciam as vossas jornadas pela vossa própria psique, entretanto, tudo muda. Vocês ainda são o viajante, mas também são o veículo e o ambiente. Vocês formam as estradas, o vosso método de viagem, as colinas ou montanhas ou oceanos, bem como as fazendas e vilas do eu ou da psique, à medida que vocês avançam.

Quando, na época colonial, homens e mulheres viajavam para o oeste através do continente da América do Norte, muitos deles acreditavam por exemplo que a terra realmente continuaria além das montanhas altas. Quando vocês viajam como pioneiro através da vossa própria realidade, vocês criam cada folha de relva, cada centímetro de terra, cada pôr-do-sol e nascer do sol, cada oásis, cabana amigável ou encontro com o inimigo à medida que avançam.

Ora bem, se vocês estiverem à procura de definições simples para explicar a psique, não servirei de ajuda. Entretanto, se quiserem experimentar a esplêndida criatividade do vosso próprio ser, então usarei métodos que lhes despertarão o espírito aventureiro, a fé mais ousada em vós próprios, e pintarei retratos da vossa psique que os levarão a experimentar até mesmo os seus confins mais vastos, se assim o desejarem.

A psique não é, pois, uma terra conhecida. Não é simplesmente uma terra estranha, para a qual ou através da qual vocês podem viajar. Não é um universo subjetivo completo ou quase completo já existente para vocês explorarem. Em vez disso, é um estado do ser em constante formação, no qual reside o vosso sentido atual de existência. Vocês criam-na e ela cria-os. Ele cria em termos físicos que vocês reconhecem. Por outro lado, vocês criam um tempo físico para a vossa psique, pois sem vocês não haveria experiência das estações, da sua chegada e da sua passagem.

Não haveria experiência do que Jane chama de "a querida privacidade do momento" pelo que se uma parte do vosso ser quiser elevar-se acima da marcha solitária dos momentos, outras partes da vossa psique precipitam-se, encantadas, nesse enfoque de tempo específico que é o vosso. Como vocês agora desejam compreender as dimensões atemporais e infinitas da vossa própria existência mais vasta, "mesmo agora" inúmeros elementos dessa identidade não terrena exploram avidamente as dimensões da existência terrena e da condição da criatura.

Anteriormente, mencionei alguns efeitos estranhos que podem ocorrer se vocês tentarem levar o vosso relógio ou outro relógio para outros níveis de realidade. Bem, quando vocês tentam interpretar a vossa individualidade em outros tipos de existência, as mesmas surpresas ou distorções ou alterações podem parecer ocorrer.

Quando vocês tentam compreender a vossa psique e defini-la em termos de tempo, parecerá que a ideia de reencarnação faz sentido. Vocês pensam: "Claro. A minha psique vive muitas vidas físicas, uma após a outra. Se a minha experiência atual é ditada por isso na minha infância, então certamente a minha vida atual é resultado de outras anteriores." E assim vocês tentam definir a psique em termos de tempo e, ao fazer isso, vocês limitam a vossa compreensão e até mesmo a experiência que fazem dela.

Vamos tentar uma outra analogia: vocês são um artista que se encontra no auge da inspiração. Diante de vós têm uma tela e vocês estão a trabalhar em todas as suas áreas ao mesmo tempo. Nos vossos termos, cada parte da tela pode ser um período — digamos, um determinado século. Vocês estão a tentar manter algum tipo de equilíbrio generalizado e propósito em mente, de modo que, quando dão uma pincelada em qualquer parte específica dessa tela, tudo o que está relacionado dentro da área inteira pode mudar.

Nenhuma pincelada é realmente apagada, porém, nessa tela misteriosa da nossa analogia, mas permanece, alterando ainda mais todas as relações no seu nível particular. Essas pinceladas mágicas, porém, não são simples representações sobre uma superfície plana, mas são vivas, e carregam em si todas as intenções do artista, só que focadas nas características de cada pincelada individual. Se o artista pintar uma porta, todas as perspectivas percebidas dentro dela se abrem e adicionam outras dimensões da realidade.

Uma vez que esta é a nossa analogia, podemos esticá-la tanto quanto quisermos — muito mais do que qualquer artista poderia esticar a sua tela. Portanto, não há necessidade de nos limitarmos. A tela em si pode mudar de tamanho e forma à medida que o artista trabalha. As pessoas no quadro do artista também não são simples representações — a olhar para ele com olhos para sempre vítreos fixos, ou sorrisos ostentosos, vestidos com suas melhores roupas de domingo. Em vez disso, elas podem confrontar o artista e responder. Elas podem voltar-se de lado no quadro e olhar para os seus companheiros, observar o seu ambiente e até mesmo olhar para fora das dimensões do próprio quadro e questionar o artista.

Bem, a psique na nossa analogia é tanto o quadro quanto o artista, pois o artista descobre que um dos elementos desse quadro são partes de si próprio. Mais, ao olhar em volta, o nosso artista descobre que está literalmente cercado por outros quadros que também está a produzir. Olhando mais de perto,

descobre uma obra-prima ainda maior na qual ele aparece como um artista que cria os próprios quadros que começa a reconhecer.

O nosso artista então percebe que uma das pessoas que ele pintou também está a pintar os seus próprios quadros e a mover-se nas suas próprias realidades de uma forma que nem ele mesmo consegue perceber. Num lampejo de percepção ocorre-lhe que ele também tenha sido pintado — que há um outro artista por trás dele de quem a sua própria criatividade brota, e ele também começa a olhar para fora da moldura.

Bem, se tu se sentirem confusos, não faz mal, pois significará que já ultrapassamos as ideias convencionais. Qualquer coisa que eu diga seguindo essa analogia parecerá relativamente simples, pois agora deverá parecer pelo menos que têm pouca esperança de descobrir as vossas próprias dimensões mais vastas.

Mais uma vez, em vez de tentar definir a psique, tentarei estimular a vossa imaginação de modo que vocês possam saltar além do que lhe disseram que vocês são, para algum tipo de experiência direta. Até certo ponto, este livro fornece a sua própria demonstração. Trato a Jane Roberts de "Ruburt" (e, portanto, "ele") simplesmente porque o nome designa outra parte da sua realidade, enquanto ela se identifica como a Jane. Ela escreve os seus próprios livros e continua como cada um de vós faz no contexto normal da vida. Ela tem os seus próprios gostos e aversões, características e habilidades; o seu próprio espaço e tempo como cada um de vocês. Ela é um retrato vivo da psique, independente no seu próprio contexto e no ambiente conforme indicado.

Bem, eu venho de outra parte de quadro da realidade, de outra dimensão da psique na qual a vossa existência pode ser observada, como vocês observam um quadro normal. Nesses termos, estou fora do vosso "quadro" de referência. A minha perspectiva não pode ser incluída no vosso próprio quadro da realidade. Eu escrevo os meus livros, mas por ter o meu enfoque principal numa realidade "mais vasta do que a vossa," não posso aparecer como eu próprio sou na totalidade no vosso quadro de referências.

Portanto, a perspectiva subjetiva da Jane abre-se por causa do desejo e interesse que tem, e divulga o meu. Ela abre uma porta em si própria que o leva a outros níveis — do seu ser, mas um ser que não pode ser totalmente expresso no vosso mundo. Essa existência é minha, expressada na minha experiência em outro nível de realidade, pelo que preciso escrever os meus livros por meio da Jane. Passagens na psique são diferentes de simples aberturas que dão de uma sala para outra, pelo que os meus livros mostram apenas um vislumbre da minha própria existência.

Todavia, todos vocês têm passagens psicológicas dessas, que conduzem a áreas dimensionais mais vastas da psique, pelo que numa medida ou noutra,

eu falo por aqueles outros aspetos vossos que não aparecem no vosso contexto diário. Além do que reconheço como a minha própria existência, existem outras. Até certo ponto, partilho da experiência delas — muito mais, por exemplo, do que a Jane partilha da minha. Em certas ocasiões, por exemplo, a Jane conseguiu entrar em contato com o que chama de "o Outro Seth." Esse nível de realidade, no entanto, encontra-se ainda mais divorciado do vosso. Representa uma extensão ainda mais vasta da psique, nos vossos termos. Há uma relação muito mais próxima, no sentido de que reconheço a minha própria identidade como uma parte distinta da existência do Outro Seth, com que a Jane sente pouca correspondência. Por assim dizer, a realidade do Outro Seth inclui a minha, mas estou ciente da contribuição que dou à experiência "dele."

Da mesma forma, cada um dos meus leitores tem uma conexão com o mesmo nível de realidade psíquica. Em termos gerais, tudo isso está a acontecer ao mesmo tempo. A Jane está a contribuir e a formar uma parte da minha experiência, assim como eu estou a contribuir para a dela. As vossas identidades não são algo concluído. A vossa mais pequena ação, pensamento e sonho aumentam a realidade da vossa psique, não importa o quão grandiosa ou austera a psique possa parecer-lhes quando vocês pensam nela como um termo hipotético.

Fim do ditado.

("Está bem", disse eu.)

Descansa os dedos um momento, e continuaremos.

(Seth de facto continuou com material pessoal para ambos. Normalmente, ele teria terminado a sessão depois disso. No entanto, nesta noite, a Jane sentia tanta energia que Seth voltou para mais uma parte do ditado do livro — foi a primeira vez que uma sessão se desenrolou assim, tanto quanto me lembro.)

(De qualquer forma, Seth terminou o material pessoal da seguinte forma:)

Agora: Uma vez que imagino que não estás preparado para continuarmos o primeiro capítulo, eu vou...

("Estou bem para mais meia hora ou assim", disse eu.)

Então faz uma pausa.

CAPÍTULO 1

O AMBIENTE DA PSIQUE

(Mas não houve pausa. Seth continuou a falar:)

Ditado: A Jane especializou-se no estudo da consciência e da psique. A maioria dos meus leitores está muito interessada, mas eles têm outras preocupações prementes que os impedem de embarcar num estudo tão extenso. Todos vocês precisam enfrentar a realidade física. Isso aplica-se igualmente à Jane e ao Joseph. Até agora, os meus livros incluíram notas extensas da Joseph. Elas definiram o cenário, por assim dizer. Entretanto, os meus livros foram além desses limites. Nos vossos termos, muito pouco pode ser feito no tempo. O Joseph está agora envolvido em datilografar o meu manuscrito anterior ("Unknown" Reality.)

Foi escrito de tal forma que vinculou a experiência pessoal da Jane e do Joseph a um referencial teórico mais vasto, de forma que um não poderia ser separado do outro. Neste novo livro, pois, por vezes fornecerei o meu próprio "cenário." Por outras palavras, a produção da psique escapou dos limites práticos e físicos, de modo que, do nível da minha realidade, não posso mais esperar que o Joseph faça mais do que registrar as sessões.

Vou pedir-lhes, meus leitores, que tenham, pois, paciência comigo. A meu modo, tentarei fornecer referências adequadas para que vocês saibam o que está a acontecer fisicamente no vosso tempo, enquanto este livro é escrito. Em grande parte, a redação deste livro ocorre num "contexto desprovido de tempo ou desenquadrado do tempo."

Fisicamente, porém, a Jane e o Joseph levam muitas horas na sua produção. Eles mudaram-se para uma nova casa. A Jane, como sempre, fuma enquanto eu falo. O pé dela repousa sobre uma mesa de centro, enquanto ela se move para frente e para trás na sua cadeira de balanço. É quase meia-noite enquanto falo. Mais cedo, uma grande tempestade reverberou parecendo rachar o céu. Agora está tudo sossegado, e apenas o zumbido da nova geladeira de Jane soa como o ronronar profundo de algum animal mecânico. Ao ler este livro, vocês também estarão imersos nessas experiências físicas íntimas.

Não as considerem separadas da realidade mais vasta do vosso ser, mas como parte dela. Vocês não existem fora do ser da vossa psique, mas dentro dela. Alguns de vocês podem ter acabado de pôr os filhos a dormir enquanto leem estas linhas. Alguns de vocês podem estar sentados à mesa. Alguns de vocês podem ter acabado de ir ao banheiro. Essas atividades mundanas podem parecer muito divorciadas do que estou dizer-lhes, mas no mais simples dos gestos, e no mais necessário dos atos físicos, há a grande elegância

mágica desconhecida em que vocês residem — e no mais comum dos vossos movimentos, existem pistas e sugestões quanto à natureza da psique e a sua expressão humana.

CAPÍTULO 2

A PSIQUE DO ESTADO DO SONO ENCONTRA-SE DESPERTA

Vocês deixaram-se hipnotizar, de modo que lhes parece existirem enormes fossos entre as vossas experiências do estado de vigília e do estado do sono. Todavia, todos vocês caem no sono à noite e passam por experiências que esquecem somente por lhes terem dito que não as conseguem recordar. Ainda assim, muitas das outras dimensões da vossa própria realidade surgem com clareza quando se encontram adormecidos.

Quando adormecem, esquecem todas as definições que atribuem a vós próprios e à vossa própria experiência através do treino. Durante o sono utilizam imagens e linguagens na sua forma pura. No estado do sonhar a linguagem e as imagens acham-se ligadas de uma forma que lhes parecerá estranha unicamente por terem esquecido a grande aliança que as caracterizava.

Inicialmente, a linguagem destinava-se a expressar e a libertar, e não a definir nem a delimitar. Assim, quando sonham, frequentemente as imagens e a linguagem misturam-se de forma que cada uma se torna na expressão da outra, e cada uma preenche a outra. As interligações internas existentes entre ambas são usadas em termos práticos. Quando despertam, tentam comprimir a linguagem da psique em termos de definição. Imaginam que a linguagem e as imagens sejam duas coisas distintas, de modo que procuram “juntá-las.” Contudo, nos sonhos, vocês usam a antiga linguagem do vosso ser.

A “psique” que sonha parece sonhar somente por vocês não reconhecerem esse estado particular da consciência como vosso. A psique que “sonha” acha-se na verdade tão desperta quanto vocês estão no vosso estado normal de vigília. Contudo, a organização do estado de vigília é diferente. Vocês chegam ao sonhar por um ângulo diferente, por assim dizer. A qualidade desfocada pressentida na atividade onírica ou no estado de coma, os diferentes pontos de vista, as mudanças de perspectiva, tudo isso pode contribuir para um quadro caótico quando o estado do sonhar é visto da perspectiva do estado desperto.

Há séculos atrás, nos vossos termos, tanto as palavras quanto as imagens apresentavam uma estreita relação — atualmente um tanto embaciada — e essa velha relação surge na textura do sonho. Vamos usar o Inglês aqui a título de exemplo. A grandiosa natureza descritiva dos nomes, por exemplo, pode dar-lhes uma indicação da ligação existente entre a imagem e a palavra,

conforme se evidencia nos vossos sonhos. Um homem que certa vez costurava roupas era chamado Taylor (alfaiate, costureiro). Um outro que fosse ladrão era chamado Robber (larápio). Se fossem filhos de um homem que tivesse uma certa alcunha, então acrescentavam um simples “son” (filho) de modo que acabavam Robberson.

Bem, os nomes não são tão descritivos. Todavia, poderão ter um sonho em que vejam uma alfaiataria. O alfaiate poderá estar a dançar, ou a morrer, ou a casar-se. Mais tarde, no estado de vigília, poderão descobrir que um amigo vosso, um certo Taylor dê uma festa ou se encontre às portas da morte, ou esteja a casar-se, seja qual for o caso. Contudo, poderão não ligar o sonho a eventos subsequentes por não terem compreendido a forma como as imagens e os nomes podem ser associados nos vossos sonhos.

A vossa vida do estado de vigília constitui o resultado do tipo mais preciso de organização mantido de forma competente e com incrível clareza. Conquanto cada um encare essa realidade de um enfoque ligeiramente diferente, ainda assim ela ocorre dentro de certas faixas ou frequências. Vocês conduzem-na a um enfoque claro quase do mesmo modo com que ajustam a imagem do vosso televisor. Só que nesse caso não só o som e as imagens são sincronizadas mas fenómenos de muito mais elevada complexidade.

Seguindo essa mesma analogia, cada um percebe um quadro ligeiramente diferente da realidade e segue o próprio programa — contudo todas as “configurações” são o mesmo. Todavia, quando vocês sonham, experimentam em certa medida a realidade a partir de uma “configuração” completamente diferente. Agora, quando tentam ajustar a configuração do vosso sonhar do mesmo modo que fariam com a do estado de vigília, acabam com estática e imagens turvas. Contudo, a configuração em si mesma é tão eficaz quanto a que utilizam quando se acham despertos, mas possui um alcance muito mais vasto. Pode introduzir muitos programas.

Quando assistem ao vosso programa habitual de televisão, talvez da tarde de sábado, assistem ao programa enquanto observadores. Deixem que trace um exemplo: A Jane e o Joseph frequentemente assistem a repetições do Caminho das Estrelas enquanto tomam a refeição da noite. Sentam-se confortavelmente na sua poltrona da sala de estar com o jantar na mesa, rodeados por toda a parafernália caseira que lhes é cara e que é habitual na vossa sociedade.

Enquanto permanecem abrigados assistem a dramas em que planetas explodem e em que inteligências de um outro mundo surgem a fim de intimidar ou auxiliar o destemido capitão da excelente nave Enterprise e o destemido “Spock” — mas nada disso ameaça os nossos amigos Jane e Joseph enquanto bebem o seu café e saboreiam a sua sobremesa.

Bom, a vossa realidade normal do estado de vigília pode ser comparada a um tipo de drama televisivo em que participam diretamente em todos os dramas apresentados. Vocês criam-nos, desde logo. Vocês formam as vossas aventuras privadas a conjuntas e conduzem-nas à experiência ao fazerem uso do vosso aparato físico — o vosso corpo — de um modo particular, em sintonia com a vasta área de programação, todavia têm muitas estações diferentes. Nos vossos termos, essas estações ganham vida. Vocês são o drama que experimentam e todas as vossas atividades parecem girar ao vosso redor.

Vocês também são o observador. No vosso estado de sonhos é como se ainda dispusessem de um televisor diferente ligado ao vosso, apesar de tudo. Ao usá-lo, conseguem perceber eventos não só do vosso ponto de vista como do ponto de vista de outros enfoques. Fazendo uso desse aparelho podem saltar de canal em canal, por assim dizer — e não só perceber mas experimentar o que sucede noutros tempos e noutros lugares.

Os acontecimentos são, pois, organizados de uma forma completamente diferente. Vocês conseguem não só experimentar dramas em que se encontram intimamente envolvidos, como na vida caracterizada pela consciência desperta, como o alcance das vossas atividades é multiplicado de modo a verem os acontecimentos como que do “exterior” do vosso contexto usual. Podem, por um lado, observar em baixo, um drama, por exemplo, e tomar igualmente parte nele.

Quando lidam com a vossa realidade desperta, vocês estão a operar num dos diversos níveis inerentes à vossa própria psique. Quando sonham, do vosso ponto de vista, estão a entrar noutros níveis de realidade igualmente inerentes à vossa psique, embora geralmente ainda estejam a experimentar esses eventos através do vosso “canal desperto.” Os sonhos que vocês recordam são coloridos ou alterados ou mesmo censurados até certo ponto. Não existe necessidade alguma psicológica ou biológica disso. Contudo, as ideias ou crenças que têm, com respeito à natureza da realidade e à sanidade, resultaram de um cisma desses.

Mas voltemos ao exemplo citado, da Jane e do Joseph que assistem ao seu programa do Caminho das Estrelas ou a um dos seus programas favoritos. Eles têm noção de que o Caminho das Estrelas não é “real.” No ecrã do vosso televisor poderão explodir planetas que a sala de estar se encontrará bastante segura contra as catástrofes imaginárias que se dão apenas a uns metros do sofá. Contudo, de certa forma, o programa reflete certas crenças da vossa sociedade no global, de modo que se assemelha a um sonho desperto massivo — real, mas sem ser real.

Por um instante, todavia, mudemos o programa para o vosso show favorito de polícias e ladrões. Uma mulher é abatida em plena rua. Agora, esse drama já

se torna mais “real,” mais provável no imediato e menos confortável. Ao assistirem a um programa desses, poderão sentir-se ligeiramente ameaçados a nível pessoal, contudo, ainda amplamente despreocupados.

Alguns dos meus amigos poderão não assistir a programas desses, mas em vez disso a sagas sadias ou a dramas religiosos. Um pregador poderá assumir um aspeto ou um olhar compenetrado enquanto exalta os méritos da bondade e condena as legiões do diabo — e para alguns dos meus leitores esse diabo que permanece invisível e jamais evidente, ainda assim poderá parecer bastante real. Vocês formam, pois, certos enfoques, e displicentemente ignoram certos perigos televisionados como pura aventura, ao passo que outros poderão feri-los até ao âmago, como se fossem “demasiado reais.”

Assim, nas experiências que empreendem no estado desperto e no estado de sono procederão ao mesmo tipo de distinções. Sentir-se-ão tocados ou inabalados em relação aos acontecimentos do estado desperto e com relação aos do estado onírico, de acordo com o significado que lhes atribuem. Se não gostarem de um determinado programa televisivo poderão mudar para um outro com um mero movimento de pulso. Se não gostarem da vossa experiência física, também podem mudar para outra, para uma posição mais benéfica — mas somente se reconhecerem o facto de serem o seu produtor.

No estado dos sonhos muita gente aprende a evadir-se de um sonho mau despertando, ou alterando o enfoque da consciência. A Jane e o Joseph, uma vez mais, não se sentem ameaçados pelo Caminho das Estrelas. O programa não os leva a sentir-se menos seguros. Contudo, quando se veem no meio de uma experiência assustadora, ou presos por entre os estertores de um pesadelo, então gostariam de saber como mudar de posição. Podem muita vez sentir-se empolgados com um drama televisivo de forma que, por um momento esqueçam que “não é real,” e na concentração que nele mobilizam podem temporariamente ignorar a realidade maior que lhes diz respeito.

Por vezes deixam-se assustar de uma forma deliciosa por um programa de horror, por exemplo. Poderão sentir-se compelidos a ver como venha a terminar, e dão por vós incapazes de se ir deitar até que a situação horrenda seja resolvida. Mas durante esse tempo têm consciência de que a salvação se encontra próxima. Podem sempre mudar de programa.

Se alguém que esteja a assistir a um especial cruel da meia-noite de repente se puser aos gritos e aos pulos na cadeira, quão cómico isso não parecerá, por a ação ser apropriada não à situação “real” mas dizer respeito, ao invés, a um pseudodrama. O berreiro e a gritaria não terão qualquer efeito nos atores, nem tão pouco alterarão um jota ao programa. A ação apropriada seria desligar a estação televisiva.

Neste caso, o observador assustado sabe plenamente que os terríveis acontecimentos a que assiste no televisor não explodirão de súbito no quarto. Contudo, quando se deixam prender pelos eventos físicos assustadores, é igualmente imprudente gritar ou berrar ou mesmo bater o pé, por não ser aí que a ação reside. Uma vez mais, só precisam mudar de “canal.”

Porém, muitas vezes deixam-se ficar de tal modo absorvidos pela vossa situação de vida, que nem percebem a inadequação da resposta que estão a dar. Nesse caso vocês próprios são o programa, mas a verdadeira ação não se encontra onde parece estar — mas sim na psique, ao invés, onde estão a redigir e a representar o drama. No estado dos sonhos vocês estão a escrever e a desempenhar muitos dramas desses.

Recorrendo à analogia uma vez mais, o cérebro, é amplamente capaz de operar inúmeras “frequências,” cada uma das quais é caracterizada pelo seu próprio quadro de realidade para o indivíduo, cada uma das quais atua, de certo modo, sobre os sentidos físicos, e organiza a informação disponível no seu próprio modo especializado, cada uma das quais lida de modo um tanto diferente com o próprio corpo e com os conteúdos da mente. De um modo geral, vós usais a vossa própria frequência na vida do estado de vigília.

Por conseguinte, parecerá que não existe mais nenhuma realidade do que aquela que vocês reconhecem — nem exista informação mais significativa ao dispor além daquela com que estão normalmente familiarizados. Parece-lhes frequentemente que os eventos lhes sucedem, parecem que não possuem mais controlo sobre o drama da vossa própria vida do que aquele que têm sobre o programa de televisão.

Contudo, por vezes, os vossos próprios sonhos ou inspirações deixam-nos sobressaltados ao lhes fornecer informação normalmente não disponível na ordem reconhecida dos eventos. Torna-se sobremodo difícil explicar tais ocorrências à luz das tramas e das cenas fornecidas pela vossa programação mental habitual. Encontram-se tão condicionados que mesmo enquanto dormem tentam monitorizar as vossas experiências e interpretar eventos oníricos de acordo com a frequência habitual que aprenderam a aceitar como único critério de realidade. Literalmente, porém, quando dormem encontram-se em sintonia com diferentes frequências e biologicamente o vosso corpo responde-lhes a variados níveis.

Aliás, o corpo acha-se naturalmente bem equipado para lidar com “projeção de consciência,” ou viagem fora do corpo, seja o que for que prefiram chamar-lhe. A vossa composição biológica inclui mecanismos que possibilitam que uma certa porção da vossa consciência abandone o corpo e regresse. Tais mecanismos fazem igualmente parte da natureza animal. O corpo encontra-se equipado para perceber muitos outros tipos de experiência que não são

oficialmente reconhecidos enquanto inerentes á experiência humana. De um ou de outro modo, pois, vocês aprendem a monitorizar constantemente o vosso comportamento de modo que ele se conforme ao critério estabelecido para a experiência sã ou racional. Vós sois criaturas sociais, como os animais o são.

A despeito de muitas das crenças erróneas que acalentam, as vossas ações existem em resultado da cooperação, e não da competição, como acontece em todos os agrupamentos sociais. Ser ostracizado não é brincadeira. O conforto do discurso social representa um dos maiores pilares das famílias e das civilizações. O critério definido da realidade, por conseguinte, opera enquanto estrutura organizativa psíquica e material.

Existe ainda assim uma maior flexibilidade nessa estrutura do que a que é reconhecida. Vocês ainda procuram, por exemplo, carregar as vossas próprias versões culturais da realidade para o estado de sonho, só que a herança natural de corpo e mente escapa a tal repressão, e apesar de vós próprios, nos sonhos que têm vocês entram em contacto com um quadro mais vasto de realidade que não é posto de lado.

Não existe nada inerente ao estado desperto que o leve a ser tão limitado. Os limites definidos são vossos. O corpo, por exemplo, cura-se naturalmente a ele próprio. Muitos são os que tecem grandes teorias em relação a tal crença. Na verdade, porém, a maioria de vós acredita — e experimenta — um quadro amplamente diverso, em que o corpo precisa ser protegido a todo o custo da tendência natural para a doença ou a enfermidade. Os vírus precisam ser repelidos, como se não dispusessem de proteção contra eles. A cura natural que comumente ocorre no estado de sonhos é desfeita no estado de vigília, em que tais curas são vistas como “miraculosas” e contrárias à “regra.”

Contudo, nos vossos sonhos, vocês apuram corretamente as razões das vossas dificuldades físicas e dão início a uma terapia de que poderiam tirar vantagem no estado consciente. Contudo, ao despertarem vocês esquecem — ou não confiam naquilo que lembram. De vez em quando curas físicas bem definidas ocorrem no estado de sonho, embora possam pensar que gozem de intelecto e de conhecimento quando se encontram despertos, e que sejam ignorantes e insanos durante o sonhar. Se são assim tão “estúpidos” no estado de vigília, então deveriam encontrar-se em muito melhor estado de saúde.

Em tais sonhos entram em sintonia com outras frequências que se encontram efetivamente mais próximo da vossa integridade biológica, mas não há razão para que não possam consegui-lo no vosso estado desperto. Quando tais milagres aparentes ocorrem, isso deve-se ao facto de terem transcendido as crenças oficiais habituais que têm com relação ao vosso corpo, à saúde e à doença, e assim terem permitido que a natureza seguisse o seu rumo. Muitas vezes no estado do sonhar despertam verdadeiramente, e apreendem de modo

acentuado a vossa condição de criatura e de espírito, e compreendem que cada um desses aspetos possui uma realidade mais vasta do que tenham sido levados a supor.

Com frequência, contudo, surgem apenas vislumbres desfocados e panoramas atormentadores de um tipo de experiência mais expansivo. Para tornar a questão ainda mais confusa, poderão automaticamente tentar interpretar os acontecimentos oníricos de acordo com o vosso quadro habitual de realidade, e mudar de canal, por assim dizer, ao despertarem.

Suponham, por exemplo, que ligavam o televisor para assistir a um programa e que descobriam que por meio de um mau funcionamento, uma interferência massiva qualquer teria misturado os canais, mas ainda assim ela surgisse de imediato sem sentido ou razão, sem um tom aparente e em que algumas das características pudessem parecer familiares e outras não.

Um homem vestido de astronauta poderia aparecer a montar um cavalo atrás dos Índios, enquanto um velho chefe Índio pilotava um aeroplano. Se tudo isso fosse transposto para o programa com que estariam a contar, seriam efetivamente levados a pensar que nada faria qualquer sentido. Contudo, cada personagem ou porção da cena representaria de uma forma fragmentada um outro programa ou realidade bastante válida.

No estado de sonhos por vezes vocês têm consciência de demasiadas posições. Quando procuram fazer com que se enquadrem no quadro da realidade que reconhecem, elas poderão parecer caóticas. Há maneiras de trazer isso à evidência; existem maneiras de sintonizar essas frequências bastante naturais, de modo que lhes apresentem uma perspectiva mais expansiva tanto do mundo conforme vocês o definem, como dos seus aspetos mais significativos. A psique, no vosso caso, não se acha encerrada numa estrutura demasiado frágil para o expressar. Somente as crenças que têm com respeito à psique e ao corpo lhes limitam a experiência no seu presente grau.

Nos sonhos vocês são tão “obtusos” que chegam a acreditar que se pratique um comércio entre os vivos e os mortos. São tão “irracionais” que chegam a imaginar que por vezes conversam com parentes que se encontram mortos. São tão “irrealistas” que parecem que visitam velhas habitações há muito deitadas abaixo, ou então que viajam para lugares estrangeiros exóticos, que na verdade nunca terão visitado.

Nos sonhos são tão “insanos” que não sentem estar fechados num armário temporal e espacial, mas sentem ao invés, como se todo o infinito apenas aguarde um sinal da vossa parte. Se fossem tão conhecedores e engenhosos quanto são quando se encontram despertos, então levariam as vossas religiões

e as vossas ciências, por compreenderem a realidade mais vasta da vossa psique. Saberiam onde reside a ação.

Os vossos cientistas físicos estão com a mão na maçaneta da porta. Se eles prestassem mais atenção aos seus próprios sonhos saberiam que perguntas fazer. A psique constitui uma gestalt de energia consciente na qual reside a vossa própria identidade imaculada, contudo em constante mudança à medida que vocês satisfazem os vossos próprios potenciais. Os vossos parentes falecidos sobrevivem, e frequentemente aparecem-lhes no estado de sonhos.

Geralmente, porém, vocês interpretam as suas visitas nos termos da própria posição que assumem na realidade. Vocês veem-nos conforme tiverem sido, confinados ao relacionamento que tiverem tido convosco, e geralmente não percebem ou recordam outros aspetos das suas próprias existências que não fariam sentido nos termos das crenças que têm. Assim, muitas vezes tais sonhos representam como que dramas programados para revestirem tais visitas com acessórios familiares.

Uma experiência fora do corpo num outro nível de realidade transforma-se, por exemplo, numa visita ao céu, ou a até então não reconhecida voz da vossa Identidade Maior transforma-se na voz de Deus, ou num ser espacial, ou num profeta. A vossa experiência onírica, contudo, traça-lhes uma diretriz que os ajudará a compreender a natureza da vossa própria psique e a profunda realidade em que tem o seu ser. Uma vez mais, a psique que sonha encontra-se desperta, e lida com um tipo diferente de experiências daquele com que se acham fisicamente familiarizados, embora tal experiência também constitua uma parte da vossa psique.

A vida diária constitui um enfoque mobilizado naquela porção da psique que designam por “eu,” mas existem muitos outros enfoques. A psique jamais é destruída; tão pouco a vossa própria individualidade é alguma vez minimizada. As experiências da psique transpõem as ideias que fazem do tempo, contudo, parece-lhes bastante certo que vocês adquirem uma vida e que morram. No vosso enfoque particular de consciência nenhuns argumentos lhes bastarão para os convencer do contrário, por se lhes apresentar por toda a parte a evidência física do “facto.”

Podem acreditar em certa medida numa vida após a morte, assim como poderão estar ou não convencidos da teoria geral da reencarnação. Mas decerto que a maioria de vós estará unida na aparentemente irrefutável crença de que se encontram definitivamente vivos agora, e não mortos. Os mortos não ditam livros — ou será que ditam?

De uma forma estranha estou a dizer-lhes que a vossa “vida” constitui simplesmente uma única porção da existência de que se acham presentemente

cientes. Em termos mais significativos, vocês encontram-se vivos e mortos ao mesmo tempo, tal como eu. O meu enfoque, contudo, tem assento numa área que vós não percebeis. Uma vez mais, as existências assemelham-se a notas tocadas conjuntamente com certas frequências. Vós achais-vos em sintonia com uma cantilena terrena, para recorrer à analogia, mas só acompanham a vossa própria melodia. Só que geralmente não têm consciência da orquestração mais vasta em que também tomam parte.

Por vezes, os sonhos sintonizam um quadro mais vasto, mas uma vez mais, certas coisas parecem constituir factos, mas contra esses chamados factos até mesmo experiências precisas poderão parecer ridículas ou caóticas. Na noite passada o nosso amigo Joseph teve uma experiência onírica que o deixou intrigado, apesar de ter parecido altamente distorcida. Ele acreditou terem sido elementos da família embora só tenha reconhecido alguns. Os seus pais, tidos como mortos, achavam-se presentes. Um irmão e uma cunhada que se encontram vivos, também estavam presentes. O irmão era definitivamente ele próprio, contudo, um tanto alterado na aparência, por apresentar feições de matiz oriental. Todo o sonho foi muito agradável, e assemelhou-se a um retorno a casa.

Contudo, o Joseph interrogava-se quanto à mistura de mortos e vivos. Teria sido fácil pensar que o sonho deixasse pressupor a sua própria morte e a do seu irmão e cunhada. Contudo, vocês seguem as vossas sequências temporais; porém, a psique não se acha tão limitada. Para ela, a tua morte já ocorreu, do teu ponto de vista. Contudo, é igualmente verdade que, do seu próprio ponto de vista o teu nascimento ainda não se efetuou. Tens, pois, uma experiência maior da estrutura reconhecida de tempo e existência.

Aí podes encontrar-te com parentes há muito falecidos assim como com crianças que ainda não nasceram. Aí podeis encontrar-vos com outras porções da vossa própria individualidade que existem em simultâneo com a vossa. Nesse contexto, os chamados vivos e os chamados mortos podem misturar-se livremente. Em circunstâncias tais vocês tomam literalmente consciência de outras perspectivas de vós próprios. Reviram cantos do ser e descobrem profundezas multidimensionais da psique.

Os artistas usam a perspetiva sobre uma superfície plana para tentar capturar aí as sensações e experiências de profundidade que em si mesmas são estranhas à tela plana, ao papel e ao quadro. O artista poderá vividamente evocar a imagem de uma estrada a desaparecer, que num primeiro plano poderá dar a ideia de ser larga, só para diminuir à medida que se desvanece em algum ponto distante oculto. A formiga que percorra essa tela precipitar-se-ia sobre uma outra superfície plana sem ter qualquer noção da estrada convidativa ou de quaisquer campos ou montanhas.

Ora bem; de vez em quando, no estado do sonho tomam consciência de uma perspectiva maior. Tal perspectiva não pode “resultar” no vosso nível comum de consciência mais do que a perspectiva do artista poderá operar em relação à formiga, embora haja muito que pudessem aprender em relação à consciência de uma formiga. A vossa própria consciência desperta lida especificamente com determinados tipos de distinção. Eles realçam-lhes a vida e também lhes proporcionam um tipo de estrutura. Muito simplesmente, vocês querem experimentar um certo tipo de realidade de modo que impõem limites aos eventos de forma que lhes permitam concentrar-se neles.

Quando um artista pinta um quadro ele emprega ou faz uso da discriminação. Escolhe uma área de concentração; tudo no quadro se enquadra. Mas vocês fazem o mesmo nas vossas vidas físicas. O artista sabe que muitos quadros poderão ser pintados, mas mantém na ideia quadros já produzidos assim como aqueles que se encontram na fase de planeamento. Pois bem, a psique também retém vidas em progresso, vividas ou ainda por viver, e lida com uma perspectiva maior, de que a vossa perspectiva comum emerge.

Frequentemente falo-lhes da vossa psique como se ela existisse em separado, mas é evidente que esse não é o caso. Vocês constituem aquela porção da vossa psique que presentemente reconhecem. Muita gente dirá: “Eu quero conhecer-me,” ou então: “Quero descobrir-me,” quando na verdade poucos são os que realmente querem dedicar algum tempo ou esforço a isso. Contudo, há um sítio por onde começar. Procurem familiarizar-se mais com aquele que são agora. Parem de dizer a vós próprios que não se conhecem. Será de pouca valia procurar descobrir outros níveis da vossa própria realidade se insistirem em aplicar as leis da vida material à vossa própria experiência mais vasta, porque assim ver-se-ão num dilema constante, e nenhum fator se enquadrará.

Contudo, não podem insistir em que as leis da vossa própria existência mais vasta, à medida que as forem descobrindo, substituam as condições físicas da vida conhecida — porque então, nenhuns factos se aplicariam. Esperarão viver para sempre no mesmo corpo físico ou pensar que poderão fazer levitar o vosso corpo à vontade. Vocês podem efetivamente levitar, mas não com o vosso corpo físico, para falar em termos práticos, e o colocar em termos operacionais. Vocês aceitaram um corpo e esse corpo morrerá. Ele possui limitações, mas elas também servem para realçar certos tipos de experiência. O corpo em que o nosso amigo Joseph viu os seus familiares no referido sonho não era operacional. Contudo, era bem real, mas num outro nível da realidade era operacional e achava-se ajustado ao seu ambiente.

Bom; em muitos aspetos vocês possuem uma atenção de curto alcance. Os “verdadeiros factos,” são que vocês existem nesta vida e fora dela em simultâneo. Vocês encontram-se no espaço “entre vidas” e “nessas vidas” ao mesmo tempo. As profundas dimensões da realidade são tais que os vossos

pensamentos e ações não só afetam a vida que conhecem como também alcançam todas as outras existências simultâneas. Aquilo que pensam agora é inconscientemente percebido por um aspeto do vosso ser hipotético do século 14. A psique acha-se em aberto. Nenhum sistema se encontra cerrado, e os sistemas psicológicos muito menos. A vossa vida constitui uma experiência de sonho em relação a outras porções da vossa realidade maior que se encontram focadas noutras partes. As suas experiências também fazem parte da vossa herança onírica.

Poderão perguntar sobre a realidade dessas outras existências, mas se assim for, precisam equacioná-lo isso nos termos de “quem.” A existência possui uma versão física. Nesse âmbito, vocês nascem e morrem, e numa sequência definida. A morte constitui uma realidade física. Contudo, é real, apenas em termos físicos. Se aceitarem tais termos como critério único de realidade, então certamente parecerá que a morte constitua o término relativo à vossa consciência.

Se, contudo, aprenderem a conhecer-se melhor na vossa vida diária para se tornarem mais plenamente cientes até mesmo da vossa vida terrena, então receberão efetivamente outras informações que indicarão uma realidade mais profunda e caracterizada por um maior apoio, em que a existência física assenta. Darão por vós a ter experiências que não se enquadram nos factos reconhecidos. Elas poderão contribuir para um conjunto alternado de factos ao apontarem um tipo diferente de realidade de uma existência interior, e apresentam provas que obtêm precedência sobre as premissas de carácter material. Contudo, faz-se necessário um certo tipo de critério e de compreensão. Basicamente, a realidade interna é a fonte criativa da realidade física. Contudo, em certa medida, as regras físicas também são imaculadas — no seu respetivo nível.

Vocês podem aprender a enriquecer amplamente a vossa própria experiência. Teoricamente, podem mesmo tornar-se conscientes de outras existências, numa outra medida. Podem viajar no estado de sonhos até níveis de realidades separados da vossa. Podem aprender a usar e a experimentar o tempo de novos modos. Podem obter conhecimento de outras porções do vosso próprio ser e explorar os recursos da psique. Podem melhorar o mundo em que vivem, assim como a qualidade de vida. Mas enquanto se encontrarem na matéria, ainda experimentarão o nascimento e a morte, a aurora e o poente, assim como a privacidade dos momentos, por isso corresponder à experiência que escolheram.

Todavia, mesmo nesse contexto aguardam-nos surpresas e encantos, se simplesmente aprenderem a expandir a vossa consciência e a explorar não só o estado de sonho como também a vossa realidade desperta por formas mais venturosas. A vossa psique dos sonhos encontra-se desperta. Muitos de vocês

permitiram que a consciência de vigília se tivesse tornado turva — inativa, falando em termos relativos, de modo que se encontram apenas meio conscientes da vida que têm. Vocês são a expressão viva da vossa psique, a sua manifestação humana. Contudo, muitas vezes permitem-se cegar para com os aspetos esplendorosos da vossa própria existência.

No sonho do Joseph, as feições do irmão apresentavam traços orientais. O Joseph sabia que o seu irmão vivia na sua pessoa assim como na de um oriental, desconhecido para o Joseph na sua presente vida. Caso o Joseph tivesse visto duas pessoas — uma na forma do seu irmão e outra na forma de um oriental — não teria reconhecido o estranho, de modo que no seu sonho a imagem predominante do seu irmão impôs-se, enquanto a afiliação oriental foi meramente sugerida. Nas vossas próprias vidas usarão essas abreviações psíquicas ou utilizarão símbolos em que tentarão explicar as dimensões mais significativas de uma realidade nos termos do conhecido. Uma vez mais, as dimensões da psique precisam ser experimentadas, seja em que grau for. Elas não podem ser simplesmente definidas.

CAPÍTULO 3

A ASSOCIAÇÃO, AS EMOÇÕES

E TODO UM QUADRO DE REFERÊNCIAS DIVERSO

Vocês normalmente organizam a vossa experiência em termos de tempo. Contudo, o vosso fluxo habitual de consciência é do mesmo modo altamente associativo. Certos eventos presentes recordar-lhes-ão passados, por exemplo, e por vezes as recordações que têm do passado tingem acontecimentos atuais.

Associação ou não, em termos físicos recordarão acontecimentos tidos no tempo, com os instantes presentes a seguir de perto os acontecimentos passados. No entanto, a psique lida em larga escala com processos associativos, ao organizar os acontecimentos por meio da associação. O tempo como tal pouco sentido tem nesse quadro. As associações são ligadas, por assim dizer, pela experiência emocional. Em grande medida as emoções desafiam o tempo.

Quando estão em contacto com a vossa psique experimentam um conhecimento direto. E conhecimento direto é compreensão. Quando sonham, experimentam um conhecimento direto sobre vós próprios e em relação ao mundo. Compreendem o vosso próprio ser de uma forma diferente. Quando leem um livro, experimentam um conhecimento indireto que tanto poderá ou não conduzir à compreensão. Mas a compreensão existe quer disponham ou não das palavras — ou mesmo das ideias — por que as expressar. Poderão compreender o significado do sonho sem o entenderem em termos verbais. Os

vossos pensamentos comuns poderão vacilar, ou escorregar e deslizar ao redor da vossa compreensão íntima e nunca chegarem a conseguir expressá-la.

Os sonhos lidam com associações e com validações emocionais que muita vez não parecem fazer sentido no mundo de todos os dias. Já lhes afirmei antes que ninguém lhes poderá dar uma definição da psique, por precisar ser experimentada. Já que as suas atividades, sabedoria e percepção brotam em larga escala de um outro tipo de referência, então necessitam com frequência interpretar o encontro que fazem com a psique para o vosso eu habitual. Uma das mais significativas dificuldades aqui tem que ver com a questão da organização. Na vida habitual, vós organizais a vossa experiência com muita ordem e forçam-na nos padrões ou canais aceites e nas ideias e crenças preconcebidas. Vocês adaptam-na às consequências do tempo.

Uma vez mais: A organização da psique não obedece a tal predisposição adquirida. O seu produto pode muitas vezes parecer caótico simplesmente por se derramar sobre as ideias aceites que têm com respeito ao que a experiência seja. Já tentei (*em Seth Fala*) descrever certas extensões da vossa própria realidade em termos que os meus leitores pudessem entender. No *Natureza da Realidade Pessoal* procurei alargar os limites práticos da existência individual conforme é geralmente experimentada. Tentei dar ao leitor insinuações que incrementariam o gozo prático, espiritual e físico, assim como a realização, na vida diária.

Esses livros foram ditados por mim num estilo narrativo mais ou menos direto. No livro *Realidade do Desconhecido* fui mais longe e mostrei como a experiência da psique se derrama para fora, à luz do dia, por assim dizer. Espero que nesse livro o leitor tenha podido perceber, pelo meu ditado e através das experiências da Jane e do Joseph as dimensões maiores que tocam o viver comum, e pressentido a magia que a psique possui. O livro requereu muito mais trabalho da parte do Joseph, mas o esforço adicional que fez demonstrou que os eventos da psique são muito difíceis de situar no tempo.

Segundo parece a sua ação estende-se em todas as direções. Poderá ser mais fácil dizer, por exemplo "*Este ou aquele acontecimento teve início em tal data, e terminou mais tarde, em tal data.*" Mas com o Joseph adicionou umas notas, tornou-se evidente que certos eventos dificilmente poderiam ser situados e na realidade parecem não ter começo nem fim. Mas por ligarem de forma tão direta a vossa experiência ao tempo, dificilmente se permitem alguma experiência, à exceção dos sonhos, que parecem desafiá-lo. Portanto, as ideias que têm da psique limitam-lhes a experiência que fazem dela. Com respeito a isso a Jane é muito mais indulgente do que a maioria dos meus leitores. Mas ainda assim, ele muitas vezes espera que as suas experiências

pouco ortodoxas surjam num tipo de roupagem ordenada com que todos estejam familiarizados.

Na nossa última sessão eu atribuí o título a este capítulo, ao mencionar as emoções e a associação; bem como o facto de a psique precisar ser diretamente experimentada. Desde essa altura não ditei qualquer outra sessão, até esta noite. Entretanto, a Jane tem vindo a experimentar dimensões da psique novas para ele. Não lhe ocorreu que essas experiências tivessem algo que ver com este livro, ou que ao agir de forma assim tão espontânea ele estivesse a seguir algum tipo de ordem interior.

Ele queria que estas páginas seguissem ordenadamente umas às outras. Cada uma das experiências que fez, contudo, demonstraram o modo como as experiências diretas da psique desafiam os conceitos prosaicos que têm do tempo, da realidade, e da ordem sequencial dos acontecimentos. Elas também serviram para apontar as diferenças existentes entre o conhecimento e a compreensão, e para enfatizar a importância do desejo e das emoções.

De certo modo, claro está, como a minha própria experiência se acha divorciada da dos meus leitores e esta informação (Material Seth) é peneirada por intermédio da experiência da Jane, são capazes de ver o modo como se aplica à existência que presentemente levam. As experiências mais recentes da Jane são de particular importância, já que implicitamente vão contra muitas das crenças fundamentais geralmente aceites.

Usaremos estes últimos episódios como oportunidade de discutir a presença de um conhecimento que parece ser extra relativamente ao normal — disponível, só que geralmente permanece intocado. Descreveremos o que as despoleta e poderão tornar essa informação prática, ou conduzi-la a um âmbito prático.

Antes de mais, há vários aspetos que quero salientar. Vocês nascem com tendência para a linguagem, e ela é implícita à vossa estrutura física. Nascem com a tendência para aprender e explorar. Quando são concebidos, já trazem um padrão completo do vosso corpo físico desenvolvido — um padrão que é definido o suficiente para lhes dar o tipo reconhecível de forma de adulto, enquanto permanece variável o suficiente para lhes permitir literalmente infinitas variações. Contudo, seria idiotice da vossa parte afirmar que tenham sido forçados a tornar-se adultos.

Por um lado, podiam interromper o processo em qualquer altura — e muitos fazem-no. Por outras palavras, por o padrão de desenvolvimento existir, nos vossos termos, isso não quer dizer que cada desenvolvimento desses não seja único. Uma vez mais nos vossos termos, pois, muitos desses padrões existem

a qualquer momento. Em aspetos mais significativos, porém, o tempo é todo simultâneo, e tais padrões físicos existem ao mesmo tempo.

Nas áreas físicas, todos os padrões para o conhecimento, as culturas, as civilizações, as conquistas pessoais e de massas, as ciências, as religiões, as tecnologias e as artes têm uma existência idêntica. A psique privada, a parte de vós que vocês não reconhecem, tem consciência desses padrões do mesmo modo que tem consciência dos padrões biológicos físicos com base nos quais formam a vossa imagem.

Certas tendências, inclinações e probabilidades, acham-se, pois, presentes na vossa estrutura biológica, para ser despoletadas ou não, de acordo com os objetivos e intenções que tiverem. Pessoalmente poderão ter a capacidade de ser ótimos atletas, por exemplo, e ainda assim as tendências e intenções que tiverem poderão levá-los em direções opostas, de modo que os necessários fatores de desencadeamento não são acionados. Cada um é dotado de modo variado. Os desejos ou crenças que ele ou ela tenham ativam certas capacidades e ignoram outras.

A espécie humana comporta todo o conhecimento, informação e dados que possivelmente possa requerer sob toda e qualquer condição. Contudo, tal herança precisa ser acionada psiquicamente por meio do desejo e da intenção. O que não quer dizer que aprendam o que em termos mais amplos já conheçam, tal como desenvolvem, por exemplo, uma competência. Sem o desejo a desencadeá-la, essa habilidade nunca chega a ser desenvolvida; mas mesmo quando cultivam uma habilidade, vocês utilizam-na no âmbito do vosso modo único. Ainda assim, o conhecimento das matemáticas e das artes acha-se tanto dentro de vós quanto os genes que carregam. Contudo, geralmente acreditam que toda essa informação deva provir de fora.

Certas fórmulas matemáticas não se acham impressas no vosso cérebro, no entanto são inerentes à estrutura do cérebro e implícitas à existência. Aquilo em que se concentrarem determina a informação que passará a ficar ao vosso dispor. E aqui vou-lhes traçar um exemplo. A Jane pinta por passatempo, e por vezes pinta durante longos períodos de tempo, e depois esquece o negócio. Joseph é um artista. A Jane tem sentido curiosidade em relação aos conteúdos da mente, curiosidade quanto à informação que tem ao seu dispor. As férias de Natal estavam a aproximar-se, e ele perguntou ao Joseph o que gostaria de ter de presente, e o Joseph respondeu mais ou menos: *“Um livro sobre o Cézanne.”*

O amor que a Jane sente por Joseph, os seus objetivos, e as suas crescentes interrogações, mais o interesse que sente pela pintura em geral, despoletou justamente o tipo de estímulo que rompeu com as crenças convencionais sobre o tempo e o conhecimento. A Jane voltou-se para a “mundivisão” de Cézanne.

Não entrou propriamente em contacto com Cézanne, mas com a compreensão que Cézanne tinha da pintura enquanto arte. A Jane não tem suficiente fluência em termos técnicos para seguir as instruções do Cézanne. Já o Joseph tem quanto baste, mas não quereria seguir a visão alheia.

Contudo, a informação é extremamente válida, e desse modo dispõe de conhecimento sobre todo o tipo de assuntos — só que é alcançado por meio do desejo e da intenção. Isso não significa que qualquer pessoa, espontaneamente, possa subitamente tornar-se num grande artista, escritor ou cientista. Quer, pelo contrário, dizer que a espécie possui em si mesma aquelas tendências que hão de florescer. Também quer dizer que limitais o alcance do vosso conhecimento ao não tirar partido de tais métodos. Tão pouco quer dizer que nos vossos termos todo o conhecimento já exista, por o conhecimento automaticamente se tornar individualizado assim que o recebem, portanto, novo. O vosso desejo automaticamente atrairá o tipo de informação que requerem, embora possam ter ou não consciência disso.

Se forem dotados, e quiserem tornar-se músicos, por exemplo, então poderão literalmente aprender enquanto dormem, ao sintonizarem as mundivisões de outros músicos, tanto vivos quanto mortos, nos vossos termos. Quando se encontram despertos, recebem insinuações íntimas, a incitá-los ou a inspirá-los. Poderão precisar praticar, mas a vossa prática será em grande medida uma prática de alegria, e não durará tanto quanto poderá exigir a outros. A receção de tal informação propicia a destreza e opera basicamente fora das sequências do tempo.

O material de Cézanne da Jane vem, pois, muito rápido, ocupando uma pequena porção do dia. Contudo, a sua qualidade é tal que os críticos profissionais de arte podiam colher benefícios dele, embora algumas das suas produções pudessem exigir períodos mais longos de tempo, e resultar de um conhecimento consciente extenso da arte, coisa de que a Jane carece por completo. As produções da psique pela sua própria natureza rompem com muitas das mais acalentadas crenças. Parece quase heresia supor que tal conhecimento esteja ao dispor, porque nesse caso para que servirá a educação?

No entanto, a educação deveria servir para introduzir o estudante em tantos campos de trabalho quantos possíveis, de modo que ele ou ela reconheça aqueles que sirvam de estímulos naturais, que abram as capacidades ou promovam o desenvolvimento. Então, o estudante escolherá. O material de Cézanne é do passado, no entanto o conhecimento futuro é igualmente acessível. Existem, claro está, futuros prováveis, do ponto de vista do vosso passado. Informação futura encontra-se teoricamente ao dispor, tal como o padrão de desenvolvimento “futuro” do corpo se encontrava quando nasceram — e isso certamente era prático.

Existem, pois, outras formas de receber informação para além daquelas que tomam como certas. Também existem outros tipos de conhecimento, que se prendem com organizações com que geralmente não estão familiarizados. Não se trata, pois, da mera questão de aprender novos métodos de aquisição de conhecimento, mas da situação em que velhos métodos devem momentaneamente ser postos de lado — junto com o tipo de conhecimento que lhes esteja associado. Tão pouco é questão de uma ou de outra categoria de conhecimento, por existirem inúmeras outras categorias, muitas das quais biologicamente ao vosso alcance.

Diversas das designadas tradições esotéricas proporcionam-lhes certos métodos que permite que o indivíduo ponha de lado modos de percepção aceites, e oferecem padrões que podem ser usados como recetáculos desses outros tipos de conhecimento. Porém, até esses mesmos recetáculos precisam moldar necessariamente a informação recebida. Certos desses métodos são muito vantajosos, no entanto também se tornaram demasiado rígidos e autocráticos, e deixam muito pouco espaço a divergências. Os dogmas são, pois, estabelecidos em torno deles de modo que somente um certo corpo de dados seja considerado aceitável. Os sistemas não mais têm a flexibilidade que originalmente lhes tenha dado origem.

O tipo de conhecimento de que dependem requer verbalização. Torna-se-lhes muito difícil considerar a acumulação de qualquer tipo de conhecimento sem a utilização da linguagem conforme vocês a entendem. Até mesmo os sonhos que recordam são idealizações muitas vezes verbalizadas. Vocês podem igualmente utilizar imagens, mas essas são imagens familiares, nascidas das percepções qualificadas e por isso preconceituosas. Aqueles sonhos que são recordados possuem sentido e são muito válidos, mas já se foram organizados para vós, até certa medida; e moldados de forma que consigam reconhecer mais ou menos.

Abaixo desses níveis, porém, vocês abrangem eventos de um modo completamente diferente. Todas essas compreensões são então em integradas até mesmo no estado do sonho, e traduzidas nos termos do senso comum. Qualquer informação ou conhecimento precisa ter um padrão se quiserem chegar a compreendê-la. Os próprios quadros da Jane, o conhecimento que ele tem das faculdades psíquicas que possui, o amor que nutre pelo Joseph — tudo serviu para formar um padrão que atraiu o material Cézanne. Ele recebeu-o “automaticamente” anotando as palavras que sobrevieram quase demasiado rápido para ele acompanhar. O seu ofício ou arte deram ao material uma ênfase clara. A informação em si mesma, contudo, nada tem que ver com as palavras, mas com uma compreensão global da natureza da pintura, um conhecimento direto.

A Jane utilizou, pois, os seus dons como um recetáculo. Esse tipo de conhecimento direto acha-se disponível, sob qualquer assunto, a todos quantos estabeleçam um padrão adequado por meio do desejo, do amor, da intenção ou da crença. Mais tarde a Jane interrogou-se se eu sonharia. O meu estado de consciência habitual é muito diferente do vosso. Eu não alterno entre o estado de vigília e o sono conforme vocês fazem. Ainda assim, tenho estados de consciência que poderiam ser comparados ao vosso estado de sonho, por eu próprio não me achar tão envolvido neles como me encontro com outros. Se eu lhes dissesse: “Eu controlo o meu estado de sonhar,” poderiam ter uma ideia do que eu digo. No entanto, não controlo os sonhos que tenho — eu satisfaço-os. O que poderiam chamar ao meu estado de sonho acha-se envolvido com os níveis que disse que existem abaixo dos sonhos que recordam.

Eu disse anteriormente que há muitos tipos de conhecimento. Pensem neles em vez disso como estados de conhecimento. A percepção de qualquer deles leva a uma sintonia de consciência com cada um. Na minha condição “desperta,” eu opero em muitos níveis de consciência ao mesmo tempo, e consequentemente lido com diferentes sistemas de conhecimento. Na minha condição de “sonho,” ou antes condições, formo elos de consciência que combinam esses diversos sistemas e os molda criativamente em novas versões. No “estado de vigília, uma vez mais, tomo consciência criativamente dessas atividades, e utilizo-as para as adicionar às dimensões do meu estado habitual, enquanto expando criativamente a experiência que faço da realidade.

Aquilo que eu aprendo é transmitido automaticamente a outros como eu, e o conhecimento deles é-me transmitido a mim. Cada um de nós é conscientemente conhecedor dessas transmissões. Nos termos habitualmente usuais para vós, pensam em “mente consciente.” Nesses termos, existem muitas mentes conscientes. No entanto, vocês são tão preconceituosos que ignoram informação de que lhes foi dito não poderem ter consciência. Por isso, toda a vossa experiência é organizada de acordo com as crenças que têm.

É muito mais natural recordar os sonhos que têm do que o inverso. Presentemente está em voga dizer que a mente consciente, conforme a consideram, lida com a sobrevivência. Ela só lida com a sobrevivência na medida em que promove a sobrevivência do vosso tipo de sociedade. Nesses termos, se recordassem os sonhos que têm, e se beneficiassem conscientemente desse conhecimento, até mesmo a vossa sobrevivência seria muito melhor assegurada.

Um nível da vida dos sonhos lida em particular com a condição biológica do corpo, e traça-lhes não só insinuações com respeito a dificuldades de saúde como quanto às razões delas e modos de as contornar. Informação sobre o futuro provável é também dada a fim de os ajudar a fazer escolhas

conscientes. Porém, vocês condicionaram-se de que não podem ter consciência dos vossos sonhos, por interpretarem o termo “consciente” de modo a indicar-lhes somente o conceito preconcebido que têm. Em resultado, não dispõem de nenhuns padrões culturalmente aceites que lhes permitam fazer uso competente dos sonhos. Estados de transe, sonhar acordado, hipnotismo — tudo isso lhes dá sugestões das diversas diferenças que se podem verificar do ponto de vista da consciência desperta. Em cada um deles, a realidade surge de outra forma, e nesse sentido, são diferentes as regras que se aplicam.

No estado de sonho diferentes regras se aplicam. No estado do sonho ocorrem variações bem maiores. A chave para o estado de sono, contudo, reside no estado desperto, no que lhes diz respeito. Precisam mudar as ideias que têm do sonhar, alterar os conceitos que dele fazem, antes de poderem começar a explorá-lo. Caso contrário o preconceito do vosso estado de vigília fechar-lhes-á a porta. Tal como se encontram, vocês expressam muito pouco da vossa pessoa inteira.

A observação que fiz nada tem que ver com os conceitos aceites das porções inconscientes do Eu. As ideias que têm do inconsciente estão tão ligados às ideias limitadas que têm da pessoa que chegam a ser insignificantes para este debate. É como se vocês apenas usassem um dedo na mão, e depois dissessem: *“Esta é a expressão apropriada da minha pessoa.”* Não é só que a mente possua outras funções, que não usa, mas nesses termos vocês possuem outras mentes. Vocês possuem um cérebro, é verdade, porém, só permitem que ele utilize uma estação, ou identificar-se com apenas uma mente de entre muitas.

Parece-lhes evidente que uma pessoa possua uma mente. Vocês identificam-se com a mente que utilizam. Se tivessem outra, então pareceria que se tivessem tornado noutra pessoa. A mente constitui um padrão psíquico por meio do qual vocês interpretam e formam a realidade. Vocês possuem membros físicos que podem ver. Possuem mentes que são invisíveis. Cada uma pode organizar a realidade por diferentes formas. Cada uma lida com o seu próprio tipo de conhecimento.

Essas mentes operam todas juntas para os manter vivos por meio da estrutura física do cérebro. Quando vocês utilizam todas essas mentes, então e somente então se tornam plenamente conscientes do que os rodeia; percebem a realidade de modo mais claro do que atualmente, de modo mais acentuado, brilhante, e de modo mais conciso. Ao mesmo tempo, porém, compreendem-na diretamente. Compreendem o que se acha afastado da percepção física que têm dela. Aceitam como vós próprios aqueles outros estados de consciência inerentes às vossas outras mentes. Alcançam uma verdadeira pessoalidade.

Em termos históricos, algumas das raças ancestrais alcançaram tais objetivos, mas nos vossos termos, foi há tanto tempo que não encontram provas do seu conhecimento. Ao longo dos séculos vários foram os indivíduos que surgiram, no entanto não dispunham de veículo de exposição que tivesse habilitado os membros da espécie a compreendê-los. Possuíam métodos, porém esses métodos pressupunham ou necessitavam de um conhecimento que os outros não possuíam.

O sonho que a Jane teve a noite passada e quase esqueceu representa uma inovação, por ele ter permanecido pelo menos consciente de receber conhecimento por mais uma forma diferente. Ele não o conseguiu verbalizar, nem tão pouco dispunha de um padrão adequado para o conter. No entanto recebeu-o. A última pintura que fez não foi coincidência, por ele estar a lidar com informação não-verbal, e a organizar os dados de outro modo, e assim estar a ativar outras “porções” da mente. O material Cézanne, o sonho e a pintura, são tudo expressões de um outro tipo de percepção. As experiências que fizeram juntos na biblioteca (*A Jane descreve a “Biblioteca Psíquica” no livro Psychic Politics*) ajudou a armar o palco, do mesmo modo que tu contribuístes com o teu encorajamento.

Tudo isso auxiliará a Jane rumo a uma compreensão não-verbal que, noutro nível, reorganizará algumas das crenças que tem. Esse tipo de percepção não pode ser descrito até que forme padrões verbais adequados que só podem advir de uma experiência adicional. Nisso, eu represento um critério (padrão). Ele acelera mentalmente até determinado grau e isso coloca-o em contacto comigo – uma fonte adicional de energia. Ele ativa determinadas porções do cérebro que o ligam a outra mente, que as pessoas ainda não percebem possuir.

Vocês experimentam a vossa vivência de certo modo pela rama, por assim dizer, de modo que para tirarem partido da informação noutros níveis de consciência, precisam aprender a experimentar esses outros sistemas de organização com que habitualmente não se acham familiarizados. Muita vez a aparente carência de sentido dos sonhos resulta da vossa própria ignorância da simbologia e da organização dos sonhos. Por exemplo: podem igualmente interpretar erradamente material “revelador” por o tentarem estruturar com referência às vossas organizações conscientes comuns. Muitas percepções práticas de cariz intuitivo, que poderiam ser utilizadas, perdem-se.

Vou, pois, sugerir, alguns exercícios de carácter simples que lhes permitam experimentar diretamente “a sensação do vosso ser” de um modo diferente. Antes de mais, os vários tipos de organização usados pela psique podem ser comparados a um nível, pelo menos, dotado de diferentes artes. A música não é melhor do que as artes visuais, por exemplo. Uma escultura não se compara a uma nota musical. Não estou a querer dizer que um modo de organização

seja melhor do que outro. Vocês simplesmente especializaram-se numa de muitas artes da consciência, e essa pode ser muito enriquecida pelo conhecimento e prática das outras.

Em primeiro lugar, esses outros níveis não lidam primordialmente com o tempo em absoluto, mas com as emoções e os processos associativos. Quando compreendem como as vossas associações operam, então encontrar-se-ão em muito melhor posição de interpretar os vossos próprios sonhos, por exemplo, e de finalmente fazer deles uma arte. Estes exercícios têm diversas abordagens. A ideia passa por experimentarem, tanto quanto possível, as emoções e os eventos fora das sequências de tempo.

Conforme eu mencionei diversas vezes, a compreensão celular lida com probabilidades e abrangem o futuro e o passado, pelo que nesse nível de atividade o tempo conforme vocês o entendem, não existe. No entanto, não têm consciência de tal informação. A psique – no outro lado da escala, por assim dizer – também é livre do tempo. Contudo, geralmente a vossa corrente de consciência leva-os a pensar em eventos fora da sua ordem do costume. Poderão receber uma carta da Tia Bessie, por exemplo. Numa questão de momentos ela poderá desencadear em vós memórias da vossa infância, pelo que muitas imagens mentais lhes acodem à mente.

A vossa mente imagina se a vossa tia fará uma viagem antecipada à Europa no próximo ano, e tal ideia pode dar lugar a imagens de um futuro imaginável. Todos esses pensamentos e imagens serão coloridos pelas emoções associadas à carta, e a todos os eventos com que vós e a vossa tia estiveram envolvidos. Da próxima vez em que se acharem no meio de uma experiência semelhante, com as associações à rédea solta, deem mais atenção ao que estão a fazer. Procurem aperceber-se da mobilidade que envolve, e verão que os eventos não se estruturarão necessariamente de acordo com o tempo habitual, mas de acordo com o conteúdo emocional.

Ideias sobre o vosso próximo aniversário, por exemplo, poderão levá-los num instante a pensar em aniversários passados, e uma série de retratos de celebração pode trazer-lhes à mente o aniversário dos doze anos, ou dos sete, numa ordem única da vossa autoria. Tal ordem será determinada pelas associações emocionais – do mesmo tipo seguido pelo aspeto do sonho.

Que usaram no trabalho há três dias atrás? Que tomaram ao pequeno-almoço há uma semana? Quem se costumava sentar próximo a vós no jardim-de-infância? Qual foi a última coisa que os deixou assustados? Têm medo de dormir? Os vossos pais batiam-lhes? Que fizeram ontem depois do almoço? Que cor de sapatos usaram há três dias? Só recordam eventos ou detalhes significativos. As emoções desencadeiam-lhes as recordações, e estas organizam-lhes as associações. As vossas emoções são geradas pelas

crenças que têm. Elas ligam-se a certas crenças e as emoções parecem quase sinónimos.

Da próxima vez que tiverem oportunidade, e reconhecerem a presença de uma razoavelmente forte emoção em vós, deixem que as vossas associações se escoem. Sobrevir-lhes-ão acontecimentos e imagens à mente num contexto livre de tempo. Alguns desses eventos recordados farão sentido, e perceberão com clareza a conexão existente entre a emoção e o evento, mas outros não se mostrarão tão óbvios. Experimentem os eventos com tanta clareza quanta conseguirem. Quando terminarem, alterem intencionalmente a sequência. Recordem um acontecimento, e a seguir sigam-no com a recordação de outro que na verdade tenha ocorrido antes. Finjam que o acontecimento futuro tenha sucedido antes do passado.

Agora um outro exercício. Imaginem um quadro muito grande, em que os eventos mais importantes da vossa vida sejam claramente retratados. Antes de mais, encarem-nos como uma série de cenas, arranjadas por pequenos quadrados, para serem vistos como, digamos, uma página de um livro de quadradinhos. Os acontecimentos precisam ter significado para vós. Caso a formatura escolar nada signifique, por exemplo, não a retratem. Façam com que o quadro comece pelo canto superior esquerdo e termine no canto inferior direito. Depois alterem-lhe por completo a sequência, de modo que os anteriores acontecimentos se situem no canto inferior direito.

Assim que tiverem feito isso, interroguem-se acerca de qual das cenas evoca a reação emocional mais forte. Digam a vós próprios que se tornará cada vez maior e a seguir vejam-na a alterar-se no tamanho. Isso envolve determinadas dinâmicas, pelo que cada cena atrairá igualmente elementos de outras cenas permitam, pois, que essas cenas irrompam. O retrato principal atrairá elementos de todos os outros, até que acabem com um quadro completamente diferente — um feito de muitas das pequenas cenas, porém, unido numa forma completamente diferente. Porém, precisam praticar este exercício, porquanto ler simplesmente acerca dele não lhes trará a experiência que sobrevém do exercício efetivo. Façam-no diversas vezes.

Ora bem; concebam conscientemente um sonho. Digam a vós próprios que vão fazer isso, e comecem pelo primeiro pensamento ou imagem que lhes vier à mente. Assim que acabarem de sonhar acordados façam uso da associação livre para o interpretarem por vós próprios. Alguns de vós toparão com uma certa resistência nestes exercícios. Apreciarão a leitura deles, mas deparar-se-ão com todo o tipo de desculpas que os impeçam de os tentar praticar. Se forem sinceros, muitos de vós pressentirão uma relutância, por certas qualidades da consciência serem evocadas que vão contra a vossa experiência consciente do costume. Poderão sentir como se estivessem a fazer

cruzamento de linhas, por assim dizer, ou a alongar músculos psíquicos vagamente pressentidos.

O objetivo não assenta tanto no aperfeiçoamento da execução de tais exercícios, mas em envolvê-los num modo diferente de experiência e de consciência que chega a existir ao desempenharem das formas sugeridas. Foi-lhes dito para não misturarem, digamos, estados despertos com estados de sonho, para não sonharem acordados. Foi-lhes dito para focarem toda a vossa atenção com clareza, com ambição de forma energética num determinado modo — de modo que o devaneio, ou a mistura e a correspondência de modos de consciência parecem passivos de uma forma depreciativa, ou não ativa, ou ociosa. “Quem nada tem que fazer acaba fazendo besteira” — reza um velho ditado Cristão.

Infelizmente, certos aspetos do Cristianismo foram realçados em vez de outros, e esse ditado baseava-se na crença de um aspeto pervertido do ser que precisava ser disciplinado e desviado para uma atividade construtiva. A crença num tal aspeto repelente impede muita gente de explorar o eu interno — e, por conseguinte, toda a experiência direta que lhe traga uma evidência do contrário. Se tiverem receio de vós próprios, se recearem as vossas próprias lembranças, bloquearão os vossos processos associativos, temendo por exemplo que eles tragam à luz questões que melhor ficariam esquecidas — e geralmente questões sexuais.

A sexualidade constitui a única área intensa da energia a que algumas pessoas estão ligadas, de modo que se torna num ponto focal para todas as crenças que têm sobre si mesmos no geral. Ao praticarem alguns destes exercícios poderão deparar-se com imagens de masturbação, encontros homossexuais ou lésbicos, ou simples velhas fantasias sexuais e retroceder de imediato, por as vossas crenças poderem dizer-lhes que constituam um mal. Não recordarão, ou não quererão recordar, os vossos próprios sonhos pela mesma razão. Portanto, muita gente diz a si mesma que se encontra impaciente por descobrir a natureza e extensão da psique, e não consegue entender porque encontra tão pouco sucesso. Ao mesmo tempo, tais crenças convencem-nos de que o si mesmo seja um mal.

Tais crenças precisam ser extirpadas, porquanto, se não conseguirem sinceramente encontrar as dimensões da natureza da vossa criatura, de certeza não conseguirão explorar as maiores dimensões da psique. Tal bloqueio das associações, contudo, constitui um elemento muito significativo que impede muita gente. As organizações da psique são mais vastas, e ao seu jeito mais racionais do que a maioria das crenças conscientes que têm sobre o si mesmos.

Muitos indivíduos receiam ser varridos por explorações íntimas, ou ser assaltados pela insanidade, quando ao invés a postura do corpo e da personalidade se acham firmemente enraizadas nessas organizações alternadas. Não há nada de errado com a mente consciente. Vocês apenas lhe colocaram uma tampa, permitindo que só seja consciente até determinado grau, e não mais. Vocês disseram: *“Aqui é seguro ser consciente, e aqui não.”*

Muitos de vocês acreditam que seja seguro armar uma arma nuclear, mas que seja insano usar os vossos sonhos como outro método de manipulação da vida diária; ou que não faz mal ter consciência dos vossos vírus, guerras e desastres, mas que já faz mal ter percepção consciente de outras porções do ser que poderiam resolver esses problemas. A ideia, pois, não assenta em aniquilar a consciência normal, mas em expandi-la literalmente trazendo a um enfoque outros níveis da realidade que possam efetivamente perceber e utilizar intrinsecamente.

Eu vou sugerir muitos exercícios ao longo deste livro, alguns dos quais necessitarão de variações da consciência normal. Poderei pedir-lhes que esqueçam os estímulos físicos, ou sugerir que os amplifiquem, mas em parte alguma estou a afirmar que o modo de consciência que usam seja errado. É limitado, não por natureza, mas por força das vossas próprias crenças e práticas. Vocês não a conduziram suficientemente longe.

Uma noite destas, ao adormecerem, procurem dizer a vós próprios que fingirão estar acordados enquanto dormem. Sugiram que em vez de caírem no sono, atingirão um outro tipo de vigília. Procurem imaginar que estão despertos enquanto dormem. Noutras ocasiões quando forem para a cama, deitem-se e acomodem-se, mas ao adormecerem imaginem que estão a despertar na manhã seguinte. Não lhes direi o que procurar. A execução destes exercícios é importante — não os resultados em termos usuais.

Eu afirmei existirem diferentes tipos de conhecimento; assim, estes exercícios levá-los-ão a um contacto com o conhecimento de uma outra forma. Feitos ao longo de um período de tempo, eles abrirão modos alternativos de percepção, de modo a poderem ver a vossa experiência a partir de mais do que um ponto de vista. Isto significa que a vossa experiência mudará em si mesma em termos de qualidade.

Por vezes quando estiverem despertos, e se mostrar conveniente, imaginem que a vossa presente experiência do momento constitua um sonho, e que é altamente simbólica. Depois procurem interpretá-la como tal. Que gente será aquela que englobava? Que representam? Caso essa experiência tenha sido um sonho, que significado teria? E em que tipo de vida desperta acordaram pela manhã?

As qualidades da consciência não podem ser elucidadas. Estes exercícios hão de trazer-lhes outros tipos de saber, e familiarizá-los-ão com diferentes sensações de consciência que não lhes são habituais. A vossa própria consciência terá uma sensação diferente à medida que os exercícios forem sendo feitos.

Certas questões que vocês possam ter formulado poderão ser respondidas num estado desses, embora não por formas que possam antecipar, e tão pouco poderão traduzir as respostas em termos conhecidos. Contudo, os diferentes modos de consciência com que espero poder familiarizá-los não são estranhos. Eles são bastante nativos, nos estados de sonho, e acham-se sempre presentes enquanto alternativas abaixo da consciência do costume.

Vez por outra, quando forem a percorrer uma estrada qualquer, finjam que veem a mesma cena desde um avião no céu, em que se vejam incluídos. Noutra ocasião, ao se encontrarem sentados dentro da vossa casa, imaginem estar fora, no relvado ou na rua. Todos esses exercícios devem ser seguidos por um retorno ao presente: Foquem a vossa atenção fora no presente instante tão claramente quanto possível, deixando que os sons e vistas da condição física venham à vossa atenção.

Os outros exercícios, de facto, resultarão numa imagem clara do mundo, por facilitarem o próprio movimento das vossas percepções, permitindo-lhes perceber nuances na situação física que antes lhes poderão ter escapado à atenção. Estarão a lidar com a experiência prática direta. De nada lhes servirá tomar simples consciência intelectual daquilo que digo, e em termos práticos ignorá-lo. Por isso, os exercícios serão importantes por lhes proporcionarem evidência das vossas capacidades mais significativas de percepção.

Continuem a confiar nos canais conhecidos da informação, porém, implementem-nos e comecem a explorar os que não são reconhecidos, que se encontram igualmente ao dispor. Que informação terá, por exemplo, presentemente passado desconhecida para vós próprios? Experimentem ter mão na previsão de eventos futuros. No começo, não fará mal se as vossas previsões sejam “verdadeiras.”

Alongarão a vossa consciência a áreas geralmente não utilizadas. Não elevem essas predições a paradas muito elevadas, porque se o fizerem acabarão desapontados caso não ocorram, e encerrarão todo o processo. Se continuarem, de facto descobrirão que têm consciência de alguns eventos futuros, quando tal conhecimento não estiver disponível em termos habituais.

Caso persistam, ao fim de um período de tempo descobrirão que se sairão muito bem em determinadas áreas, ao passo que noutras poderão falhar a valer. Haverão padrões associativos que seguirão com sucesso, que

conduzirão a precognições “corretas.” Também descobrirão que as emoções se encontram altamente envolvidas em tais processos: perceberão informação que lhes seja significativa por uma razão qualquer. Tal significado atuará como um magneto, e atrairá essa informação a vós.

Agora, no curso normal dos acontecimentos vocês atraem experiência da mesma forma. Vocês antecipam acontecimentos. Vocês têm consciência deles antes que sucedam, quer tenham ou não alguma vez ter tido sucesso em prever coisas. No entanto vocês formam a vossa vida por meio da interação íntima dos vossos próprios objetivos e crenças. Conquanto o vosso futuro possa ocasionalmente ser corretamente percebido antes do tempo, por parte de um psíquico dotado, o futuro é demasiado plástico para qualquer tipo de quadro sistematizado.

O livre-arbítrio acha-se sempre envolvido. No entanto, muita gente sente-se apavorada com a recordação dos sonhos por recear que um sonho de desastre seja necessariamente seguido de um evento desastroso. A mobilidade da consciência fornece uma liberdade muito maior. De facto, tais sonhos podem em vez disso, ser usados para contornar tal probabilidade.

Apenas se compreenderem a vossa própria liberdade em tais áreas é que se permitirão explorar estados alternados de consciência, ou o ambiente dos sonhos. Tais exercícios não são para ser usados a fim de substituir o mundo que conhecem, mas para o suplementarem, para o completarem, ou para se permitirem perceber as suas verdadeiras dimensões.

Não há necessidade de divorciar os estados de vigília do estado dos sonhos da forma particular em que atualmente opera — por eles serem estados complementares, e não opostos. Uma boa porção das dimensões normais da vida depende da vossa experiência do sonho. Toda a familiaridade que tiverem com o mundo dos símbolos surge diretamente do aspeto do ser que sonha.

Em termos mais vastos, a própria linguagem tem as suas raízes na condição do sonhar — e o homem sonhava que falava línguas muito antes da linguagem ter surgido. Ele sonhou em voar, e esse ímpeto conduziu-o às invenções físicas que tornaram o voo mecânico possível. Não falo aqui simbolicamente, mas literalmente.

Desde o começo, eu disse que o ser não se confinava ao corpo, o que quer dizer que a consciência possui outros métodos de perceber a informação, que até mesmo na experiência da vida física não se confina ao que é pressentido em termos costumeiros. Porém, isso permanecerá uma excelente teoria, a menos que se permitam suficiente liberdade para experimentar outros modos de percepção.

CAPÍTULO 4

A PSIQUE NA RELAÇÃO

OS ELEMENTOS INERENTES À SEXUALIDADE

ELE E ELA — ELA E ELE

Bem, as ideias distorcidas que muitas pessoas têm sobre a sexualidade impedem-nas de alcançar qualquer vínculo estreito com a experiência interna que continuamente perturba, ao nível subliminar da consciência, pelo que é uma excelente ideia examinarmos a psique e as relações que ela tem com a identidade sexual.

A psique não é masculina nem feminina. No vosso sistema de crenças, todavia, geralmente é identificada como feminina, junto com as produções artísticas que emergem da vossa criatividade. Nesse contexto, as horas do dia e a consciência de vigília são encaradas como masculinas, junto com o sol — enquanto a noite, a lua e a consciência do estado de sonho são consideradas femininas ou passivas. Do mesmo jeito, geralmente entendem a agressão como uma ação de cariz violenta e assertiva, de orientação masculina, ao passo que os elementos femininos são identificados nos termos do princípio afetivo.

Falando em termos físicos, vocês não teriam homens nem mulheres a menos que tivessem indivíduos primeiro. Vocês são, pois, e antes de mais, pessoas, indivíduos. Depois, são indivíduos de um sexo específico, para o referir em termos biológicos. O tipo particular de enfoque que exercem é responsável pelo enorme significado que atribuem ao masculino e ao feminino. A mão e o pé têm funções distintas. Se quisessem focar-se nas diferenças das funções que têm, poderiam edificar toda uma cultura com base na diversidade de aptidões e características que apresentam. No entanto, mãos e pés são obviamente equipamento pertencente a ambos os sexos. Todavia, num outro nível, a analogia é bastante válida.

A psique é feminina e masculina, masculina e feminina; porém, quando afirmo isso percebo desde logo que recorrem às próprias definições que têm com base nesses termos.

Em termos biológicos, a orientação sexual constitui o método optado para a propagação das espécies. Ao contrário, porém, nenhuma característica específica de género se acha associada à função biológica. Mas estou bem ciente de que na vossa experiência existem diferenças físicas e psicológicas definidas. Aquelas que resultam da programação, e que não são inerentes — nem mesmo em termos biológicos — à própria espécie.

A vitalidade da espécie, de facto foi assegurada por não se ter especializado excessivamente nos termos da sexualidade. Nunca existiu um período fixo para o acasalamento, por exemplo, mas em vez disso, a espécie podia reproduzir-se com liberdade, pelo que em face de um acontecimento catastrófico de qualquer natureza, não se veria sujeita a padrões rígidos que pudessem resultar na extinção.

Os desafios e problemas da espécie diferiam dos desafios dos outros. Necessitavam de garantias adicionais. E uma passava por um padrão de acasalamento mais flexível. Com isso surgiu uma enorme diversidade em termos de características e padrões individuais, pelo que nenhum indivíduo se encontrava restringido a qualquer papel estritamente biológico. Se isso fosse verdade, a espécie nunca se teria preocupado senão com os problemas da sobrevivência física, e tal não foi o caso.

A espécie poderia ter sobrevivido muito bem fisicamente sem a filosofia, sem as artes, sem a política, sem a religião, ou mesmo sem a estrutura da linguagem. Poderia ter enveredado por carreiros completamente diferentes, como aqueles associados estritamente à orientação biológica. Não teria surgido qualquer caso de homens que desempenhassem papéis ditos femininos, nem de mulheres que desempenhassem tarefas ditas masculinas, porquanto não teria havido margem para esse tipo de ação individual. Mas quanto a isso, não existe qualquer margem no comportamento de animais além daquele que entendem, por interpretarem o comportamento animal de acordo com as crenças que têm. Interpretam a história passada da vossa espécie do mesmo modo.

Parece-lhes que a mulher sempre tenha cuidado da prole, por exemplo, pelo que tenha sido forçada a ficar por casa enquanto o macho combatia os inimigos ou caçava para comer. Por conseguinte, parece que o macho abrangente tenha sido muito mais curioso e agressivo. Mas em vez disso existiu um tipo de situação diferente. Os filhos não surgem por ninhadas. A família do homem das cavernas constituía um grupo muito mais "democrático" do que podem supor — homens e mulheres que trabalhavam lado a lado, crianças que aprendiam a caçar com ambos os pais, mulheres que ao longo do percurso deixavam de cuidar dos filhos, espécie que se destacava das outras por não ritualizar os comportamentos sexuais.

À exceção do facto dos machos não conseguirem ter filhos, a capacidade de ambos os sexos eram intercambiável. Geralmente o macho era mais corpulento, uma vantagem física que se revelava conveniente em determinadas áreas — porém as mulheres eram mais leves e conseguiam correr mais rápido. As mulheres também eram um tanto mais leves por virem a arcar com o peso adicional de uma cria. Mas mesmo assim, evidentemente,

havia variações, por muitas mulheres serem maiores do que os homens mais pequenos. Mas as mulheres conseguiam caçar tão bem quanto os homens. Se compaixão, amabilidade e delicadeza eram tão só características femininas, então nenhum homem poderia ser bondoso nem compassivo, por tais sentimentos não serem biologicamente possíveis.

Se a vossa individualidade fosse programada pelo vosso sexo biológico, então ser-lhes-ia virtualmente impossível desempenhar qualquer ação que não tivesse sido sexualmente programada. Uma mulher não pode procriar uma criança, nem o homem pode dar à luz. Mas como vocês são livres para desempenhar outros tipos de atividade que creem ser sexualmente orientada, nessas áreas a orientação é de cariz cultural.

Contudo, imaginam que o macho seja agressivo, ativo, que tenda para as ideias, que seja inventivo, voltado para o exterior, e que seja um criador de civilizações. Identificam o ego em termos masculinos; conseqüentemente, o inconsciente parecer-lhes-á feminino, e as características femininas geralmente são vistas como passivas, intuitivas, carinhosas, pouco inventivas, preocupadas com a preservação da situação presente, avessas à mudança. Ao mesmo tempo, consideram os elementos intuitivos ameaçadores, como se pudessem explodir por formas invulgares num rompimento dos padrões conhecidos.

Os homens dotados de criatividade veem-se confrontados com certos dilemas, devido ao facto de a rica criatividade que possuem entrar em choque com as ideias que têm da virilidade. Por outro lado, as mulheres que possuem características que são vistas como masculinas veem-se confrontadas com o mesmo problema. Nos vossos termos, a psique representa um repositório de características que operam em união, composto de elementos femininos e masculinos.

A psique humana contém padrões tais que pode mobilizar por inúmeras formas. Vocês classificaram as capacidades humanas pelo que parece que sejam homens ou mulheres, ou mulheres e homens primordialmente, e pessoas num sentido secundário. Contudo, é a pessoa que existe primeiro em vós. A vossa individualidade empresta sentido ao sexo que têm, e não o contrário.

Bom; ao contrário das teorias existentes com relação ao passado, existiu de longe uma muito menor especialização, digamos, no tempo do homem da caverna, do que existe atualmente. A família constituía uma unidade assente numa enorme cooperação. A base da sociedade inicial consistia na cooperação, e não na competição. As famílias agrupavam-se. Havia sempre crianças de diversas idades em tais agrupamentos. Quando as mulheres se aproximavam do parto, desempenhavam aquelas tarefas que podiam

desempenhar nas habitações das cavernas, ou pelos arredores, mas também olhavam pelos filhos; quando não se viam embaraçadas com a gravidez, as mulheres saíam a caçar ou a coletar alimento com os homens.

Caso uma mãe morresse, o pai assumia as responsabilidades, e as qualidades do carinho e do afeto ganhavam vida nele conforme na mulher. Após ter tido o filho, ela tratava dele, e levava-o com ela em excursões destinadas à recolha de alimento, ou por vezes deixava-o ao cuidado das outras mulheres do grupo. Muitas vezes, após o nascimento, a mulher juntava-se de imediato às expedições de caça, e os pais ficavam em "casa" a fazer as roupas, a tratar das peles animais, o que permitia que o macho repousasse após prolongada atividade de caça, e impedia que nenhum membro adulto da família se visse sobrecarregado de trabalho. O trabalho era, pois, passível de ser objeto de intercâmbio.

As crianças iniciavam a recolha de alimentos e a caça tão logo fossem capazes — as fêmeas, do mesmo modo que os machos — conduzidas pelas crianças mais velhas, e iam mesmo mais longe à medida que progrediam na resistência. Qualidades como a invenção, a curiosidade, o engenho, não podiam ser delegadas unicamente a um sexo, porquanto a espécie não teria conseguido sobreviver a tal divisão.

Estão tão habituados a pensar em termos mecânicos, que chega a parecer-lhes que os iletrados não compreendam a ligação existente entre o ato sexual e a natalidade. Estão de tal modo habituados a um tipo de explicação para o parto, e de tal modo familiarizados com a moldura de uma abordagem específica que qualquer explicação alternativa se assemelhará ao cúmulo do absurdo. Assim está na moda crer que o homem primitivo não entendia a ligação existente o coito e o nascimento.

Mas até mesmo os animais entendem sem palavras, ou linguagem, a importância que o seu comportamento sexual tem. O homem primitivo dificilmente seria mais ignorante. O macho sabia o que estava a fazer sem precisar de livros que lhe descrevessem todo o ato. A fêmea compreendia o nexo de causalidade existente entre o nascimento e o ato sexual.

É uma completa idiotice imaginar que, devido ao tempo despendido na gravidez, a mulher não conseguisse compreender que a criança tinha origem no coito. O conhecimento corporal não necessitava de uma linguagem complicada. Nesse sentido, a interpretação literal que fazem do parto é, segundo certos padrões, bastante limitada.

Mas, nos vossos termos, é tecnicamente correto. Porém, uma criança nascida de dois progenitores também não deixa de representar um rebento da terra, já

que os seus tecidos constituem parte da terra tal como qualquer flor, ou a erupção de borrifos de água do oceano. É uma criança humana — é verdade; mas um rebento que envolve a história inteira da terra — uma nova criação que resulta não só de dois progenitores, mas de toda uma gestalt da natureza, de que os próprios pais certa vez emergiram; um caso privado, não obstante ser público em que os elementos físicos da terra são individualizados; em que psique e a terra cooperam num parto que é humano, e em termos que outros, divino.

Agora, historicamente falando, o homem primitivo a seu modo compreendia tais relações muito melhor do que vós, e usou a linguagem ao desenvolvê-la a fim de expressar antes de mais este tipo de milagre que é o nascimento. Por ele ver que renovava constantemente o seu género, e que todas as demais espécies eram renovadas do mesmo jeito. Havia sempre mais terra. Independentemente do quão rápido ele corresse ou do quão longe conseguisse chegar, o homem primitivo não conseguia ficar sem terra, nem sem árvores, florestas, nem alimento. Se ele chegasse a um deserto, ainda tinha a ideia de existirem terrenos férteis algures, mesmo que fosse uma questão de ir à sua procura. Mas o mundo em si mesmo parecia não ter fim, e era literalmente um mundo sem limites, de um jeito que para vós se torna difícil de compreender; por para vós, o mundo ter encolhido.

Tal mundo sem limites renovava-se constantemente. As crianças vinham dos ventres das mulheres. O homem achava-se familiarizado com a morte, e muitas crianças nasciam nado-mortas, ou eram naturalmente abortadas. Contudo, também isso constituía a ordem natural das coisas, e era feito com muito mais facilidade então do que agora. Nem todas as sementes caem em solo fértil e se reproduzem. Aquelas que não germinam voltam ao solo, e formam a base de uma outra vida.

Em termos biológicos, os fetos crescem e desenvolvem-se — aqui preciso ditar devagar por me estar a revelar complicado — mas quando a consciência inata se funde com a forma apropriada, as condições revelam-se propícias para o nascimento de uma criança saudável. Quando as condições não se revelam propícias, a criança não se desenvolve adequadamente. A natureza aborta-a. Os elementos físicos retornam à terra e tornam-se na base de uma nova vida.

Somente aquelas crianças perfeitamente harmonizadas com o seu ambiente temporal e espacial sobreviviam. O que não quer dizer, por exemplo, que a consciência da criança fosse aniquilada caso fosse abortada naturalmente. Ela simplesmente não se desenvolvia. Conquanto não existisse qualquer período para o acasalamento, ainda existia um laço biológico estreito entre a espécie e a terra, de modo que as mulheres concebiam naturalmente sempre que as condições do clima, alimento e outros elementos se mostrassem benéficos.

Biologicamente, as espécies sabiam com antecedência quando enfrentariam secas, por exemplo, o que automaticamente lhe alterava a taxa de natalidade para compensar. Por si só, as espécies animais fazem o mesmo. Em termos mais abrangentes, o homem primitivo sentiu-se impressionado pelo facto de todas as coisas parecerem reproduzir-se por si só, facto esse que foi o primeiro a captar-lhe a atenção.

Posteriormente fez uso do que vocês acham que são mitos a fim de explicar essa abundância. Contudo, esses mitos continham um tipo de conhecimento que escapa às interpretações específicas que dão aos eventos sexuais. Porém, tal conhecimento reside na psique. Se tiverem alguma experiência direta com a vossa própria psique, então o mais provável é que se deparem com certos tipos de eventos que não se enquadrem com facilidade nas ideias que têm acerca da vossa natureza sexual.

As crenças que têm no campo da sexualidade, e daí, a experiência que obtêm nele, leva-os a considerá-la a uma luz muito limitada. O próprio conhecimento da psique, evidentemente, é de longe muito mais extenso. Alterações de consciência, ou tentativas promovidas pelo indivíduo no sentido de explorar o eu interno, poderão, pois, facilmente exhibir vislumbres de um tipo de sexualidade que pode parecer depravado ou avesso à natureza.

Mesmo quando sociólogos ou biólogos exploram a sexualidade humana, eles fazem-no a partir de um quadro de sexualidade conforme o aspeto que ela assume no vosso mundo. Existiam variações de carácter sexual bastante naturais, mesmo no campo da reprodução, que agora não se evidenciam no comportamento humano em nenhuma cultura. Mas tais variações surgem no vosso mundo somente em níveis bastante microscópicos, ou no comportamento de outras espécies que não a vossa.

Sempre que as condições raciais o requerem, torna-se francamente possível a uma pessoa tanto dar à luz quanto gerar uma criança. *(Nestas passagens, Seth refere-se a um fenómeno similar ao da partenogénese; a reprodução de um óvulo, espermatozoide, ou esporo não fertilizado, como no caso de certos polizoários, insetos, algas, etc. Também existe a partenogénese artificial, produzida a partir do desenvolvimento do estímulo do óvulo por meios mecânicos ou químicos)*

Em tais casos, ocorre aquilo a que chamam de inversões sexuais espontâneas ou transformações. Tais processos tornam-se bastante possíveis a níveis microscópicos, e são inerentes à estrutura celular. Mesmo no vosso mundo, para o referir em termos correntes, certos indivíduos conhecidos como mulheres podiam gerar os seus próprios filhos. Certos indivíduos conhecidos

como homens podiam dar à luz um filho gerado por outra pessoa — podiam. Tais capacidades têm lugar.

A orientação macho-fêmea, ou fêmea-macho não se aproxima nem um pouco daquilo com que se parece na vossa presente existência. Não se acha tão ligada a características psicológicas quanto supõem. Tão pouco se acha inerentemente focada no período de idade específico em que atualmente se revela. A puberdade chega, por assim dizer, só que a altura em que surge varia de acordo com as necessidades da espécie, as suas condições e crenças. Vocês são indivíduos para toda a vida. Mas em geral operam enquanto indivíduos reprodutores, apenas por uma porção desse tempo.

Durante esse período, muitos são os elementos que entram em jogo, e que se destinam a tornar o processo atraente aos envolvidos e às suas tribos, sociedades ou civilizações. Uma identificação "sexual" relativamente marcada torna-se importante sob tais circunstâncias — porém uma identificação excessiva com elas, antes ou depois, pode conduzir a um comportamento estereotipado, em que as necessidades e capacidades mais significativas do indivíduo não têm permissão para serem satisfeitas.

Tudo isto se torna deveras complicado devido aos juízos de valor, que por vezes parecem carecer — se me perdoarem — de todo senso comum natural. Vocês não podem separar a biologia das crenças que têm, por a interação ser demasiado vital. Se todo ato do coito se destinasse à reprodução, teriam invadido o planeta antes de começarem. Por conseguinte, a atividade sexual destina-se ao deleite, enquanto expressão da pura exuberância que é. Uma mulher sentir-se-á muitas vezes no pico da atividade sexual em meio a um período menstrual, precisamente quando a concepção se acha menos apta a dar-se.

Todos os tipos de tabus contra as relações sexuais foram aqui aplicados, em particular nas chamadas culturas nativas. Em tais culturas, tais tabus fazem todo o sentido. Essa gente, ao edificar o estoque humano, sabia intuitivamente que a população sofreria um aumento caso as relações fossem restringidas aos períodos em que a concepção ocorresse com maior probabilidade. O sangue constituía um sinal óbvio de que a mulher durante esse período se encontrava relativamente “estéril.” A sua abundância tinha-se dissipado. Na sua ideia parecia que ela tinha efetivamente sido “amaldiçoada” durante tal período.

Já falei sobre o desenvolvimento daquilo que designam por consciência do ego — o que, permitam que o reitere, tem as suas recompensas únicas. Essa orientação psicológica conduzirá a espécie a um outro igualmente tipo único de consciência. Contudo, quando o processo começou, o profundo poder da

natureza precisou ser “controlado” de modo que a consciência em crescimento pudesse ver-se separada da sua fonte natural. Contudo, as crianças, tão necessárias à espécie, continuaram a brotar dos ventres das mulheres. Consequentemente, a fonte natural tornou-se flagrante, observável e inegável. Em função de tal razão, a espécie — e não o homem somente — atribuiu tantos tabus ao comportamento e à sexualidade da mulher. Ao “reprimir” os próprios elementos femininos, a espécie tentou alcançar uma certa distância psicológica da grandiosa fonte natural de que procurava, pelas suas próprias razões, emergir.

No mundo da vossa presente experiência, as diferenças sexuais tornam-se menos evidentes à medida que alcançam a idade avançada. Certas mulheres exibem aquilo que acham ser características masculinas, e cresce-lhes pelos no rosto, falam com vozes graves, ou adquirem traços angulares; ao passo que certos homens passam a falar com uma voz mais ligeira, em tons mais delicados do que antes, e os rostos tornam-se mais suaves e os contornos corporais atenuam-se.

Antes da puberdade gera-se o mesmo tipo de aparente ambiguidade. Vocês realçam a importância da identidade sexual, por lhes parecer que uma criança deva saber que vá crescer para se tornar num homem ou numa mulher — no mais preciso dos termos. O menor desvio é encarado com consternação, de modo que a identidade pessoal e o valor (dignidade) são completamente vinculados à identificação com a feminilidade ou a masculinidade, de quem se espera características e desempenhos completamente diferentes, em cada categoria. Consequentemente, um homem que não se sinta completamente macho, não confia na própria identidade enquanto pessoa. Uma mulher que tenha dúvidas quanto à sua inteira feminilidade do mesmo modo não confia na integridade da sua pessoa.

Uma lésbica ou um homossexual situar-se-ão no mesmo tipo de terreno psicológico movediço, por os mesmos interesses e habilidades que acha serem pessoalmente seus serem precisamente aqueles que os marcam como excêntricos sexuais. Estes são exemplos bastante simples, mas o homem que possui interesses considerados femininos pela vossa cultura, e que naturalmente sente vontade de penetrar campos de interesse considerados femininos, experimentam conflitos drásticos entre o sentido que têm da pessoa e a identidade — e a sua sexualidade conforme é culturalmente definida. O mesmo, claro está, se aplica às mulheres.

Devido ao enfoque exagerado que geram, vocês tornam-se consequentemente relativamente cegos para com os outros aspetos da “sexualidade.” Antes de mais, a sexualidade em si mesma não conduz necessariamente ao coito. Pode conduzir a atos que não produzam filhos. O que vocês pensam que a atividade

lésbica ou homossexual seja é expressão bastante natural, tanto biológica quanto psicologicamente. Em ambientes “ideais” tal atividade deveria em certa medida florescer, em particular antes e depois dos primeiros anos da reprodução.

Para os leitores inclinados para o demasiadamente literal, isso não quer dizer que tal atividade predominasse em tais épocas, mas antes que nem toda a atividade sexual se destina a terminar na concepção — o que constitui uma impossibilidade biológica, e representaria a catástrofe planetária. Assim, a espécie é abençoada, se quisermos, com as muitas formas de expressão a dar à sexualidade. O premente enfoque que atualmente predomina inibe a formação de certos tipos de amizade que não resultariam de todo em atividade sexual.

O lesbianismo e a homossexualidade, conforme são correntemente experimentadas também representam versões exageradas de inclinações naturais, tal como a versão que experimentam da heterossexualidade é exagerada.

A chamada Guerra dos Sexos, mais as suas ramificações, não é “natural” — nem tão pouco, nesse contexto, o é a luta entre membros do mesmo sexo. Até mesmo no reino animal, por exemplo, os machos não lutam até à morte por causa das fêmeas quando se encontram no seu estado natural.

Mais tarde esclarecerei o que quero dizer com o termo “natural.” No entanto, quando examinam o comportamento animal mesmo no seu meio aparentemente mais natural, por exemplo, vocês não estão a observar os padrões de comportamento básicos de tais criaturas, por essas áreas relativamente isoladas existirem no vosso mundo. Simplesmente não podem ter uma ou duas ou vinte regiões oficialmente designadas como naturais em que observem a atividade animal e esperem encontrar algo mais do que a adaptação efetiva dessas criaturas — uma adaptação que se sobrepõe às suas reações “naturais”.

O equilíbrio dos recursos, padrões de movimentação animal, migrações, condições climáticas — tudo isso deve ser levado em consideração. Tais áreas de observação isoladas apenas lhes apresentam uma imagem distorcida do comportamento natural, por os animais também se encontrarem aprisionados nelas. A civilização vincula-os.

Outros animais são excluídos. A caça e as presas são altamente reguladas. Todas as áreas de comportamento natural se alteram tanto quanto possível a fim de se enquadrarem nas circunstâncias, o que inclui a atividade sexual. Em certa medida os animais foram condicionados a um mundo em mudança. Agora o homem faz obviamente parte da natureza, pelo que poderão dizer:

“Mas aquelas mudanças provocadas por ele são naturais.” Contudo, quando ele estuda tais comportamentos animais, e quando por vezes utiliza os padrões sexuais dos animais para realçar determinados aspetos com respeito à sexualidade humana, então o homem não leva isso em consideração, mas fala como se o presente comportamento animal observado fosse uma indicação de uma natureza primordial própria da sua biologia.

Não é natural, pois, combater por causa de mulheres. Isso traduz um comportamento cultural puramente adquirido. Em termos de história conforme a entendem, a espécie não conseguiria suportar tal energia mal aplicada, nem teria podido suportar tal antagonismo constante.

Toda a espécie se acha envolvida num empreendimento de cooperação, em que em última análise toda a existência repousa. Vocês projetam as presentes crenças que têm de volta, na história, e interpretam de forma deformada muitas das condições que observam no mundo natural. Essa cooperação de que falo baseia-se no amor, e esse amor possui uma base biológica e espiritual. As vossas crenças, por exemplo, e quaisquer exemplos de amor entre si são atribuídos ao instinto “cego.”

Em certa medida, as igrejas assim como os cientistas são responsáveis, mas os padres e os cientistas não são estranhos, que lhes tenham sido impostos, mas representam diversos aspetos de vós próprios. A espécie desenvolveu o seu próprio tipo de consciência, ao achar necessário isolar-se até certo grau do seu meio e das demais criaturas que nele se encontram. Em resultado disso, as religiões pregaram que apenas o homem possui uma alma e que é dignificado por sentimentos de carácter emocional. A seu jeito a ciência deu-se muito bem ao defender o postular do homem num mundo mecanicista, em que cada criatura é governada pela máquina impecável do instinto, cega do mesmo modo para com a dor ou o desejo.

Contudo, o amor e a cooperação que formam a base de toda a vida, demonstram-se por diversos modos. A sexualidade representa um aspeto, porém, um aspeto importante. Em termos mais amplos, é tão natural ao homem amar o homem, e à mulher amar a mulher, quanto é demonstrar amor pelo sexo oposto. Com respeito a isso, é mais natural ser-se bissexual. Tal é o processo “natural” da espécie.

Em vez disso, vocês classificaram o amor em categorias definidas, de modo que a sua existência se adequa somente sob as mais estritas condições. O amor passa à clandestinidade, mas brota por formas distorcidas e tendências exageradas. Vocês seguiram este curso em diferentes épocas por diferentes razões. Tão pouco o sexo é de culpar. Em vez disso, a vossa situação sexual constitui simplesmente um outro reflexo do estado da vossa consciência. Enquanto espécie, pelo menos presentemente, e no mundo ocidental,

equiparam o sexo ao amor. Imaginam que a expressão sexual seja a única expressão natural do amor. Por outras palavras, parece que, de um jeito ou de outro, o amor se expressa exclusivamente por intermédio da exploração das adoradas porções sexuais.

Contudo, dificilmente é a única expressão atribuída à expressão do amor. Existem inúmeros livros escritos com instruções, cada um dos quais proclama os ditos métodos como os corretos. Certos tipos de orgasmo são “os melhores.” Além disso, a expressão do amor é permitida unicamente entre membros do sexo oposto. De um modo geral, esses indivíduos precisam ser mais ou menos da mesma idade. Existem outros tabus que envolvem restrições raciais, ou culturais, sociais e económicas. Como se isso não bastasse, vastos segmentos da população creem desde logo que o sexo seja errado – uma forma de aviltamento espiritual, permitido por Deus somente para que a espécie possa ter continuidade.

Dado que o amor e o sexo são equivalentes, isso suscita conflitos óbvios. O amor de mãe é a única categoria que é considerada sadia, e consequentemente assexual sob a maior parte das condições. Um pai pode sentir-se culpado acerca do amor que sente pelos filhos, por ter sido condicionado a acreditar que o amor seja expressado unicamente através do sexo ou será desumano, ao passo que o sexo com os filhos é tabu.

A criatividade comanda as marés do amor. Quando negam ao amor a sua expressão natural, a criatividade sai prejudicada. As vossas crenças levam-nos a supor que uma bissexualidade natural (androginia) resultaria na ameaça da família, na destruição da moral, na exaltação dos crimes sexuais, e na perda da identidade sexual. Contudo, eu diria que a minha última frase descreve adequadamente a vossa presente situação (*com um humor seco*). A aceitação da bissexualidade natural da espécie em última análise ajudaria não só a esses problemas como a muitos outros, inclusive os vastos exemplos de violência e os atos de homicídio. Contudo, nos vossos termos e nas vossas circunstâncias, não se mostra apta para uma transição fácil.

A relação progenitor-filho possui a sua própria estrutura emocional única, que sobrevive mesmo àquelas distorções que lhe atribuíram, e a sua ancestral integridade não saíam enfraquecidas, mas robustecidas, caso uma maior tensão fosse colocada sobre a sua natureza bissexual.

As crianças ficariam muito melhor se as qualidades parentais ancestrais não se focassem com tanto vigor na mãe. Isso em si mesmo conduz a uma maior dependência da mãe do que é salutar, e forma uma aliança artificial entre mãe e filho contra o pai.

Bom; o amor heterossexual constitui uma expressão importante da bissexualidade, e sexualmente representa as capacidades reprodutoras. Contudo a heterossexualidade assenta sobre as bases bissexuais, e sem a natureza bissexual do homem, as estruturas mais vastas da família — o clã, a tribo, o governo, a civilização — seriam impossíveis.

Basicamente, pois, a natureza bissexual inerente fornece a base da cooperação que torna a sobrevivência física, bem como todo tipo de interação cultural, possível. Se a "guerra dos sexos" fosse tão imperativa quanto suposto, e tão natural quanto demonstra ser feroz, então não existiria literalmente cooperação entre machos e fêmeas para qualquer finalidade que fosse. E tão pouco existiria qualquer cooperação entre os homens ou entre as mulheres, por estarem em constante pé de guerra uns com os outros.

No fluxo biológico natural da vida da pessoa, há períodos de intensidade variada, em que o amor e a sua expressão pairam, e tendem para diferentes cursos. Também se dão variações individuais que são de enorme importância. Contudo, esses ritmos naturais raramente são observados. As tendências para o lesbianismo ou a homossexualidade nas crianças são bastante naturais. Contudo, são tão temidas que geralmente até mesmo tendências naturais para a heterossexualidade são bloqueadas. Em vez disso, a pessoa na juventude é estereotipada.

Situações individuais para a criatividade muitas vezes emergem de uma forma intensa na adolescência. Se esses fatores em qualquer dos sexos não se conformarem na expressão àqueles das expectativas do macho ou da fêmea, então tais jovens ficam confusos. A expressão criativa parece estar em contradição direta com as normas sexuais esperadas.

Não estou a dizer que o lesbianismo e a homossexualidade sejam meros estados que conduzam à heterossexualidade. O que a dizer é que o lesbianismo, a homossexualidade e a heterossexualidade são expressões válidas da natureza bissexual do homem.

Também estou a salientar o facto do amor e da sexualidade não serem necessariamente a mesma coisa. O sexo é expressão do amor, só que é apenas UMA das suas expressões. Por vezes é bastante "natural" expressar amor por outra forma. Mas, devido às conotações que envolvem o termo "sexo," poderá ser que a alguns de vós pareça que esteja a advogar um relacionamento sexual promíscuo e totalmente irrestrito (a sorrir).

Em vez disso, estou a afirmar que profundos laços de amor biológico e espiritual estão na base de todas as relações culturais e pessoais, um amor que transcende as vossas ideias da sexualidade. O amor heterossexual, conforme pelo menos é compreendido, dá-lhes uma família de progenitores e

de filhos — uma coisa importante ao redor do que outros grupos se formam. Contudo, se só operassem ideias estereotipadas de fêmea-macho, não existiria qualquer laço ou estímulo suficientemente forte para forjar uma família numa outra. O antagonismo entre os machos seria enorme. A competição entre as fêmeas seria demasiado severo. Guerras aniquilariam tribos guerreiras antes que qualquer tradição fosse formada.

No mundo social do mesmo modo que no microscópico, a cooperação é, uma vez mais, primordial. Somente uma bissexualidade básica podia dar à espécie a margem de manobra necessária, e prevenir comportamento estereotipado de um tipo que impediria a criatividade e o comércio social. A natureza básica sexual permite-lhes a realização das capacidades individuais, de modo que a espécie não caia na extinção. O reconhecimento da natureza bissexual do homem é, por conseguinte, um imperativo no seu futuro.

Existem, uma vez mais, diferenças óbvias entre os sexos. Eles são insignificantes e parecem significativas unicamente por se concentrarem nelas. As grandiosas qualidades do amor, do vigor, da compaixão, do intelecto e da imaginação não pertencem a um nem ao outro sexo.

Somente uma compreensão desta natureza bissexual inerente libertará essas qualidades em cada indivíduo, independentemente do sexo. Essas mesmas habilidades constituem, evidentemente, características das pessoas de cada raça, contudo vocês fizeram consistentemente o mesmo tipo de distinções em termos raciais conforme fizeram em termos sexuais, pelo que certas raças parecem-lhes femininas ou masculinas. Vocês projetam, pois, as vossas próprias crenças sexuais fora, nas nações, e frequentemente a terminologia das nações e das guerras é a mesma que a usada na descrição do sexo.

Vocês falam, por exemplo, em domínio e submissão, mestre e escravo, da violação de uma nação — termos empregues na guerra e no sexo do mesmo modo.

Macho e fêmea são ambos membros da raça humana — ou espécie, caso prefiram — pelo que essas divisões foram estabelecidas com base na própria espécie, por ela própria. Elas resultam das distinções que surgem, à medida que a espécie experimentava a sua linha de consciência, e trouxe à existência a aparência da separação entre si mesma e o resto do mundo natural.

A vossa identidade simplesmente não depende da vossa sexualidade psicológica ou biológica. As vossas características sexuais representam uma porção da vossa personalidade. Elas fornecem áreas vitais de expressão, e pontos de referência em torno dos quais podem agrupar a experiência. As vossas qualidades sexuais fazem parte da vossa natureza, mas não os definem. Contudo, as vossas crenças estruturam de tal modo a vossa

experiência individual e de massa, que material de prova contrário a tais ideias se revela mas raramente, ou por forma distorcida ou exagerada.

Torna-se bastante natural, operar biológica e psicologicamente de determinados modos que não são aceites na vossa sociedade, e que parecem ir contra o retrato que fazem da história da humanidade. Nos termos das definições que fazem, pois, é bastante natural que algumas pessoas se comportem sexualmente como homens e psicologicamente como mulheres. É bastante “natural” que outros operem de forma inversa.

Uma vez mais, isto poderá parecer difícil de entender, por atribuírem características psicológicas à afiliação sexual, quaisquer que sejam. Sempre existirá quem naturalmente busque a experiência da parentalidade, e a determinado momento nem todos serão necessariamente heterossexuais.

O padrão mais vasto da pessoa humana exige uma afiliação bissexual que lhe traga flexibilidade nos encontros sexuais, uma margem de manobra que lhe forneça um quadro em que os indivíduos possam expressar os sentimentos, os dons e características que sigam as predisposições naturais da psique pessoal em vez dos estereótipos sexuais. Não estou com isto a referir nada tão simples quanto conceder às mulheres uma maior liberdade, ou aliviar os homens do papel do sustento da família. Decerto que não me refiro ao “casamento aberto” conforme é comumente entendido, mas a questões bem mais significativas. Antes de as considerarmos, porém, há diversas questões que gostaria de levantar.

Há possibilidades biológicas, raramente ativadas na vossa presente circunstância, que exercem um certo efeito na atual questão. A puberdade vem a determinada altura, desencadeada por profundos mecanismos que se acham relacionados com o estado do mundo natural, a condição da espécie, e aquelas crenças culturais que num certo sentido transpõem para o mundo natural. Noutros aspetos o vosso ambiente cultural é, evidentemente, natural. A altura em que a puberdade eclode varia, pois, mas depois torna-se possível dar à luz. Depois, vem uma altura em que esse período se esvai.

Durante o período que é chamado de sexualidade ativa; as vastas dimensões da pessoa estreitassem de forma estrita em papéis sexuais estereotipados — e todos os aspetos da identidade que não se enquadram são ignorados ou rejeitados. O facto é que poucas pessoas se enquadram nesses papéis. Eles resultam em larga escala das interpretações que fazem da religião conforme convencionalmente entendida. E os cientistas, por toda a sua aparente independência, muitas vezes acabam simplesmente por encontrar novas razões intelectuais aceitáveis para crenças emocionais inconscientemente acalentadas.

Biologicamente, há um período que é experimentado muito raramente, conforme foi sugerido na brincadeira com as “piadas sem graça” com respeito à senilidade e à segunda infância. Essa faculdade biológica particular latente revela-se apenas nos casos mais raros — por um lado, devido ao facto de representar uma proeza agora escassamente desejável. Fisicamente, porém, o corpo acha-se perfeitamente capacitado para se regenerar por completo à medida que se abeira da idade da velhice. De facto, uma segunda puberdade bastante legítima torna-se possível, em que a semente do macho se mostra jovialmente forte e vital, e o ventre da mulher se encontra flexível e capaz de conceber. Existem, creio bem, histórias Bíblicas relativas ao resultado de tais partos.

Em épocas de excesso demográfico, esse mecanismo dificilmente é objeto de desejo, mas faz parte da espécie que é assim mantida atualmente em suspenso, e que representa as capacidades da natureza. Em certas áreas do vosso mundo, indivíduos isolados viviam para além dos cem anos, com vitalidade e força, por permanecerem intocados pelas crenças que vocês sustentam, e por viverem em simpatia e acordo com o mundo conforme o conhecem e compreendem. Essas segundas puberdades ocorrem ocasionalmente, resultando numa nova conceção, quando um pequeno grupo tenta manter a sua posição biológica.

Geralmente, a segunda puberdade segue a mesma orientação que a primeira, mas nem sempre — por ser bastante possível que a nova afiliação se revele contrária à primeira. Isso é ainda mais raro — mas também a espécie se protege. Por intermédio de técnicas médicas alguns dos vossos velhos são mantidos vivos o suficiente para que tal processo tenha início, surgindo por formas distorcidas, por vezes psicologicamente evidentes mas biologicamente frustradas. A segunda puberdade não tem, pois, saída. Não tem onde ir.

Atualmente não é pertinente ou necessária. Por si só, algumas dessas pessoas morreriam com uma sensação de satisfação. Mantidas vivas por intermédio de técnicas médicas levaria a que o mecanismo físico prosseguisse com as suas lutas por se revitalizar e por produzir uma segunda puberdade — que naturalmente só resultaria sob diferentes condições, com a mente muito mais alerta e a vontade intacta. Bom; em certa medida, existe uma ligação entre esta segunda puberdade inata raramente observada e o desenvolvimento do cancro, em que o crescimento se torna especificamente evidente de uma forma exagerada.

Em quase todos os casos em que envolve o cancro, o crescimento psíquico e espiritual está a ser negado, ou a pessoa sentirá que não mais pode crescer adequadamente em termos pessoais e psíquicos. Tal tentativa de crescimento ativa então os mecanismos corporais que resultam na exuberância do crescimento de determinadas células. A pessoa insiste em crescer ou em

morrer, e força uma situação artificial em que o próprio crescimento se torna num desastre físico. Isso deve-se à ocorrência de um bloqueio. O indivíduo quer crescer em termos da sua pessoa, mas receio fazê-lo.

Sempre existem variações individuais que precisam ser levadas em consideração, mas muitas vezes uma pessoa dessas sente-se um mártir do sexo em que se enquadra, aprisionado por ele e incapaz de escapar. Isso pode obviamente aplicar-se aos cancros que afetam as áreas sexuais, mas tem lugar frequentemente nos bastidores de qualquer dessas condições. A energia está a ser bloqueada devido a problemas que tenham começado — nos vossos termos — com questões do foro sexual na puberdade. A energia é experimentada como sendo sexual.

Agora; as pessoas consideradas senis ou ingovernáveis por vezes experimentam novos surtos de atividade sexual a que nenhuma saída é dada. Para além disso, terão perdido os seus papéis sexuais convencionais, em que antes expressavam a sua energia. Normalmente encontram-se associadas mudanças hormonais que passam despercebidas. Muitas expressam um tipo de comportamento nervoso errático quando eles surgem — alguns não só ao nível sexual como intelectualmente também. A nova adolescência jamais chega. A nova puberdade morre de uma morte lenta, por a vossa sociedade não ter estrutura em cuja base a consiga compreender. E na realidade ela mostra-se de uma maneira distorcida que pode assumir traços grotescos.

Ora bem; o amor constitui uma necessidade biológica, uma força que opera num ou noutro grau em toda a vida biológica. Sem amor não existe força de viver — nenhum suporte psíquico. O amor existe quer seja ou não expressado sexualmente, embora seja natural que busque expressão. O amor implica lealdade. Implica compromisso. Isso aplica-se ao relacionamento lésbico e ao homossexual do mesmo modo que ao heterossexual. Na vossa sociedade, porém, a identidade acha-se de tal modo vinculada aos estereótipos sexuais que poucas são as pessoas que se conhecem bem para compreender a natureza do amor, e para darem qualquer passo no sentido desse compromisso.

Um período transitório está atualmente a ter lugar, em que as mulheres parecem buscar uma liberdade sexual promíscua que é mais geralmente mais atribuída aos homens. Crê-se que os homens sejam naturalmente promíscuos e mais incitados por estímulos completamente divorciados de qualquer resposta complementar “mais profunda.” Pensa-se, pois, que o macho deseje ter sexo quer dê ou não alguma resposta com base no amor à mulher em questão — ou por vezes a deseje precisamente por não a amar. Em tais casos, o sexo não se torna numa expressão de amor, mas numa expressão de escárnio ou de desprezo.

Assim, as mulheres, ao aceitarem muitas vezes tais ideias, buscam uma situação em que também se possam sentir livres para expressar os seus desejos de uma forma aberta, quer tal expressão envolva ou não amor. Contudo, a lealdade é parceira no amor, e os primatas exibem evidência disso em grau variado. Ao macho em particular foi ensinado a distinguir o amor do sexo, de modo que isso resulta numa condição esquizofrénica que dilacera a sua psique — em termos operativos — ao viver a sua vida.

A expressão da sexualidade é considerada masculina, ao passo que a expressão do amor não é considerada viril. Numa ou noutra medida, o macho sente-se forçado a dividir separando a expressão do seu amor da expressão da sexualidade. Se as mulheres seguissem o mesmo curso isso seria desastroso. Essa grande divisão tem conduzido às vossas grandes guerras. O que não quer dizer que apenas os homens tenham sido responsáveis pelas guerras, mas quer dizer que o macho se divorciou de tal modo da fonte comum do amor e do sexo que a energia represada emergiu nesses atos agressivos de estupro e de morte cultural, em vez de natalidade.

Quando vocês examinam o reino animal, supõem que o macho escolha de modo cego, levado pelo instinto “idiota,” de modo que em termos gerais uma fêmea serve tão bem quanto outra. Quando vocês descobrem que um certo químico ou aroma atrai um determinado inseto macho, por exemplo, assumem como dado adquirido que só esse elemento seja responsável pela atração desse macho para a fêmea. Ou seja, aceitam como certo que as diferenças individuais não se aplicam em casos tão afastados da vossa realidade.

Vocês simplesmente não são capazes de compreender a natureza de tais consciências, pelo que interpretam o seu comportamento de acordo com as vossas crenças. Isso seria triste quanto baste se comumente não usassem tal informação distorcida para definir melhor a natureza do comportamento masculino e feminino. Ao distorcerem assim as ideias que têm do sexo, limitam mais as enormes faculdades da lealdade humana, o que sempre está ligado ao amor e à expressão do amor.

As relações lésbicas ou homossexuais nesse caso são, quando muito tênues, esgotadas por emoções confusas, mas muito raramente capazes de manter uma estabilidade que possibilite o crescimento individual. Os relacionamentos de cariz heterossexual também são passíveis de sofrer rutura, por a identidade de cada parceiro se basear nos papéis sexuais que podem ou não aplicar-se aos indivíduos envolvidos.

Já que sentem que o sexo seja o único método apropriado para a expressão do amor, e no entanto, também creem que o amor e o sexo se achem separados, encontram-se num dilema. Essas crenças sexuais também têm muito mais importância nas relações nacionais do que percebem, por tentarem assumir o

que pensam ser a posição masculina enquanto nação. Isso também faz, por exemplo, a Rússia. A Índia assume uma posição feminina — isto, nos termos das crenças que sustentam.

Uma observação particular: Um homem com caroços (tumores) de qualquer género, pedra nos rins, úlceras, por exemplo — tem tendência que considera femininas, razão porque vê-se “dependente,” coisa de que se envergonha. Numa simulação biológica cerimonial, ele dá lugar ao parto na medida em que produz no seu corpo um material que não tinha antes. No caso das úlceras, o estômago torna-se no ventre — ensanguentado, ao dar à luz chagas — a interpretação que faz da tentativa “grotesca” do macho de expressar características femininas.

CAPÍTULO 5

A PSIQUE, O AMOR, A EXPRESSÃO SEXUAL E A CRIATIVIDADE

As ideias que fazem da sexualidade e as crenças que têm sobre a natureza da psique geralmente pintam um quadro de elementos contraditórios. A psique e a relação que tem com a sexualidade afeta as ideias que têm da saúde e da doença, da criatividade, e de todas as áreas habituais da vida individual. Neste capítulo, por conseguinte, vamos considerar algumas das implicações resultantes.

Nos vossos termos, uma vez mais, a psique comporta o que considerariam ser as características masculinas e femininas, sem que seja uma coisa nem a outra. Nesses termos, e com respeito a isso, a psique constitui um banco de que as afiliações sexuais derivam. Basicamente, porém, não existem características psicológicas claras, humanas, definidas que pertençam a um género ou ao outro. De novo, isso haveria de conduzir a um padrão demasiado rígido para ao desenvolvimento da espécie, e proporcionar-lhes padrões de comportamento demasiado especializados que não lhes permitiria que que superassem enquanto espécie — em particular com as muitas variedades de agrupamentos sociais possíveis.

Muitos testes psicológicos mostram-lhes apenas o retrato atual de machos e fêmeas, apresentadas desde a infância em particular quanto às crenças sexuais. Tais crenças programam a criança desde a infância, evidentemente, pelo que na idade adulta se comportam de determinado modo. O homem parece sair-se melhor nas matemáticas, assim como no campo das atividades mentais que se prendem com a lógica; ao passo que a mulher sai-se melhor no contexto social, no desenvolvimento do valor e dos relacionamentos pessoais. O macho revela-se melhor nas ciências, enquanto a fêmea é considerada intuitiva.

Deveria tornar-se óbvio para muitos dos meus leitores que isso traduz um comportamento adquirido. Não podem ensinar um catraio a ser do “tipo macho silencioso e forte” e depois esperar que ele se notabilize tanto verbalmente como nas relações sociais. Não podem esperar que uma rapariga demonstre “um forte desenvolvimento do pensamento lógico” quando lhe é incutido que a mulher é intuitiva — que as intuições se opõem à lógica, e que ela precisa ser feminina, ou irracional, a todo o custo. Isso é bastante óbvio.

A criança, contudo, não nasce uma esponja, vazia e pronta a absorver todo o conhecimento, mas já se acha embebida no conhecimento. Algum ele virá à superfície e será usado conscientemente. Outro, não. Estou a querer dizer que em certa medida a criança no ventre está ciente das crenças e da informação da mãe, e que até certo ponto, é programada para se comportar de certo modo, ou para crescer de certa forma, em resultado.

Basicamente, a espécie é relativamente tão independente e dotada de tantos potenciais, que se torna necessário que as crenças da mãe lhe forneçam um tipo de estrutura no começo, para permitir que a criança concentre as suas capacidades nas direções desejadas. Ela conhece, pois, antecipadamente o ambiente biológico, espiritual e social em que nasce. Encontra-se um tanto preparada para crescer num certo sentido — um sentido que é aplicável e adequado às suas condições.

Crenças concernentes à natureza sexual da criança são evidentemente parte do seu programa avançado. Não estamos aqui a referir-nos a padrões forçados de crescimento, nem a instruções biológicas ou psíquicas, impressas nela, pelo que qualquer divergência posterior provoque inevitável tensão ou sofrimento. O facto mantém-se de que a criança recebe padrões comportamentais, que suavemente a incitam no sentido de crescer em determinadas direções.

No aprendizado normal, claro está, ambos os progenitores incitam a criança a comportar-se de determinadas maneiras. Além disso, porém, determinados padrões gerais cultivados são biologicamente transmitidos à criança por intermédio dos genes. Certos tipos de conhecimento são transmitidos por via dos genes para além dos geralmente conhecidos, que têm que ver com as formações celulares etc.

A sobrevivência da espécie humana, conforme se desenvolveu, constitui muito mais matéria de crença do que é compreendida — por certas crenças serem agora intrínsecas. Elas tornaram-se biologicamente pertinentes e transmissíveis. Quero dizer outra coisa aqui, para além disso; por exemplo, uma transmissão telepática; a tradução de crenças em códigos físicos que depois se tornam sugestões biológicas, em resultado do que então se torna fácil para um catraio agir biologicamente de determinado modo, em vez de outro.

Certa mulher sentiu que a sua sobrevivência biológica dependia do cultivo de certos atributos em favor de outros, por exemplo, e depois essa informação torna-se informação cromossômica, tão vital para o desenvolvimento de novos organismos quanto qualquer outra informação física que envolva estrutura celular. A mãe também fornece o mesmo tipo de informação a um rebento do sexo masculino.

O pai contribui com a sua parte em cada um dos casos. Ao longo das gerações, pois, certas características parecem bastante naturalmente masculinas ou femininas, mas isso variará em certa medida de acordo com as civilizações e as condições do mundo. Mas como cada indivíduo é altamente singular, estes modelos destinados ao comportamento variam. Eles podem de facto ser alterados numa geração, por a experiência de cada pessoa alterar a informação original. Isso proporciona uma certa liberdade de ação que é importante.

A criança, além disso, utiliza essa informação somente como orientação; como uma premissa com base na qual baseia o comportamento inicial. À medida que a mente se desenvolve, a criança imediatamente começa a questionar as premissas iniciais. Esse questionamento de premissas básicas constitui uma das grandes divisões existentes entre vós e o mundo animal. A psique contém, pois, uma vez mais nos vossos termos, características femininas e masculinas. Elas são unidas, por assim dizer, na personalidade humana com uma enorme liberdade e em diversas proporções.

Tão simples quanto posso expô-lo, o amor constitui a força de que o ser procede, e iremos considerar esta afirmação de modo muito mais completo posteriormente. O amor busca a expressão e a criatividade. A expressão sexual é um dos meios por que o amor busca a criatividade. Contudo, dificilmente é o único. O amor descobre expressão por intermédio das artes, da religião, da diversão, e das ações de auxílio aos demais. Não pode ser confinado unicamente à expressão sexual, nem se poderá definir regras quanto à frequência com que adultos normais devam expressar-se sexualmente. Muitos homens rotulados de homossexuais por eles próprios ou pelos demais, têm desejo de ser pais.

As suas crenças e as da vossa sociedade levam-nos a imaginar que devam ser sempre heterossexuais ou homossexuais. Muitos sentem o desejo por mulheres que também é inibido. A orientação masculina ou feminina que têm limita-os por formas que nem compreendem. Por exemplo, em muitos casos o pai “homossexual” amável tem uma ideia inata melhor da masculinidade do que um macho heterossexual que acredite que os homens devam ser cruéis, insensíveis e competitivos. Contudo, ambas essas imagens são estereótipos.

O amor pode ser legitimamente expressado por intermédio das artes. O que não quer dizer que uma pessoa assim esteja a reprimir a sexualidade em

qualquer dos casos, e a furtar-se da sua energia destinada à produção criativa — embora, evidentemente esse possa ser o caso. Muitos artistas naturais em qualquer campo que seja normalmente expressam o amor por meio de tais empenhos criativos, em vez de atos de cariz sexual. Isso não quer dizer que tais pessoas jamais tenham encontros sexuais agradáveis, ou mesmo de natureza duradoura. Quer dizer que o impulso do seu amor é, no geral, expressado por intermédio da arte, através da qual busca uma afirmação que fale por outros que não os termos corporais.

Um grande artista em qualquer campo ou em qualquer época sentirá instintivamente uma natureza privada da pessoa que é mais elevada do que a identidade sexual particular. Enquanto equipararem a identidade à vossa sexualidade, limitarão os potenciais do indivíduo e da espécie. Cada um no geral achará mais fácil operar como macho ou fêmea, lésbica ou homossexual, mas cada um é principalmente bissexual. A bissexualidade implica tanto a parentalidade quanto implica as relações lésbicas ou homossexuais. Aqui mais uma vez, os encontros sexuais são parte natural da expressão do amor, mas não constituem o limite da expressão do amor.

Muitos relacionamentos excelentes de cariz não sexual são negados devido às conotações atribuídas ao lesbianismo ou à homossexualidade. Muitos relacionamentos heterossexuais são igualmente negados àqueles que são rotulados de não heterossexuais, quer por eles próprios quer pela sociedade. As pessoas assim rotuladas muitas vezes sentem-se impelidas com base na perfeita confusão a expressar o seu amor unicamente através de atos sexuais.

Elas sentem-se forçadas a imitar aquilo que pensam ser o macho ou a fêmea natural e de vez em quando acabam com caricaturas ridículas. Estas criaturas enfurecem aqueles assim são imitados — por carregarem tais insinuações da verdade, e assinalarem com tanta esperteza os exageros do masculino e do feminino que muitos heterossexuais prenderam às suas próprias naturezas.

Em certos períodos históricos era desejável em termos práticos que um homem tivesse muitas mulheres para que, se ele perecesse na guerra, o seu germe pudesse ser plantado em muitos úteros — em particular em épocas em que doenças atingissem homens e mulheres muita vez no começo da idade adulta. Quando as condições físicas eram adversas, tais tradições sociais muitas vezes emergiam.

Em épocas de excesso de população, as chamadas tendências homossexuais e lésbicas vinham à superfície, mas também tinham a tendência para expressar o amor por outras que não a via física, e o surgimento de amplas questões e desafios sociais a que os homens e as mulheres pudessem lançar as suas energias. Há porções da Bíblia que se “perderam” que têm que ver com a sexualidade e com as crenças que Cristo tinha com respeito a ela, que foram consideradas blasfemas e que não chegaram até vós através da história.

Uma vez mais, é natural expressar o amor pelo ato sexual — natural e bom. Porém, não é natural expressar o amor somente através do ato sexual. Muitas das ideias sexuais que Freud tinha não refletiam a condição natural do homem. Os complexos e as neuroses esboçados e definidos são produto das vossas tradições e crenças. Iremos naturalmente encontrar certa comprovação deles no comportamento examinado. Muitas das tradições procedem dos Gregos, dos grandiosos dramaturgos Gregos, que de maneira muito bela e trágica apresentavam a qualidade da psique conforme se evidenciava à luz das tradições Gregas.

O filho não busca, naturalmente, “destronar” o pai. Busca imitá-lo; ele busca ser ele mesmo de forma tão plena quanto lhe parece que o seu pai tenha sido. Conta ir além dele próprio e das suas capacidades tanto por ele como pelo seu pai. Em criança (o seu pai) certa vez pensou que o seu pai era imortal, em termos humanos — e que não podia errar. O filho procura vingar o pai ao não cometer qualquer erro, e porventura conseguindo ser bem-sucedido onde pareça que o seu pai tenha fracassado. É muito mais natural o macho tentar vingar o pai em vez de o destruir, do que envejá-lo em termos negativos.

O filho é simplesmente a criança do sexo masculino. Ela não sente ciúme do pai por causa da mãe, como geralmente é suposto. A criança do sexo masculino não possui uma identidade tão focada na sua masculinidade. Não estou a dizer que as crianças não tenham uma natureza sexual desde que nascem. Elas simplesmente não se focam na sua masculinidade ou feminilidade do jeito que é suposto. Para a criança do sexo masculino o pénis é algo que lhe pertence pessoalmente do mesmo modo que um braço ou uma perna.

Ela não o considera uma arma. Ela não tem ciúme do amor que o pai sente pela mãe, por compreender perfeitamente que o amor que ela sente por ele é igualmente intenso. Ela não deseja possuir sexualmente a mãe da forma que os adultos geralmente supõem. Ela não entende esses termos. Poderá por vezes sentir ciúme da atenção, mas isso não representa um ciúme sexual conforme é entendido nos termos convencionais. As crenças que vocês têm cegam-nos com respeito à natureza sexual da criança. Elas desfrutam dos seus corpos. Elas sentem estímulo sexual. Contudo, as conotações psicológicas, não são aquelas que lhes são atribuídas pelos adultos.

As crenças que envolvem a rivalidade inerente que o filho sente pelo pai, e a necessidade de o derrubar, seguem ao invés padrões de cultura e de tradição, económicos e sociais, em vez de biológicos ou psicológicos. Tais ideias servem de explicações convenientes para todo comportamento que não seja própria ou biologicamente pertinente.

De certo modo, a humanidade lida com diversas matérias que predominantes em diferentes alturas. Poderão haver algumas menores que se entrecruzam,

mas a natureza da personalidade, da religião, da política, da família e das artes — tudo isso é considerado à luz da matéria predominante. Nos termos comuns da história, a humanidade tem vindo a experimentar o seu próprio tipo de consciência, e conforme eu já mencionei muita vez, isso necessitava de uma divisão artificial entre o sujeito e o observador — natureza e homem — e trouxe uma situação em que a espécie chegou a considerar-se aparte do resto da existência.

Aquilo que pensam ser características masculinas votadas para o ego são simplesmente aqueles atributos humanos que a espécie encorajou, trouxe a um primeiro plano, e enfatizou. Usando-os na verdade enquanto linhas de orientação, vocês viram o vosso mundo e formaram as vossas culturas nessa medida. Há algumas exceções dignas de nota, mas aqui falo historicamente do mundo Ocidental dotado da herança Romana e Grega que teve. Os vossos deuses tornaram-se, pois, masculinos; competitivos. Vocês viram a espécie em oposição à natureza, e o homem em oposição ao homem.

Vocês consideram as tragédias Gregas grandiosas por elas representarem um firme eco das vossas crenças. O homem é visto em oposição na forma mais imediata, ao seu próprio pai. Os relacionamentos familiares tornam-se num espelho dessas crenças, que depois passam a ser, evidentemente, considerados declarações de facto respeitantes à condição humana. Por conseguinte, vocês possuem um conceito de masculino e feminino bastante polarizado.

Aquelas características que consideram femininas são, por conseguinte, aquelas que não predominaram por representarem a fonte da natureza de que a espécie procurava libertar-se. Em certo sentido esse foi um drama verdadeiro, criativo e sexual — uma vez mais de elevada pretensão, por a seu modo a consciência da espécie estar a apostar alto, e o drama precisar mostrar-se credível. Ela buscava a multiplicação da consciência, e formava novos rebentos a partir da sua própria fonte. Ela tinha que fingir não gostar e repudiar essa fonte do mesmo modo que um adolescente pode momentaneamente desviar-se dos seus pais a fim de encorajar a independência.

Antes do chamado florescimento das culturas Grega e Romana, a consciência ainda não tinha feito essa especialização. Existiam deuses e deusas em abundância, e divindades em cujas naturezas o feminino e o masculino se misturavam. Tratava-se de divindades parte humanas e parte animais. A espécie, pois, ainda não tinha assumido o tema que tem predominado na cultura Ocidental. Tais mudanças ocorreram inicialmente nas histórias que os homens compunham acerca das divindades. Ao se divorciar a espécie da natureza, também os deuses animais começaram a desaparecer. O homem primeiro mudou os seus mitos e depois alterou a realidade que os refletiam.

Antes, procediam a diversos tipos de divisão do trabalho, mas tinham ampla liberdade para a expressão sexual. Os filhos eram parte necessária da família, por a família constituir um agrupamento de gente que tinha uma noção de pertença mútua, e que cooperava na busca de alimento e de abrigo. Relações homossexuais ou lésbicas, conforme vocês as designam, existiam livremente, e em simultâneo. Eram consideradas pertinentes quer dotadas ou não de expressão sexual, e serviam como fortes laços de fraternidade ou irmandade.

Quando vocês observam o reino animal, também o fazem por intermédio das crenças sexuais especializadas que têm, e estudam o comportamento do macho e da fêmea em busca de padrões de agressividade, de ciúme territorial, de passividade, de instintos maternais, etc. Essas formas de especialização do interesse deixam-nos cegos com respeito às vastas dimensões que o comportamento animal encerra. Até certo ponto, os chamados instintos maternais pertencem ao macho do mesmo modo que à fêmea em toda a espécie em que possam ser evidenciados. Os animais têm relações estreitas, quer dotadas de expressão sexual ou não, com membros do mesmo sexo. Amor e devoção não são prerrogativas de nenhum sexo ou espécie.

Em resultado, vocês vêm na natureza apenas aquilo que querem ver, e fornecem a vós próprios um padrão ou modelo da natureza que se ajuste às vossas crenças. O amor e a devoção são amplamente encarados como características femininas. Sociedades e organizações como Igreja e Estado são vistas como masculinas. Não é tanto que o masculino e o feminino sejam considerados iguais quanto o facto dos elementos masculino e feminino de cada um precisarem ser libertados e expressados.

Alguns de vós sentir-se-ão de imediato aborrecidos ou alarmados ao pensar que eu esteja, evidentemente, a referir a expressão sexual. Mas isso é apenas uma porção de tal expressão. Mas o que estou a dizer é libertar em cada pessoa as grandiosas características e capacidades humanas que habitualmente veem a sua expressão negada, por serem atribuídas ao sexo oposto.

No vosso presente quadro, e devido à especialização vigente que se verifica entre macho-fêmea — a orientação masculina, a implicação de que o ego seja masculino e a psique seja feminina — vocês impõem a vós próprios enormes divisões em que em termos operacionais o intelecto parece estar separado das intuições, e estabelecem uma situação em que os opostos parecem aplicar-se onde nenhum existe. Quando pensam num cientista, a maioria de vós pensará num homem intelectual, pensador, “objetivo” que se esforça por não se mostrar emotivo, ou por se identificar com o tema que examina ou estuda.

Parece haver uma divisão entre ciência e religião, por até mesmo a religião organizada possuir uma base intuitiva. O cientista masculino muita vez envergonha-se por usar as suas intuições, não só por elas parecerem ser

contrárias ao que é científico, como também femininas. Aquilo com que tal indivíduo se preocupa é com o que pensam da sua masculinidade. Parecer “ilógico” constitui um “crime” científico — não tanto devido a ser um atributo não científico, mas por ser considerado um atributo feminino. A ciência seguiu a orientação masculina e tornou-se no seu epítome.

Até ao presente, a ciência tentou de uma forma consistente passar sem as chamadas qualidades femininas. Divorciou o conhecimento da emoção, a compreensão da identificação, e realçou a sexualidade em prejuízo da pessoa. Em certa medida, alguns indivíduos na ciência conseguem misturar as chamadas características macho e fêmea. Quando o fazem, as aparentes oposições e contradições desaparecem.

Seja em que grau for, mais do que os seus contemporâneos, não permitem que os seus papéis sexuais os ceguem psicologicamente. Por isso, encontram-se mais aptos a combinar razão e moção, intuições e intelecto, e assim a inventar teorias que reconciliem anteriores contradições. Unem, expandem e criam, em vez de diversificarem.

Einstein foi uma dessas pessoas no campo das ciências. Conquanto se achasse contaminado em certa medida pelas crenças de cariz sexual convencionais, ele ainda sentia a sua pessoa de tal modo que de boa vontade tirava proveito de características consideradas femininas. Em jovem, em particular, ele rebelara-se contra a aprendizagem e a orientação votadas ao masculino. Essa rebelião foi psicológica — ou seja, ele preservou uma orientação masculina aceitável em termos da atividade sexual, mas não restringiria a sua mente e alma com tal absurdo. O mundo sentiu o resultado das suas enormes capacidades intuitivas, e da sua devoção. Devido à situação em que o mundo se encontra, e à generalizada orientação masculina que a ciência assume, os resultados do seu trabalho foram amplamente postos ao serviço da manipulação e do controlo.

Geralmente, razão e intelecto são, pois, considerados qualidades masculinas, e as estruturas da civilização, da ciência, e de um mundo organizado. As intuições e os impulsos são considerados erráticos, duvidosos, femininos e algo a ser controlado. O mundo existe por causa da ordem espontânea. A civilização teve início por causa do impulso que as pessoas sentiam para estar juntas. Ela cresceu espontaneamente e chegou a traduzir-se pela ordem. Vocês só veem o exterior de muitos processos por o vosso ponto de vista objetivado não lhes permitir uma identificação que lhes revelaria mais. Parecer-lhes-á, pois, que todos os sistemas por vezes se desmembrem — percam a ordem ou caiam no caos.

Vocês aplicam essa crença aos sistemas físicos e aos psicológicos. Em termos de sexo, vocês insistem num quadro que lhes mostra um crescimento numa identidade sexual, num enfoque claro, e depois na velhice, num decrescimento

da clara identificação sexual que se torna numa “desordem sexual.” Não chega a ocorrer-lhes que a premissa ou enfoque original, a identificação da identidade com a natureza sexual, seja “desnaturada.” São, pois, vocês quem forma a estrutura de que brota o vosso julgamento. Em muitos casos a pessoa é mais verdadeira para com a sua identidade na infância ou na velhice, quando lhe é concedida uma maior liberdade individual, e os papéis sexuais se tornam mais flexíveis.

Qualquer exploração aprofundada do ser conduzirá a áreas que confundirão as crenças convencionais que têm sobre a sexualidade. Descobrirão uma identidade, uma identidade psicológica e psíquica, que é nos vossos termos masculina e feminina, uma em que aquelas capacidades de cada sexo são ampliadas, libertadas e expressadas.

Elas poderão não ser assim largadas na vida normal, mas irão conhecer as dimensões mais significativas da vossa própria realidade, e pelo menos no estado dos sonhos captar um vislumbre do ser que transcende a orientação sexual unilateral. Um tal encontro com a psique é habitualmente satisfeito por grandes artistas ou escritores, ou por místicos. Esse tipo de realização é necessário se alguma vez transcenderem a estrutura dos aparentes opostos com que o vosso mundo se vê envolvido.

A orientação sexual excessivamente específica reflete, pois, uma divisão básica na consciência. Ela não só separa o homem das suas próprias intuições e emoções em certa medida, ou a mulher do seu próprio intelecto, como efetivamente proporciona uma civilização em que mente e coração, facto e revelação, surgem completamente divorciados. Até certo ponto, toda a gente está em pé de guerra com a psique, por todas as características humanas de uma pessoa precisarem ser negadas a menos que se enquadrem junto daqueles que são considerados normais com respeito à identidade sexual.

Num ou noutro grau na vida ordinária, vocês acabam na existência prática com caricaturas sexuais. Vocês não compreendem o que a verdadeira masculinidade ou feminilidade sejam. Veem-se, em vez disso, forçados a concentrar-se num tipo de diversidade superficial. E em resultado disso, os reflexos do cisma sexual contaminam todas as vossas atividades, mas acima de tudo, limita-lhes a realidade psicológica.

Dado que valorizam o desempenho sexual no mais limitado dos termos, e o usam amplamente como um foco de identidade, então tanto os vossos velhos quanto os vossos jovens sofrem consequências que não são tanto o resultado da idade quanto do preconceito sexual. Será interessante notar que tanto o velho quanto o jovem se encontram fora dos vossos quadros de organização. Os jovens são muito mais despreocupados nas suas ideias antes de aceitarem papéis sexuais, e os velhos são mais livres nos seus por terem descartado os seus papéis sexuais. Eu não disse que velhos e jovens não tenham expressão

sexual — mas que ambos os grupos não se identificam com os seus papéis sexuais.

Mas claro que existem exceções. Porém, se incutirem no homem ou na mulher que a identidade seja uma questão de desempenho sexual, e que esse desempenho deva cessar a determinada idade, então o sentido da identidade poderá igualmente começar a desintegrar-se. Se as crianças sentirem que a identidade dependa de tal desempenho, então começarão a representar tão rápido quanto possível. Elas comprimirão a sua identidade em vestes sexuais e a sociedade sofrerá por causa dos grandes impulsos criativos do intelecto crescente e as intuições serão divididas por altura da puberdade, precisamente quando serão necessárias.

O ideal seria que o macho ou fêmea adultos se regozijassem com a expressão sexual e encontrassem uma orientação generalizada, mas também se deleitassem com uma identidade psíquica e psicológica maior que experimentasse e expressasse todas as grandiosas capacidades humanas de mente e coração, que se esparramasse sobre quaisquer divisões artificiais.

Vocês atribuíram, pois, rótulos sexuais ao intelecto e às emoções, de modo que elas lhes parecem contrários. Tentaram dividir características mentais e emocionais entre os dois sexos, forçando um comportamento estereotipado. Uma vez mais, o macho que de determinada forma seja artisticamente ou intuitivamente dotado muitas vezes considerava-se comumente a ele próprio como homossexual, quer o fosse ou não, por as suas características emocionais ou mentais parecerem enquadrar-se no sexo feminino e não no sexo masculino.

A mulher que demonstrasse ter interesses que fossem além daqueles que fossem aceitáveis como femininos, encontrava-se frequentemente na mesma posição. Contudo, por o intelecto e as emoções serem considerados tão separadamente, as tentativas por expressar capacidades intuitivas habitualmente resultavam num comportamento “irracional.” Em determinados círculos está agora na moda negar as capacidades intelectuais em favor do sentimento, da sensação, ou dos atos intuitivos. Os interesses intelectuais tornam-se assim suspeitos, e o recurso à razão é considerado um fracasso. Em vez disso, claro está, o comportamento intelectual e intuitivo deviam misturar-se na perfeição. Do mesmo modo vocês procuraram forçar a expressão do amor numa pura — ou exclusiva — orientação sexual.

Uma carícia afetiva ou beijo entre membros do mesmo sexo são geralmente considerados inadequados. Os tabus incluem a maior parte dos aspetos do sentido do toque associados ao corpo humano. O toque é de tal modo considerado basicamente sexual que o mais inócuo dos toques de qualquer porção do corpo é considerado potencialmente perigoso. Por um lado especificam demasiado no uso que fazem do termo “sexualidade”; No entanto,

por outro lado, e nesse contexto, vocês sentem que todo tipo de afeição deva naturalmente conduzir à expressão sexual, se derem azo a isso. As vossas crenças fazem com que essa eventualidade sexual surja como facto da experiência.

Isso também os força a resguardar cuidadosamente a vossa vida emocional. Em resultado, qualquer demonstração de amor é em certa medida inibido a menos que possa legitimamente encontrar expressão sexual. Em muitos casos o próprio amor parece errado por implicar expressão sexual em alturas em que essa expressão não é possível, ou sequer desejada.

Algumas pessoas têm uma enorme capacidade de afeto, devoção e lealdade que haveriam naturalmente de encontrar expressão por muitos modos diversificados — em amizades fortes e duradouras, devoção a causas em que acreditem, em vocações em que auxiliem os outros. Podem não se sentir particularmente orientados para o sexo, que isso não quer dizer que inibam a sua sexualidade. É patético e ridículo que eles creiam que devam ter relações sexuais com frequência na sua juventude, ou que devam definir padrões de normalidade contra os quais devam medir a sua experiência sexual.

De facto, a sociedade ocidental tentou forçar toda a expressão do amor e da devoção na atividade sexual, ou então bani-la por completo. O desempenho sexual é considerado a única forma segura de usar o enorme potencial das emoções humanas. Quando lhes parece que a sociedade se torna licenciosa, em muitos aspetos acha-se mais contida e inibida. Isso significa que todas as opções à exceção da liberdade sexual lhe foram negadas.

A enorme força do amor e da devoção afastam-se das áreas pessoais da criatividade individual por intermédio do trabalho intencional. São retiradas da expressão por meio do governo ou da lei. É-lhes negada a expressão por meio das relações pessoais significativas, e forçadas a uma expressão estreita através de uma sexualidade que então de facto se torna insignificante.

Tem sido referido por certas mulheres que trabalham por uma “igualdade de direitos” que a espécie só usa metade do seu potencial ao suprimir as capacidades das mulheres. Em termos mais amplos, porém, todo o indivíduo sofre quando a identidade é definida essencialmente como questão de orientação sexual. Geralmente, haverá uma orientação sexual generalizada específica de natureza biológica, mas as características mentais e emocionais humanas não são simplesmente atendidas de acordo com o sexo. Tal identificação corta o indivíduo pela metade, de modo que cada pessoa usa apenas uma metade do seu potencial. Isso provoca um cisma em todas as vossas atividades culturais.

Por um lado, foi-lhes inculcado que a expressão sexual é errada, constitui um mal, ou é degradante. Também lhes disseram que, se não derem expressão à

vossa sexualidade, estarão a exhibir uma repressão antinatural, e mais serão levados a pensar que deverão acima de tudo forçar-se a desfrutar dessa natureza sexual ambígua. A velha ideia de que as boas mulheres não desfrutam do sexo dificilmente desapareceu. No entanto ensinam às mulheres que as expressões naturais do amor, as carícias festivas são inadequadas a menos que deem seguimento imediato ao clímax sexual. É inculcado nos homens que devem contar os méritos de acordo com o vigor do estímulo sexual que tenham e as suas conquistas. É-lhes ensinado que devem inibir a expressão do amor como fraqueza que é, e ainda assim, a desempenhar sexualmente com a máxima frequência possível. Num tal clima sexual, pouco será de admirar que não fiquem confusos.

O cisma sexual tem início quando ensinam ao menino a identificar-se exclusivamente com a imagem do pai, e quando à menina é ensinado a identificar-se com a imagem da mãe — porque aí vocês têm a culpa insidiosamente incorporada no processo de crescimento. As crianças de ambos os sexos identificam-se naturalmente com ambos os pais, e qualquer método forçado de orientar exclusivamente a criança para tal identificação unilateral é limitativa. Sob tais condições, sentimentos de culpa imediatamente começam a despertar sempre que tal criança sentir afiliações naturais pelo outro progenitor.

Quanto mais prementes forem essas inclinações, mais a criança será dirigida no sentido de as ignorar na vossa sociedade, dado que certas características, uma vez mais, são consideradas exclusivamente masculinas ou femininas. A criança também é coagida no sentido de ignorar ou de negar essas porções da personalidade que correspondem ao sexo com que não pode identificar-se. Essa compressão da personalidade num molde sexual começa, pois, cedo. A culpa continuada é gerada por a criança saber infalivelmente que a sua própria realidade transcende tal orientação simples. Quanto mais capaz for a criança de forçar tal identificação artificial, maior será o sentimento de rebelião interior que a assaltará. A falta de um pai ou mãe “adequados” terá “salvo” mais crianças do que terá prejudicado.

A psique, com os seus grandiosos dons sempre se sente frustrada e tenta tomar medidas contrárias. Porém, as vossas escolas contribuem para o processo, de modo que as áreas de curiosidade e de aprendizado se tornam separadas para meninos e meninas. O “ela” que se acha incluso no menino na realidade representa porções da sua personalidade que não têm expressão — não devido a qualquer natural predominância de características mentais ou emocionais que se verifiquem acima de outras, mas devido às especializações. O mesmo se aplica ao “masculino” que se acha incluso na menina.

Vocês aceitaram essa versão da natureza da pessoa, uma vez mais, em linha com as ideias que têm da natureza da consciência. Essas ideias estão a mudar, e à medida que isso sucede a espécie precisa aceitar a sua verdadeira

pessoa. Quando isso suceder, o vosso entendimento permitir-lhes-á vislumbrar a natureza da realidade dos deuses que vocês identificaram ao longo das eras. Mas não mais precisarão revesti-los de formas sexuais limitadas.

Os vossos conceitos religiosos mudarão consideravelmente, assim como as imagens que se lhes acham associadas. Religião e governo tiveram uma aliança irrequieta. Os machos governaram ambas (ainda o fazem) contudo essas organizações religiosas principais pelo menos reconheceram a sua base intuitiva. Elas procuraram constantemente manipular a subestrutura da religião pelas mesmas formas aceitáveis masculinas com que os governantes dos governos sempre costumam inibir e usar as emoções.

A heresia foi considerada feminina e subversiva por poder ameaçar destruir as estruturas estabelecidas ao redor da expressão aceitável do fervor religioso. Os elementos femininos na Igreja são sempre considerados suspeitos, e nos primeiros tempos do Cristianismo viveu-se uma certa preocupação, não fora a Virgem ser considerada uma deusa. Houve rebentos do Cristianismo que não sobreviveram, em que isso se verificou.

Desenvolvimentos paralelos na religião e nos governos sempre fazem eco do estado de consciência e dos seus objetivos. Práticas “pagãs,” que gozavam de uma maior liberdade de identificação e expressão sexual, continuaram bem até o décimo sexto século, e as chamadas doutrinas clandestinas heréticas do oculto tentaram encorajar o desenvolvimento da intuição pessoal.

Contudo, todo desenvolvimento psíquico verdadeiro está destinado a conduzir a uma compreensão da natureza da psique que é de longe mais vasta para tais confusões da identidade básica com a sexualidade. O próprio conceito da reencarnação mostra claramente a mudança de orientação sexual, e a existência de um aspeto do ser que se acha afastado da sua orientação sexual, mesmo enquanto é igualmente expressado através de uma dada posição sexual.

Em boa medida, as crenças sexuais são responsáveis pelo bloqueio da percepção da reencarnação. Tal “memória” haveria de os familiarizar com as experiências mais difíceis de correlacionar com os vossos papéis sexuais atuais. Essas outras existências num outro sexo acham-se presentes para a psique, inconscientemente. Elas são uma porção da vossa personalidade. Assim sendo, ao se identificarem de forma tão específica com o vosso sexo, vocês também inibem memórias que poderão limitar ou destruir tal identificação.

A Igreja não restringiu tanto a sexualidade dos seus padres ou a expressão da sexualidade em séculos anteriores quanto procurou divorciar a expressão do amor e da devoção da sexualidade. Uma elevada percentagem de padres da Idade Média, por exemplo, tinha filhos legítimos. Eles eram considerados

produto da carne fraca e lasciva — o que era suficientemente mau, mas considerando o estado da queda do homem, era aceite como lapsos compreensíveis. Tais situações eram negligenciadas, se não mesmo toleradas, conquanto o amor e a devoção do padre pertencessem ainda à Igreja e não fossem desperdiçados com a mãe de tais rebentos. As freiras eram mantidas em posições subservientes.

No entanto, os conventos também serviam de refúgio para muitas mulheres, que conseguiam educar-se até mesmo sob tais condições. Um bom número de freiras carregava, evidentemente, a semente desses padres, e dava à luz filhos que agiam como servos em mosteiros, e por vezes até mesmo nos conventos. No entanto, deram-se inúmeras rebeliões da parte de freiras de vários conventos, por essas mulheres descobrirem que operavam com eficiência bem embora em ambientes de segregação. Elas começaram a questionar toda a estrutura da Igreja e a posição que assumiam nela. Algumas partiram em grupos, em particular em França e em Espanha, e formaram as suas próprias comunidades.

A Igreja, porém, nunca encontrou um método adequado para lidar com essas mulheres, ou com os elementos intuitivos das suas próprias crenças. O medo que tinha de que pudesse emergir uma deusa era renovado toda a vez que outra aparição da Virgem num ou noutro canto do mundo. Também havia mulheres que passavam por monges, que levavam vidas de natureza solitária e que aguentavam durante anos.

Nenhum trabalho carrega os seus nomes femininos, por elas usarem nomes masculinos. Preciso não será dizer que relações lésbicas e homossexuais floresciam em tais ambientes. A Igreja fechava os olhos conquanto tais relações tivessem um carácter sexual. Somente quando o amor e a devoção se desviavam da Igreja chagava a ser motivo de preocupação real. Isso resultou, evidentemente, numa ênfase excessiva do dogma — nas regras e na ritualização que precisavam ser coloridas e ricas por ser a única saída permitida em que a criatividade poderia ser mantida.

A Igreja acreditava que a experiência sexual pertencia aos chamados instintos baixos ou animais, assim como o amor do costume. Por outro lado, o amor e a devoção espiritual não podiam ser manchados pela expressão sexual, e assim, todo relacionamento intenso se tornava numa ameaça para a expressão da piedade.

Vocês sentem-se obcecados com o comportamento sexual quando o proscovem como um mal ou como coisa desagradável ou degradante, o encobrem, e fingem que seja primordialmente “animalista.” Também ficam obcecados com o comportamento sexual quando proclamam os seus méritos de forma exagerada da praça do mercado. Sentem-se obcecados com o comportamento sexual quando estabelecem proibições estritas irrealistas sobre

a sua expressão, assim como quando estabelecem padrões igualmente irrealistas de desempenho ativo para aos quais se espera que a pessoa normal obedeça. A liberdade sexual, não envolve, pois, nenhuma promiscuidade forçada em que os jovens, por exemplo, sejam levados a sentir-se anormais caso os seus encontros com o sexo oposto não os conduzam à cama.

Vocês começam a programar a atividade sexual quando a divorciam do amor e da devoção. Torna-se muito fácil, assim, para a Igreja ou para o estado reivindicar e atrair a vossa lealdade e amor não centrados, deixando-os na posse da expressão de uma sexualidade desprovida dos seus profundos sentidos.

Não estou aqui a dizer que qualquer desempenho sexual seja “errado,” ou desprovido de sentido, ou degradado, caso não seja acompanhado pelos sentimentos do amor e da devoção. Contudo, durante um certo período de tempo a expressão do sexo seguirá as tendências do coração. Essas tendências tingirão, pois, a expressão sexual. Nessa medida, não será “natural” ter desejo sexual por alguém de quem não gostem ou que menosprezem.

As ideias sexuais de domínio e de submissão não têm qualquer parte na vida natural da vossa espécie, ou na dos animais. Uma vez mais, vocês interpretam o comportamento animal de acordo com as vossas próprias crenças. Domínio e submissão eram frequentemente usados na literatura religiosa em períodos em que o amor e a devoção se encontravam separados da sexualidade. Forma unificados somente por meio das visões ou experiências religiosas, pois somente o amor de deus era visto como “suficientemente bom” para justificar uma sexualidade que de outro modo sentiam ser animalista.

Em vez disso, termos como “domínio” e “submissão” têm que ver com áreas da consciência e do seu desenvolvimento. Por causa da interpretação anteriormente mencionada neste livro, vocês adotam uma linha proeminente de consciência que até determinado ponto se inclinava para o domínio da natureza. Vocês consideravam isso masculino em essência. O princípio masculino passou a estar ligado à terra e a todos os elementos da sua vida sobre os quais vocês enquanto espécie esperavam obter poder. Por conseguinte, Deus tornou-se masculino.

O amor e a devoção que poderiam, noutro caso, estar associados às facetas da natureza e ao princípio feminino precisavam ser “afastados” de toda atração natural para a sexualidade. Desse modo, a religião, fazendo eco do vosso estado de espírito, era capaz de tirar proveito dos poderes do amor e de os usar com propósitos de domínio. Eles foram orientados para o estado. A devoção e o amor de um homem representavam um ganho político. O fervor era tão importante quanto o tesouro de um governo, por o estado poder contar com a devoção dos seus lugares-tenente do mesmo modo que muitos fanáticos se esforçarão por uma causa sem receber qualquer paga.

Certas pessoas são naturalmente solitárias. Elas desejam levar vidas solitárias e sentem-se contentes. A maioria, contudo, têm necessidade de relações de proximidade que durem, por fornecerem tanto uma estrutura psíquica quanto social para o crescimento, a compreensão e o desenvolvimento pessoal. Bradar para os céus “Eu amo o próximo,” é coisa demasiado fácil, quando por outro lado não criam relacionamentos fortes e duráveis com os outros. É fácil reivindicar um amor idêntico por todos os membros da espécie, mas o amor requer uma compreensão que no vosso nível de atividade se baseia na experiência íntima. Não podem amar quem não conhecem — não a menos que diluam tanto a definição do amor que acabe por se tornar insignificante.

Para amarem alguém, precisam sentir apreço pela forma como essa pessoa difere de vós e dos outros. Precisam ter essa pessoa na ideia de modo que em certa medida se torne numa espécie de meditação — num enfoque amoroso sobre o outro. Quando experimentarem esse tipo de amor poderão traduzi-lo noutros termos. O próprio amor espalha-se, expande-se de modo que poderão ver os outros à luz do amor.

O amor é naturalmente criativo e explorativo — quer dizer, vocês sentem vontade de explorar criativamente os aspetos do vosso amado. Até mesmo características que pareceriam de outro modo falhas alcançam um certo significado. Elas são aceites — são vistas, no entanto não fazem qualquer diferença. Por ainda serem atributos do amado, até mesmo as aparentes falhas são redimidas. O amado atinge proeminência acima de todos os outros.

O alcance do amor de um deus pode porventura conter na sua visão a existência de todos os indivíduos a uma só vez num olhar amoroso infinito que lance sobre toda a pessoa, e as veja a todas com as suas características e tendências peculiares. O olhar assim de um deus desses encantar-se-ia com a diferença que cada um apresentasse relativamente aos outros.

Não seria como um amor generalizado, um olhar tipo papa de mingau, mas um amor baseado na plena compreensão de cada indivíduo. A emoção do amor leva-os mais para perto de uma compreensão da natureza de Tudo Quanto Existe (Deus). O amor incita à dedicação, ao compromisso. Ele especifica. Vocês não podem, por isso, insistir em que amam a humanidade e todas as pessoas por igual, se não amarem uma outra pessoa. Se não tiverem amor por vós, será igualmente difícil amar o outro.

Uma vez mais, o amor não está orientado para o sexo. Contudo, o amor naturalmente busca a expressão, e uma dessas expressões é através das atividades sexuais. Contudo, quando o amor e a sexualidade são artificialmente divididos, ou considerados antagonistas um em relação ao outro, surge toda a sorte de problemas. Os relacionamentos permanentes tornam-se mais difíceis de alcançar sob tais condições, e muita vez o amor encontra muito pouca expressão, enquanto um dos seus canais mais naturais se encerra. Muitas

crianças dedicam a maior expressão do seu amor aos brinquedos, às bonecas, ou aos companheiros imaginários, por muitos padrões estereotipados já terem limitado outras expressões.

O sentimento que nutrem pelos pais torna-se ambíguo em resultado dos procedimentos da identificação que lhes são impostos. Amor, sexualidade e recreação, curiosidade e características de exploração fudem-se na criança de uma maneira natural. Contudo cedo chega a conhecer que as áreas da exploração são limitadas, mesmo no que diz respeito ao seu próprio corpo. A criança não é livre de contemplar as suas próprias partes. O corpo cedo se torna território proibido, de modo que a criança sente que seja errado ter amor por si mesma, seja por que forma for. As ideias de amor tornam-se, pois, altamente distorcidas, assim como a sua expressão.

Vocês não travam guerras pela causa da fraternidade do homem, por exemplo. Aqueles que se acham familiarizados com versões não distorcidas do amor achariam tal conceito impossível nas suas relações. Dos homens que são criados com vergonha dos lados “femininos” da sua natureza não se pode esperar que amem as mulheres, por eles verem nas mulheres, ao invés, os aspetos desprezados, temidos, e ainda assim os aspetos carregados da sua própria natureza, e se comportarem em concordância nos seus relacionamentos. Das mulheres a quem é ensinado a ter medo dos aspetos “masculinos” da sua natureza não se pode esperar que venham a amar os homens sequer, e o mesmo tipo de comportamentos acaba por resultar.

A chamada guerra dos sexos tem origem nas divisões artificiais que atribuem à natureza do ser. A realidade da psique vai além de tais mal-entendidos. A sua linguagem nativa geralmente escapa-lhes, mas acha-se estreitamente ligada ao que poderá ser livremente chamado de linguagem do amor.

CAPÍTULO 6

"A LINGUAGEM DO AMOR." IMAGENS E O SURGIMENTO DAS PALAVRAS

A Linguagem do Amor: Imagens e o Nascimento das Palavras

É quase banal dizer que aqueles que estão apaixonados conseguem comunicar sem palavras. Foram escritas inúmeras histórias e dramas sobre esse tipo de comunicação interior que parece ocorrer entre mãe e filhos, irmãos, ou entre amantes. O amor parece intensificar os sentidos físicos, tornando até os mais pequenos gestos mais significativos. Há mitos e contos onde os amantes comunicam, mesmo que um esteja vivo e o outro morto. A experiência do amor aprofunda a alegria do momento, mesmo enquanto

evidencia a brevidade da vida. A expressão do amor ilumina intensamente o instante — e essa intensidade parece desafiar o tempo, sendo de certo modo eterna.

No vosso mundo, identificam-se como sendo apenas vocês próprios, mas o amor pode expandir essa identidade, tornando a consciência íntima do outro numa parte significativa da vossa. Olham para o mundo não só com os vossos olhos, mas também, em parte, através dos olhos de outro. Figurativamente, uma parte de vós “caminha” com essa pessoa, mesmo quando estão separados no espaço.

Tudo isto aplica-se também aos animais, em diferentes graus. Mesmo entre grupos de animais, há preocupação não só com a sobrevivência individual, mas também com a dos membros do “clã”. O amor, portanto, não é exclusivo da vossa espécie — nem a ternura, lealdade ou cuidado. O amor tem de facto uma linguagem própria — não verbal, com profundas raízes biológicas. É a linguagem inicial e básica da qual todas as outras derivam, pois o impulso de comunicar, criar, explorar e unir-se ao ser amado é natural na expressão do amor.

(Pausa prolongada.)

Dêem-nos um momento...

Falando historicamente, o homem identificava-se com a natureza e amava-a, vendo-a como uma extensão de si mesmo, mesmo enquanto se sentia parte da sua expressão. Ao explorá-la, explorava-se a si também. Essa ligação era biologicamente inata — e ainda hoje é biologicamente relevante. A espécie está fisicamente e psiquicamente ligada a toda a natureza. O homem primitivo não vivia em medo, nem num paraíso natural idealizado. Vivia num pico intenso de experiência psíquica e biológica, com uma excitação criativa que só existia naquela fase inicial da espécie. É difícil explicar, pois estes conceitos vão além da linguagem. Inevitavelmente surgem aparentes contradições.

Comparando com esses tempos, as crianças de hoje já nascem “antigas”, pois trazem dentro de si as memórias biológicas dos seus antepassados. Mas nesses tempos primordiais, a espécie surgia, por assim dizer, do útero da intemporalidade para o tempo.

(Pausa prolongada.)

Parágrafo novo: Em termos mais profundos, essa existência ainda continua, com ramificações em todas as direções. O mundo que conhecem é apenas uma das manifestações no tempo — aquela que reconhecem. A espécie

seguir muitos outros caminhos, desconhecidos de vós e não registados na vossa história. A criatividade ainda hoje emerge desse “ponto”.

(Pausa prolongada.)

Segundo a contagem do tempo que aceitam, a espécie, ainda na sua infância, experimentava a identidade de forma muito diferente da vossa. Essa experiência é tão alheia aos vossos conceitos atuais, e é anterior à linguagem tal como a entendem, que é muito difícil descrevê-la. Normalmente, experimentam o “eu” como separado da natureza e encerrado dentro da pele. O homem primitivo não se sentia uma concha vazia — e, no entanto, o sentido de identidade existia tanto fora do corpo como dentro dele. Havia uma constante interação.

É fácil dizer que essas pessoas se identificavam com, digamos, as árvores — mas é bem diferente tentar explicar o que seria para uma mãe tornar-se tão parte da árvore sob a qual os filhos brincavam, que conseguia acompanhá-los do ponto de vista da árvore, mesmo estando fisicamente longe.

Faz agora uma pausa.

A consciência é muito mais móvel do que imaginas. Operacionalmente, focaste-a quase exclusivamente no corpo. Não consegues experienciar o comportamento subjetivo “a partir de fora”, por isso essa mobilidade natural da consciência — que os animais ainda mantêm — é invisível para ti, em termos psicológicos. Gostas de pensar em unidades e definições, e mesmo quando refletas sobre a tua consciência, vê-la como “uma coisa”, uma unidade — um algo invisível que poderia ser segurado por mãos invisíveis. No entanto, a consciência é uma qualidade específica do ser.

Cada porção dela contém o todo. Teoricamente, podes sair do corpo e estar nele ao mesmo tempo. Raramente estás consciente dessas experiências, porque não acreditas que sejam possíveis. Parece-te que até a consciência, especialmente quando individualizada, tem de estar num único lugar de cada vez.

Estou, certamente, a colocar isto da forma mais simples possível, mas pensemos num pássaro: ele tem um ninho, embora o deixe frequentemente e nunca se confunde com o seu local de nidificação. De certo modo, é isso que vocês fazem — embora o corpo seja mais animado do que um ninho. Nesses tempos primordiais, portanto, a consciência era mais móvel. A identidade era mais democrática. Estranhamente, isso não significava que a individualidade fosse mais fraca. Pelo contrário: era suficientemente forte para aceitar dentro de si uma grande diversidade de experiências.

Assim, uma pessoa que observasse o mundo das árvores, das águas, das rochas, da vida selvagem e da vegetação sentia literalmente que estava a olhar para áreas maiores e materializadas da sua própria identidade subjetiva. Explorar o mundo exterior era explorar o mundo interior. No entanto, ao caminhar pela floresta, essa pessoa sentia também que fazia parte da vida interior de cada árvore ou pedra, agora materializadas. E, mesmo assim, não havia contradição de identidades.

Um homem podia fundir a sua consciência com a de um riacho, percorrendo, dessa forma, quilómetros para explorar a configuração da terra. Para tal, tornava-se, em parte, água — num tipo de identificação que mal conseguem compreender — mas, simultaneamente, a água tornava-se parte do homem. Tal como imaginam átomos e moléculas a formarem objetos, também porções de consciência identificada podem misturar-se e fundir-se, formando alianças.

Fim do ditado. Fim da sessão.

("Está bem. Muito bom.")

Uma noite calorosa e afetuosa para ambos.

("Obrigado. Boa noite.")

SESSÃO 776, 17 DE MAIO DE 1976

(A nossa última sessão, a 775.^a, não incluiu ditado para o livro. Em vez disso, Seth dedicou-a aos "fios de consciência" — explicando por que razão a Jane "recebeu" o material relacionado com William James, tema abordado no seu livro Política Psíquica. De vez em quando, ela sente que mais material de James está disponível, embora nada de concreto tenha surgido até agora.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Ditado: Existem canais de inter-relação que ligam toda a matéria física — canais através dos quais a consciência flui.

Nos termos em que estou a falar, a identificação do homem com a natureza permitia-lhe utilizar esses canais interiores. Ele podia enviar a sua consciência a "nadar", por assim dizer, por diversas correntes onde se fundiam diferentes tipos de consciência. Eu disse que a linguagem do amor era a linguagem básica — e digo-o literalmente. O homem amava a natureza, identificava-se com as suas múltiplas partes, e ampliava o seu próprio sentido de ser ao unir-se à sua força e poder. Não é tanto que personificasse os elementos da

natureza, mas antes que lançava a sua personalidade para dentro deles e “cavalga-los”, por assim dizer.

Como referi, o amor incita o desejo de conhecer, explorar e comunicar com o ser amado. Assim, a linguagem nasceu da tentativa do homem em expressar o seu amor pelo mundo natural. Inicialmente, a linguagem não envolvia palavras. De facto, a linguagem verbal só surgiu quando o homem perdeu parte desse amor, quando esqueceu a identificação que antes tinha com a natureza, ao ponto de já não entender que a sua voz era também a da própria natureza.

Nos primeiros tempos, o homem tinha uma arena gigantesca para expressar as suas emoções. Ele não “simbolizava” a fúria nas tempestades, por exemplo — identificava-se conscientemente com elas a tal ponto que ele e os membros da sua tribo se fundiam com o vento e o relâmpago, tornando-se parte das forças da tempestade. Sentiam e sabiam que as tempestades iriam refrescar a terra, independentemente da sua fúria.

Por causa dessa identificação com a natureza, a experiência da morte — tal como a entendem hoje — não era de modo algum encarada como um fim. A mobilidade da consciência era uma realidade vivida. O “eu” não era considerado como estando preso à pele. O corpo era visto mais como uma casa amiga ou uma gruta acolhedora — um refúgio para o ser, mas não uma prisão.

(Pausa longa, uma entre muitas.)

A linguagem do amor também não envolvia inicialmente imagens. As imagens mentais, tal como agora são compreendidas, surgiram na sua forma atual apenas quando o homem perdeu novamente parte do seu amor e da sua identificação com a natureza, esquecendo-se de como se identificar com uma imagem a partir do seu interior — começando assim a vê-la apenas do exterior.

Gostaria de sublinhar a dificuldade de explicar esta linguagem em termos verbais. De certo modo, a linguagem do amor seguia raízes moleculares — uma espécie de alfabeto biológico, embora “alfabeto” seja um termo demasiado limitador.

(Pausa de um minuto.)

Cada elemento natural tinha o seu próprio sistema de “chave” que se interligava com os demais, formando canais através dos quais a consciência podia fluir de um tipo de vida para outro. O homem compreendia-se como uma entidade separada, mas ligada a toda a natureza. Os alcances emocionais da sua vida subjetiva ultrapassavam, de longe, aquilo que consideram experiência privada. Cada pessoa, ao participar plenamente numa tempestade, por

exemplo, vivia ainda a sua própria experiência individual. E, contudo, as emoções tinham liberdade total para se manifestar, sendo vividas em conjunto com as estações da Terra e os ciclos do mundo.

A linguagem ou o modo de comunicação pode talvez ser melhor descrito como cognição direta. A cognição direta baseia-se num tipo de identificação “amorosa”, onde aquilo que se conhece é verdadeiramente conhecido. Nessa fase, não eram necessárias palavras — nem sequer imagens.

O vento do exterior e a respiração eram sentidos como uma só e mesma coisa, como se o vento fosse a Terra a respirar para fora o ar que se elevava das bocas dos vivos, espalhando-se pelo corpo do planeta. Parte do homem saía com a sua respiração — e, por isso, a consciência humana podia ir onde quer que o vento viajassem. A consciência do homem, viajando com o vento, tornava-se parte de todos os lugares.

(Pausa prolongada.)

A identidade de cada pessoa era privada, no sentido de que o homem sabia sempre quem era. Estava tão seguro da sua identidade que não sentia necessidade de a proteger, o que lhe permitia expandir a consciência de uma forma que hoje vos é completamente estranha.

Tomemos a frase em inglês: “*I observe the tree*” (“Eu observo a árvore”). Se essa linguagem original tivesse palavras, o equivalente seria:

“Enquanto árvore, observo-me a mim próprio.”

(Pausa prolongada.)

Ou: “Assumindo a minha natureza de árvore, descanso à minha sombra.”
Ou ainda: “A partir da minha natureza humana, descanso à sombra da minha natureza de árvore.”

O homem não ficava simplesmente à beira da água a olhar para ela — mergulhava nela com a sua consciência. A curiosidade original do homem não envolvia apenas ver, tocar ou sentir a natureza de um objeto, mas uma exploração psíquica jubilosa, na qual mergulhava a sua consciência, tal como mergulhava o pé no riacho — e fazia ambas as coisas.

Se essa linguagem de que falo tivesse sido verbal, o homem nunca teria dito: “A água corre pelo vale.” Em vez disso, a frase seria algo como: “Correndo sobre as pedras, à minha natureza-água flui em união escorregadia com os outros.”

Essa tradução também não é perfeita.

O homem nunca considerou que a sua fosse a única forma de consciência. Agradecia graciosamente à árvore que lhe dava sombra, por exemplo, e compreendia que a árvore mantinha a sua própria identidade, mesmo ao permitir que a consciência dele se unisse à dela.

Nos vossos termos, a linguagem começou quando o homem perdeu esse tipo de identificação. É importante frisar, novamente, que essa identificação não era simbólica, mas uma expressão prática e quotidiana. A natureza falava pelo homem, e o homem pela natureza.

(Pausa prolongada.)

De certo modo, o substantivo e o verbo eram um só. O substantivo não desaparecia, mas expressava-se como verbo.

(Pausa prolongada.)

Num tipo de amplificação emocional desconhecida para vós, as emoções privadas de cada pessoa encontravam expressão e libertação nas mudanças da natureza — uma libertação que era compreendida e tida como natural. Em termos profundos, as condições meteorológicas e as emoções continuam altamente relacionadas. São as condições interiores que causam as mudanças climáticas exteriores, embora agora vos pareça que é o contrário.

(Pausa prolongada.)

Assim, são privados — ou privam-se a si mesmos — de uma das formas mais básicas de expressão, pois já não se conseguem identificar com as forças da natureza. O homem, no entanto, quis seguir um certo tipo de consciência. Nos vossos termos, ao longo do tempo, foi "recolhendo" a sua consciência; deixou de se identificar como antes, e começou a ver os objetos através do objeto do seu próprio corpo. Deixou de fundir a sua percepção com a realidade — e, por isso, passou a olhar para uma árvore como sendo um objeto, quando antes se teria unido a ela, talvez até observando o seu próprio corpo de pé do ponto de vista da árvore.

Foi nesse momento que as imagens mentais se tornaram importantes, nos termos habituais — pois ele já as conhecia, mas de uma forma diferente: de dentro para fora. Agora, começou a desenhar e a esboçar, a aprender como criar imagens mentais que estavam ligadas a objetos reais no mundo exterior, tal como hoje as aceitam.

Passou a caminhar não apenas por prazer, mas para obter informação, para percorrer distâncias que antes a sua consciência percorria livremente. Assim, começou a precisar de mapas primitivos e de sinais. Em vez de usar imagens completas, começou a usar parciais — fragmentos de círculos ou linhas — para representar objetos naturais.

Sempre fez sons que comunicavam emoções, intenções e puro entusiasmo. Mas quando começou a lidar com imagens desenhadas, começou a imitar a sua forma com o formato dos lábios. O "O" era perfeito, e representa um dos seus primeiros sons propositados da linguagem verbal.

Faz uma pausa.

Bem: Independentemente da língua que falam, os sons que conseguem produzir dependem da vossa estrutura física — e, por isso, a linguagem humana é composta por um número limitado de sons. A vossa construção física é o resultado de configurações moleculares internas, e os sons que produzem estão relacionados com essas estruturas.

Já disse que o homem primitivo sentia uma certa amplificação emocional, que, por exemplo, sentia a “voz” do vento como sendo a sua. Num certo sentido, as vossas línguas, embora expressem intenções e comunicações individuais, representam também uma forma de amplificação que surge das vossas configurações moleculares.

O vento emite certos sons consoante as características da Terra. A respiração emite certos sons consoante as características do corpo. Existe uma ligação entre alfabetos e a estrutura molecular que compõe os vossos tecidos. Os alfabetos são também chaves naturais. Essas chaves têm uma história molecular. Vocês moldam essas chaves em padrões sonoros com significados específicos. Isso permite-vos uma forma particular de comunicação, mas também possibilita uma expressão molecular natural nesse nível — uma expressão que depois usam para os vossos próprios fins.

Não estou a dizer que as moléculas “falam”. Digo que elas se expressam através da vossa fala — e que a vossa linguagem representa uma amplificação da existência delas. Através das vossas palavras, a realidade das moléculas é amplificada, tal como as emoções humanas outrora encontravam amplificação nos elementos físicos.

Certos sons são réplicas verbais de construções moleculares, criadas por vós para formar frases, tal como, por exemplo, as moléculas se organizam para formar células e tecidos.

(Pausa prolongada.)

Existem “sons interiores” que funcionam como camadas entre tecidos, que “revestem” as moléculas, e estes servem de base para os princípios sonoros exteriores. Estão também ligados aos ritmos do corpo. Em certo sentido, a pontuação é som que não se ouve — uma pausa que implica a presença de som retido.

Assim, a linguagem depende tanto do não dito como do dito, e do ritmo do silêncio tanto quanto do som. Nesse contexto, o silêncio é apenas uma pausa do som em que o som está implícito, mas retido. O som interior lida, essencialmente, com esse tipo de relação.

A linguagem só tem significado por causa do ritmo do silêncio sobre o qual assenta. O seu sentido vem tanto das pausas entre os sons como dos sons em si. O fluxo da respiração é obviamente importante, regulando o ritmo e o espaçamento das palavras. A integridade da respiração provém diretamente do bom funcionamento e equilíbrio entre as células e tecidos — e tudo isso é expressão da competência molecular.

Essa competência é, obviamente, responsável pela linguagem, mas está também intimamente ligada aos padrões das línguas em si, à construção da sintaxe e até às figuras de estilo utilizadas.

Mais uma vez: falam por vós próprios; mas, ao fazê-lo, falam uma língua que não vos pertence apenas a vós, mas que resulta de comunicações internas demasiado rápidas para serem percecionadas, envolvendo realidades corporais e subjetivas em simultâneo. Por isso, as vossas línguas têm significado em vários níveis. Os sons que produzem têm efeitos físicos sobre o vosso corpo e sobre o corpo dos outros.

Existe, portanto, um valor sonoro, para além de um valor semântico. As palavras que dirigem a alguém são, em certos termos, decompostas por quem ouve em componentes básicos, e compreendidas em diferentes níveis. São feitas interpretações psicológicas — e moleculares também. Os sons e as pausas expressam estados emocionais, e as reações a esses sons alteram o estado do corpo em algum grau. O ouvinte decompõe a linguagem. Constrói a sua própria resposta.

Vocês ligaram as palavras às imagens de tal forma que a linguagem parece ser composta por sons que sugerem imagens. No entanto, há línguas que tinham sons para sentimentos e estados subjetivos, sem sujeitos nem predicados, nem sequer estruturas frásicas que reconhecessem.

A vossa linguagem tem de seguir a vossa percepção — embora a estrutura sonora subjacente não tenha de o fazer.

Dizem: “*Eu sou hoje, fui ontem, e serei amanhã*” — mas há línguas para as quais tal enunciado seria incompreensível, e as palavras “*Eu sou*” seriam usadas em todas as situações.

Faz uma pausa ou termina a sessão, como preferires.

("Vamos fazer a pausa e ver o que acontece.")

(Durante a pausa, a Jane percebeu que se sentia cansada e decidiu não continuar a sessão.)

SESSÃO 777, 24 DE MAIO DE 1976

Bem — boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Ditado: Inicialmente, no entanto, antes do nascimento das imagens e das palavras — tal como vocês as entendem — o mundo existia em termos diferentes dos que conhecem. As imagens, tal como as concebem, ainda não tinham adquirido a forma que hoje reconhecem. Parece-vos que, visualmente, o mundo natural tem de ser organizado ou percecionado de determinada forma. Independentemente da vossa língua, percecionam árvores, montanhas, pessoas, oceanos. Nunca veem um homem fundir-se com uma árvore, por exemplo. Isso seria considerado uma alucinação. Os vossos dados visuais são aprendidos e interpretados de modo a parecerem os únicos resultados possíveis dessas percepções.

A visão interior pode confundir-vos, porque na mente conseguem ver imagens com grande clareza — imagens que rejeitariam se os olhos estivessem abertos. Nos termos de que falamos, no entanto, a jovem espécie humana utilizava aquilo a que chamei os “sentidos interiores” com muito mais frequência do que vós hoje.

Visualmente, o homem primitivo não percebia o mundo físico da maneira que vos parece natural. Vão ter de nos dar algum tempo...

(*Pausa, uma entre muitas.*)

Quando a consciência de um homem, por exemplo, se fundia com a de uma árvore, esses dados tornavam-se “visuais” para outros perceberem. Quando a consciência de um homem se fundia com a de um animal, essa fusão tornava-se também informação visual. Por assim dizer, o cérebro organizava a informação visual de tal forma que os conteúdos visuais do mundo não eram tão estáticos como agora. Treinaram-se para serem extremamente específicos na vossa visão física e nas interpretações que dela fazem. A vossa visão

mental contém pistas de dados que poderiam ser percebidos visual e fisicamente — mas não o são. Treinaram-se para reagir a certos estímulos visuais que dispararam interpretações mentais, e para ignorar outras variações. Estas últimas são normalmente descritas como demasiado subtis — mas, na verdade, não são mais subtis do que aquelas que aceitam.

(Pausa prolongada.)

Os dados, dizeis, estão armazenados nos cromossomas, organizados de certa forma. Biologicamente, isso é cognição direta. Os sentidos interiores percebem diretamente da mesma forma. Para vós, linguagem significa palavras. Palavras são sempre símbolos de emoções ou sentimentos, intenções ou desejos. A cognição direta não precisava de símbolos. A primeira linguagem, a linguagem original, não envolvia imagens nem palavras, mas tratava de um fluxo livre de material cognitivo direto.

Um homem, ao querer saber como era uma árvore, tornava-se uma, deixando a sua consciência fluir para dentro dela. A consciência do homem misturava-se com outros tipos de consciência com a curiosidade intensa do amor. Uma criança não olhava simplesmente para um animal — deixava a sua consciência fundir-se com a do animal e, até certo ponto, o animal olhava através dos olhos da criança.

(Pausa prolongada.)

De formas difíceis de explicar, o homem “absorvia” o espírito de um animal antes de o matar, para que o espírito do animal se fundisse com o seu. Ao utilizar a carne do animal, o caçador acreditava estar a dar-lhe um novo foco de existência. Podia recorrer à força do animal, e o animal podia unir-se à consciência humana. A natureza e o espírito eram, portanto, um só.

(Pausa de dois minutos.)

O último parágrafo pode oferecer pistas sobre o comportamento humano atual: o homem mata animais — e come-os — por razões que esqueceu conscientemente. A sua matança de hoje basear-se-ia, pelo menos, numa compreensão intuitiva... Pergunta-se se esse mesmo raciocínio poderia aplicar-se quando o homem mata outro homem...

O vosso tipo específico de foco emergiu desse contexto, e por isso, dentro de vós, contém uma infinidade de consciências das quais não têm conhecimento. Através do vosso próprio foco, as consciências do mundo natural fundiram-se para formar uma síntese da qual, por exemplo, podem emergir sinfonias. Agem não só por vós próprios, mas também por outros tipos de consciência que

decidiram esquecer. Ao seguirem os vossos propósitos, que são vossos, também servem os propósitos de outros que não recordam.

Ao pensarem os vossos pensamentos privados, também acrescentam a uma realidade psíquica e mental mais ampla da qual fazem parte. As vossas línguas programam a vossa percepção, e limitam a comunicação em certos termos tanto quanto a facilitam.

(Pausa.)

Um músico a compor uma sinfonia não usa todas as notas disponíveis. Escolhe e discrimina. Mas essa discriminação baseia-se no conhecimento daquilo que está disponível.

Do mesmo modo, as vossas línguas baseiam-se num conhecimento interior de comunicações mais vastas. Os “segredos” da linguagem não se encontram nos sons disponíveis, acentos, raízes ou sílabas, mas nos ritmos entre as palavras; nas pausas e hesitações; no fluxo com que as palavras são organizadas, e nas inferências não ditas que ligam os dados verbais e visuais.

(Pausa prolongada.)

Enquanto espécie, procuraram certos tipos de experiência. Individualmente, como tribos ou nações, seguem certos “desenvolvimentos” — e, ao fazê-lo, agem também em nome do todo da natureza. Incorporam nos vossos corpos, sob forma transmutada, as consciências de tudo aquilo que consomem. Essas consciências fundem-se depois, percecionando o mundo de uma forma que chamam “vossa”. Através dos vossos olhos, os animais, plantas, aves e poeira percebem o amanhecer e a luz do sol como vós — como vós, e ainda assim a vossa experiência é única.

Até certo ponto, é verdade dizer que a linguagem surgiu quando começaram a perder a comunicação direta com a vossa própria experiência — e com a dos outros. A linguagem é, portanto, um substituto da comunicação direta. Os símbolos das palavras representam a vossa experiência — ou a de outrem — enquanto vos protegem dela ao mesmo tempo.

Os dados visuais que percebem constituem uma linguagem visual; as imagens percebidas são como palavras visuais. Um objeto é apresentado à vossa percepção visual para que possam vê-lo de forma segura, de fora. Os objetos, tal como os veem, são também símbolos.

Faz uma pausa.

(A Jane teve “sensações estranhas” ligadas à sessão desta noite. Sentia-se algo desorientada, mas não conseguia explicar muito bem porquê. Fez muitas pausas longas ao ditar o material — algumas das quais indiquei — mas não se preocupou com isso enquanto estava em transe. Disse que, nesses momentos, estava “à espera que o material se organizasse e se traduzisse por si”. Originalmente, não era verbal.)

Bem: A estranheza sentida pelo Ruburt está de facto ligada ao material desta noite. Ele esteve, embora brevemente, envolvido num processo que lhe permitiu alcançar níveis abaixo da linguagem verbal ou imagética.

Por assim dizer, ele aproximou-se de outros limiares da percepção e, com a minha ajuda, traduziu esses dados no material transmitido. Sentiu-se como se tivesse feito uma longa viagem — e fez, embora não de forma consciente nos termos que reconhecem. O treino que liga a vossa cultura visual e verbal impede uma tradução completa, mas o Ruburt estava, com a minha ajuda, a reunir informação que normalmente não está acessível.

Há lacunas na vossa consciência que estão, na verdade, repletas de dados — e o Ruburt estava a deixar esses dados “acumularem-se”, por assim dizer. Com o tempo, tornar-se-á mais proficiente. Por essa razão, terminarei agora a sessão. Ele sente como se a sua consciência tivesse sido esticada, tal como os músculos quando são usados de uma forma nova. Que descanse. Tornou-se consciente de distâncias dentro da sua própria mente — numa forma difícil de descrever.

A nível neurológico, tornou-se familiar, até certo ponto, com aquilo que está por baixo da linguagem — os ritmos interiores não expressos — e sentiu as ligações estranhas que existem entre as palavras e o vosso sentido de tempo. Isso confundiu-o, pois trata-se de material sentido diretamente, mas impossível de expressar verbalmente.

Ele irá reajustar-se “num instante”.

Fim da sessão.

(“Obrigado, Seth.”)

(“Sinto-me simplesmente estranha”, disse a Jane, “como se tivesse estado num lugar demasiado liso para que a minha consciência conseguisse agarrar-se a alguma coisa.” Não lhe era fácil colocar em palavras o que sentia. “E, no entanto, sinto como se estivesse a fazer coisas lá — a perceber de forma diferente enquanto o Seth dava a sessão.” Sentiu também que Seth tinha traduzido algumas dessas experiências — agora esquecidas — para o material da sessão. As sensações estranhas passaram antes de nos deitarmos. Na

manhã seguinte, contudo, relatou sonhos com experiências extraordinariamente vívidas, nos quais estava a "perceber imagens ou objectos como se fossem linguagem.")

CAPÍTULO 7

A PSIQUE, AS LÍNGUAS E OS DEUSES

(Na 778.^a sessão não houve ditado para *Psyche*. Em vez disso, Seth falou sobre o uso de raios X em questões de saúde. Gostaríamos de publicar essa informação no futuro. Como referido noutros livros de Seth, a Jane lida com algumas dificuldades físicas. Nesta primavera, começou a usufruir de longos períodos de relaxamento e melhoria física geral, e não houve sessões na semana passada porque ela estava a "deixar-se levar" por mais uma série desses efeitos benéficos.

Na noite anterior a esta sessão, teve também uma experiência de cura profunda enquanto estava deitada — disse ter "desmaiado" num estado de quase êxtase durante mais de duas horas, enquanto sentia efeitos curativos a percorrerem-lhe o corpo. Esta manhã, lembrei-lhe que escrevesse um relato dessa experiência, mas os efeitos prolongados — e novas sensações de cura — eram tão intensos que não conseguiu concentrar-se o suficiente para o fazer; escreveu apenas um ou dois parágrafos. Na verdade, a Jane estava ainda bastante "fora de si" antes da sessão desta noite, mas decidiu tentar.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Ditado: Enquanto o Ruburt continua o processo de recuperação. Vamos começar o próximo capítulo, intitulado: 'A Psique, as Línguas e os deuses' — com letra minúscula. Quase todas as perguntas que possam fazer sobre Deus, com maiúscula, podem também ser legitimamente feitas sobre a psique. Parece-vos que se conhecem, mas aceitam a existência da vossa psique com base na fé. Na melhor das hipóteses, parece-vos frequentemente que são tudo o que conhecem da vossa própria psique — e queixam-se de não se conhecerem verdadeiramente. Quando dizem: "*Quero encontrar-me a mim próprio*", assumem, em geral, que existe uma versão completa e acabada de vós mesmos que perderam algures. Quando pensam em encontrar Deus, fazem-no muitas vezes nos mesmos termos.

Ora, estão "à vossa volta" o tempo todo. Estão constantemente a tornar-se em quem são. Por assim dizer, são compostos por padrões de vós mesmos que estão continuamente a encontrar-se. Não podem deixar de ser quem são. Biologicamente, mentalmente e espiritualmente, estão marcados como seres

únicos, distintos de todos os outros — e nenhuma máscara de convenções poderá jamais ocultar essa singularidade inefável.

Não podem deixar de ser vocês próprios, portanto.

(Pausa prolongada.)

De certo modo, fisicamente, são uma linguagem molecular que comunica com os outros — mas uma linguagem com as suas próprias particularidades, como se falassem um idioma conhecido com um sotaque biológico que carrega um sabor e um significado próprios.

Quando perguntam: "*O que é a minha psique? Ou a minha alma? Quem sou eu?*", procuram, claro, um significado próprio que vá além daquilo que já sabem sobre vós mesmos. Nesse contexto, Deus é tão conhecido — e tão desconhecido — quanto vós próprios. Tanto Deus como a psique estão em constante expansão — inefáveis, e sempre em transformação.

Provavelmente perguntarão: "*A tornar-se em quê?*", pois parece-vos que todo o movimento tende para um estado de conclusão, de perfeição ou de libertação. A palavra "*tornar-se*" deixa-vos, por assim dizer, suspensos, sem definição. Se eu disser: "*Estão a tornar-se no que já são*", essa frase parecer-vos-á vazia de sentido — porque, se já são, como podem tornar-se naquilo que já está realizado?

Contudo, em termos mais amplos, aquilo que são é sempre maior do que o vosso conhecimento de vós mesmos — pois, na vida física, não conseguem acompanhar a vossa própria atividade psíquica e psicológica.

Mais uma vez: de certa forma, os vossos corpos falam uma linguagem biológica. Mas, nesses termos, são no mínimo bilíngues. Lida-se com certos tipos de organização que podem ser comparados a verbos, adjetivos e substantivos biológicos. Estes resultam em certas sequências temporais que podem ser comparadas a frases, escritas e lidas, digamos, da esquerda para a direita.

Imaginem que a vossa experiência de vida é uma página de um livro que escrevem, leem e vivem de cima para baixo, da esquerda para a direita, frase a frase, parágrafo a parágrafo. Esse é o "vocês" que conhecem — a vossa visão do mundo, tal como a entendem. Mas outros "vocês", igualmente válidos, podem escrever, ler e viver essa mesma página de trás para a frente, ou ler cada letra de cima para baixo e de baixo para cima, como se fosse uma coluna de números. Outros ainda podem misturar e reorganizar as letras de formas completamente diferentes, formando frases inteiramente novas.

Um “vocês” mais vasto poderia estar consciente de todos os diferentes métodos de experienciar essa página específica — que é a vossa vida, tal como a compreendem.

Acreditam que a vossa consciência é a única conclusão lógica da realidade do vosso corpo. Leem-se a vós próprios de uma forma específica e aceite. Mas, no “livro da vida”, mesmo em termos puramente físicos, existem inter-relações em níveis adjacentes que não percebem, pois outras porções da vossa própria consciência biológica — ou linguagem biológica — estão ligadas ao tecido vivo do mundo.

Fisicamente, estão vivos por causa de subestruturas psíquicas, espirituais e biológicas das quais têm pouquíssima compreensão. No entanto, estas estão implícitas na natureza da vossa própria consciência — que, de outro modo, não poderia existir como a conhecem.

Tal como a linguagem adquire significado tanto pelo que inclui como pelo que exclui, a vossa consciência adquire estabilidade também por via da exclusão. Aquilo que são está implícito na natureza daquilo que não são. E, pelo mesmo princípio, são o que são por causa da existência daquilo que não são.

(Pausa prolongada.)

Leem-se a vós próprios de cima para baixo — ou do que consideram o início até ao fim. A vossa realidade maior, contudo, é lida em termos de intensidades, de modo que a psique vos constrói de uma forma diferente. A psique não mede o tempo. Para ela, as experiências intensas da vossa vida existem em simultâneo. Nos vossos termos, seriam o “presente” da psique.

A psique lida com acontecimentos prováveis, por isso alguns eventos — talvez sonhos que nunca se concretizaram — são, para ela, bem mais reais do que muitos acontecimentos físicos triviais, como, por exemplo, o pequeno-almoço de ontem de manhã.

Os acontecimentos interiores da psique compõem a experiência maior da qual emergem os acontecimentos físicos. Eles lançam uma aura que, de forma quase mágica, torna a vossa vida verdadeiramente vossa. Mesmo que duas pessoas passassem exatamente pelos mesmos acontecimentos, ao mesmo tempo, as suas experiências da realidade ainda assim estariam muito pouco — ou quase nada — conectadas entre si.

Faz uma pausa.

Mais uma vez: leem as vossas identidades de uma forma muito particular e especializada. No entanto, dentro da vossa experiência biológica, as

consciências vegetal, mineral, animal e humana intersectam-se. Encontram-se umas às outras. Na linguagem do eu que falam, esses encontros são como as pausas implícitas na linguagem verbal. Essas outras formas de consciência formam ritmos interiores sobre os quais sobrepõem os vossos próprios.

Esses encontros de consciência acontecem constantemente. Criam o que se poderia chamar identidades adjacentes. Poderiam ser vistas como subespécies de consciência, talvez, mas são na verdade identidades que operam de forma trans-espécie.

Se lessem a vós próprios de forma “lateral”, por assim dizer, descobririam porções da vossa própria consciência a estenderem-se por todo o tecido da Terra — tornando-se parte do material do planeta, tal como esses materiais fazem parte do eu que reconhecem.

A vossa consciência estaria muito menos limitada. O tempo expandir-se-ia lateralmente. No entanto, tendem a ver-se fisicamente como estando “no topo”, separados das outras espécies e formas de vida — e assim, limitam a vossa própria experiência da psique.

Se pensassem ou sentissem de outra forma, apreciariam o facto de que, biologicamente, o vosso corpo vos pertence graças à vida mineral, vegetal e animal da qual retira sustento. Não se sentiriam aprisionados, como muitas vezes acontece, dentro de uma única forma corporal — pois compreenderiam que o corpo mantém a sua estabilidade relativa graças à constante troca com os materiais da Terra, que também possuem consciência.

Poderiam, até certo ponto, sentir o vosso corpo a compor-se e a dispersar-se constantemente, e compreender como flutuam dentro dele sem receio de aniquilação no seu desmantelamento.

(Pausa prolongada.)

Quando perguntam: “*Quem sou eu?*”, estão a tentar ler-se como se fossem uma frase simples já escrita. No entanto, estão a escrever-se a cada momento. A frase que reconhecem é apenas uma de muitas variações prováveis. Só vós escolheis quais as experiências que querem concretizar. Fazem-no com a mesma espontaneidade com que falam.

Assumem que uma frase iniciada será sempre terminada. Estão no meio do ditado que é a vossa vida. E essa fala, essa expressão, parece surgir por si só, pois não estão conscientes do esforço de se *manterem vivos*. *O vosso coração bate independentemente de saberem ou não anatomia.*

(Pausa prolongada.)

Concede-nos um instante... Lêem-se a vós próprios de forma demasiado limitada. Grande parte da dor associada a doenças graves e à morte resulta da vossa falta de fé na continuidade da vossa própria realidade. Lutam contra a dor porque não aprenderam a transcendê-la — ou melhor, a utilizá-la. Não confiam na consciência natural do corpo. E assim, quando o fim se aproxima — e esse fim é inevitável — não confiam nos sinais do corpo que existem para vos libertar.

Certos tipos de dor ejetam automaticamente a consciência do corpo. Essa dor não pode ser expressa verbalmente, pois é uma mistura de dor e prazer, um libertar que rasga, e que provoca automaticamente uma libertação da consciência quase extasiante. Essa dor é também muito breve. No vosso sistema atual, no entanto, são normalmente administradas drogas — e nesse caso, a dor é suavizada mas prolongada, sem acionar os mecanismos naturais de libertação.

Se se lessem de forma lateral, adquiririam confiança no corpo e nas consciências cooperativas que o formam. Teriam uma percepção íntima dos processos de cura do corpo. Não temeriam a morte como aniquilação, e sentiriam a vossa consciência a desenlaçar-se suavemente daquelas outras consciências que tão graciosamente a sustentaram.

Façam uma breve pausa e continuaremos.

(Seth pediu uma pausa aqui porque o telefone começou a tocar; tínhamo-nos esquecido de o desligar antes da sessão. Voltou às 23h23 com uma ou duas páginas para mim e para a Jane, e depois terminou a sessão.)

SESSÃO 780 — 22 DE JUNHO DE 1976

(Ao prepararmo-nos para a sessão, a Jane lembrou-me que achava que o Seth faria esta noite uma introdução para o seu livro sobre Paul Cézanne. Esse pressentimento surgiu-lhe mais cedo, ao longo do dia. "Não seria hilariante?", riu-se ela. "Mas eu já fiz introduções para os livros do Seth, por que razão ele não haveria de fazer uma para um meu?"

E sim, o material de Cézanne mencionado anteriormente — ver a introdução da Jane em *Psyche* — tinha-se desenvolvido num verdadeiro livro autónomo.

Nota de interesse: A zona envolvente a Elmira sofreu algumas inundações hoje, embora a cidade em si não tenha sido muito afetada. De qualquer forma, a Jane e eu estávamos em segurança, secos na nossa colina — um contraste total com as nossas experiências durante a grande inundação de 1972, descrita em *A Natureza da Realidade Pessoal*. Depois desse evento, decidimos que uma inundação era uma realidade que dispensávamos!)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Ditado.

(Pausa prolongada.)

São parte do mundo, e, no entanto, são vocês próprios. Isso não vos confunde — e seguem o vosso sentido de identidade sem dificuldade, mesmo estando constantemente rodeados por outros indivíduos.

Usando isto como analogia, são parte da vossa psique — ou da vossa alma — habitando nela, seguindo com facilidade o vosso sentido de identidade, mesmo que essa psique contenha outras identidades para além daquela que consideram como sendo a vossa.

Retiram sustento do mundo e crescem através dele. Contribuem com as vossas capacidades e experiências, ajudando a formar a civilização e a cultura do mundo. Mantêm, numa medida significativa, a mesma relação com a vossa própria psique.

Através dos meios normais de comunicação, conseguem saber o que se passa noutros países para além do vosso, mesmo sem lá irem. As transmissões noticiosas dão-vos a conhecer as condições do mundo. Ora, também existem “transmissões” interiores constantes — às quais, no entanto, não estão conscientemente sintonizados. Estas mantêm-vos em contacto contínuo com outras porções da vossa psique.

São tão parte do mundo que cada ação vossa contribui para a sua realidade. A vossa respiração altera a atmosfera. Os vossos encontros com os outros mudam o tecido das suas vidas — e das vidas de todos os que entram em contacto com eles.

É fácil perceberem como as células formam o corpo — compreendem, pelo menos, a natureza cooperativa da atividade celular. Uma alteração numa célula provoca imediatamente mudanças nas outras, influenciando o comportamento do corpo.

É, no entanto, mais difícil compreenderem como as vossas ações e as dos outros se combinam para originar os acontecimentos mundiais. Por um lado, cada um dos meus leitores é apenas um indivíduo vivo no planeta num dado “momento”. Pode parecer que o indivíduo tem pouco poder.

Por outro lado, cada indivíduo vivo é absolutamente necessário. É verdade dizer que o mundo começa e termina com cada pessoa. Ou seja, cada ação vossa é tão importante, contribuindo para a experiência de outros que nem conhecem, que cada pessoa é como um centro em torno do qual o mundo gira.

Se não tivessem feito o que fizeram hoje, por exemplo, o mundo inteiro estaria, de algum modo, diferente.

Os vossos atos irradiam para fora de formas que não compreendem, interagindo com a experiência dos outros e, por isso mesmo, moldando os acontecimentos do mundo. A pessoa mais famosa e a mais anónima estão ligadas através desse tecido, e uma ação aparentemente pequena e inofensiva pode acabar por mudar a história — tal como a compreendem.

As crianças sentem muitas vezes que o mundo e o tempo começaram com o seu nascimento. Aceitam o passado do mundo com base na fé. Em termos muito importantes, esse sentimento é bastante legítimo, pois ninguém pode experienciar o mundo a partir de outro ponto de vista que não o seu, nem afetá-lo senão através da ação pessoal. Em conjunto, essas ações individuais causam, obviamente, os acontecimentos mundiais.

Em termos metafísicos, o vosso ser reside na psique ou na alma de maneira semelhante. As identidades são, primariamente, ambientes psíquicos — e não físicos. Objetos físicos não podem atravessar-se uns aos outros — uma mesa não pode atravessar uma cadeira. Os eventos mentais, porém, comportam-se de forma diferente. Podem misturar-se e fundir-se, atravessar-se mutuamente e ainda assim manter o seu foco. Interação em níveis psíquicos da mesma forma que os acontecimentos interagem em níveis físicos — mas sem as restrições do corpo.

Apesar de serem uma porção da vossa psique, a vossa identidade permanece inviolável. Não será submersa nem anulada num “eu maior”. Carrega em si um selo — uma marca divina — da sua integridade. Segue o seu próprio foco e reconhece-se como sendo ela própria, mesmo que a sua existência possa ser apenas uma parte de uma identidade mais ampla.

Além disso, nada impede essa identidade de explorar essa identidade maior — ou de “entrar nela”, por assim dizer. Quando isso acontece, ambas as identidades são transformadas.

Em termos mais amplos, a psique — ou alma — não existe como um produto ou entidade acabada. Está sempre em processo de tornar-se, e esse tornar-se acontece por ação de cada uma das suas porções.

A vossa própria postura física e existência dependem de porções da realidade da vossa psique — ou da existência da vossa alma — das quais normalmente não estão conscientes. No entanto, essas porções dependem também da vossa existência.

(Pausa prolongada.)

Tomam a vossa respiração e os vossos movimentos como garantidos, embora sejam produzidos inconscientemente.

Contudo, em certos termos, “em tempos”, tiveram de aprender a fazer essas coisas com que agora não se preocupam conscientemente. E, em outros níveis de realidade, atividades que hoje reivindicam como vossas tornaram-se, nesses mesmos termos e a partir de outro ponto de vista, inconscientes — fornecendo uma história psíquica a partir da qual outras identidades emergem, tal como a vossa identidade parece emergir da atividade corporal inconsciente.

Façam uma pausa.

("É um material difícil de captar", disse a Jane, apesar de a sua entrega ter sido fluída. "É daquelas coisas que se vão desenrolando à medida que se avança. Muito difícil de verbalizar...")

Em termos muito específicos, a existência de uma pessoa implica a existência de todas as outras que já viveram ou que virão a viver. A vossa própria existência está, portanto, implícita na de todos os outros — e a deles na vossa.

Disse que as línguas ganham significado, em grande parte, pelas pausas e hesitações entre os sons. Ganham também significado pelos sons que **não** são usados — de modo que qualquer língua falada implica a existência de todas as outras. Nesse sentido, todas as outras línguas residem silenciosamente dentro de qualquer língua dada.

O mesmo se aplica à linguagem escrita numa página. Os caracteres escritos fazem sentido por causa da sua disposição e, precisamente, por terem sido escolhidos em detrimento de outros que não aparecem. Da mesma forma, a vossa existência focada depende de todas aquelas outras existências que não são vós. São parte delas. Montam-se sobre elas, por assim dizer, ainda que, principalmente, sejam vós próprios e nenhum outro.

Mas o mesmo se aplica, também, a todas as outras pessoas. Cada uma delas torna-se um foco primário ou identidade dentro da qual todas as outras estão implícitas.

Em termos comuns, não “fazem a vós mesmos”. São como uma linguagem viva falada por alguém que não a criou — a linguagem estava lá para ser usada. A linguagem, neste caso, é molecular — fala o vosso ser físico. Os componentes dessa linguagem, ou os elementos da Terra que formam o corpo, já estavam criados quando nasceram, tal como o alfabeto da vossa língua particular esperava para ser usado.

A vossa vida física, então, implica uma “fonte” — uma vida da qual a vida física emerge — a vitalidade implícita, não falada, não materializada, não expressa, que fornece os ingredientes para o “alfabeto” físico, corporal, molecular.

A vossa vida física implica, portanto, uma existência não física.

Tomam a vossa linguagem pessoal como garantida, e usam-na com tal facilidade que não pensam sequer no facto de ela implicar outras línguas, ou que o seu significado depende de pressupostos interiores que nunca são verbalizados — ou das pausas onde nenhum som é emitido.

Vivem as vossas vidas da mesma maneira.

Existem muitas línguas, embora a maioria das pessoas fale apenas uma ou duas, três no máximo. As línguas também têm sotaques, cada um ligeiramente diferente, mantendo, contudo, a integridade da língua original.

Até certo ponto, podem aprender a “falar-se” com sotaque, por assim dizer — (digamos que sorri) — sendo ainda quem são, mas permitindo-se tomar algumas qualidades de outra “língua”. Podem ler o mundo de uma forma diferente, mantendo ainda a vossa identidade, ou podem mover-se para um “país interior” de vós próprios, que fala a vossa língua nativa, mas com uma inflexão diferente.

Fazem isso, em certa medida, sempre que sintonizam transmissões internas às quais normalmente não prestam atenção. As notícias são ligeiramente estrangeiras, mesmo que interpretadas através da linguagem que conhecem. Estão a receber uma tradução da realidade.

A psique, sempre num estado de vir-a-ser, obviamente não tem limites definidos. A existência de um, repito, implica a existência de todos, e assim qualquer psique torna-se proeminente também por causa da existência das outras sobre as quais assenta a sua realidade.

Um canal de televisão existe da mesma forma: se um não pudesse ser sintonizado, teoricamente, nenhum poderia.

Estas comunicações interiores estendem-se, então, em todas as direções. Cada identidade tem validade eterna dentro da realidade maior da psique.

A um determinado nível, então, qualquer pessoa que contacte a sua psique pode, em teoria, contactar qualquer outra.

A vida implica a morte, e a morte implica a vida — isto nos termos do vosso mundo. Nesses termos, a vida é um elemento falado, enquanto a morte é o elemento não verbalizado, mas ainda presente, “por baixo”, sobre o qual a vida assenta. Ambos estão igualmente presentes.

Para aceder conscientemente a conhecimento que vai além do que normalmente está disponível, prestem atenção às pausas, aos elementos implícitos na linguagem, a qualquer qualidade sentida sobre a qual repousam as experiências reconhecíveis da vida.

Há todo o tipo de informação disponível para vós, mas ainda assim deve ser percebida através do vosso foco ou identidade.

Disse que todos os eventos ocorrem ao mesmo tempo — uma afirmação difícil de compreender. Todas as identidades também ocorrem simultaneamente. Cada evento altera todos os outros. Os acontecimentos presentes alteram os passados. Cada evento implica a existência de acontecimentos prováveis que não “emergem”, que não são “falados”.

Os acontecimentos do mundo físico, portanto, assentam na existência de eventos prováveis implícitos. Línguas diferentes usam os sons à sua maneira, com ritmos próprios, acentuando o que outras ignoram. Outras probabilidades, portanto, destacam acontecimentos que são apenas sugeridos (como pausas) na vossa realidade, de modo que os vossos eventos físicos tornam-se os eventos prováveis implícitos sobre os quais assentam outros mundos.

Façam uma pausa.

Bem: Ditado — de outro tipo — para o livro do Ruburt. Vamos começar uma Introdução.

(Neste momento, Seth passou do seu próprio livro para este novo tema — A Visão de Mundo de Paul Cézanne, de Jane — com facilidade e entusiasmo visíveis. Foi a primeira vez nas nossas sessões que ele ditou material para dois livros numa só noite. No entanto, não terminou o trabalho de Cézanne nesta sessão.)

A sessão terminou às 23h41.

(O Seth dedicou a primeira parte da sessão à continuação da introdução para o livro de Jane sobre Cézanne — e ainda não concluiu esse material.)

Ora bem — ditado para o livro — o meu livro.

Por assim dizer, usam a linguagem dos átomos e das moléculas de uma forma íntima e pessoal. Marcam o universo. Deixam-lhe uma impressão, um “selo”, um carimbo com a vossa identidade. Daí em diante (entre parêntesis: nesses termos), o universo reconhece-vos sempre como sendo vós — e não outro. São, portanto, conhecidos.

Em termos mais vastos, enquanto falam a vossa própria linguagem, o universo também “fala a vossa” — à medida que se traduz constantemente para a vossa percepção individual.

Lembrem-se de que disse que vivem na vossa psique de forma semelhante a como habitam fisicamente o mundo. Esse mundo tem muitas línguas. Fisicamente, são como um país dentro da vossa psique, com uma linguagem própria.

As pessoas estão sempre à procura de linguagens-mãe — ou de uma em particular da qual todas as outras tenham emergido. De certa forma, o latim é uma linguagem-mãe. Da mesma forma, as pessoas procuram deuses, ou um Deus de onde todas as psiques tenham surgido.

Aqui estão a procurar a fonte implícita, a “pausa” invisível e não verbalizada, a organização interior que dá à linguagem — ou ao eu — um veículo de expressão.

As línguas acabam por tornar-se arcaicas — certas palavras desaparecem por completo numa língua, mas surgem em forma alterada noutra. No entanto, todas as línguas da Terra estão unidas por características comuns — pausas e hesitações sobre as quais assentam os diferentes sons. Até mesmo as variações dessas pausas entre línguas fazem sentido apenas por causa de um ritmo interior implícito, mas não declarado.

Os deuses históricos tornam-se, da mesma forma, arcaicos. As suas diferenças são frequentemente óbvias.

Quando aprendem uma língua, parece envolver-se um grande mistério. Quando tentam aprender sobre a natureza da psique, existe uma aura ainda maior do desconhecido. As porções desconhecidas da psique e os seus horizontes alargados foram, por isso, frequentemente percecionados como

deuses, ou como as grandes psiques das quais o “eu” emergiu — tal como o latim é a origem das línguas românicas.

Dêem-nos um momento...

Ao usarem a linguagem comum, comunicam com os outros. Escrevem histórias e mensagens. Muitos livros são feitos para serem lidos e não falados em voz alta. Através da linguagem escrita, portanto, a comunicação é vastamente ampliada.

No contacto direto, no entanto, não só ouvem a linguagem falada de outro, como também estão perante a pessoa comunicadora. A linguagem falada é adornada com sorrisos, expressões, gestos — tudo isso acrescenta ao significado da palavra.

Frequentemente, ao lerem um livro, murmuram silenciosamente as palavras, como se estivessem a reforçar o seu conteúdo simbólico com uma imediatismo emocional.

A linguagem da psique, no entanto, é muito mais rica e variada. As suas “palavras” ganham vida. Os seus “verbos” movem-se realmente — não apenas significam movimento, **são** movimento (com ênfase). Os seus “substantivos” tornam-se aquilo que significam. As suas declinações são multidimensionais. Os seus verbos e substantivos podem tornar-se intercambiáveis.

De certo modo, a psique é a sua própria linguagem. Em qualquer momento, todos os seus tempos verbais são tempos presentes. Por outras palavras, tem inúmeros tempos — todos no presente.

Dentro dela, nenhuma “palavra” morre ou se torna arcaica. **Essa linguagem é a experiência.**

Psiquicamente, podem — e não podem — dizer que há uma fonte. O simples facto de questionarem: “*Existe um Deus? Uma Fonte?*” revela que estão a formular mal a questão.

Do mesmo modo, ao perguntarem: “*Existe uma linguagem-mãe?*”, fica evidente que ainda não compreenderam o que é verdadeiramente a linguagem. Caso contrário, saberiam que a linguagem depende de outras implícitas — e que essas duas, ou todas elas, são simultaneamente distintas e inseparáveis. Estão tão interligadas que é impossível separá-las, mesmo que o vosso foco esteja apenas numa delas.

Assim, a psique e a sua fonte — ou o indivíduo e Deus — são inseparáveis e interconectados, e a tentativa de encontrar um sem o outro confunde automaticamente a questão.

Façam uma pausa.

(A entrega da Jane foi bastante concentrada. Durante a pausa, comentou que o material de Cézanne dado por Seth viria em duas partes — uma sobre visões de mundo, outra sobre Cézanne e as visões de mundo. “Então como é que vou chamar o livro?”, perguntou.)

O mundo físico **implica** a existência de um Deus. A existência de Deus **implica** também a existência de um mundo físico. Esta afirmação implica o que não é dito — e o inverso também é válido.

Negar a validade ou importância do indivíduo é, por conseguinte, negar também a validade de Deus — pois ambos existem **um dentro do outro**, e não podem ser separados.

De um extremo da realidade, gritas: “*Onde está Deus?*”, e do outro extremo vem a resposta:
“Eu sou Eu.”

(Ponham “Eu” com letra maiúscula.)

Do outro lado da realidade, Deus grita: “*Quem sou Eu?*”, e encontra-Se **em vós**.

São, portanto, parte da fonte — tal como tudo o que é manifesto também o é. Porque Deus é, vós sois. Porque vós sois, Deus é.

Ao nível consciente, é claro que não são tudo o que Deus é — pois isso pertence à parte não declarada, não manifestada de vós. O vosso ser assenta nessa realidade implícita, como uma letra do alfabeto repousa sobre as estruturas interiores que o seu próprio símbolo implica.

Nesses termos, as vossas partes não expressas “estendem-se para trás” até uma Fonte a que chamam Deus — tal como as línguas podem ser rastreadas até às suas origens.

As linguagens-mãe podem ser comparadas aos deuses históricos.

Cada pessoa viva é uma parte do Deus vivo, sustentada na vida pelo magnífico poder da natureza — que é Deus traduzido nos elementos da Terra e do universo.

Fim da ditado.

Dêem-nos um momento...

(Depois, Seth deu algum material pessoal para a Jane e encerrou a sessão.)

SESSÃO 782 — 5 DE JULHO DE 1976

Bem: ditado.

A vossa linguagem quotidiana lida com separações, divisões e distinções. Em certa medida, organiza os vossos sentimentos e emoções.

A linguagem da psique, no entanto, tem à sua disposição muitos mais símbolos — que podem ser combinados de formas muito mais vastas do que as simples letras de um alfabeto.

Na linguagem do dia a dia, os objetos têm nomes. Obviamente, os nomes não são os objetos, mas símbolos dos mesmos. Mesmo esses símbolos, contudo, separam-vos do resto do mundo — tornam-no objeto.

Conseguem compreender muito mais sobre a natureza da psique do que julgam. Para isso, no entanto, é necessário deixarem de lado a linguagem habitual — mesmo que apenas por momentos — e prestarem atenção aos vossos sentimentos e à imaginação.

A vossa linguagem diz-vos que certas coisas são verdade, ou “factos”, e que outras não o são. Muitos dos vossos sentimentos mais vívidos e comoventes **não se enquadram nos factos da linguagem**, por isso são ignorados. No entanto, essas experiências emocionais expressam frequentemente a linguagem da psique.

Não é que a compreensão da psique vos esteja vedada. Na maioria das vezes, é o facto de tentarem compreendê-la da forma mais difícil: através da linguagem diária.

A imaginação pertence à linguagem da psique. Por isso, muitas vezes oferece experiências que colidem com os pressupostos básicos em que a linguagem comum assenta. E por isso mesmo, a imaginação é frequentemente vista com desconfiança.

Podem estar sozinhos à porta de casa, ou num campo — ou até numa rua movimentada de cidade — olham para o céu, subitamente tocados pela vastidão das nuvens que se movem, e sentem-se parte delas.

Podem, nesse instante, sentir um anseio profundo, ou notar as vossas emoções invadidas por essa mesma grandeza em movimento — de tal modo que, por um momento, vós e o céu parecem ser um só.

(Pausa.)

A linguagem quotidiana, no entanto, diz-vos — e pensam segundo os seus padrões — que a vossa imaginação vos está a pregar partidas, pois é óbvio que vocês são uma coisa e o céu é outra.

Vós e o céu não são equivalentes — ou, como diria o amigo Spock (*divertido*): *“Isso não é lógico.”*

Esse sentimento desvanece-se rapidamente, deixando-vos apenas com um leve assombro.

Podem sentir-se espiritualmente renovados, mas, regra geral, não considerariam esse sentimento como uma afirmação de uma realidade legítima, ou como uma representação da existência da vossa psique. No entanto, as emoções e a imaginação dão-vos o contacto mais próximo com outras porções da vossa própria realidade. E libertam também o vosso intelecto, para que os seus poderes não fiquem limitados por conceitos que vos ensinaram como sendo verdadeiros.

Tais conceitos são apenas relativamente verdadeiros — verdadeiros de forma **operacional**. Por exemplo, as leis físicas que conhecem operam no vosso plano. São verdadeiras, **relativamente** falando. Nesses termos, são uma pessoa fisicamente objetivada, a olhar para cima — na cena há pouco descrita — para um céu também objetivado. Pesam um certo número de quilos, inclinam a cabeça a determinado ângulo para observar o céu, e, fisicamente, podem ser classificados.

Do mesmo modo, as nuvens podem ser medidas, e demonstrar-se que estão a tal altura — compostas por ventos com determinada velocidade, prontas para derramar uma quantidade precisa de chuva ou o que for. Fisicamente falando, estão separados das nuvens — e, nesses termos, a vossa experiência momentânea de união com elas pareceria uma mentira — pelo menos não factual, ou "produto da vossa imaginação".

Mas esse acontecimento é uma expressão direta do conhecimento da psique. Ela sente a sua identificação legítima com a natureza, exerce a sua mobilidade e sente o poder emocional a expandir-se. As vossas emoções, nesse

momento, seriam ampliadas — elevadas, por assim dizer, a uma potência superior.

Existem inúmeros exemplos semelhantes — pois a vossa psique vos dá, todos os dias, provas da sua existência mais vasta — provas que são ensinados a ignorar, ou a descartar, por não serem factuais.

“O que é imaginário não é verdadeiro.”

Ensina-se-vos isso em crianças.

No entanto, a imaginação liga-vos a outro tipo de verdade, ou a outro enquadramento em que a experiência pode ser percecionada legitimamente. As verdades maiores da psique existem nessa dimensão. Dela, escolhem os vossos factos físicos.

Os pensamentos são reais.

Nem todos os pensamentos, claro, se transformam em ações físicas. Apesar de versões distorcidas dessa afirmação, existe ainda uma clara distinção, por exemplo, entre pensar em adultério e praticá-lo fisicamente.

Não podem tratar os pensamentos e a imaginação de forma tão literal — nem, em grande medida, devem tentar “vigiar os vossos pensamentos” como se fossem rebanhos de animais que querem manter de raça pura.

Os vossos pensamentos, sim, formam a vossa realidade.

Mas, se não os temerem, eles encontram os seus próprios equilíbrios.

A psique habita numa realidade tão diferente da que costumam reconhecer que aí, conceitos como o bem e o mal são também vistos como relativamente verdadeiros — operacionais, como a diferença entre o observador e o objeto observado.

Façam uma pausa.

(“Não senti necessariamente que estivesse muito conectada esta noite”, disse a Jane, apesar de a sua entrega ter sido fluida e o material excelente.)

Os sonhos, ensinaram-vos, são acontecimentos imaginários. Mas, em termos mais amplos, é fútil perguntar se os sonhos são ou não verdadeiros — porque simplesmente são.

Consideram um sonho verdadeiro, no entanto, se os seus acontecimentos mais tarde ocorrerem na realidade. Na vida da psique, um sonho não é mais nem menos “verdadeiro”, aconteça ele ou não na vigília.

Os acontecimentos do sonho dão-se num contexto diferente — um contexto da imaginação. Aí, experienciam uma realidade válida que existe por si — onde a linguagem da psique é expressa com maior liberdade.

Alguns de vós tentam recordar os sonhos. Mas nenhum de vós tem de se relacionar com a realidade do sonho como têm com a vida física.

Contudo, em certa medida, formam acontecimentos físicos enquanto sonham. Nessa liberdade, livres das limitações da vigília, processam a vossa experiência, pesam-na segundo as vossas intenções e propósitos, e correlacionam-na com informação tão vasta que não poderia ser acedida conscientemente.

Na maioria dos sonhos, não pensam apenas numa situação. Tornam-se parte dela, imaginativamente. É real de todas as formas, exceto no plano factual físico.

Quando encontram um “facto”, estão a encontrar a parte final de um determinado tipo de criatividade. A psique, no entanto, é responsável por trazer os factos à existência.

Nessa realidade, um suposto facto pode ser tão verdadeiro como falso.

O sonho que se lembram é **já uma tradução** de uma experiência mais profunda.

É-vos apresentado de forma a fazer a ponte entre a percepção da psique e a do vosso “eu” que sonha.

Os sonhos funcionam como dramas, transferindo a experiência de um nível da psique para outro.

Durante certas fases do sono, a vossa experiência alcança áreas de ser tão vastas que o sonho serve como tradução dessa vivência.

O poder de sonhar nasce dessa fonte. Sonhar não é uma atividade passiva. Exige uma mistura peculiar e distinta de vários tipos de consciência — e a transformação da “percepção não física” em símbolos e códigos que possam ser compreendidos sensorialmente, embora não diretamente vividos como na vigília.

Tomam o ato de sonhar por garantido. Mas ele é fruto de uma capacidade que está por detrás do próprio sentimento subjetivo que chamam de consciência.

Sem essa capacidade, a vossa consciência habitual não seria possível.

Uma linguagem falada, mais uma vez, depende de todas as outras línguas possíveis de serem faladas — e assim os seus sons ganham proeminência e ordem por causa dos silêncios e pausas entre eles.

Do mesmo modo, a vossa consciência desperta depende do que chamam de sono ou de consciência sonhadora. Ela eleva-se à proeminência de forma semelhante — montada sobre outras versões possíveis de si própria, atenta apenas por causa — nos vossos termos — das pausas ocultas dentro da sua própria atenção.

A capacidade de sonhar pressupõe a existência de experiências que não se definem como factos físicos. Pressupõe uma liberdade muito maior, em que a percepção não depende do espaço ou do tempo; uma realidade em que os objetos aparecem ou desaparecem com igual facilidade; uma estrutura subjetiva onde o indivíduo expressa livremente o que quiser — da forma mais direta — sem contacto físico, nos termos habituais.

Essa realidade representa a vossa origem — e é o ambiente natural da psique.

As vossas crenças, o vosso contexto cultural e, até certo ponto, a vossa linguagem, erguem barreiras que fazem com que essa dimensão onírica vos pareça irreal. Mesmo quando se encontram nas mais vívidas aventuras de sonho, ou fora do corpo durante o sono, não dão a essas experiências a mesma validade que dão às da vigília. Façam uma pausa.

Subjetivamente falando, estão rodeados por toda a vossa realidade mais vasta — mas não olham nos sítios certos. Foram ensinados a não confiar nos sentimentos, nos sonhos, ou na imaginação — precisamente porque estes muitas vezes não se encaixam na realidade aceite dos factos. Mas são eles os criadores dos factos. De modo nenhum pretendo diminuir o intelecto. Mas é aqui que a tirania do mundo dos factos exerce o seu maior domínio.

O intelecto foi-lhe negado o voo. O seu campo de ação foi limitado, porque só lhe deram “factos” com que trabalhar. Biologicamente, são plenamente capazes de lidar com a realidade do sonho e da vigília, e de formar uma síntese muito mais eficaz entre ambas.

Todos os vossos impulsos criativos surgem dessa dimensão oculta — os mesmos impulsos que ergueram as vossas maiores cidades, a vossa tecnologia, e o cimento físico que une o mundo organizado pela cultura. Esses impulsos criativos estão por detrás das vossas línguas.

No entanto, muitas vezes, usam a linguagem para silenciar, em vez de libertar a comunicação interior.

Sempre existiram ritmos na consciência que não são historicamente óbvios. Em certos períodos, determinados comportamentos expressaram-se mais no estado de vigília, noutros, mais no estado de sonho. O ênfase nunca é estático, mas está sempre em mudança.

Em alguns períodos, o comportamento normal era mais onírico, enquanto os desenvolvimentos mais específicos aconteciam no estado de sonho — que era então o mais claro e definido dos dois.

O homem ia dormir para trabalhar, por assim dizer — e o domínio dos sonhos era considerado mais real do que a realidade da vigília.

Hoje, o oposto é tido como verdadeiro. Fim da sessão. Com os meus melhores cumprimentos. Desejo-vos experiências excitantes nos sonhos que terão esta noite — agora que vos expliquei como é que se faz (divertido).

("Está bem. Obrigado, Seth. Boa noite.")

CAPÍTULO 8

SONHOS, CRIATIVIDADE, LÍNGUAS E “CORDELLAS”

SESSÃO 783 – 12 DE JULHO

Agora: Ditado.

("Está bem.")

Próximo capítulo, que creio ser o oitavo: “Sonhos, Criatividade, Línguas e ‘Cordellas’.” Podes colocar *Cordellas* entre aspas.

Ainda que não tenham consciência disso, gerem as vossas vidas subjetivas de uma forma bastante circular. Imaginem que o momento presente é como uma roda, com a vossa concentração no centro. Para manterem o que pensam ser o impulso do tempo, o cubo (ou centro) está ligado por raios à estrutura circular exterior. De outro modo, o centro por si só não vos levaria a lado nenhum, e o vosso “momento” nem sequer daria um passeio aos solavancos.

No entanto, a vossa jornada pelo tempo parece decorrer suavemente: a roda gira sempre para a frente.

Pode também girar para trás, mas como estão focados num movimento progressivo, voltar atrás pareceria desviar-vos do propósito. O movimento para a frente leva-vos ao futuro, saindo do passado de onde pareceis emergir. Assim, traçam uma rota linear pelo tempo — sem perceberem que é o movimento circular da roda que vos permite avançar nesse “caminho”.

O cubo do presente é, portanto, sustentado por “raios”. Estes nada têm a ver com as vossas ideias de causa e efeito. Representam, antes, o movimento circular da vossa própria psique, tal como ela aparenta progredir no tempo.

Cada momento presente da vossa experiência depende tanto do futuro como do passado, da vossa morte tanto quanto do vosso nascimento. O vosso nascimento e a vossa morte estão, por assim dizer, embutidos um no outro, cada um implícito no outro.

Não poderiam morrer se não fossem do tipo de criatura que nasce — nem poderiam ter um momento presente tal como o entendem. O vosso corpo está consciente da morte no momento do nascimento, e do nascimento no momento da morte — pois todas as possibilidades de ação ocorrem entre esses dois polos. A morte é, portanto, tão criativa como o nascimento, e tão necessária à ação e à consciência, nos vossos termos.

(Pausa.)

Contudo, não é assim tão simples, pois vivem no meio de inúmeras pequenas mortes e nascimentos, constantemente, que são registadas pelo corpo e pela psique. Conscientemente, estão geralmente alheios a elas. O pensamento lógico, baseado nas definições habituais, funciona segundo causa e efeito, e depende de uma sequência linear de tempo como estrutura. Constrói-se passo a passo. Está entrelaçado na vossa linguagem.

Segundo esse pensamento lógico, podem dizer: *"Vou a uma festa hoje porque fui convidado na semana passada e disse que iria."* Isso faz sentido.

Mas não podem dizer: *"Vou a uma festa hoje porque vou conhecer lá uma pessoa que será muito importante para a minha vida daqui a cinco anos."* Isso não faz sentido segundo o pensamento lógico ou a linguagem comum, pois neste último exemplo, a causa e o efeito existiriam simultaneamente — ou, pior, o efeito viria antes da causa.

No entanto, em todos os níveis que não o da consciência habitual, lidam de forma muito eficaz com probabilidades. As células mantêm a sua integridade escolhendo uma probabilidade entre muitas. O presente — o cubo da roda — é apenas um presente proeminente, operacionalmente válido.

Causa e efeito, tal como os concebem, aparecem apenas por causa do movimento relativo da roda, na nossa analogia.

Quando os vossos olhos estão fixos na estrada do tempo, esquecem-se do movimento circular do vosso ser. Mas quando sonham ou dormem, o mundo da causa e efeito desaparece ou parece confuso e caótico. As imagens do dia misturam-se, combinam-se de modo diferente. As regras conhecidas que regem o comportamento de criaturas e objetos parecem já não se aplicar. O passado, o presente e o futuro fundem-se numa aliança estranha, na qual — se estivessem acordados — perderiam todo o sentido de orientação mental.

A natureza circular da psique, então, revela-se até certo ponto. Quando pensam nos sonhos, tendem a focar-se apenas nesses aspetos: comentam as atividades estranhas, as justaposições incomuns, o carácter bizarro da vida onírica. Poucos se deixam tocar pela ordem inerente aos seus sonhos, ou se impressionam com a contenção necessária para que acontecimentos por vezes espetaculares ocorram num espaço físico tão restrito. Por exemplo, num sonho de 20 minutos, podem viver acontecimentos que, na realidade física, levariam anos a acontecer. O corpo envelhece apenas esses 20 minutos — e nada mais.

Nos sonhos, a experiência é periférica — toca o vosso tempo, deixa ondulações, mas os acontecimentos do sonho existem, em grande parte, fora do tempo. A experiência onírica é ordenada de forma circular. Às vezes, nem chega a tocar o centro do vosso momento presente — tal como o definem — e não entra na vossa memória; mas o sonho existe, e é registado a todos os outros níveis do vosso ser — inclusive ao nível celular.

(Pausa prolongada.)

Traduzem sempre a experiência em termos que conseguem compreender. Claro que essa tradução é real. O sonho de que se lembram já é uma tradução, mas é vivida. Assim como uma língua que conhecem depende de outras línguas, de pausas e silêncios implícitos, o sonho que experienciam e recordam é uma afirmação da psique a emergir — mas também depende de outros acontecimentos que não recordam, e que a vossa consciência, tal como agora opera, precisa automaticamente de traduzir para os seus próprios termos. Façam uma pausa.

Agora: A nível físico, o vosso corpo reage a informações do ambiente com as quais não estão conscientemente preocupados. Contudo, essa informação é altamente importante para a integridade do corpo — e, portanto, para a vossa postura mental.

Ao nível celular, o corpo tem uma imagem não só da sua condição presente, mas de todos os aspetos do ambiente físico que afetam essa condição. Na sua própria codificação, o corpo não está apenas consciente do clima local, por exemplo, mas de todos os padrões climáticos mundiais de que depende a área local.

Prepara-se, assim, com antecedência, para lidar com os ajustes necessários. Avalia probabilidades. Reage a pressões de várias ordens. Estão conscientes da pressão através do tato, por exemplo — mas noutra versão desse mesmo sentido, as células reagem à pressão do ar. O corpo conhece com precisão extrema as medições relacionadas com radiações de todos os tipos.

A um certo nível, então, o corpo possui a sua própria imagem da realidade, sobre a qual se assenta a vossa realidade consciente — embora os termos dessa percepção corporal sejam tão diferentes que se tornam incompreensíveis para a vossa mente consciente. A vossa ordem consciente, portanto, “viaja montada” sobre esse conhecimento circular mais vasto.

De forma geral, a psique tem o mesmo tipo de compreensão instantânea e global dos acontecimentos psicológicos e ambientes que o corpo tem dos físicos. A psique está ciente do vosso clima psicológico geral — localmente, naquilo que vos diz respeito, e em termos mundiais. As vossas ações decorrem com tal fluidez que nem percebem a ordem que as sustenta.

Uma erupção vulcânica, num canto do mundo, acabará por afetar todo o planeta. Uma erupção emocional fará o mesmo noutra dimensão, alterando o ambiente local, mas também emitindo ondas de impacto no ambiente psicológico coletivo. A imagem da realidade da psique, então, seria igualmente incompreensível para a mente consciente — devido ao intenso foco na singularidade que essa mente exige.

Os vossos sonhos, no entanto, dão-vos por vezes vislumbres dessa imagem maior.

(Pausa prolongada.)

Tomam consciência de probabilidades — às vezes na forma de ações que parecem não ter ligação com a vossa vida, mas que estão relacionadas no grande esquema de interação que normalmente não compreendem.

Novo parágrafo. Quando crescem de bebé para adulto, não crescem apenas para cima: crescem em todas as direções — ganham peso, espessura. Os acontecimentos também “crescem” assim, até certo ponto — de dentro para fora, tal como vós.

Num sonho, estão mais próximos desses estágios em que os acontecimentos nascem. Nos vossos termos, emergem do futuro e formam o passado, ganhando vitalidade graças à tensão criativa que existe entre o que consideram como o vosso nascimento e a vossa morte.

Façam uma pausa.

Fazem frases com o alfabeto da vossa língua. Falam-nas ou escrevem-nas e usam-nas para comunicar. Os acontecimentos podem ser considerados da mesma forma: como frases psicológicas construídas com o alfabeto dos sentidos — frases vividas, em vez de escritas, formadas em realidade percecionada em vez de apenas registadas num livro de história, por exemplo.

Disse que a vossa linguagem, até certo ponto, programa a vossa experiência. Existe, no entanto, uma linguagem dos sentidos que vos dá percepção biológica, experiência e comunicação. Ela molda a natureza dos acontecimentos que podem perceber. Organiza a experiência de forma a que seja fisicamente sentida. Todas as vossas línguas faladas ou escritas têm de assentar nesse “alfabeto biológico”. Há aqui muito mais flexibilidade do que em qualquer linguagem falada ou escrita.

Uso a palavra “cordella” para expressar a origem a partir da qual essas linguagens surgem. Claro que há muitas correlações entre a vossa linguagem e o corpo. A linguagem falada depende da vossa respiração, e até a linguagem escrita depende da rapidez com que as mensagens percorrem as extremidades nervosas.

As cordellas biológicas devem, então, ser a fonte das línguas físicas — mas as cordellas em si emergem do conhecimento mais profundo da psique, à medida que esta forma o próprio mecanismo físico.

Os sonhos são uma linguagem da psique, na qual a natureza humana se funde dentro e fora do tempo. Tem experiências sensoriais. Corre, mesmo estando deitado na cama. Grita, embora não diga palavra alguma. Ainda usa a linguagem da carne — mas essa linguagem está apenas opacamente ligada aos mecanismos do corpo. Lida com acontecimentos — mas eles não acontecem no quarto... nem, necessariamente, em qualquer lugar que possa localizar ao acordar.

(Com voz mais firme:)

Fim do ditado. Fim da sessão. Uma calorosa boa noite para ambos.

("Muito obrigado, Seth." A Jane disse que era como se o Seth tivesse planeado uma quantidade específica de material para esta sessão — e, assim que a cobriu, encerrou a noite.)

SESSÃO 784 – 19 DE JULHO

(Seth começou por continuar a introdução para o livro de Jane sobre Cézanne. Ela tem estado ocupada a dactilografar o manuscrito na sua versão final. Quanto a mim [Rob], continuo a “batalhar” com as notas para The Unknown Reality. Fizemos uma pausa das 22h15 às 22h30. Depois:)

O nosso livro. A informação flui pelo universo a tal velocidade e em tal quantidade que só podem processar uma pequeníssima parte dela. Os vossos sentidos físicos, mais uma vez, funcionam quase como um alfabeto biológico, permitindo-vos organizar e perceber certos tipos de informação a partir dos quais formam os acontecimentos do vosso mundo — e os contornos da vossa realidade.

O vosso conhecimento consciente assenta numa linguagem invisível, não dita, tanto psicológica como física, que sustenta internamente todas as comunicações e acontecimentos reconhecidos da vida consciente. Estas linguagens interiores são organizadas como cordellas, e as cordellas são unidades organizacionais psíquicas das quais nascem todos os alfabetos.

Os alfabetos implicam cordellas, mas não as podem conter — da mesma forma que o inglês não pode conter o russo, o francês, o chinês, ou qualquer combinação. Se tentarem falar inglês, não podem falar chinês ao mesmo tempo. Uma linguagem exclui a outra — ainda que implique a existência da outra, pois todas as línguas têm, em algum grau, raízes comuns.

Os acontecimentos são como os componentes falados da linguagem, mas manifestos de forma viva, não apenas audível. São baseados no alfabeto dos sentidos — que, por sua vez, emerge de cordellas não sensoriais.

Uma frase é construída com palavras, partes do discurso, verbos, adjetivos, sujeitos, predicados, vogais e sílabas. Por baixo disso está toda a estrutura que vos permite falar ou ler. De certo modo, os acontecimentos também se constroem assim. Formam e organizam frases, e, no entanto, falam por fé, sem realmente conhecerem os processos envolvidos na fala. Só reconhecem a superfície dessa atividade.

Do mesmo modo, formam acontecimentos sem se darem conta disso. Parece-vos que os acontecimentos simplesmente “acontecem” — como se as palavras simplesmente fossem ditas. Aprenderam a construir frases na escola. Aprenderam a falar com os vossos pais. Mas já estavam envolvidos na criação

de acontecimentos mesmo antes do nascimento. A psique forma acontecimentos da mesma forma que o oceano forma ondas — com a diferença de que as ondas do oceano estão confinadas à sua superfície ou ao seu leito, enquanto os acontecimentos da psique são imediatamente traduzidos e espalham-se pela realidade psicológica de massas.

Na vida desperta encontram o acontecimento já formado, por assim dizer. Enfrentam os acontecimentos no palco da consciência de vigília. No estado de sonho, e noutros níveis de consciência, lidam mais diretamente com a formação dos acontecimentos. Estão normalmente tão inconscientes desse processo como estão do modo como constroem as frases que parecem fluir automaticamente.

A psique, voltada para a realidade física, é criadora de acontecimentos — e experiência a sua própria realidade através deles, tal como vocês ouvem a vossa própria voz ao falarem. Nos sonhos, participam nesse processo interno de criação de acontecimentos físicos. Lidam com os componentes psicológicos das ações que, desperto, formarão a linguagem corporal consecutiva que resulta nas ações do vosso dia. Os acontecimentos que reconhecem como “oficiais” têm uma unidade temporal, o que exclui as versões prováveis dos mesmos — versões que, até certo ponto, se manifestaram no estado de sonho.

Mais uma vez: se dizem a frase em inglês “*I am here*” (estou aqui), não podem dizer simultaneamente a versão em chinês. Do mesmo modo, no vosso enquadramento de ação, escolhem manifestar um acontecimento em vez de outro. A formação dos acontecimentos não reside apenas nas vossas propriedades psicológicas únicas, mas é possível por causa do alfabeto corporal da carne. Tal como um ser humano pode falar mais do que uma língua, também é possível compor a realidade física de formas diferentes das habituais. O corpo, então, é capaz de “falar outras línguas da realidade.”

Em termos normais, por exemplo, o vosso corpo só pode estar num lugar de cada vez, e a vossa experiência dos acontecimentos é, em grande medida, determinada pela posição do corpo. No entanto, existem mecanismos biológicos que permitem enviar versões ou padrões do corpo para fora da sua posição central, e perceber a partir desses locais. Durante o sono e os sonhos fazem isso frequentemente, correlacionando os dados percebidos com a informação sensorial habitual, e organizando tudo sem o menor esforço.

Aliás, a precisão da vossa percepção sensorial depende firmemente dessa maior flexibilidade interior, que vos dá uma base alargada a partir da qual podem formar o vosso foco seguro.

(Pausa prolongada.)

Os acontecimentos surgem como palavras faladas, então, para a vossa consciência. Vocês falam — mas quem fala? E, na vossa frase mais breve... o que acontece? Os átomos e moléculas nas vossas cordas vocais, pulmões e lábios não compreendem uma só palavra da língua que permitem que falem com tanta fluidez. Sem a sua cooperação e consciência, nenhuma palavra seria dita.

E, no entanto, cada um desses átomos anónimos coopera num empreendimento vasto, incompreensível para vós, que torna a vossa fala possível. A vossa realidade de acontecimentos é construída a partir de uma cordella de atividade, em que cada palavra pronunciada tem uma história que se estende mais atrás no tempo do que qualquer fóssil antigo poderia recordar.

Falo, claro, nos vossos termos de experiência — pois em cada palavra falada no presente, evocam esse tempo passado, ou estimulam-no à existência, de tal forma que a realidade dele e a vossa coexistem.

Nos sonhos, até o passado está no tempo presente. Os acontecimentos estão sempre a formar-se.

Fazem e refazem o passado, tal como o futuro. Escolhem, dessas experiências, certas como acontecimentos da realidade de vigília. Sentem as mãos cansadas?

(*"Não."*)

Apesar de só poderem dizer uma frase de cada vez, e numa só língua, e apesar dessa frase ter de ser dita uma vogal ou sílaba de cada vez, ela é resultado de um conhecimento circular, em que início e fim são simultaneamente conhecidos.

Se não soubessem o fim da frase, não poderiam começar o início com tal precisão.

Do mesmo modo, o acontecimento experienciado no tempo depende de um evento circular, em que o início e o fim estão entrelaçados — não um antes do outro, mas coexistentes.

Fim do ditado. Alguns comentários pessoais. Façam uma pequena pausa, se quiserem.

(*"Está bem."*)

(*O Seth regressou e transmitiu material pessoal para a Jane antes de terminar a sessão.*)

(O tempo tem estado excelente ultimamente. Temos feito as sessões com as portas da frente e de trás abertas, de modo que os ventos frescos das colinas atravessam a casa. Até agora, ninguém nos interrompeu nessas alturas, embora cada vez mais visitantes encontrem o caminho até à nossa porta. Embora gostemos de conhecer novas pessoas, começamos a ficar um pouco preocupados, pois esses encontros roubam tempo ao nosso trabalho.

*(Com algum divertimento: mesmo que a Jane se sinta incomodada pelo calor numa noite de Verão, o Seth **nunca** é afetado. Em transe, a Jane está “fresca como um pepino” — até à pausa, claro, altura em que tem de lidar com a temperatura como o resto de nós.)*

Bem: Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

— Ditado. O nosso livro.

A nível consciente, volto a dizer, não poderiam lidar com toda a informação disponível nos outros níveis — e da qual depende, inclusive, a vossa sobrevivência física. Em certa medida, a linguagem atua como um filtro, permitindo-vos comunicar determinados dados, ao mesmo tempo que bloqueia eficazmente outros tipos de informação.

Quando proferem uma frase, não param para considerar todas as regras da gramática. Não desenham mentalmente o diagrama da frase antes de a dizerem. Simplesmente falam, mais ou menos automaticamente.

Mas isso envolve uma precisão extrema — tanto mental quanto física.

Quando vivem um acontecimento, também não param normalmente para analisar as regras da percepção, nem se questionam sobre o seu funcionamento. Simplesmente vivem ou percebem.

Mas esses acontecimentos experienciados são também o resultado de um processo de filtragem. Ganham o seu foco, o seu brilho e validade física porque emergem em destaque sobre outros acontecimentos aparentemente não percebidos. No estado de sonho, trabalham intimamente com a “gramática interna” dos acontecimentos. Nos sonhos, encontram a frase não dita e o ato fisicamente não experienciado.

Os esqueletos do funcionamento interno dos acontecimentos tornam-se ali mais visíveis. As ações ainda não estão totalmente “revestidas”. A mecânica do comportamento psicológico da vigília está delineada de forma brilhante. Esse

estado pode e deve ser explorado com muito mais profundidade do que o é atualmente.

Contudo, haverá sempre um véu entre a mente acordada e a adormecida, pois, enquanto forem físicos, a mente consciente só pode lidar com uma certa quantidade de informação. O que não consegue reter, simplesmente esquece. Os vossos sonhos afetam a vossa realidade celular, mesmo que essa realidade também seja, em grande parte, responsável pelo facto de sonharem — nos vossos termos — de todo. Os sonhos são um “produto natural” da consciência sintonizada a nível celular. Tal como o fogo emite luz, a consciência celular emite sonhos.

Essa consciência encontra-se num estado de ser onde a sua realidade gera mais energia e poder do que consegue exprimir fisicamente no seu brilhante contacto com a realidade física. As “faíscas” geradas por cada instante da sua existência originam experiências adicionais, percepções que não cabem no momento presente, pois, nesse instante, esse presente já desapareceu para o passado.

Esses acontecimentos e respostas continuam ativos, especialmente no estado de sonho, onde não colidem diretamente com a experiência física plena, como acontece durante a vigília. Todos esses eventos paralelos ou alternativos são então usados para construir os acontecimentos físicos que reconhecem.

Mais uma vez, proferem uma frase corretamente, de modo que o fim dela flui com suavidade, mesmo que, ao começar a dizê-la, não soubessem conscientemente o que iam dizer. Alguma parte de vós sabia o início e o fim da frase ao mesmo tempo, no entanto. Nos sonhos, sabem o início e o fim dos acontecimentos da mesma forma. Cada ação da vossa vida é tomada em contexto com todos os outros acontecimentos, desde o vosso nascimento até à vossa morte. Agora, parece-vos que, como dizem uma frase de cada vez — e não dez variações possíveis — a frase dita é “a correta.”

As suas variações possíveis de gramática, tempo verbal ou entoação escapam-vos por completo. No entanto, inconscientemente, podem ter experimentado e rejeitado todas essas versões, mesmo que não tenham memória disso. Assim, até na construção de frases, lidam com probabilidades — e, até certo ponto, o corpo imita as diversas respostas musculares que estariam envolvidas em cada frase não dita. Mesmo enquanto proferem a frase com tal aparente despreocupação, escolhas internas estão a ser feitas, à medida que inconscientemente confrontam a vossa comunicação com os acontecimentos exteriores que ocorrem enquanto falam.

Portanto, embora cada ação da vossa vida esteja ligada a todas as outras até ao momento da morte, isso não significa que a vossa morte esteja predestinada a ocorrer numa data específica. Tal como podem mudar de frase

a meio da fala, passando de uma versão para outra sem sequer estarem conscientes disso, também vivem a vossa vida a trabalhar com probabilidades.

São o “eu” que profere a frase, e o “eu” que vive a vida. São maiores do que a frase que dizem, maiores do que a vida que vivem. Não conseguem lembrar-se de todas as frases que disseram hoje. Podem ter uma ideia geral do que disseram. Parece-vos certo que disseram “isto” e não “aquilo”. Até parece que as testemunhas poderiam confirmar isso.

Parece também que os acontecimentos de vigília são mais estáveis e fiáveis do que os do sonho.

Façam uma pausa.

Os acontecimentos de vigília acontecem e desaparecem rapidamente. São experienciados diretamente pelos sentidos, que participam em pleno. Mas, por essa envolvência intensa e imediata, sacrificam dimensões mais amplas das mesmas ações — dimensões que existem para lá da participação sensorial ativa. Nos sonhos, preparam-se os acontecimentos experienciados — não só nos detalhes mais ínfimos, mas no contexto maior da cena mundial.

Os acontecimentos encaixam-se, formando um todo coerente que vos dá uma perspetiva global das atividades. A “história futura” do mundo, por exemplo, está a ser trabalhada agora — assim como, no estado de sonho, cada indivíduo lida com os acontecimentos prováveis da sua vida privada. Mas essa vida privada existe num contexto — social, político, económico — que é apreendido inconscientemente.

Quando alguém constrói várias realidades prováveis no estado de sonho, fá-lo também nesse contexto alargado, no qual o estado provável do mundo é conhecido. Aqui, os acontecimentos estão ligados entre si numa rede psíquica muito mais eficaz do que o vosso sistema físico de comunicação tecnológica.

Aqui, usam-se códigos de realidade. A informação é recebida e transmitida em padrões eletromagnéticos, de tal modo que um único padrão pode transportar muito mais unidades de informação do que qualquer tecnologia vossa. Cada célula do corpo participa nesse processo de captar e transmitir sinais. Alguma decodificação também acontece a esse nível, para que a informação relevante seja enviada para onde pertence, fisicamente falando.

Grande parte da informação nem sequer chega ao cérebro (*a mente está, no entanto, ciente desses dados*).

O vosso corpo — em cada momento — possui um quadro completo, atualizado, de toda a informação pertinente sobre os acontecimentos que poderão afetar o organismo. Todas as ações são tomadas com essa informação disponível. No estado de sonho, esses dados são transformados, mais uma vez, em imagens pseudo-físicas — reflexos de acontecimentos que

podem ocorrer, antevisões de sequências prováveis. Estas são projetadas perante uma consciência que se foca momentaneamente no plano interior, em vez do exterior, da realidade.

Essas pré-visualizações não são vividas apenas pela mente, mas também pelo corpo. Durante o sono, cada célula calcula o efeito de vários acontecimentos prováveis sobre a sua própria realidade. Fazem-se cálculos para que a resposta do corpo inteiro possa ser antecipada, e pesados os prós e contras. O corpo participa no sonho ao nível mais ínfimo. Os átomos e moléculas possuem tipos de consciência impossíveis de analisar, pois as escalas da vossa atividade são demasiado diferentes.

São processos de recolha de informação, com propriedades eletromagnéticas codificadas que escapam a todos os vossos dispositivos. Os átomos, moléculas e todas as partículas aparentemente “menores” dentro deles são, mais uma vez, processos que transportam informação — e é deles que depende toda a vossa interpretação da natureza dos acontecimentos.

Mais uma vez: a consciência afinada ao nível celular gera sonhos. A consciência, montada sobre uma base molecular, gera a realidade física e os acontecimentos adequados a ela.

Façam uma pausa.

[Fim da Sessão 785 – 2 de Agosto de 1976]

O pensamento também assenta firmemente na realidade da consciência afinada ao nível celular.

O pensamento leva tempo, e existe graças à composição celular. A consciência que não está focada numa construção celular envolve-se num tipo de cognição direta, em que as compreensões surgem de forma mais circular. O ato criativo é a vossa experiência mais próxima da cognição direta.

Enquanto a vossa consciência se conceber em termos físicos — estejam vivos ou mortos — continuará a utilizar os padrões de pensamento com os quais está familiarizada. A vossa consciência, em vida, está afinada ao nível celular, na medida em que percebe a sua própria realidade através da função celular que constitui o corpo físico.

A psique é maior do que essa consciência afinada fisicamente. É o contexto mais vasto onde vocês existem. Está entrelaçada com a vossa realidade, tal como a compreendem. Nas ocasiões em que conseguem alterar momentaneamente o foco da vossa atenção, as experiências mais amplas da psique entram em jogo. Conseguem, pelo menos, sentir a vossa existência para além da orientação celular.

Contudo, essa experiência é circular, e por isso muito difícil de verbalizar ou de organizar nos vossos padrões normais de informação.

(Este foi o fim do ditado para o livro. O Seth ainda transmitiu uma página de material pessoal para a Jane e para mim, antes de terminar a sessão.)

SESSÃO 786 – 16 DE AGOSTO DE 1976

(Foi uma noite bonita. Muito agradável. A Jane e eu estávamos ambos um pouco cansados; na verdade, não houve sessões na semana anterior. Durante o Verão, marcamos encontros com profissionais de várias áreas interessados no nosso trabalho, o que exigiu tempo e concentração. Temos, naturalmente, curiosidade por todas essas outras disciplinas — artes, ciências e humanidades — por isso, esperamos sempre com expectativa esses encontros... Mesmo que, por vezes, uma nova ligação “pegue”... e outras vezes, não.

(Em todo o caso, esta noite sentíamos-nos algo desgastados, e decidimos que, por agora, já tínhamos a dose certa de interações pessoais. E ainda assim, paradoxalmente, o Seth parecia mais energético do que nunca:)

Boa noite — ditado para o livro.

(“Boa noite, Seth.”)

Reconhecem que a Terra tem uma atmosfera. Nas vossas viagens espaciais limitadas, partem do princípio de que encontrarão condições diferentes das do vosso planeta. Calculam essas alterações — por isso os astronautas sabem, por exemplo, que irão encontrar ausência de gravidade. Contudo, as vossas ideias e experiências com o espaço e com a matéria são determinadas pelo vosso próprio aparelho sensorial.

Aquilo que consideram “matéria” pode ser “espaço vazio” para seres com uma configuração sensorial completamente diferente. A vossa mente consciente, tal como a entendem, é a “estrutura psicológica” que lida com as condições do plano físico. Os dados sensoriais são-vos servidos, por assim dizer, já pré-empacotados. A realidade interna mais vasta da psique, porém, é tão extensa quanto o espaço exterior vos parece ser.

Quando a informação “cai” na vossa mente consciente vinda dessas regiões mais vastas, ela é também alterada, à medida que viaja por diferentes camadas de atmosfera psicológica, até que finalmente aterra — ou explode — numa série de imagens ou pensamentos. Ponto final.

Estão constantemente a ser bombardeados por essas “intrusões alienígenas”. Mas o foco da vossa consciência elimina-as enquanto estão no estado desperto normal. Existem estrelas cadentes por todo o céu, por exemplo, mas só algumas são vistas durante a noite. Durante o dia, é importante usar um processo de filtragem, para que a precisão das vossas ações seja mantida. No entanto, essa mesma precisão assenta numa quantidade infinita de informação

que atinge outros níveis da vossa realidade psicológica. Esses dados tornam-se então a matéria-prima a partir da qual os vossos acontecimentos físicos são formados.

No estado de sonho, com o vosso corpo mais ou menos seguro e em repouso, e sem necessidade de ação precisa, essas intrusões tornam-se mais evidentes. Muitos dos vossos sonhos são como a cauda de um cometa: a sua vida real já passou, e apenas veem o brilho do seu desaparecimento ao entrar na vossa atmosfera mental e explodir numa faísca de imagens oníricas.

São, portanto, transformadas à medida que atravessam a vossa atmosfera psicológica. Não poderiam percebê-las no vosso estado habitual — e elas próprias não conseguem manter o seu estado nativo ao mergulharem nos confins da psique. Caem em padrões, moldando-se naturalmente ao conteúdo dos sonhos de acordo com os contornos da vossa mente.

A estrutura final do sonho ajusta-se à vossa realidade — e a nenhuma outra. À medida que essa matéria intrusiva cai, mergulha ou se desloca pelos níveis da vossa atmosfera psicológica, é transformada pelas condições que encontra. Os padrões das gotas de chuva numa poça seguem certas leis — relativas aos contornos do solo, ao clima, à natureza da chuva, das nuvens, à altura da queda e às condições que operam nas zonas próximas e distantes do mundo.

Se pudessem compreender tudo isso corretamente, então ao olharem para uma única poça, poderiam deduzir as condições meteorológicas passadas e presentes de todo o planeta — e até prever as probabilidades de tempestades ou erupções vulcânicas. Não conseguem fazer isso, claro... mas é possível.

Os sonhos caem como chuva em poças psicológicas. Ajustam-se aos contornos da vossa realidade mental. Criam padrões psíquicos em movimento constante, que se expandem na vossa mente como ondas.

A chuva que atinge o vosso quintal sob a forma de gotas quentes e suaves pode ser granizo em altitudes muito acima do vosso telhado — mas muda de forma à medida que cai, conforme as condições que encontra.

Estas “intrusões alienígenas” comportam-se da mesma forma. E os sonhos são como gotas de chuva que, em “níveis superiores”, podem ter uma forma totalmente diferente. Existem ravinas, colinas, montanhas, vales, grandes continentes e pequenas ilhas na Terra — e a chuva que cai adapta-se a esses contornos.

Os vossos pensamentos, sonhos, intenções, emoções, crenças — são as feições naturais da vossa mente, de tal forma que a informação que chega também segue esses contornos. Se houver uma depressão no vosso quintal, ela irá sempre recolher a chuva que lá cair. As vossas crenças funcionam como zonas recetivas — bacias abertas — que usais para recolher informação. A

informação intrusiva cairá frequentemente nessas bacias, adotando os seus contornos, naturalmente. As crenças são formas de estruturar a realidade.

Mas, se estruturarem demasiado, acabarão por criar um jardim mental formal, cuja exibição precisa poderá ser tão rigidamente estruturada que o aspeto natural das plantas e flores ficará completamente oculto. Mesmo a informação dos sonhos fluirá então em padrões demasiado estruturados.

(Pausa prolongada.)

Sabem que o mundo natural muda constantemente de forma. Contudo, os objetos seguem certas leis de natureza física, tal como os experimentam — tal como violetas no chão não se transformam subitamente em pedras. Essas condições, porém, só existem ao nível consciente da vossa perceção.

A psique mais vasta lida com a dimensão mais ampla dos acontecimentos, e o estado de sonho é como um laboratório onde a vossa realidade de vigília é construída. A Terra física é bombardeada por raios cósmicos e por outros fenómenos que não percebem, mas que são altamente importantes para a vossa sobrevivência. A psique é bombardeada da mesma forma por fenómenos importantes para a vossa continuidade.

No laboratório dos sonhos, essa informação é processada, recolhida e finalmente transformada nos sonhos que podem — ou não — recordar. Esses sonhos são já traduções de outros acontecimentos, moldados em formas que reconhecem.

Cada sonho que recordam é legítimo na forma em que o lembram, pois a informação foi “fragmentada”, por assim dizer, para se adaptar aos contornos das vossas intenções e propósitos pessoais.

Mas esse mesmo sonho é também um símbolo de um acontecimento não recordado, uma “estrela cadente” não registada conscientemente, e uma pista de como qualquer ambiente é formado. Façam uma pausa.

De certo modo, a realidade onírica está mais próxima da verdadeira natureza dos acontecimentos do que aquilo que a vossa experiência com os eventos físicos vos leva a supor. Os sonhos parecem, muitas vezes, caóticos porque o vosso ponto de referência é demasiado pequeno para conter as dimensões acrescidas da atualidade. Mais uma vez, os acontecimentos têm uma natureza muito mais circular. Nos sonhos podem experienciar o passado ou o futuro.

Os acontecimentos físicos são efetivamente formados agora, nos vossos termos, pela interação entre passado e futuro — que não estão separados na realidade, mas apenas na vossa perceção. Um sonho é como o estalar de um elástico — mas não é o elástico.

Leem jornais e mantêm uma comunicação física constante com os vossos semelhantes. As notícias afetam acontecimentos “futuros”. Indivíduos e governos consideram essas comunicações ao tomarem decisões. Mas os jornais não são os acontecimentos que descrevem, ainda que também sejam um tipo de acontecimento.

A história escrita é composta por um conjunto de símbolos. Ao lerem, aprendem a interpretar esses símbolos. Se virem as notícias na televisão, têm uma visão mais abrangente de um determinado acontecimento. Mas mesmo ao verem uma guerra num noticiário, não estão a assistir a mortes reais.

Estão a ver símbolos traduzidos em imagens, que depois são percecionadas visualmente. As imagens representam pessoas, mas não são as pessoas. Os símbolos transmitem a mensagem, mas não são o acontecimento que retratam. Alguns dos vossos sonhos são como notícias de jornal, informando-vos de acontecimentos que ocorreram noutras partes da psique.

Outros são como os noticiários televisivos — transportando talvez mais informação sobre o evento, mas ainda assim sem o conter realmente.

Psicológica e fisicamente, estão constantemente a enviar boletins oníricos, numa comunicação interior constante.

A este nível, os sonhos individuais ajudam a formar a realidade coletiva, mas também, até certo ponto, emergem dela — tal como as condições meteorológicas locais contribuem para o clima global, enquanto, simultaneamente, são moldadas por ele.

(Pausa prolongada.)

A vossa Terra existe no contexto do universo físico. Vocês existem no contexto da vossa psique. Os acontecimentos que reconhecem como “reais” dependem de todos os outros que ocorrem dentro da psique, assim como a existência da Terra depende dos restantes aspetos do universo físico. Os acontecimentos, tal como os entendem, são apenas intrusões de atividades multidimensionais no espaço e no tempo.

São reflexos dos vossos sonhos, tal como os vossos sonhos são reflexos dos acontecimentos que conhecem — os que viveram, e os que antecipam, de uma forma ou de outra. De certo modo — e sem negar a grande validade da vossa experiência — os acontecimentos que conhecem são apenas fragmentos de outros acontecimentos, nos quais estão igualmente e profundamente envolvidos.

A forma multidimensional interna dos acontecimentos dá-se num enquadramento que não conseguem estruturar, porque, por norma, não estão focados nessa direção. Preferem lidar com atividades que podem ser

manipuladas fisicamente. A manipulação física de acontecimentos é de facto uma aptidão psicológica notável, na qual a consciência e a atenção se focam com entusiasmo, dando vitalidade e significado a um espectro relativamente reduzido de atividade.

Mais uma vez: não estou a negar a validade dessa experiência, mas a sublinhar a sua natureza especializada. Contudo, essa especialização e sintonia precisa da consciência com o espaço e o tempo impede, em larga medida, outros encontros menos especializados com realidades.

Os sonhos frequentemente apresentam-vos ambiguidade — uma certa opacidade — porque carecem do impacto imediato que a atividade psicológica com espaço e tempo costuma ter. Do vosso ponto de vista, parece muitas vezes que os sonhos não são acontecimentos, ou que acontecem... mas não acontecem.

A ausência de intersecções normais com o tempo e o espaço significa que não podem partilhar os vossos sonhos com outros da mesma forma que partilham os acontecimentos da vigília.

Nem conseguem recordar os sonhos — ou assim parece — como recordam as vossas experiências conscientes normais. Na verdade, lembram-se conscientemente apenas de certos acontecimentos destacados da vossa vida — os detalhes banais dos vossos dias desaparecem, tal como os sonhos parecem desaparecer.

Têm uma memória onírica, claro, embora por norma não tenham consciência dela. Existe uma arte envolvida na formação de acontecimentos. E vocês dominam essa arte quando sonham.

A criação de acontecimentos começa antes do vosso nascimento, e os sonhos de crianças por nascer e os das suas mães frequentemente fundem-se. Os sonhos dos que estão prestes a morrer envolvem muitas vezes estruturas oníricas que já os preparam para a existência futura. De facto, perto da morte ocorre uma grande aceleração onírica, à medida que novas probabilidades são consideradas — uma aceleração que fornece o impulso psíquico para um novo nascimento. Façam uma pausa.

Alguns destes conceitos são extremamente difíceis de explicar, e no entanto, é verdade dizer que nenhum acontecimento tem início ou fim. Isto é verdade para uma vida. É verdade para um sonho. Esta informação não é prática, nos vossos termos, porque contradiz a vossa experiência direta. Contudo, mediante intenção e alguma prática, podem sugerir — no meio de um sonho — que ele se expanda para as suas proporções mais vastas.

Nesse caso, experimentariam um sonho envolvido noutro, ou vários a ocorrer simultaneamente — todos relacionados com um tema ou probabilidade

particular; cada um ligado aos restantes, ainda que, para vós, as conexões não sejam imediatamente evidentes.

Cada acontecimento da vossa vida está contido em todos os outros. Do mesmo modo, cada vida está contida em todas as outras vidas. O sentimento de realidade é, por assim dizer, mais “verdadeiro” no estado de sonho. Podem tornar-se conscientemente conscientes dos vossos sonhos até certo ponto — isto é, podem tornar-se conscientes de que estão a sonhar.

Também podem permitir que o vosso “eu onírico” tenha maior expressão no estado de vigília. Isto pode ser feito através de técnicas intimamente ligadas à criatividade. A criatividade liga a realidade da vigília e a dos sonhos, e é, em si mesma, um limiar onde o eu que sonha e o eu que desperta se fundem, formando construções que pertencem igualmente a ambas as realidades.

Não podem começar a compreender como formam os acontecimentos físicos da vossa vida sem entender as ligações entre criatividade, sonhos, jogo, e os acontecimentos do vosso quotidiano. De certo modo, os sonhos são uma espécie de jogo inconsciente estruturado. A mente sonha com alegria espontânea ao usar-se a si mesma, libertando-se das preocupações da vida prática. Os sonhos são o jogo livre da mente. Essa atividade espontânea, contudo, é ao mesmo tempo um treino na arte de formar acontecimentos práticos.

As probabilidades podem ser experimentadas, testadas, sem consequências físicas. A mente segue as suas inclinações naturais. Tem muito mais energia do que aquela que a deixam utilizar, e liberta essa energia sob a forma de grandes “fantasias” — fantasias a partir das quais escolherão os factos que irão experienciar. Ao mesmo tempo, sonhar é uma arte da mais elevada natureza, na qual todos são proficientes.

Há sonhos estruturados, tal como há jogos estruturados na vida de vigília. Há sonhos coletivos “assistidos por muitos”. Existem temas, tanto coletivos como privados, que servem de base ou estrutura. E no entanto, a atividade espontânea da mente prossegue, porque ela desfruta da sua própria atividade. Fim do ditado. Dêem-nos um momento...

(A Jane, como Seth, transmitiu alguns parágrafos de material pessoal — e a sessão terminou.)

CAPÍTULO 9

CARACTERÍSTICAS DA ENERGIA PURA, A PSIQUE ENERGÉTICA E O SURGIMENTO DOS EVENTOS

Sessão 787

Quando as pessoas professam interesse pela natureza dos sonhos, geralmente têm em mente certas questões definidas, como: "Quão reais serão os eventos dos sonhos?" "O que significam os sonhos?" "Como afetam eles a vida diária?" Cada pessoa tem consciência da natureza surpreendentemente íntima dos sonhos. Apesar disso, certos símbolos parecem ser bastante universais na sua experiência. Tais questões, entretanto, embora obviamente preocupantes, não tocam nos eventos maiores que existem por trás da atividade dos sonhos, nem toca nas misteriosas ações psicológicas que há por trás da percepção de qualquer evento.

Os sonhos são principalmente acontecimentos, é claro. A importância que eles têm para vós reside precisamente nas semelhanças e diferenças que os caracterizam em contraste com os eventos do estado de vigília. Por trás de todas essas questões, existem considerações muito mais profundas. A própria natureza da criatividade está envolvida e as características da energia, sem as quais nenhuma ação é possível. Basicamente, a psique é uma manifestação de energia pura na uma forma particular. É muito difícil considerar sua experiência fora da estrutura com que vocês estão familiarizados.

Vocês exigem uma certa precisão de definição e terminologia. Esse vocabulário estrutura automaticamente as informações, é claro. A psique é um conglomerado de gestalts de energia. Para entender isso, vocês precisam perceber que a energia pura tem propensões para a formação de padrões de uma tal transformação que sempre aparece como as suas manifestações. Torna-se as suas "camuflagens."

Pode formar partículas, mas seria ela própria, quer as partículas existiam ou não. No mais básico dos termos, quase incompreensível no vosso vocabulário, a energia não é cindida. Não pode haver porções nem partes dela, porque não é uma entidade como uma torta, para ser cortada ou dividida.

Para fins da discussão, entretanto, devemos dizer que, nos vossos termos, cada porção diminuta — cada unidade diminuta de energia pura — contém em si a força propulsora para a formação de todas as variações possíveis de si própria. A unidade mais diminuta de energia pura, pois, que nada pesa nos vossos termos, nem contém em si nenhuma massa, teria na sua própria natureza a propensão para a criação da matéria em todas as suas formas, o ímpeto para criar todos os universos possíveis. Nesses termos, a energia não pode ser considerada sem trazer a um primeiro plano questões relativas à natureza de Deus ou de Tudo Que É, pois os termos são sinónimos.

Posso dizer precisamente que a energia pura é em toda parte em si mesma consciente, mas as próprias palavras distorcem um pouco o meu significado, por estar a falar de uma consciência muito difícil de descrever. A energia pura, ou qualquer "porção" dela, contém em si própria a propensão criativa para a individuação, de modo que em qualquer dada porção toda a vida individual consciente está implícita, criada, sustentada. A energia pura não pode ser destruída e está "em todos os aspetos" simultaneamente a ser criada.

O vosso universo físico e leis dão-lhes poucas evidências desse tipo de atividade, porquanto a esse nível as evidências mostram a aparência do tempo ou da decadência. A vossa própria atividade psicológica é a evidência mais próxima que vocês têm, embora vocês não a usem como tal.

A energia pura não tem começo nem fim. A psique, a vossa psique, está a ser recém-criada "em todos os aspetos" da sua existência. A propósito, apesar de todas as aparências, o universo físico não surgiu por meio de nenhuma explosão de energia que está a ser 'dispersa, mas está a ser criado em todos os lugares em todos os seus aspetos "a cada instante."

A experiência básica da psique, pois, lida com um tipo de atividade que vocês não podem perceber diretamente, embora a minha existência seja responsável pelos eventos que vocês percebem e, portanto, atua como o meio em que os vossos eventos de sonho e vigília ocorrem. Nesse sentido, vocês não podem separar os vossos eventos para descobrir a realidade por trás deles, pois essa realidade não é propriamente uma cola que mantém os eventos juntos, mas está invisivelmente entrelaçada na sua própria existência psicológica. Existem diferenças óbvias entre o que vocês pensam sobre os eventos de vigília e de sonho. Vocês diferenciam definitivamente entre os dois, fazendo um grande esforço para ver se eles estão perfeitamente divididos.

No vosso mundo, a sanidade convencional e prática e a manipulação física dependem da capacidade que tiverem de discriminar, e de aceitar como reais apenas aqueles eventos com que os outros mais ou menos concordam. Entretanto, esses sites eventos reais mudaram radicalmente ao longo dos tempos. "Certa vez" os deuses caminharam sobre a terra e travaram batalhas nos céus e nos mares. As pessoas que acreditavam nessas coisas eram consideradas sãs — e eram sãs, por a estrutura de eventos aceite ser muito diferente da vossa. Em termos históricos, a natureza mutável dos eventos aceites fornece muito mais do que, digamos, uma história da civilização, mas reflete a natureza sempre criativa da psique.

Todos os elementos da experiência física em qualquer momento estão presentes no estado de sonho. Praticamente falando, entretanto, a espécie aceita certas porções da realidade dos sonhos como os seus ditos eventos reais a qualquer momento particular, e sobre esses eventos especializados ela forma as suas civilizações "atuais." Historicamente falando, os primeiros

homens sonhavam com aviões e foguetes. Aliás, a sua televisão natural funcionava melhor em alguns aspectos do que a vossa versão tecnológica, pois as suas imagens mentais permitiam que percebessem acontecimentos em áreas vizinhas ou em outras partes do mundo. Contudo, eles não podiam simplesmente apertar um botão para fazer isso.

Os mecanismos psíquicos e biológicos existiam, e permitiam à espécie saber, principalmente em tempos de estresse ou perigo, que eventos normalmente não percebidos podiam ameaçar a sobrevivência. Mas no estado de sonho, então como agora, todas essas questões eram contemporâneas, e atuavam como modelos a partir dos quais a espécie então escolhia os eventos práticos que formaram a sua experiência física.

Nessa medida, um estudo do estado de sonho fornece alguns insights importantes sobre a natureza da psique. Em certos termos, vocês são "pré-empacotados." Vocês sempre reconhecem um pacote de realidade psicológica como "vós." Em termos básicos, no entanto, vocês estão sempre a chegar por meio de uma espécie de correio instantâneo a esse pacote.

Vocês estão inadvertidamente imersos numa parte da energia pura, a ser recém-criados a cada instante, de modo que a energia dos vossos átomos e moléculas e do vosso sistema físico universal está a ser reabastecida a cada momento concebível. A vossa psique está a ser atraída de volta para si própria, para Tudo o que É, e para "fora de si" para a sua individuação, por pulsões psicológicas de atividade que têm uma correlação com o comportamento dos elétrons no vosso mundo. No estado de sonho ou sono, quando vocês não se encontram tão diretamente com a atividade física, existe a oportunidade de aprenderem mais sobre a psique por meio do estudo dos sonhos — aqueles acontecimentos que são tão semelhantes e tão diferentes da vossa experiência de vigília.

Agora: todos os eventos prováveis da vossa vida existem ao mesmo tempo, em certos níveis que estão associados ao estado de sonho. Uma vez que as vossas atividades fisicamente precisam ajustar-se a uma estrutura do espaço-tempo, apenas um mínimo desses eventos prováveis ocorrerão fisicamente.

Aqueles que são, são escolhidos com grande discernimento, e os sonhos servem como um dos métodos pelos quais vocês determinam a conveniência de um qualquer ato provável. Basicamente, nesses outros níveis da existência não existe diferença entre os eventos de vigília e de sonho. Criativamente, pois, vocês organizam a vossa experiência de tal maneira, com a mente consciente, tal como a concebem, a carregar igualmente a sua própria responsabilidade.

Aqueles eventos que vocês não aceitam como físicos, no entanto, também existem e fazem parte das vossas próprias organizações. Eles não se afastam

simplesmente da vossa experiência, mas servem como pontos focais para eventos que não dizem diretamente respeito a vós, enquanto indiretamente formam um pano de fundo psicológico definido. Até certo ponto, eles tornam-se o meio invisível de experiência do qual emergem as vossas próprias atividades especializadas, pelo que a sua natureza é intrínseca à vossa própria vida, de modo que a vossa vida é implícita a essas outras estruturas.

Nessa medida, o sonho também serve como um drama de probabilidades entrelaçadas, um trampolim do qual emergem eventos em todas as direções.

Embora cada aspecto de um sonho tenha um significado pessoal, é também a vossa versão de um símbolo que representa um tipo de evento correspondente, só que num nível de realidade inteiramente diferente. Se vocês enumerassem cada aspecto de um sonho, cada número representar-se-ia a si próprio num sistema numérico inteiramente diferente.

Os números da superfície, ou os familiares, ainda serviriam para explicar o sonho no contexto do vosso próprio mundo. Como vocês vivem num universo físico óbvio, e partilham da sua realidade, cada um de vocês existe num universo psicológico ou psíquico muito mais vasto — cercado por, apoiado por, e parte de entidades psíquicas ou psicológicas infinitas na sua diversidade.

Sessão 787 – 6 de Setembro de 1976

As vossas menores ações afetam a realidade dos outros, tal como as deles afetam a vossa. De certo modo, no estado de sonho, podem perceber essas entidades com mais clareza, tal como as estrelas se tornam mais visíveis durante a noite, em termos físicos. As realidades psicológicas não podem ser comparadas em termos de tamanho — maior ou menor — pois a validade e o brilho de cada existência transportam uma intensidade pessoal tão única que tais considerações tornam-se irrelevantes.

A vida de uma estrela, a vida de uma flor, são inteiramente diferentes em termos de duração, tamanho e características; no entanto, cada uma existe com uma profundidade de experiência que torna tais comparações insignificantes. Da mesma forma, não vos ajuda comparar a vossa consciência com outra que tenha propriedades psicológicas "estelares".

Contudo, a mobilidade psicológica da consciência permite uma espécie de comunicação interna impossível de verbalizar — uma linguagem espiritual e biológica interligada, através da qual a experiência é transmitida diretamente. Muitos dos vossos sonhos, portanto, são traduções de acontecimentos a ocorrer noutros níveis do psiquismo expandido. Nesses níveis, os acontecimentos não dependem do tempo.

Vocês, por outro lado, têm de trabalhar com a versão temporal dos acontecimentos. Os sonhos oferecem uma estrutura elegante, que vos permite fragmentar acontecimentos intemporais, colocando-os corretamente no contexto do vosso mundo. Essa colocação correta depende de um conhecimento interior dos acontecimentos prováveis do futuro, e o vosso presente seria uma conquista impossível sem esse conhecimento inconsciente do "futuro".

Os sonhos são frequentemente uma síntese de passado, presente e futuro, em que um acontecimento principal é usado como ponto de foco, à volta do qual os acontecimentos "presentes" são reunidos. Faz uma pausa.

(As duas páginas seguintes da sessão foram dedicadas a material pessoal para Jane. A sessão terminou.)

Sessão 788 – 6 de Setembro de 1976

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Ditado: Na sua essência, os acontecimentos nada têm a ver com aquilo que chamam de causa e efeito. Isto torna-se, talvez, evidente quando estudam os acontecimentos nos sonhos, pois aí o tipo de continuidade a que estão habituados desaparece em grande parte. Em vez disso, os acontecimentos são construídos a partir de significâncias. Mas deixemos esse termo de lado por um momento e falemos antes de associações, com as quais já estão familiarizados, uma vez que o vosso fluxo de consciência opera exatamente dessa maneira.

Por sua própria natureza, cada consciência é um foco de percepção único e particular, que experienciará todas as realidades possíveis através das suas próprias características. Essa consciência também "imprime" ou "marca" o universo com a sua própria presença. Nenhuma parte do universo é inativa ou passiva, independentemente da sua organização aparente, ou falta dela. Cada consciência imprime o universo à sua maneira.

A sua existência gera uma significância, à luz da qual o resto do universo será interpretado. O universo reconhece-se a si mesmo através dessas significâncias.

Cada consciência é dotada de uma criatividade multidimensional, de forma a que procura criar o maior número de realidades possíveis para si mesma, usando a sua própria significância como foco, para atrair para a sua experiência todos os acontecimentos possíveis a partir do próprio universo.

Assim, ela atrai acontecimentos, mesmo enquanto a sua própria existência se torna um acontecimento com o selo indelével da sua natureza única.

Posto de forma mais simples: Cada um de vós, tal como se conhece, tem certas capacidades e características únicas. Vivem a realidade através dessas qualidades — mas também marcam o universo com essa individualidade, e atraem acontecimentos que se ajustam à vossa natureza e a mais nenhuma.

As significâncias manifestam-se em certos padrões. Quando esses padrões se tornam muito evidentes, aparentam ser causa e efeito. Na verdade, são apenas significâncias muito evidentes — pesadas. O vosso processo de associação e os vossos hábitos são o exemplo mais próximo que pode dar uma ideia de como as significâncias funcionam. Mas mesmo as associações envolvem tempo, e as significâncias básicas não.

Imaginemos: Pensam na vossa tia Sara. E, num instante, o vosso processo associativo traz imagens do passado, do tempo em que a visitaram, dos objetos na sua casa, dos seus vizinhos, das conversas partilhadas. Ao mesmo tempo, sem o saberem, a vossa tia pode pegar num vaso azul — o mesmo que acabaram de visualizar mentalmente. Ao tocar nele, ela lembra-se da pessoa que lho ofereceu, alguém que agora vive do outro lado do continente.

Essa pessoa, por sua vez, pode estar a pensar em comprar um presente, e num relance inspirador, decide-se por um vaso — ou então começa a cantarolar uma canção com o nome “Sara” no título. Ou ainda, pode simplesmente lembrar-se da vossa tia. Se, pelo contrário, alguma associação contrária existir ao longo da cadeia, ela pode ser interrompida. A senhora pode considerar o vaso, mas rejeitar a ideia, e a ligação é desfeita.

Por causa da vossa percepção baseada no tempo, parece-vos que o primeiro pensamento causou os seguintes. Mas, na realidade, as significâncias existiam todas ao mesmo tempo, disponíveis para serem “sintonizadas” em qualquer ponto. Elas têm a sua existência fora do tempo, ainda que apareçam dentro dele.

Estas significâncias emocionais e intensidades compõem a verdadeira natureza dos acontecimentos. Nos sonhos, trabalham com essas intensidades, explorando multidões de significâncias. São como padrões emocionais carregados, formados pelas vossas emoções e intenções mais pessoais.

Usando essas significâncias como critério, aceitam ou rejeitam acontecimentos prováveis. Imprimem o universo com a vossa marca interior e, a partir dela, atraem os acontecimentos que se ajustam aos vossos propósitos únicos. Ao fazerem isso, multiplicam as possibilidades criativas do universo, formando uma realidade pessoal que, de outro modo, não existiria.

E, ao fazê-lo, acrescentam de forma incomensurável à realidade de todas as outras consciências, aumentando o "banco de realidade" de onde todas extraem. Faz uma pausa.

Agora: Basicamente, não existe tal coisa como movimento aleatório. Não existe tal coisa como caos. O universo, seja qual for o nome que lhe atribuímos ou a forma sob a qual se manifesta, adquire a sua realidade através de sequências ordenadas de significados. Estes mantêm-se separados em vários sistemas de atualidade, mas ainda assim combinam-se de forma global. Compreendes a ordem baseada em causa e efeito, mas esta assenta num aspeto não causal dos significados. De certo modo, os sonhos que recordas são como quadros numerados, moldados para se ajustarem às tuas intenções e propósitos, encaixando nos contornos da tua mente de forma tão perfeita que esqueces as experiências maiores de onde foram extraídos.

Tanto física como psiquicamente, o sonho é o resultado do mais preciso tipo de cálculo e atividade, em que ocorrem dramas e interações complicadas, muitas vezes altamente intensas, e ainda assim desligadas da participação plena do corpo. Esses significados envolvem, da tua parte, certos sinais biológicos que regulam a intersecção de eventos psicológicos com a atividade física no tempo e no espaço. Só quando todas as condições correspondem aos teus requisitos altamente específicos é que os sinais necessários são ativados para te proporcionar a experiência física.

Nesse sentido, nos sonhos estás "em espera", envolvido num leque de ação demasiado vasto para caber nos contornos da experiência prática terrestre. Esses significados estabelecem os seus próprios códigos, de forma que os eventos físicos têm de ser codificados de uma certa maneira, e os sonhos de outra. Existe, então, aquilo a que se pode chamar um estado pré-sonho, ou um estado de experiência a partir do qual o sonho será formado. Essa experiência carrega um tipo diferente de código, afastando-a ainda mais daquela intersecção aceitável com a atividade corporal, o espaço e o tempo.

Os teus eventos físicos acontecem-te como tu mesmo. Nos sonhos, podes experimentar um evento aparentemente como outra pessoa, ou podes encontrar-te no passado ou no futuro, em vez do presente. Na vida desperta, tens a família que reconheces, o teu grupo de amigos, profissão ou o que quer que seja. Nos sonhos, podes encontrar-te casado com outra pessoa ou a viver um tipo de vida completamente diferente. De certo modo, os sonhos são como variações do tema da tua vida, embora, na realidade, a tua vida seja o tema que escolheste de entre essas versões possíveis. No entanto, os eventos oníricos são, muitas vezes, bastante semelhantes aos físicos. As tuas percepções nos sonhos parecem físicas — caminhas, corres, comes e executas outras funções físicas. Existem, na verdade, muitas outras condições de

existência, mas por agora falaremos do estado pré-sonho, que é composto por várias condições de atualidade. Aqui, os aspetos físicos dos eventos desaparecem em grande medida, comparativamente falando, quanto mais te afastas do estado de sonho em direção à realidade interior.

Poder-te-ia parecer que a experiência se torna mais ampla mas menos específica, mas não é o caso. A experiência torna-se de facto mais ampla, mas altera-se em qualidade, de modo que, por exemplo, um momento da tua experiência, nesses termos, forneceria material de trabalho para cinco anos de sonhos. Isto é apenas uma analogia, porque estás imerso nessa outra realidade constantemente; mas as suas iluminações e natureza são transmitidas ao eu que conheces através da formação dos sonhos e, nos teus termos, "demora tempo a sonhar."

Essa experiência mais vasta, da qual os teus sonhos acabam por ser formados, envolve-te numa espécie de jornada. Ponto final. Usando outra analogia, é como se deixasses alegremente para trás o aparato normal da vida quotidiana e embarcasses na tua psique mais ampla rumo a mares mais vastos de experiência. Deixas para trás a natureza física dos eventos e entras nessas áreas "em que os eventos são formados". De maneiras extremamente difíceis de descrever, encontras o universo de forma mais direta, usando sentidos internos muito mais abrangentes. Usando a tua validade indestrutível como "isco", partes em busca da matéria-prima da experiência, extraída do universo.

Continuas a ser tu mesmo, mas a esse nível também és parte do universo do qual esse eu emana, e o seu poder e vitalidade são teus, para serem focados de forma única. Nos teus termos, literalmente olhas para trás e para a frente no tempo para o teu eu individual e para a tua civilização, vendo onde se fundem e sentindo as conexões infinitas, de modo que cada evento que escolhas como teu também será escolhido como evento mundial — participado, em certa medida, por outros, e contribuindo para a experiência disponível da espécie, da qual outros também podem extrair. Está envolvida uma cognição direta em que cada consciência sabe o que todas as outras estão a fazer, a sua "posição" e as implicações da sua experiência. Todo o tecido e estrutura do tempo e da realidade em cada ponto é avaliado, e as probabilidades sondadas e compreendidas.

Agora: tudo isto parece muito complicado. No entanto, de forma diferente, os mesmos processos ocorrem a outros níveis, como, à sua maneira, a consciência celular percebe todas as probabilidades associadas à sobrevivência física, nas suas mais vastas complicações. Neste momento, as células do teu corpo conhecem as condições de vida de qualquer ponto do planeta e fazem cálculos com elas, determinando de que forma exigem ação por parte do corpo. As tuas células estão conscientes do movimento dos

planetas e de todas as circunstâncias relativas ao equilíbrio, estabilidade e sobrevivência do corpo. O corpo está então a ser formado constantemente como resultado desses cálculos.

Em termos mais amplos, nos estados pré-sono, estás consciente de todas as atividades da tua psique mais ampla, à medida que ela participa e contribui para a existência infinita da consciência psíquica, tal como a compreendes, e toma consciência das realidades psicológicas que formam a estrutura da sua própria estabilidade. Faz uma pausa ou termina a sessão, conforme preferires. Não fui ao dentista. ("Fazemos a pausa." (11:12. Seth fez este comentário humorístico porque eu tinha arrancado um dente na sexta-feira passada. Ainda não estava a cem por cento.)

Agora: os eventos não se tornam físicos, então, a menos que certos requisitos sejam cumpridos e certos códigos ativados. As experiências nos níveis pré-sono ocorrem com as suas próprias intensidades. O conhecimento é traduzido em informação que é decomposta, no estado de sonho, em dados mais específicos, altamente simbolizados, ajustando-se a exigências individuais e "passando pelo corpo" como uma espécie de ensaio fantasmagórico. Depois é processado ainda mais em significados, impulsos ou intenções individuais, que o convertem nos códigos necessários que então determinarão a natureza dos eventos conscientes que se irão manifestar.

Os dados têm de possuir certos tipos de intensidade para que registem como matéria física ou sejam experienciados como eventos físicos. Parte deste processamento ocorre no estado de sonho, e a criatividade desempenha um papel importante no processo preliminar. Fim da sessão, e um bom começo para a próxima. Os meus mais calorosos votos e uma excelente noite. ("Muito obrigado, Seth. Boa noite." (A Jane disse que o material do Seth iria conduzir à formação das unidades EE — unidades de energia eletromagnética — e ao seu papel coletivo na criação da matéria física.)

SESSÃO 789, 27 DE SETEMBRO

Jane recebeu há dois dias, pelo correio, a sua primeira cópia impressa de *Política Psíquica*. Ficou encantada, e eu também. (Como temos estado tão ocupados, não escrevi quaisquer notas elaboradas para *Psyche*, como fiz para os outros livros de Seth. Tal como prometeu que faria no início deste trabalho, o próprio Seth vai "contextualizando" de vez em quando ao mencionar as nossas atividades, mas, obviamente — e com razão — está mais interessado em transmitir o seu material. A Jane também não tem tido muito tempo para escrever as suas próprias notas. (Sentimos que a importância do trabalho de Seth ultrapassa largamente os nossos comentários, claro, mas gosto de lembrar ao leitor, de vez em quando, que tudo isto é transmitido

espontaneamente por Seth através da Jane. (Não importa o que tenhamos feito durante o dia — quando a sessão começa, lá está o Seth.

Pode estar bem-disposto ou sério, a ditar um capítulo ou a comentar as nossas vidas ou o mundo em geral. Seja como for, está sempre pronto a partilhar connosco as suas percepções e conhecimentos, na medida em que os consegue traduzir em palavras que possamos compreender. Quando a Jane fala por ele, os seus olhos tornam-se sempre mais escuros e aparentemente maiores, com uma qualidade luminosa e envolvente que é tanto misteriosa como evocativa.

A voz de Seth, a emergir através dela com o seu sotaque único, pode ser tão suave como um sussurro ou estridente como quiser, quando quer vincar um ponto. Quando sai do transe, a Jane pode lembrar-se do que ele disse ou não ter qualquer recordação do material. (Esta noite, Seth iniciou imediatamente o ditado para *Psyche*:)

Agora: Boa noite. ("Boa noite, Seth.") — ditação.

Aquilo a que chamei aqui o estado pré-sonho é, na verdade, um estado no qual estás sempre imerso, quer estejas acordado ou a dormir, quer nos teus termos estejas vivo ou morto. Envolve condições em que o conhecimento direto opera predominantemente. É o teu estado natural de ser. Nos seus aspetos mais amplos, então, a natureza envolve estados que englobam tanto a vida como a morte em molduras de referência muito mais expansivas. Dá-nos um momento...

Este estado caracteriza-se, talvez acima de tudo, por organizações psicológicas mais percetivas. No estado pré-sonho participas nessas organizações, embora tragas de volta ao teu eu físico — sob a forma de sonhos — apenas os dados que podem ser reconhecidos e utilizados em termos físicos. É extremamente importante lembrar que a tua experiência e conhecimento crescem nesses outros níveis de atualidade; mesmo durante a tua vida física, a tua experiência não está confinada apenas aos eventos físicos convencionais. Esses eventos habituais surgem do impulso criativo que ocorre nesses outros níveis.

Por favor, compreende: não estou a dizer que não tens controlo consciente sobre os eventos, pois eles são formados por ti de acordo com os teus sentimentos, crenças, propósitos e intenções. Contudo, o material interior que “torna os eventos reais” provém dessas outras fontes. A maioria de vós não está consciente desta natureza básica e misteriosa dos eventos, porque não vos ocorre estudar o tecido interno. O passado e o futuro de qualquer evento dado fornecem uma espécie de espessura, uma espécie de profundidade no

tempo. As probabilidades de um evento escapam-te em termos práticos. No estado pré-sonho, encontras diretamente uma realidade em que essas probabilidades existem todas de uma só vez, para a tua percepção. Numa exibição deslumbrante, estás consciente desses eventos a partir de infinitas perspetivas. Conscientemente, não conseguirias apreender tal informação, muito menos agir com base nela, nem manter a tua postura psicológica única. Ainda assim, beneficias desse nível de existência, utilizando esses dados imensuráveis como base para formar a realidade que conheces.

De certo modo, o teu estado de sonho é uma ponte entre o tipo de vida que reconheces e essa dimensão muito mais vasta que é a sua origem. O sonhar envolve, então, uma entrada muito maior de informação do que se pensa — ou seja, recebes muito mais dados quando estás a sonhar do que quando estás acordado, embora sejam dados de outro tipo. Formas os teus sonhos em parte a partir dessa informação. Os próprios sonhos são depois processados de forma a tornarem-se um tecido para os eventos reconhecíveis da vigília.

Os dramas oníricos são produções altamente complicadas e artísticas. Por um lado, representam outros eventos do estado pré-sonho, eventos para lá da tua compreensão na sua “condição natural”. No entanto, esses eventos não se perdem, mas são traduzidos em sonhos à medida que a tua consciência regressa ao seu “ponto de origem”. Cada aspeto de um sonho é um símbolo codificado de eventos maiores e indecifráveis. Os símbolos são produzidos com tamanha precisão que servem simultaneamente como aspetos relacionados com a tua vida quotidiana mais íntima.

Dado que os eventos do dia-a-dia são formados em parte como resultado dessa informação dos sonhos, então cada evento da tua vida física é também um símbolo de outro evento, de outro modo indecifrável, que ocorre nesses níveis da psique em que o teu ser está imerso. Isto não nega, de forma alguma, a validade dos eventos tal como os conheces, pois toda a tua atividade física altera imediatamente todas as outras relações em todos os níveis do ser.

A maioria das pessoas está familiarizada com a inspiração de uma forma ou de outra. Pessoas que não são escritores, artistas, poetas ou músicos, muitas vezes encontram-se subitamente transformadas por breves períodos de tempo — como que atingidas por um poema, uma canção, um trecho de música, ou um esboço — que parecem vir do nada, que emergem fora do contexto dos padrões de pensamento habituais, e que trazem consigo uma compreensão, uma alegria, uma compaixão ou um talento artístico que aparentemente não existia um momento antes. De onde veio a canção, o poema ou a música? Essas pessoas sentem que “sabem” subitamente de forma direta. Experimentam um conhecimento que vem de dentro, em vez de uma informação que vem de fora.

O sonho surge da mesma forma. Não precisas de te preocupar sobre como formar um sonho antes de ires dormir à noite. Não precisas de conhecer nenhum dos mecanismos envolvidos, e por isso o sonhar parece muitas vezes simplesmente “acontecer” — tal como a inspiração parece simplesmente surgir. Já foram escritos livros sobre a natureza dos sonhos. Existem relatos clássicos de sonhos precognitivos ou proféticos, envolvendo santos e figuras veneradas da Bíblia. Contudo, cada sonho altera o mundo físico, ainda que ligeiramente. Uma ideia criativa pode levar à escrita de um livro — certamente uma produção física. Os sonhos envolvem-te nos mecanismos mais íntimos pelos quais os eventos físicos são formados.

Há mudanças hormonais e químicas a ocorrer no corpo — frequentemente a níveis diminutos mas importantes — em resposta direta à experiência dos sonhos. Os teus sonhos, então, estão ligados à tua constituição biológica. Existem também conexões biológicas codificadas dentro das imagens dos sonhos que se relacionam com a atividade celular — não de forma genérica, mas específica. Cada objeto onírico é escolhido com o maior discernimento para que funcione como símbolo em múltiplos níveis, e também envie mensagens pertinentes às células e órgãos do teu corpo. Faz agora uma pausa.

Ditado. Quero discutir as ligações entre a criatividade, os sonhos e a formação efetiva de eventos físicos. Ao mesmo tempo, compreendo a vossa necessidade de uma terminologia precisa, mesmo sabendo que, em certos termos, quanto mais “preciso” for para benefício vosso, mais podemos perder de questões maiores que escapam a esses limites. Também quero evitar muitas ideias pré-concebidas associadas a certas palavras. Contudo, nos sonhos estás intimamente ligado aos processos pelos quais os eventos físicos são formados.

Os eventos, mais uma vez, ganham as suas características a partir dos significados que atribuis ao universo, à medida que o teu próprio ser o imprime com as tuas crenças, desejos e natureza individual. Tal como um continente não existe isoladamente, mas em relação a outras formações físicas, assim também, nos teus termos, formas os eventos para que se encaixem numa estrutura coletiva. Formas a tua própria realidade. Mas não a formas isolado e sozinho.

Estás consciente de outros eventos e levas-nos em consideração, por exemplo, independentemente das aparências. Não podes forçar outra pessoa a experienciar um evento que ela rejeita. Nem ninguém pode agir da mesma forma em relação a ti. Os chamados eventos bons ou maus seguem fielmente as mecânicas internas. Para se tornarem físicos, os eventos prováveis têm de cumprir certas condições, por assim dizer. Têm de encaixar nos espaços certos de tempo e de espaço. Tem de haver também um encaixe psicológico, certas

intensidades atingidas em termos de desejo, crença ou intenção. Por intensidade, não me refiro necessariamente a esforço, desejo veemente ou intenção consciente determinada. Refiro-me antes à reunião de certas qualidades intangíveis, focadas de forma precisa em direção à atividade física.

Os eventos físicos implicam a reunião de forças essencialmente não físicas numa organização que existe, inicialmente, fora do contexto espaço-tempo. Trata-se de uma organização psicológica, composta por uma seleção de eventos prováveis escolhidos. Estes esperam nos bastidores, por assim dizer, pela sua atualização física. O gatilho final para essa manifestação pode vir do estado de vigília ou do estado de sonho, mas representará o factor decisivo — o impulso súbito da inspiração, do desejo ou do propósito — que ativará essa organização psicológica inicial e a converterá num acontecimento físico.

(Pausa às 22:56.)

As unidades EE, de que falei noutro material, são importantes porque existem numa esfera de atividade eletromagnética e desencadeiam certas respostas no cérebro e no sistema nervoso. No entanto, os próprios eventos envolvem um estado constante de campos de atividade altamente inter-relacionados, que existem, por assim dizer, entre as unidades EE. Estes campos envolvem reações psicológicas, não perceptíveis fisicamente, e ainda assim tão explosivas, à sua maneira, como uma detonação nuclear. Ou seja, estas atividades psicológicas “explodem” em eventos físicos por virtude de uma transformação e de uma carga que permite que atos puramente mentais “quebrem a barreira do espaço-tempo” e surjam como realidades no mundo físico. De certo modo, as unidades EE situam-se nos limites mais distantes dessa atividade. Se um evento fosse uma nave espacial física, as unidades EE permitiriam que ela aterrasse no vosso mundo, mas não seriam os propulsores originais. Esses propulsores são campos psíquicos de inter-relação.

Usemos uma analogia. Imagina que és um planeta — como, de certo modo, realmente és. Existindo num universo altamente complexo e sofisticado, sabes que o espaço está cheio de todos os tipos de habitantes, e vamos comparar esses habitantes espaciais com eventos prováveis. Como planeta, tens determinadas características. Alguns habitantes espaciais não conseguiriam aterrar sob essas condições.

As condições representam a tua própria individualidade psicológica. Envias mensagens para as estrelas porque te sentes só, e os eventos — ou visitantes — são um dos teus principais meios de obter experiência e conhecimento. Para aterrarem as suas naves, os viajantes espaciais têm de entrar na tua atmosfera e usar as suas condições, mantendo ao mesmo tempo a sua própria integridade. Têm também de ter as suas próprias razões para tal visita. Ora,

qualquer evento físico é algo como o impacto de uma nave a entrar no teu mundo vinda de “algures”. Os pensamentos parecem muitas vezes entrar e sair do teu sistema de consciência, mal te apercebes. Os eventos aparecem e desaparecem de forma semelhante, e ainda assim marcaram a tua realidade. Atraíste-os, de certo modo, e eles também foram atraídos por ti.

Por um momento, estabelece-se um campo de relação altamente carregado, que fornece um caminho interior pelo qual os eventos podem fluir para a tua área de eventos prováveis reconhecidos. Este caminho existe a nível psicológico e aciona os teus mecanismos de percepção, que então reagem e percebem com fidelidade. A tua intenção, propósito ou crença é uma das principais atrações. Funcionam como feixes de luz a explorar o universo, mas as condições de manifestação também têm de estar presentes. Tem de haver um encaixe adequado. Faz a tua pausa.

Bem, ditado: Antes de mais, o teu universo não está isolado. É simplesmente aquele que percebes. Existem, em sentido fundamental, outros universos dentro daquele que reconheces, e nesses universos ocorrem constantemente outros eventos dos quais não estás consciente. Os universos existem uns dentro dos outros, por assim dizer, e os seus eventos também — de modo que, embora qualquer evento dado pareça existir apenas nos termos que reconheces, é parte de infinitos outros que existem uns dentro dos outros, tornando-se impossível, a certos níveis, separar as “partes”. A tua vida diária parece dar-te pouca evidência disto.

Os teus sonhos, no entanto, contêm frequentemente esse tipo de inter-relação. Porque percebes os eventos da forma que percebes, claro, vês o universo físico familiar. Os eventos oníricos, não tão precisos em termos de espaço e tempo, servem muitas vezes como molduras através das quais se pode vislumbrar evidência de outros universos. Nenhum sistema é fechado, por isso existem interações, por assim dizer, entre todos os universos.

Nenhum sistema psicológico está fechado também, mesmo mantendo uma natureza inviolável e indestrutível. Os sonhos, então, operam como vastas redes de comunicação em massa, muito mais eficazes, a certos níveis da psique, do que a televisão é no nível físico. O estado de sonho pode ser usado, assim, como uma plataforma psíquica ou psicológica para observar outras realidades e vislumbrar os mecanismos internos pelos quais eventos não físicos se tornam atualizados no vosso mundo.

Fim do ditado. Fim da sessão, a menos que tenhas perguntas.

(O Seth transmitiu um parágrafo de informação para a Jane em resposta a uma pergunta minha sobre a sua escrita, e depois terminou a sessão.)

SESSÃO 790, 3 DE JANEIRO

(Esta noite retomamos as sessões depois de uma pausa de três meses. Durante esse tempo digitei o manuscrito final do Volume 1 da Realidade Desconhecida de Seth, com a ajuda da Jane, e acabamos de o enviar ao seu editor, a Prentice-Hall, Inc. Agora posso começar a concluir o Volume 2. (Foi um período bastante preenchido para nós, de resto. Entre muitos acontecimentos, visitamos os últimos profissionais cuja presença tínhamos agendado no final do Verão passado. Quase nenhuma semana passou sem visitas inesperadas.

(Apesar de toda esta atividade exterior, o mês de Novembro foi também triste — e educativo — para nós. O nosso gato de 16 anos, o Willy, começou a mostrar sinais de doença no Verão. O veterinário disse-nos que o coração do gato estava a falhar. Enquanto a Jane trabalhava na Realidade Desconhecida, o Willy costumava deitar-se no colo dela, e sentíamos a aproximação da sua morte com tristeza nos nossos próprios corações.

(Morreu em casa connosco, a 5 de Novembro de 1976. A coragem com que aceitou a morte fez-nos sentir humildes e ignorantes — e em reverência perante os mistérios da natureza, pois o Willy morreu com uma espécie de confiança absoluta que os humanos raramente conseguem alcançar. Enterrei-o no jardim. Agora, raramente entramos ou saímos da entrada de casa sem olhar para o grupo de pedras que coloquei sobre o seu túmulo.

(No fim-de-semana seguinte à sua morte, contudo, a Jane insistiu que arranjássemos imediatamente um novo gatinho. Tinha medo que, se não o fizéssemos, nunca mais tivesse outro animal de estimação — por isso encontrámos o "Willy Dois" numa sociedade protectora dos animais local. É tão pequeno que ainda cabe quase na palma da minha mão. Durante a sessão desta noite, dormiu enroscado no sofá ao meu lado.)

(O Seth começou a sessão terminando a Introdução ao livro da Jane A Visão do Mundo de Paul Cézanne, que a Prentice-Hall irá publicar ainda este ano. Nessa peça, o Seth deu uma excelente explicação resumida da sua teoria das "visões do mundo". Vê o livro da Jane como um exemplo de excelência do que pode ser feito nesse campo.)

(Depois, regressámos a Psyche.)

Ditado: Há vastas distâncias, de natureza psicológica e psíquica, a separar a minha realidade da tua. Em certa medida, a mente do Ruburt (Jane) é a ligação entre nós. Portanto, ao falar nas sessões, não sou inteiramente eu mesmo.

Sou o que sou, interpretado através da tua realidade. Tenho características de personalidade pelas quais aqueles que assistem às sessões me podem identificar. Tenho uma peculiaridade de voz e de sotaque que é, se me é permitido dizer, única e individualista. Ainda assim, chego à vossa realidade por um caminho estranho — um caminho que não envolve estradas nem autoestradas, mas dramas psicológicos que recuam como trilhos até à “história psicológica” da vossa espécie.

Em certa medida, sou como uma imagem de sonho particularmente vívida, persistente e recorrente, que visita a psique coletiva — só que com uma realidade que não está confinada aos sonhos — uma imagem onírica que atinge uma plenitude psicológica que pode fazer a consciência ordinária parecer, por contraste, uma fraca aparição, psicologicamente falando.

Temos falado de eventos oníricos e da realidade da vigília, da natureza da criatividade e da formação dos eventos. Tocámos também em entidades psicológicas de proporções vastas, nos vossos termos, que formam estruturas psicológicas a partir das quais a vossa própria realidade emerge. Nesse contexto, a natureza da minha realidade torna-se relevante. Não estou a falar aqui de deuses, mas de estruturas psicológicas diferentes das que conheceis.

Eles não conseguem perceber ou experienciar diretamente a vossa realidade na sua forma de organização atual. De certo modo, eles estão em segundo plano, de onde emerge o primeiro plano da vossa experiência. Aparecem nos vossos sonhos sob várias formas. São como o tecido de onde sois feitos. São forças que não necessitam de nomes, a não ser para vossa conveniência.

Essas estruturas psicológicas são também grandes ativadoras de energia e, como tal, importantes iniciadoras de eventos. Raramente, ou nunca, se materializam fisicamente. Contudo, são altamente sensíveis às necessidades psíquicas das pessoas e, por isso, “aparecem” em diversos momentos da história com certas mensagens — da mesma forma que certos sonhos podem repetir-se numa mente individual.

Tanto nos aspetos mais cósmicos como nos mais ínfimos, a experiência física nasce da realidade interior. Os eventos são iniciados de dentro e depois manifestam-se fora. Nos vossos termos, eu não tenho existência física. Estes livros, no entanto, originam eventos bem físicos, à medida que os leitores aprendem a assumir maior controlo sobre as suas vidas, expandem a consciência e se tornam conscientes das suas próprias capacidades superiores. Podes dizer, se quiseres, que sou uma imagem de sonho sem sequer imagem — mas, se assim for, então cada indivíduo cuja vida é mudada pelas minhas palavras terá de perguntar: “O que é um sonho?”

Da mesma forma que a minha personalidade existe sem manifestação física, também a vossa assim existe. A vossa experiência de sonho e vigília tem um efeito direto sobre o universo inteiro. A diferença é que não estais conscientes do que estais a fazer — mas eu estou. Mudo o mundo até certo ponto, embora, nos vossos termos, não me sente numa cadeira, nem ande nas ruas, nem te aperte a mão, nem veja o crepúsculo ou o nascer do sol. Para mim, o vosso mundo é um universo de sonho que visito por convite — uma realidade provável que acho única e muito querida, mas uma em que já não posso ter experiência direta. Como não estou tão imerso nela como vós, posso dizer-vos muito sobre ela, uma vez que a vossa orientação precisa exige uma visão mais estreita e concentrada.

Agora, nos vossos sonhos, visitais frequentemente outras realidades deste tipo, mas ainda não aprendestes a organizar ou dirigir essa percepção. Se entidades como eu formam o pano de fundo da vossa existência, também entidades como vós atuam como estruturas psicológicas de fundo em que outras organizações semelhantes existem. Há sempre um dar e receber em todas essas relações. O vosso tipo de realidade psicológica está, portanto, implícito na minha, e a minha na vossa, tal como a vossa realidade está implícita na de Willy Dois (o nosso gatinho) — e a dele na vossa. Faz a tua pausa.

Não é fácil explicar os funcionamentos da psique interior ou a atividade por detrás dos sonhos, pois essa experiência existe para lá da estrutura das palavras ou imagens e lida, fundamentalmente, com a natureza e o comportamento da energia psicológica e psíquica. Sou uma fonte de energia personificada — mas tu também o és. Tive muitas vidas, nos vossos termos, e, no entanto, noutros termos, nunca vivi fisicamente, mas emprestei ou disponibilizei a minha energia a vidas que surgiram da minha realidade, mas que não eram eu. Da mesma forma, dais origem a imagens de sonho vossas — quase sem consciência disso, inconscientes de que proporcionaram o impulso para uma forma de realidade psicológica que vos escapa completamente.

As histórias dos sonhos que começais continuam por si mesmas. Nenhum sonho nasce morto. Cada capítulo deste livro é escrito de tal modo que as ideias apresentadas ativem as vossas próprias intuições e abram caminhos entre os estados de sonho e de vigília. A vossa realidade maior paira à vossa volta a cada instante. Se soubésseis, em termos precisos, como crescestes fisicamente de feto a adulto, se pudessem seguir conscientemente esse processo, não estariam necessariamente melhor, mas talvez mais limitados — pois começariam a perguntar-se: “Estarei a fazer isto bem?” A perfeição do processo iria perturbar-vos.

Da mesma maneira, uma ilustração passo a passo da natureza do estado de sonho poderia tornar-vos demasiado conscientes de vós próprios. (*Com humor:*) Começariam a perguntar: “Estarei a sonhar corretamente?” Muitas pessoas têm receio dos seus sonhos. Têm medo de tudo o que não conseguem controlar conscientemente. No entanto, se pensarem nos vossos sonhos como extensões da vossa própria experiência noutra contexto, então poderão realmente começar a sentir-se mais à vontade com eles. Irão recordá-los mais facilmente e, à medida que o fizerem, serão capazes de manter um sentido de continuidade entre os estados de vigília e de sonho. Quando isso acontecer, os contornos da vossa psique revelar-se-ão com mais clareza.

Esses contornos, contudo, não se mostrarão como proposições matemáticas, mas emergirão através das técnicas, símbolos, sentimentos e desejos que normalmente se atribuem à criatividade. As características da criatividade revelam-se mais claramente nas crianças. A criatividade implica abandono dentro de uma estrutura que é aceite por si mesma, e apenas por si mesma. Se, nas vossas horas de vigília, brincarem a inventar um sonho e depois o interpretarem de forma lúdica, sem se preocuparem com os significados, apenas pela diversão, tocarão, inadvertidamente, a natureza dos vossos sonhos noturnos. Os vossos sonhos “reais” e os que inventarem terão muito em comum, e o processo de os inventar familiarizar-vos-á com as alterações de consciência que ocorrem, em grau ainda maior, todas as noites.

Este é um excelente exercício. É particularmente benéfico para quem tem uma estrutura mental demasiado rígida. A ludicidade e criatividade dos sonhos são enormemente subestimadas na maioria dos estudos sobre sonhos. As crianças, muitas vezes, assustam-se de propósito através de jogos, sabendo o tempo todo que é apenas um jogo. O bicho-papão no jardim desaparece ao som do sino do jantar.

A criança regressa ao universo seguro do chá e das bolachas. Os sonhos servem frequentemente o mesmo propósito. Os medos são enfrentados — mas nasce o dia. O sonhador acorda para o pequeno-almoço. Os medos, afinal, revelam-se infundados. Isto não é, de forma alguma, uma explicação para todos os sonhos desagradáveis, mas é um lembrete de que nem todos esses eventos são neuróticos ou indicativos de problemas físicos futuros.

Ruburt e Joseph têm um gatinho. Na sua grande e exuberante energia física, persegue a própria cauda, escala os móveis, cansa-se — e a mente humana joga consigo mesma de forma semelhante. Nos sonhos, utiliza livremente todas essas esplêndidas capacidades energéticas, sem necessidade de reações físicas, cautela ou questionamento. Procura realidades, dá origem a padrões psicológicos. Utiliza-se plenamente em atividade mental, da mesma forma que o gatinho se utiliza em brincadeira física.

Quando tentam explorar a psique com uma seriedade mortal, ela escapa-vos sempre. Os vossos sonhos podem ser interpretados como dramas, talvez — mas nunca como diagramas. Não tenteis reduzir a “interpretação dos sonhos” — e com gentileza, agora — ao vosso nível, mas, em vez disso, tentai entrar de forma lúdica nessa realidade, imaginativamente, e deixai a vossa consciência de vigília elevar-se a uma forma mais livre de interpretar os eventos, em que a energia não está limitada pelo espaço, pelo tempo ou por limitações.

Fim do ditado. Dá-nos um momento...

(Seth deu uma página de material para a Jane e para mim, e depois terminou a sessão.)

SESSÃO 791, 17 DE JANEIRO DE 1977

(Apesar de nos custar, a Jane e eu decidimos finalmente ter um número de telefone não listado. Chegavam até vinte chamadas por dia — e, por vezes, muitas mais, de dia e de noite. Calcula-se facilmente que isso representa cerca de 600 mensagens por mês. Era quase sempre a Jane quem atendia, pois era com ela que as pessoas queriam falar. Ela apreciava, na maioria das vezes, essa interação pessoal, e muitas vezes passava meia hora a tentar ajudar alguém dessa forma. Mas chegou a um ponto em que já não havia tempo suficiente para atender tantas chamadas e, ao mesmo tempo, realizar o seu próprio trabalho.)

Ora bem. Ditado:

(Pausa prolongada.)

Imagina que és um excelente ator, a atuar num teatro multidimensional, de tal modo que cada papel que assumes atinge uma vitalidade muito além dos poderes criativos de qualquer peça comum. Cada um de vós está empenhado num empreendimento desse tipo. Perdeis-vos nos vossos papéis. Estais também envolvidos numa espécie de dilema criativo, pois, de certo modo, confundis-vos enquanto ator com a personagem que representais de forma tão convincente que vos deixais enganar. Dizeis: “Tenho de manter a minha individualidade após a morte”, como se, depois da peça, o ator que interpretou Hamlet permanecesse nesse papel, recusando estudar outros ou prosseguir a carreira, dizendo: “Sou Hamlet, eternamente preso aos dilemas e desafios do meu caminho. Insisto em manter a minha individualidade.”

No estado de sonho, os atores tomam consciência, em certa medida, dos papéis que desempenham, e pressentem a verdadeira identidade pessoal que

está por trás da arte do intérprete. Já falei disto antes, mas é importante lembrar que impusestes uma certa sensação “artificial” de continuidade exagerada até ao próprio eu que conheceis. A vossa experiência muda constantemente, e o contexto íntimo da vossa vida também, mas concentrais-vos em pontos de ordem que, nos vossos termos, servem para reduzir a escala da vossa experiência, tornando-a mais compreensível. Não existem tais limites impostos naturalmente à vossa consciência.

Tendes um ambiente psicológico coletivo que forma a vossa cultura mundana e que corresponde a um cenário de palco onde a experiência então ocorre. Certas convenções psicológicas funcionam como adereços. Existem, assim, arranjos psicológicos mais ou menos formais que são usados como pontos de referência, ou cenários.

Agrupais a vossa experiência dentro desses arranjos. Eles servem para moldar os eventos mentais à medida que os percebeis fisicamente. Esta última frase é importante, pois, durante as vossas vidas, a experiência tem de ser sentida e interpretada fisicamente. Apesar disso, os eventos nascem de uma origem não física. Como referi anteriormente, os sonhos que recordais já são interpretações de outros eventos não físicos.

Simplificando o mais possível: a vossa experiência real é demasiado vasta para a poderdes seguir fisicamente. O vosso tipo particular de consciência é o resultado de um foco especializado dentro de uma área específica. Imaginai que é “absoluta”, pois parece envolver um estado exclusivo que inclui a vossa identidade tal como a concebeis — apenas lhe dais fronteiras como a um reino. É, na verdade, uma certa forma de organização que, embora inviolável, é também uma parte de outros tipos de consciências, com os seus próprios pontos de foco.

O vosso corpo, por si só, é composto por organizações conscientes de si mesmas que escapam à vossa atenção e lidam com material percetivo completamente alheio às vossas formas habituais de perceber. Existem afiliações de uma natureza extremamente sofisticada que transcendem até os limites da espécie. Olhais para o vosso mundo cultural com a sua arte e manufatura, as suas cidades, tecnologia e o uso cultivado da mente intelectual. Contais as vossas religiões, ciências, arqueologias e triunfos sobre o ambiente, e parece-vos que nenhuma outra consciência produziu o que o ser humano produziu. Esses “produtos” da vossa consciência são de facto únicos, criativos, e formam um mosaico característico com a sua própria beleza e elegância.

Contudo, existem organizações de consciência que vão além da espécie, que não produzem artes ou ciências no vosso sentido, e ainda assim são elas que formam o corpo vivo da Terra e das criaturas físicas sobre ela. Os seus

produtos são os mares por onde navegam os vossos navios; os céus por onde voam os vossos aviões, a terra onde se estendem as vossas cidades, e a própria realidade que torna possível qualquer cultura. O homem é parte dessa consciência transespécies — tal como o são as plantas e os animais. Parte da realidade humana também contribui para essa organização, mas o homem escolheu focar a sua consciência prática e quotidiana noutra direção, identificando a sua individualidade com ela. Como resultado, não compreende a mobilidade natural mais ampla que possui, nem consegue perceber praticamente os gestalts psicológicos naturais dos quais faz parte, e que formam o vosso mundo natural — ou seja, o mundo físico.

Nos sonhos, esta ligação é frequentemente revelada. A verdade por detrás dessas relações está presente em todas as lendas e mitologias de Deus-Homem, Deus-Mulher, Animal-Homem ou Animal-Mulher. Existem, então, conexões entre o ser humano, os animais e os chamados deuses (com letra minúscula), que sugerem realidades naturais e psicológicas. Qualquer secção do território tem uma identidade, por assim dizer — e não estou a falar simbolicamente. Essas identidades representam as organizações combinadas da consciência da terra, do ar e dos animais, dentro de um determinado domínio. Dito de forma simples: existem tantos tipos de consciências como partículas, e estas combinam-se de maneiras infinitas.

(Pausa prolongada.)

No estado de sonho, parte dessa experiência — de outro modo inacessível para vós — forma o pano de fundo do drama onírico.

(Pausa de um minuto.)

A vossa consciência não é uma coisa só, como uma lanterna que possuiis. É, em vez disso, uma aglomeração literalmente interminável de pontos de consciência, a enxamear em conjunto para formar a vossa validade — carimbada, por assim dizer, com a vossa identidade. (Intensamente:) Estejam dispersos, concentrados, pareçam estar “sós” ou a voar através de outros enxames maiores — essa organização particular representa a vossa identidade. Usando uma analogia, as suas “partículas” podiam estar dispersas por todo o universo, com galáxias entre elas, e ainda assim a identidade manter-se-ia.

Assim, sem o saberem, partes da vossa consciência misturam-se e fundem-se com as de outras espécies sem alterar um milímetro o vosso sentido de individualidade — mas formando outras realidades psicológicas nas quais não vos focais. No estado de sonho, animais, humanos e plantas fundem as suas realidades, em certa medida, de forma que a informação pertencente a uma

espécie é transferida para outras, numa comunicação e percepção internas, desconhecidas no vosso mundo. Faz a tua pausa.

As estruturas naturais da Terra são formadas como resultado da cooperação biológica de todas as espécies, e a própria consciência é independente de qualquer forma que possa assumir em determinado momento. Assim, em níveis que vos pareceriam caóticos, existe uma grande mistura e fusão de consciências, uma troca contínua de informação, por assim dizer; uma exploração sem limites de possibilidades, das quais, nos vossos termos, emergem eventos privados e coletivos.

Estou apenas a explicar as características, aptidões, capacidades e tendências da Natureza, com N maiúsculo. Existem tantos níveis diferentes naquilo a que chamais o estado de sonho que é impossível listá-los, exceto de forma estereotipada. Isto acontece particularmente porque algumas sequências de sonho envolvem compreensões biológicas que não são literalmente traduzíveis.

É verdadeiramente correto dizer que o “inconsciente” está intimamente consciente dos mais pequenos detalhes da vossa saúde, estado de espírito e relações pessoais. Esse “inconsciente” está também ciente do estado de saúde da Terra — e até das condições ambientais do outro lado do planeta. Conhece igualmente o clima cultural.

A vossa consciência reconhecida funciona como funciona devido a imensos processos de recolha de informação — processos que unem todas as espécies. Biologicamente, essa informação está codificada, mas esses dados físicos, como nos genes e cromossomas, podem ser alterados pela experiência e atividade mental — tanto noutras espécies como na vossa.

Por um lado, o ato de sonhar — especialmente nos animais e nos humanos — envolve não apenas o processamento, mas também a recolha de informação. Sonhar impede que a vida se torne um sistema fechado, ao abrir fontes de conhecimento que não estão praticamente disponíveis no estado de vigília, e ao fornecer retorno a partir de fontes que não pertencem ao mundo convencional. A informação obtida através da aprendizagem e da experiência no estado de vigília é verificada no sonho, não apenas em relação à experiência física, mas também processada de acordo com dados “biológicos” e “espirituais”.

Mais uma vez: essa informação é adquirida à medida que a consciência adormecida se dispersa, por assim dizer, e se funde com outras consciências — da própria espécie e de outras — mantendo, ainda assim, a sua identidade

global. Essas outras consciências também estão dispersas de forma semelhante.

Dessa forma, cada indivíduo mantém uma imagem do ambiente físico e psicológico coletivo, em constante mudança. Os eventos físicos, tal como os compreendeis, não poderiam existir de outro modo. (Longa pausa.) Na base de tudo, a informação é experiência. Nos sonhos, obtendes a informação necessária para formar as vossas vidas. Esse estado de sono, portanto, não é apenas o “outro lado” da vossa consciência — é o que torna a vossa vida de vigília e cultura possíveis. A morte funciona da mesma maneira. Os animais, em particular, compreendem isto porque organizam o tempo de forma diferente da vossa. Sonhar fornece todas as condições da vida e da morte — facto que muitas vezes assusta o eu desperto.

Mas aqui está uma mistura criativa: as organizações percetivas das quais emerge a vida consciente, afinada para o quotidiano. Aqui estão as matérias-primas de todos os acontecimentos diários que reconheceis — em termos individuais e globais. Na natureza nada se desperdiça, por isso o crescimento luxuriante das paisagens de sonho humanas é também utilizado. Quer esses sonhos se materializem fisicamente ou não, possuem a sua própria realidade.

As vossas personalidades são, até certo ponto, o resultado da vossa experiência de vigília. Mas também são formadas, em igual medida, pela vossa experiência de sonho — pela aprendizagem, pelo conhecimento e pelos encontros que ocorrem quando muitos vos diriam que estais além da percepção legítima. Os sonhos estão, portanto, profundamente envolvidos nos processos de aprendizagem. Sonhos de andar e correr ocorrem em bebés muito antes de eles gatinhar, e servem como impulsos iniciais. De forma rudimentar, os sonhos das crianças envolvem também conceitos matemáticos, de modo que o ensino formal da matemática encontra um terreno já fértil.

As artes, as ciências, a agricultura — todas refletem contornos e tendências naturais inerentes à mente humana, surgindo primeiro no estado de sonho como atributos gerais, e depois a dar origem, no estado de vigília, a inclinações intelectuais especializadas. As cidades, portanto, existiram em sonhos antes do tempo das tribos. O estado de sonho fornece o impulso para o crescimento e abre à consciência sintonizada com a Terra vias de informação para a sobrevivência física.

Como esse estado também está ligado à vida de vigília, levais para ele muitos dos elementos da vossa existência diária, de modo que os vossos sonhos recordados são frequentemente apresentados em termos bastante convencionais. Regra geral, lembrais-vos da camada externa do sonho — ou daquilo em que ele se transforma à medida que vos aproximais do vosso nível

habitual de consciência. Num sonho, estais basicamente conscientes de tantos aspetos de um acontecimento que muitos deles devem, necessariamente, escapar à vossa memória consciente.

No entanto, qualquer educação verdadeira tem de levar em conta os processos de aprendizagem que ocorrem nos sonhos — e ninguém pode esperar compreender verdadeiramente sem encorajar a experiência de sonho, a recordação dos sonhos e o uso criativo da educação onírica na vida desperta.

(Com mais intensidade:)

Tens alguma pergunta?

(“Não...”)

Então devolvo-vos ao vosso gatinho — que está a fazer exatamente o que ambos querem que ele faça.

(“Está bem.”)

Ele está a lembrar-vos da espontaneidade criativa natural da vida — a fonte da vossa própria criatividade, propósitos e intenções. Para que a vida possa, de facto, intrometer-se na vossa arte.

(com sentido de diversão).

Os meus melhores cumprimentos e uma excelente noite.

(“Muito obrigado, Seth. Boa noite.”)

(Rimo-nos. Os comentários de Seth sobre Willy Dois — ou Billy, como às vezes o chamamos agora — foram claramente uma resposta à divertida frustração que sentimos antes da sessão, quando o gatinho estava em grande forma: saltando pelos móveis, puxando as cortinas — bem como por nós —, metendo-se nos papéis, etc.)

SESSÃO 792, 24 DE JANEIRO DE 1977

Ora bem. Ditado: Na realidade de vigília, partilhais obviamente uma experiência mundial coletiva, bem como um ambiente físico comum. Mais uma vez, os eventos que percebeis surgem organizados em sequências temporais, de modo que estais habituados a uma certa ordem de antes e depois. Quando construíis estruturas físicas, empilham-se tijolos, um sobre o outro. Pode parecer que os eventos psicológicos têm o mesmo tipo de estrutura, já que,

afinal, também os percebeis no tempo. Quando perguntais: “Como são formados os eventos?”, esperais, mais ou menos, uma resposta expressa nesses termos. A resposta não é tão simples.

A origem dos eventos reside naquele reino criativo e subjetivo do ser com o qual, geralmente, tendes menos preocupação. Esse estado de sonho fornece uma rede interior de comunicação que, à sua maneira, ultrapassa largamente os vossos meios tecnológicos. A rede interior lida com outro tipo de organização perceptiva inteiramente diferente.

Uma rosa é uma rosa é uma rosa. No estado de sonho, porém, uma rosa pode ser uma laranja, uma canção, um túmulo ou uma criança — e ser todas essas coisas em simultâneo. Nos sonhos lidais com símbolos, claro. Mas os símbolos são simplesmente exemplos de outros tipos de eventos bastante “objetivos”. São eventos que são aquilo que parecem ser, mas também eventos que não se revelam “imediatamente”. Um chamado evento, portanto, pode conter muitos outros, enquanto vós apenas percebeis a sua face exterior — e chamais a essa face um símbolo. Os outros eventos contidos no símbolo são tão legítimos como o único que percebestes. Basicamente, os eventos não são construídos uns sobre os outros.

Os eventos não são construídos uns sobre os outros, mas sim desenvolvem-se uns a partir dos outros, numa espécie de expansão espontânea — uma profusão de criatividade — enquanto a mente consciente escolhe quais os aspetos a experienciar, e esses aspetos tornam-se, então, o que chamais de evento objetivo.

Os eventos, obviamente, não são formados apenas pela vossa espécie. Assim, como mencionei na última sessão, existe um nível do estado de sonho no qual todas as consciências sintonizadas com a Terra — de todas as espécies e graus — se encontram. Do vosso ponto de vista, isso representa um estado profundo de criatividade inconsciente — particularmente ao nível celular — através do qual toda a vida celular comunica, formando uma rede biológica vital que fornece a própria base para qualquer experiência “superior”.

O que chamais de sonhar depende evidentemente dessa comunicação celular, que distribui a força vital por todo o planeta. A formação de qualquer evento psicológico depende, portanto, dessa relação inter-espécies. Os símbolos psicológicos com os quais estais familiarizados surgem, em termos naturais, como fumo, inerente à própria estrutura celular. Em termos mais profundos, animais e plantas também possuem símbolos — e reagem a eles. Os símbolos podem ser considerados como códigos psíquicos, interpretados de forma infinita consoante as circunstâncias em que a consciência se encontra.

Os eventos oníricos “convergem” do mesmo modo que o universo se forma. Os eventos, por isso, não podem ser definidos com precisão. Podeis explorar a vossa própria experiência de um evento, e essa exploração, por si só, altera a natureza do evento aparentemente separado que começastes a investigar.

Partilhaiis, portanto, uma experiência coletiva de sonho, tal como partilhaiis um mundo de vigília comum. A vossa experiência diária é privada e exclusivamente vossa, mas ocorre dentro de um ambiente partilhado. O mesmo se aplica ao estado de sonho. Os vossos sonhos são igualmente únicos, mas ocorrem num contexto partilhado — um ambiente onde os sonhos do mundo têm lugar. Nesse contexto, a vossa própria existência está “para sempre” assegurada. Sois o evento físico de vós mesmos, colocado num determinado tempo e espaço e, por causa das condições desse enquadramento, dentro dele excluís automaticamente outras experiências do vosso próprio ser.

O vosso eu mais amplo existe num contexto que vai além da vossa percepção habitual dos eventos. Esse eu maior, no entanto, é o que forma o eu que conheceis. No estado de sonho, entraís parcialmente nesse contexto mais amplo. Por essa razão, perdeis também aquela orientação específica e precisa com que estais familiarizados — e, no entanto, por vezes começais a pressentir a forma maior dos eventos e a natureza intemporal da vossa própria existência. Individualmente e em massa, no estado de sonho, mudais a orientação da vossa consciência e lidais com o nascimento dos eventos, os quais só mais tarde são estruturados no tempo ou experienciados fisicamente. Faz a tua pausa.

Antes de mais, os eventos físicos são os produtos finais de propriedades não físicas. A formação de eventos é, inicialmente, uma função emocional, psíquica ou psicológica. Os eventos são interpretações físicas, versões convencionais de experiências percetivas interiores que são depois “condensadas” no espaço e no tempo. Os eventos são organizados segundo leis que envolvem o amor, a crença, a intenção e as intensidades com que estas são vividas. Os eventos são atraídos ou repelidos por vós consoante os vossos amores, crenças, intenções e propósitos. O vosso mundo fornece um palco onde certos eventos podem — ou não — ocorrer.

Guerras, violência, desastres — são partilhados por muitos, e fazem parte do vosso ambiente psicológico e físico coletivo. No entanto, algumas pessoas enfrentam a guerra diretamente, em combate corpo a corpo ou sob bombardeamento. Outras apenas sofrem incómodos. Aqui, o ambiente coletivo é vivido como realidade física de acordo com a crença individual, o amor e a intenção.

No seu significado mais profundo, não existe tal coisa como uma vítima — seja de guerra, pobreza ou doença. Isto não significa que essas qualidades negativas não devam ser combatidas, pois, nos termos da compreensão convencional, parece certamente que homens e mulheres são vítimas em muitos desses casos. Por conseguinte, agem como vítimas, e as suas crenças reforçam essa experiência.

Sem dúvida, pela centésima vez ou mais, digo: "As vossas crenças formam a vossa realidade."

E isto significa que as vossas crenças estruturam os eventos que conheceis. Essas experiências convencem-vos cada vez mais da realidade que percebem — até que se forma um círculo vicioso no qual todos os eventos espelham as crenças de tal modo que parece não haver intervalo entre um e outro.

Mas se isso fosse totalmente verdadeiro, a história da humanidade nunca mudaria de forma significativa. Caminhos alternativos de experiência — novas possibilidades e soluções intuitivas — surgem constantemente no estado de sonho, de modo que o aprendizado humano não depende apenas de um sistema de retorno (feedback) que não permite a inserção de material criativo.

O sonhar, então, fornece à espécie experiências de aprendizagem que de outro modo não estariam disponíveis — experiências nas quais o comportamento e os eventos podem ser avaliados com base numa compreensão mais desenvolvida e elevada do que aquela que está presente na realidade convencional, em qualquer nível.

Pode acontecer, por exemplo, que surjam complicações derivadas das intenções, desejos e afetos de uma pessoa, levando-a a procurar certos eventos que as suas próprias crenças tornam impossíveis. A experiência presente pode criar um dilema em que um objetivo desejado parece inatingível. Nesses casos, um sonho — ou uma série deles — poderá alterar as crenças da pessoa de um modo que de outro modo não ocorreria, fornecendo nova informação. Os mesmos dados podem chegar sob forma de inspiração, mas serão, em qualquer caso, o resultado da aquisição de conhecimento que não estava acessível antes.

Amor, propósito, crença e intenção — são estes os elementos que moldam o vosso corpo físico e atuam sobre ele e com ele, da mesma forma que, a outros níveis, a consciência celular o forma. O amor é uma característica tanto biológica como espiritual. Na sua base, amor e criatividade são sinónimos. O amor existe sem um objeto. É o impulso pelo qual todo o ser se manifesta.

Desejo, amor, intenção, crença e propósito — estes moldam a experiência do vosso corpo e todos os eventos que ele percebe. Não podeis mudar uma única

crença sem que ela altere a vossa experiência corporal. O grande dar e receber entre a integridade biológica e a psicológica ocorre constantemente. Os vossos pensamentos são tão ativos quanto as vossas células, e igualmente importantes na manutenção do vosso ser físico. Os vossos pensamentos são tão naturais como as vossas células. Os vossos pensamentos impulsionam-vos em direção à sobrevivência e ao crescimento, tal como as vossas células fazem.

Se se encontrarem em dificuldades físicas, em termos de saúde, não podeis perguntar: “Porque é que o meu corpo não me trava e afirma a sua própria sabedoria?”, pois, no sentido mais verdadeiro, não existe divisão entre os vossos pensamentos e o vosso corpo. Fostes dotados da capacidade de pensar, tal como fostes dotados da capacidade de mover. Os vossos pensamentos multiplicam-se, tal como as vossas células o fazem. O vosso pensamento serve para garantir a vossa sobrevivência, tanto quanto o vosso mecanismo físico.

Este dar e receber entre os dois ocorre sobretudo no estado de sonho, onde há uma constante tradução de dados. Os vossos pensamentos e as células do vosso corpo refletem-se mutuamente.

Vou agora sugerir uma série de exercícios. Devem ser encarados como jogos criativos e exuberantes. Eles vão familiarizar-vos com a vossa psique — ou com a vossa experiência mais ampla de vós próprios — ajudando-vos a direcionar a atenção para aspetos da vossa experiência que normalmente vos escapam.

Os exercícios não funcionarão, no entanto, como é suposto, se forem realizados com uma atitude demasiado séria ou com um espírito demasiado rígido. Devem ser vistos como brincadeiras criativas, embora de natureza mental — e consistem, na verdade, em atividades mentais que as crianças experimentam espontaneamente. Não devem ser encarados como feitos esotéricos. Representam a intenção de redescobrir o prazer transparente e genuíno que um dia sentistes ao manipular a vossa própria consciência — como se a enrolásseis e desenrolásseis, tal como se faz com uma corda de saltar. Faz a tua pausa.

O estado de sonho é a fonte de todos os eventos físicos, no sentido em que fornece a grande estrutura criativa a partir da qual escolheis a vossa realidade diária. As crianças aprendem rapidamente com os pais que a experiência deve ser estruturada de acordo com certos padrões convencionais. No entanto, nos seus próprios períodos de brincadeira imaginativa, as crianças utilizam eventos dos sonhos — ou eventos percebidos em sonhos — sabendo perfeitamente que esses não são considerados “reais” no mundo convencional. A brincadeira

física é agradável, e acompanha-se de intensa atividade imaginativa. Os músculos e a mente são exercitados em simultâneo.

O mesmo tipo de atividade ocorre no estado de sonho da criança, à medida que ela aprende a lidar com os eventos antes de os encontrar fisicamente. Está envolvida uma intensa atividade onírica. Alguns eventos de sonho são mais reais para a criança do que certos eventos da vigília — não porque a criança não compreenda a natureza da experiência, mas porque ainda está muito próxima da base emocional por detrás dos eventos.

Alguns dos exercícios que irei sugerir irão colocar-vos em contacto com o modo como os eventos são formados. A brincadeira, a criatividade e os sonhos das crianças envolvem-vos com o nascimento dos eventos da forma mais direta possível. Os jogos que jogais — ou que observais habitualmente — revelam, evidentemente, muito sobre o tipo de organização que ocorre na vossa própria experiência.

De um modo geral, organizais os eventos à volta de certas emoções. Estas podem ser de carácter combativo, no qual existirão sempre boas equipas e más equipas, salvação ou destruição, vitória ou derrota. Os eventos da vossa vida seguirão uma estrutura semelhante.

Antes do condicionamento, a brincadeira das crianças segue o amor pela performance — seja do corpo ou da imaginação — apenas pelo prazer de atuar; pela expansão das capacidades mentais ou físicas. Os eventos mais satisfatórios envolvem essas características.

Os exercícios que irei sugerir dizem respeito a jogos “que qualquer pessoa pode jogar” — ou seja, à manipulação natural e alegre da imaginação que as crianças utilizam. Fim do ditado.

O próximo capítulo chamar-se-á: “Jogos Que Qualquer Pessoa Pode Jogar: Os Sonhos e a Formação dos Eventos.”

(Depois de nos dar, como de costume, uma página de informação para mim e para a Jane, Seth terminou a sessão.)

(Na manhã seguinte, a Jane acordou com o título de um livro na cabeça: O Diário Pós-Morte de um Filósofo Americano.)

Ela sabia que se referia a *William James*, o psicólogo e filósofo americano que viveu de 1842 a 1910 — e que um sonho estivera envolvido, embora o tivesse esquecido. Só restava o título.

(Como referido anteriormente neste manuscrito, a Jane já tinha recebido várias páginas de material “de James”, que incluía em Política Psíquica, e o Seth tinha dado uma sessão no ano passado explicando as suas “ligações subjetivas” com James. No entanto, ele não mencionou nada sobre um futuro livro de James.

(Não obstante, durante a manhã, a Jane sentiu subitamente que “algo estava pronto”. Colocou uma folha nova na máquina de escrever e, de imediato, começou o que muito bem poderá ser um novo livro. Observei-a, divertido e encantado, enquanto ela se punha a trabalhar. Tal como com o manuscrito de Cézanne, o material desta manhã “chegou” com tanta rapidez que ela teve de escrever o mais depressa que conseguia para acompanhar o seu fluxo.)

Vai ser muito interessante ver o que daí resulta.

CAPÍTULO 10

"JOGOS QUE QUALQUER UM PODE JOGAR. SONHOS E A FORMAÇÃO DOS EVENTOS."

SESSÃO 793, 14 DE FEVEREIRO DE 1977

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Ditado.

O cérebro é, essencialmente, um mecanismo psico-orgânico de formação de eventos através do qual a consciência opera. A sua tendência para gerar eventos é evidente mesmo em crianças pequenas. E por evidente quero dizer ativa — quando surgem fantasias que envolvem atividades muito além das capacidades físicas ainda desenvolvidas. Os sonhos das crianças são mais intensos do que os dos adultos porque o cérebro está a praticar as suas funções de formação de eventos. Estas têm de ser desenvolvidas antes que certas faculdades físicas possam ser ativadas. Os bebés brincam nos seus sonhos, realizando ações físicas para além das suas capacidades atuais.

Embora os estímulos externos sejam altamente importantes, os estímulos internos da brincadeira onírica são ainda mais. As crianças praticam o uso de todos os seus sentidos nos sonhos de brincadeira, o que depois estimula os próprios sentidos e, de facto, ajuda a assegurar a sua coordenação.

Nos vossos termos, os eventos são ainda plásticos para as crianças pequenas, uma vez que ainda não aprenderam a aplicar a vossa estrutura rigorosa da realidade. Há um ponto interessante relacionado com a necessidade de coordenar os sentidos: antes que esse processo ocorra, não existe uma colocação rígida dos eventos no tempo e no espaço. Essa colocação é adquirida.

Os sentidos de uma criança ainda não coordenada podem, por exemplo, ouvir palavras que serão ditas amanhã, ao mesmo tempo que veem a pessoa que as dirá hoje. Focalizar os sentidos no tempo e no espaço é, até certo ponto, uma arte adquirida — uma que é, obviamente, necessária para a manipulação física precisa.

Mas antes de essa focalização acontecer, as crianças — particularmente no estado de sonho — desfrutam de uma visão global dos eventos, que gradualmente se torna mais nítida e mais estreita. Um certo grau de liberdade no espaço e no tempo persiste, pois mesmo biologicamente a criança está intrinsecamente equipada com uma “pré-visão” que lhe permite uma percepção “inconsciente” dos eventos futuros imediatos — como, por exemplo, uma advertência de perigo.

A partir dessa experiência mais plástica e solta, a criança começa, nos sonhos, a escolher elementos mais específicos e, ao fazê-lo, treina os próprios sentidos para uma sensibilidade mais estreita. Durante os períodos de brincadeira, a criança frequentemente continua jogos iniciados naturalmente no estado de sonho. Estes incluem representação de papéis e também jogos que envolvem simplesmente atividade muscular física. Tudo isto ensina especialização.

Nos sonhos, a mente está livre para brincar com os eventos — e com a sua formação. A concretização desses eventos, no entanto, requer determinadas condições práticas. Na brincadeira, as crianças testam eventos iniciados no estado de sonho e “avaliam-nos” face às condições físicas.

Desta forma, a criança experimenta probabilidades e também alinha a sua estrutura física com um dado nicho de probabilidade.

Basicamente (sublinhado duas vezes), no sonho, o cérebro não está limitado à experiência fisicamente encontrada. Mentalmente, pode formar um número infinito de eventos, e a consciência pode assumir um número infinito de papéis. A criança pode facilmente sonhar que é a sua própria mãe, ou pai, irmã, irmão, o cão da família, uma mosca, um soldado. Na brincadeira de vigília, depois, a criança experimentará esses papéis — e verá rapidamente que não se encaixam nas condições físicas.

Mesmo antes de uma criança ver montanhas, pode sonhá-las. Existe um conhecimento do ambiente planetário que faz parte do vosso património inconsciente. Possuís um ambiente inconsciente, um mundo psicológico dado, sintonizado com o mundo físico — e a vossa aprendizagem ocorre nele, subjetivamente, ao mesmo tempo que, objetivamente, aprendeis a manipulação exterior.

A imaginação está profundamente envolvida com a formação dos eventos. A imaginação das crianças impede-as de ficarem excessivamente limitadas pelo mundo dos pais. Em vigília ou a sonhar, as crianças “fazem de conta” — e nesse fingimento exercitam a sua consciência de um modo particularmente vantajoso.

Aceitando uma dada realidade para si próprias, reservam, no entanto, o direito — por assim dizer — de experimentar outros estados “secundários” de ser. Até certo ponto, tornam-se naquilo que fingem ser e, ao fazê-lo, expandem também o seu conhecimento e experiência.

Se deixadas por conta própria, as crianças aprenderiam como lidar com os animais fingindo que são animais, por exemplo. Ao experienciar as reações dos animais, perceberiam como devem reagir elas próprias. Na brincadeira, especialmente, as crianças experimentam qualquer situação imaginável.

No estado de sonho, adultos e crianças fazem o mesmo — e muitos sonhos são, de facto, uma espécie de brincadeira.

O próprio cérebro nunca está satisfeito com uma única versão de um evento, mas utilizará sempre a imaginação para formar outras versões, numa atividade tão espontânea quanto a brincadeira. Também pratica a formação de eventos da mesma forma que os músculos praticam o movimento.

O cérebro busca a versão mais rica de um evento. Falo aqui especificamente do cérebro, separado da mente, para enfatizar que estas capacidades são de natureza da criatura. A genialidade do cérebro vem da mente, que pode ser chamada de equivalente biofísico do cérebro. Faz a tua pausa.

Possuís sentidos interiores que, de forma aproximada, correspondem aos sentidos físicos. Contudo, estes não precisam de ser treinados para uma orientação específica no espaço-tempo. Quando as crianças sonham, utilizam esses sentidos interiores tal como os adultos o fazem e, através do sonho, aprendem a traduzir tal material para a estrutura precisa dos sentidos exteriores. Os jogos das crianças são sempre “no presente” — isto é, são experienciados de imediato, mesmo que os eventos da brincadeira envolvam o futuro ou o passado.

A frase “Era uma vez” é profundamente evocativa e comovente — mesmo para adultos — porque as crianças brincam com o tempo de uma forma que os adultos já esqueceram.

Se quiseses sentir o movimento da tua psique, talvez seja mais fácil imaginares uma situação no passado ou no futuro, pois isso automaticamente move as tuas perceções mentais de forma diferente. As crianças tentam imaginar como era o mundo antes de entrarem nele. Faz o mesmo. A forma como segues estas instruções pode ser reveladora, pois as áreas de atividade que escolheres dir-te-ão algo sobre as qualidades únicas da tua própria consciência.

Os jogos dos adultos lidam em grande parte com manipulações no espaço, enquanto a brincadeira das crianças envolve frequentemente variações no tempo.

Olha para um objeto natural — por exemplo, uma árvore. Se for primavera, imagina que a vês no outono. Altera a tua orientação temporal — com exercícios como este. Isso permitir-te-á automaticamente libertar-te de um foco demasiado estreito. Irá, até certo ponto, romper o entrelaçamento rígido da tua perceção da realidade, tal como aprendeste a percebê-la.

As crianças podem brincar com tamanha intensidade que, por exemplo, imaginam-se ressequidas sob o sol de um deserto, embora estejam no meio de uma sala climatizada e fresca.

Por um lado, estão completamente envolvidas na sua atividade. Por outro, estão perfeitamente conscientes do seu ambiente “normal”.

O adulto, no entanto, receia muitas vezes que qualquer alteração lúdica e não-oficial da consciência seja perigosa — e teme que a situação imaginada ultrapasse a situação real.

Através do condicionamento, muitos adultos foram ensinados a desconfiar da própria imaginação. Essas atitudes não só impedem drasticamente qualquer criatividade artística, como também limitam a criatividade imaginativa necessária para lidar com a própria natureza dos eventos físicos.

A acuidade criativa do ser humano, o seu foco sensorial preciso no espaço e no tempo, e a sua capacidade de reagir rapidamente aos eventos são, evidentemente, características altamente importantes. No entanto, foi a imaginação que lhe permitiu desenvolver o uso de ferramentas e deu origem à sua inventividade. A imaginação permite-lhe planejar no presente o que poderá acontecer no futuro.

Isto significa que, até certo ponto, a imaginação tem de funcionar fora da orientação sensorial precisa. Por essa razão, é usada de forma mais livre no estado de sonho. Em termos básicos, a imaginação não pode estar amarrada à praticabilidade, pois, se assim for, o homem recebe apenas feedback físico. Se fosse só isso, não haveria invenções.

Há sempre informação adicional disponível, para além da que se encontra no ambiente físico. Esses dados adicionais resultam da “alta brincadeira” do cérebro — enquanto ele experimenta a formação de eventos, utilizando os sentidos interiores, que não estão estruturados no tempo ou no espaço.

Outro exercício: Pouco antes de adormeceres, imagina-te tal como és, mas a viver num século passado ou futuro — ou simplesmente faz de conta que nasceste 10 ou 20 anos mais cedo ou mais tarde.

Se feito com leveza e brincadeira, esse tipo de exercício dar-te-á uma boa noção subjetiva da tua existência interior — tal como ela é fora do contexto temporal.

(Aqui Seth interrompeu a ditado do livro para discutir algumas questões relacionadas com a nossa correspondência crescente. Depois fizemos uma pausa.)

Ditado (retomado):

Para estimular a criatividade, exercita a tua imaginação rompendo com o teu foco habitual no espaço-tempo. Ao adormeceres, imagina que estás no mesmo lugar, exatamente no mesmo ponto — mas em alguma época do passado ou do futuro distante. O que vês? O que ouves? O que está lá?

Outro exercício: imagina que estás noutra parte do mundo, mas no tempo presente, e faz as mesmas perguntas. Para variar, segue na tua mente as tuas próprias atividades do dia anterior. Coloca-te uma semana à frente no tempo. Faz as tuas próprias variações desses exercícios.

O que eles te ensinarão não pode ser explicado com palavras, pois proporcionarão uma dimensão de experiência, uma sensação sobre ti próprio que só poderá fazer sentido para ti. Eles ensinar-te-ão a encontrar as tuas próprias sensações de ti mesmo, separadas do contexto oficial da realidade em que normalmente percebes a tua existência.

Adicionalmente, serás mais capaz de lidar com eventos atuais, pois a tua imaginação, exercitada, trará até ti informações cada vez mais valiosas.

Não comeces por usar a imaginação apenas para resolver problemas atuais, porque, mais uma vez, irás amarrar a tua criatividade a esses problemas e restringi-la devido às tuas crenças sobre o que é “prático”.

Se feitos de forma lúdica, estes exercícios irão desencadear outros eventos criativos. Estes envolverão a utilização de alguns dos sentidos interiores, para os quais não tens correspondências sensoriais objetivas.

Compreenderás melhor as situações da vida quotidiana porque ativarás capacidades interiores que te permitirão perceber, de forma subjetiva, a realidade dos outros — tal como as crianças o fazem. Existe uma aptidão interior que permite uma sensibilidade muito maior aos sentimentos dos outros do que aquela que atualmente reconheces. Essa aptidão será ativada.

Mais uma vez: as capacidades do cérebro vêm da mente. Portanto, enquanto aprendes a centrar a tua consciência no corpo — e necessariamente assim — as tuas perceções interiores vagueiam por um espectro muito mais vasto.

Antes de dormir, então, imagina a tua consciência a viajar por uma estrada ou pelo mundo — o que quiseses. Esquece o corpo. Não tentes sair dele neste exercício. Diz a ti mesmo que estás a viajar imaginativamente.

Se escolheres um destino familiar, imagina as casas por onde passarias. Contudo, por vezes é mais fácil escolher um local desconhecido, pois assim não serás tentado a testar-te constantemente, perguntando-te se as cenas imaginadas correspondem ou não à tua memória. Em certa medida, a tua consciência estará realmente a viajar.

Mais uma vez: uma atitude lúdica é o melhor. Se a mantiveres e te lembrares dos jogos de criança, então toda a experiência será inteiramente agradável — e mesmo que vivencies algo assustador, reconhecerás isso como pertencente à mesma categoria dos sustos nos jogos infantis.

As crianças assustam-se muitas vezes de propósito. Existem várias razões para esse comportamento. As pessoas assistem a filmes de terror pelo mesmo motivo. Geralmente, o corpo e a mente estão aborrecidos e procuram, na verdade, um estímulo dramático.

Em condições normais, o corpo é restaurado — “limpo”, por assim dizer — através da libertação de hormonas que têm sido reprimidas, muitas vezes por hábitos restritivos. O corpo procurará essa libertação — e a mente também.

Sonhos, ou mesmo devaneios de natureza assustadora, podem cumprir essa função. A brincadeira criativa da mente serve frequentemente eventos

simbólicos que resultam em reações físicas terapêuticas, e funcionam também como sugestões pós-sonho que indicam ações corretivas.

Menciono isto apenas para mostrar a semelhança entre alguns sonhos e alguns jogos infantis — e para mostrar que todos os sonhos e todos os jogos estão intimamente ligados à criação e experiência de eventos.

E em voz alta: o evento desta sessão está concluído. Tens perguntas?

(Eu tinha algumas, sobre outro assunto. Depois de nos dar cerca de meia página de material, o Seth disse boa noite.)

SESSÃO 794, 21 DE FEVEREIRO DE 1977

(No início da semana passada, um amigo enviou-me uma cópia de um “duplo sonho” vivido pela sua companheira. Depois, na sexta-feira à noite, enquanto a Jane e eu discutíamos o episódio, encontrei-me a dizer que uma explicação para os sonhos duplos — isto é, a consciência de estar a viver dois sonhos ao mesmo tempo, ou um sonho dentro de outro — poderia ser que cada hemisfério do cérebro tem o seu próprio sonho separado; e que os dois sonhos tentam depois emergir juntos para a consciência habitual.

(Cada sonho seria característico das funções do hemisfério cerebral que o vivenciou, acrescentei, tal como hoje entendemos essas funções: o hemisfério esquerdo, mais analítico e intelectual, geraria sonhos com essas qualidades; o hemisfério direito, mais criativo, daria origem a sonhos com símbolos, arte e emoção.

(Ao falar assim, com tanta facilidade, percebi que tinha andado a meditar sobre a carta do nosso amigo, e que estas ideias surgiram espontaneamente. Disse também que, embora os dois hemisférios sejam distintos, estão unidos pelo tronco cerebral e pelo corpo caloso, e, portanto, existem vários tipos de interação entre eles. Do mesmo modo, num sonho duplo, haveria relações entre os dois sonhos.

(Mais tarde, a Jane sugeriu que eu pedisse ao Seth que comentasse estas ideias numa sessão. Naturalmente, haveria várias outras razões para os sonhos duplos. Escrevi brevemente sobre isso no Volume 1 de Realidade Desconhecida; ver as notas da Sessão 692.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: a preparar as vossas perguntas. Antes de mais, as vossas memórias, sentimentos e emoções — embora ligados ao corpo e deixando vestígios — são entidades separadas. É como se as experiências da vossa vida fossem capturadas numa película. Neste caso, a película seria o tecido corporal, o tecido cerebral. No entanto, as experiências em si existiriam independentemente da película — a qual, de qualquer forma, nunca poderia captá-las por completo.

De certo modo, a atividade do cérebro ajusta a velocidade com que vós, como criaturas físicas, percebem os acontecimentos da vida. Teoricamente, esses eventos poderiam ser abrandados ou acelerados. Ainda de forma metafórica, o som, a visão, a solidez dimensional, e assim por diante, são “dublados” — sobrepostos. A “imagem” corre mais ou menos à mesma velocidade. Os sentidos físicos alinham-se entre si para vos dar um coro sensorial dramático, cada “voz” mantendo o tempo perfeito com os demais padrões sensoriais, de modo que, como regra, há harmonia e sensação de continuidade, sem falhas embaraçosas.

O mesmo aplica-se aos vossos pensamentos, que, se prestardes atenção, parecem vir suavemente uns após os outros, mais ou menos seguindo a sequência da atividade exterior. O cérebro, tal como o ecrã de cinema, oferece-vos uma imagem física — em estéreo vivo (com humor) — de atividades internas que não aparecem em lado nenhum de forma física.

O cérebro dá-vos um sistema de referência prático e necessário para lidar com a vida corporal. Ele organiza para vós os eventos na “sequência correta” — eventos que poderiam ser experienciados de muitas outras formas, utilizando outros tipos de organização.

O cérebro e outras partes do corpo sintonizam-se com o planeta e conectam-vos a inúmeros ritmos e sequências temporais — moleculares, celulares, etc. — de modo a estarem sincronizados com os acontecimentos do mundo.

O cérebro organiza e traduz os eventos — mas não os inicia. Os eventos têm uma realidade eletromagnética que é então projetada sobre o cérebro para ativação física.

Os vossos instrumentos captam apenas certos níveis da atividade cerebral. Não percebem de todo a atividade da mente, exceto quando esta é impressa no cérebro. Mesmo os sonhos são impressos dessa maneira.

Quando uma parte ou um hemisfério do cérebro é ativado, por exemplo, a parte correspondente do outro hemisfério também é — embora a níveis que os cientistas não conseguem detetar. É ridículo chamar um lado do cérebro

dominante, pois a experiência completa da Terra requer a utilização de ambos os hemisférios, assim como o ato de sonhar.

No entanto, nos sonhos, a imagem sensorial total que normalmente é projetada pelo cérebro e reforçada pela ação corporal não é necessária. Esses sonhos parecem, em retrospectiva, “desalinhados” ou “desfocados”, simplesmente porque ocorrem com uma complexidade que o cérebro não pode processar nos termos habituais da vigília.

O corpo tem de reagir, obviamente, no vosso presente oficial; por isso, o cérebro mantém cuidadosamente as sequências físicas com respostas neurais espaçadas. Todo o pacote da realidade física depende de os dados sensoriais serem temporizados e sincronizados — o que dá ao corpo a oportunidade de agir com precisão.

Nos sonhos, os sentidos não estão tão restringidos. Eventos do passado, presente e futuro podem ser vividos com segurança, tal como eventos que, do vosso ponto de vista habitual, seriam considerados prováveis — pois o corpo, novamente, não precisa de agir sobre eles.

Devido às especificações necessárias do cérebro, grandes porções da vossa realidade maior não podem aparecer através dele. O cérebro poderia considerar tal atividade extracurricular como “ruído de fundo” ou “interferência” que não conseguiria decifrar.

É a mente, então — o contraponto não físico do cérebro — que decide quais os dados que irão ativar o cérebro nesse aspeto.

As chamadas porções “antigas” do cérebro (entre elas o tronco cerebral e o sistema límbico) contêm as “memórias da mente”. De forma geral, isto significa informação importante à qual não é necessário dar atenção consciente — e nem poderia ser dada, pois esses dados referem-se a escalas temporais que as partes mais “sofisticadas” do cérebro já não conseguem processar.

O conhecimento das probabilidades biológicas do corpo ocorre nesses níveis antigos, e é aí também que há atividade que resulta numa comunicação celular entre todas as espécies.

O cérebro tem capacidades inatas de adaptação impressionantes, de modo que uma parte pode assumir a função de qualquer outra e desempenhar as suas atividades tão bem quanto as suas próprias. No entanto, crenças sobre o que é ou não possível muitas vezes entorpecem essa capacidade.

Embora as conexões neurais sejam específicas e o comportamento biológico aprendido predomine, as partes do cérebro são, por natureza, intercambiáveis,

pois são dirigidas pela ação da mente. Isso é extremamente difícil de explicar, mas a capacidade para a vida consciente plena está presente em cada parte do corpo. Caso contrário, a sua sincronicidade fluida seria impossível.

O cérebro tem habilidades que não utilizais conscientemente, porque as vossas crenças impedem-vos de iniciar os hábitos neurais adequados. Certas porções do cérebro parecem dominantes apenas por causa dos hábitos neurais adotados em determinada civilização ou época.

Mas outras culturas no vosso passado experienciaram a realidade de forma bastante diferente, ao estimularem padrões neurais distintos e organizarem a experiência através de outros focos.

Sonhar, por exemplo, pode ser “posto em foco” de modo muito mais nítido, de modo que pelo menos algumas dessas experiências possam ser conscientemente utilizadas. Quando isso acontece, estais a tirar partido, conscientemente, de experiências que são extracurriculares — física e logicamente.

EXERCÍCIO: Pega numa laranja. Podes tocá-la, segurá-la, saboreá-la — mas será que as células nos teus pés sabem disso? Será que as do teu joelho sabem que estás a comer uma laranja?

Tira o tempo que precisares para isso. Depois, explora as tuas perceções conscientes da laranja. Reflete no sabor, na textura, no odor, na forma. Mais uma vez, faz isso de forma lúdica, com tempo.

Depois, deixa fluir as tuas associações mentais. A que é que a laranja te faz lembrar? Quando a viste ou provaste pela primeira vez? Já viste uma laranjeira a crescer, ou flores de laranjeira? A cor da laranja faz-te lembrar o quê?

Agora, finge que estás a ter um sonho que começa com a imagem de uma laranja. Segue o sonho na tua mente.

A seguir, finge que estás a acordar desse sonho para perceber que outro sonho estava a acontecer ao mesmo tempo. Pergunta rapidamente a ti mesmo: Qual era esse outro sonho?

Seguido nesta sequência, este exercício permite-te fazer “laços” com a tua consciência — apanhá-la “a vir e a ir”.

A última pergunta — “com que mais estavas a sonhar?” — deve trazer uma sequência completamente nova de imagens e pensamentos à tua mente, que de facto estavam a ocorrer simultaneamente com o teu devaneio sobre a laranja.

O importante não é o conteúdo, mas o sentir e praticar: a manipulação da consciência criativa. Vives fora do teu contexto presente, mas tais afirmações são sem sentido prático a menos que te concedas alguma liberdade para experienciar acontecimentos fora desse quadro rígido.

Estes exercícios alteram as tuas organizações habituais e, por isso, permitem-te encontrar a experiência de forma mais fresca. Um sonho duplo é como uma vida dupla — como alguém que tem duas famílias, uma em cada cidade, e que parece gerir séries de eventos separadas que deixariam qualquer outro confuso.

Mesmo que o corpo só possa seguir certas sequências, a consciência possui profundezas de ação interior que não se revelam na superfície da experiência. Os sonhos duplos são pistas para essa atividade. Cada pessoa, em geral, segue uma linha de consciência e identifica-se com ela como “eu mesmo” — mas existem outras linhas alternadas, sob a superfície. São igualmente legítimas e pertencem à mesma identidade, mas não são focadas, pois o corpo precisa de uma orientação clara e direta.

Essas linhas são como sonhos duplos que continuam — e que também servem de estrutura à identidade reconhecida. Em períodos de stress ou desafio, o eu reconhecido pode pressentir essas outras linhas de consciência e perceber que uma experiência mais ampla é possível — uma maior espessura psicológica.

Em certos momentos, no estado de sonho, o eu reconhecido pode alargar a sua percepção o suficiente para aproveitar essas outras porções do seu próprio ser. Sonhos duplos ou triplos podem, por vezes, representar esses encontros.

A consciência busca sempre a forma mais rica e criativa, mantendo, no entanto, a sua própria integridade. A imaginação, o brincar, as artes e os sonhos permitem-lhe enriquecer as suas atividades através de feedbacks que não vêm do ambiente físico.

Esta sessão é ditado para o livro — e resposta à tua pergunta ao mesmo tempo. E (com humor) este é um exemplo de uma sessão dupla.

Agora, se não tens perguntas —

(“Não.”)

— desejo-te uma dupla e excelente boa noite, e espero que tenhas sonhos duplos magníficos.

(“Também eu, Seth. Obrigado, e boa noite.”)

(Neste ponto, é óbvio que esta sessão é um excelente exemplo da forma como Seth frequentemente entrelaça as nossas perguntas e preocupações no ditado do livro — estruturando as suas respostas de modo a encaixarem também no contexto maior que tem em mente. Ainda que as nossas vidas privadas influenciem às vezes o modo como Seth apresenta o seu material, descobrimos que ele cobre, quase sempre, o tema que quer.)

SESSÃO 795, 28 DE FEVEREIRO DE 1977

(Jane e eu temos estado a rever o manuscrito original do Volume 1 de *Realidade Desconhecida*, que nos foi devolvido pela Prentice-Hall depois de o editor e o revisor de texto o terem analisado. Poucos imaginam as muitas fases envolvidas na produção de um livro depois de o texto estar escrito. Mais tarde, por exemplo, as provas de página — já em tipografia final — também nos serão enviadas para verificação minuciosa. (E um dia, esta sessão — e todo *Psique*, claro — passará pelo mesmo processo.))

Agora: Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Ditado: Nas suas brincadeiras, as crianças trocam muitas vezes de sexo de forma imaginativa. O "eu" jovem é mais livre nas suas identificações e ainda não foi ensinado a identificar a sua personalidade exclusivamente com o seu sexo. Nos sonhos das crianças, essa mesma atividade continua: o rapaz pode viver muitas experiências oníricas como rapariga, e a rapariga como rapaz.

Mais do que isso, nos sonhos das crianças — tal como nas suas brincadeiras — as variações de idade também são frequentes. A criança pequena, ao sonhar com a sua versão futura, por exemplo, alcança uma espécie de projeção psicológica no futuro do seu mundo.

Os adultos censuram muitos dos seus próprios sonhos, de modo que as frequentes mudanças de orientação sexual não são recordadas.

Então experimentem outro jogo: Finjam que são do sexo oposto. Façam-no após uma situação em que as convenções de género tenham tido um papel. Perguntem-se: quantas das vossas crenças atuais seriam diferentes se fossem do outro sexo?

Se forem pais, imaginem que são o vosso companheiro ou companheira, e nessa posição, considerem imaginativamente os vossos filhos.

As vossas crenças sobre os sonhos influenciam a memória e interpretação dos mesmos, de tal forma que, no momento do despertar — com uma magnífica

duplicidade psicológica — fazeis ajustes de última hora que trazem os sonhos para mais perto das vossas expectativas conscientes.

Os símbolos sexuais normalmente associados às imagens dos sonhos são altamente simplistas, por exemplo. Programam-vos para interpretar os vossos sonhos de determinada maneira. Concede-nos um momento...

Enquanto espécie, tendes uma "memória onírica", com certos símbolos naturais. Estes são experienciados de forma individual, com grandes variações. Os estudos realizados sobre os sonhos de homens e mulheres já estão preconcebidos — tanto por parte dos investigadores como dos próprios sonhadores. Os homens recordam geralmente sonhos " másculos", por assim dizer, enquanto as mulheres lembram sonhos que acreditam adequar-se ao seu género, de acordo com as suas crenças.

As pessoas muitas vezes programam a sua memória de vigília da mesma forma. A psique, mais uma vez, não possui uma única identificação sexual, mas sim constitui o banco psíquico e psicológico de potenciais a partir do qual surgem todas as gradações de sexualidade. Ela não é assexuada, e ao mesmo tempo representa a combinação mais rica dos ingredientes considerados masculinos e femininos.

A personalidade humana, portanto, é sexual e psicologicamente dotada de uma liberdade que vai além da orientação sexual rígida. Isso contribuiu para a sobrevivência da espécie, ao não separar nenhuma das suas capacidades mentais ou psicológicas em campos opostos. À exceção dos processos físicos da reprodução, a espécie é livre de organizar as suas características psicológicas da forma que quiser.

Não existe qualquer programação interior que diga o contrário.

Nos sonhos, essa complexidade psicológica torna-se mais evidente. Por causa do condicionamento, muitas pessoas reprimem reações naturais de natureza perfeitamente inofensiva — e estas são frequentemente expressas no estado de sonho. Contudo, são precisamente esses os sonhos menos recordados, pois a censura é tão habitual que impede o seu registo consciente.

A agressividade masculina, frequentemente tida como uma característica básica da espécie, é um exemplo evidente. Trata-se de uma resposta aprendida, exagerada, e não de uma característica natural da vossa espécie — nem sequer de outras.

Essa agressividade artificial nada tem a ver, em termos fundamentais, com a luta pela sobrevivência. É o resultado direto de o homem ter sido ensinado a negar a existência dentro de si de certas emoções básicas.

Isto significa que ele nega uma parte da sua própria humanidade, e depois é forçado a sobrecompensar, exprimindo excessivamente as emoções que ainda lhe são “permitidas”.

As razões para este foco desequilibrado foram já discutidas várias vezes nas minhas obras.

O homem, no entanto, escolheu assumir um tipo de especialização da consciência que, levada ao extremo, conduz a uma objetividade endurecida e excessiva.

Apenas nos sonhos, no vosso tempo e sociedade, o homem se sente livre para chorar sem vergonha, para admitir qualquer tipo de dependência — e só em certas ocasiões e, geralmente, em relativa privacidade, é-lhe permitido expressar sentimentos de amor.

A sua raiva volta-se para fora como agressividade.

É de uma imensa idiotice projetar essa agressividade artificial para o reino animal como se fosse natural. Tais crenças afetam invisivelmente todos os vossos estudos — e pior, fazem-vos interpretar mal a própria atividade da natureza.

Aqueles que pensam observar a natureza com o olhar mais objetivo são precisamente os mais cegos pelas suas crenças subjetivas, pois não conseguem ver através das suas próprias distorções.

Tal como se diz que as estatísticas podem ser manipuladas para dizer duas coisas opostas, também os “factos” da natureza podem ser lidos de maneiras completamente diferentes, consoante a forma como a mente os organiza através das crenças que operam no cérebro.

O núcleo externo dos sonhos também sofre dessa distorção — mas o núcleo interior dos sonhos fornece constantemente novo material, feedback e insights da psique, de modo que a personalidade não depende apenas da experiência exterior — não é moldada apenas pelo ambiente, mas é continuamente abastecida com dados intuitivos frescos e orientação.

Mesmo que tais sonhos não sejam recordados, circulam pelo sistema psicológico, por assim dizer.

São responsáveis pela inventividade e criatividade da espécie, e trazem novas compreensões que podem ser aplicadas na vida física.

Faz a tua pausa.

Ditado. Ora bem: Assim como, nos vossos termos, a espécie tem um passado físico, ela tem também um passado psicológico. Nenhuma experiência se perde. O acontecimento mais privado está ainda escrito no inconsciente coletivo da espécie.

Explico isto, por agora, em termos de passado, presente e futuro — pois só assim certos conceitos podem ser compreendidos.

Partindo desse pressuposto, então, cada um de vós nasce com o conhecimento consciente daquilo que veio antes.

O vosso cérebro está longe de ser uma tábua rasa à espera da primeira impressão da experiência.

Pelo contrário, está já equipado com equações completas, dizendo-vos quem sois e de onde viestes.

E nem apagai esse quadro, simbolicamente falando, antes de nele escrever a vossa vida. Em vez disso, recorreis ao que veio antes — às experiências dos vossos antepassados, recuando (nos vossos termos) até ao tempo imemorial.

O indivíduo nasce equipado com a sua humanidade, com certas propensões e inclinações para o desenvolvimento.

Ele sabe o que são vozes humanas mesmo antes de os seus ouvidos ouvirem sons físicos.

Nasce com o desejo de formar civilizações, tal como os castores querem construir represas.

Os sonhos das crianças ativam mecanismos psicológicos internos, numa altura em que a sua idade ainda não permite um conhecimento físico alargado do mundo.

Nos sonhos, recebem informações sobre o ambiente.

É claro que o feedback físico é necessário para o desenvolvimento, e uma criança privada disso não amadurecerá plenamente.

No entanto, o desenvolvimento dos sonhos segue padrões internos que ativam o crescimento da criança e estimulam o seu desenvolvimento. Existem até sonhos-chave durante a infância que servem para desencadear o funcionamento hormonal necessário. A criança engatinha e caminha primeiro nos sonhos, antes de executar esses atos fisicamente — os sonhos servem como impulso para o desenvolvimento da coordenação muscular.

A linguagem é praticada no estado de sonho pelos bebês, e é precisamente esse treino mental que permite que as crianças comecem a falar em frases muito mais rapidamente do que pareceria possível apenas com a experiência física.

O mundo onírico, portanto, desenvolve-se mais rapidamente do que a experiência física. Durante algum tempo, a criança sente-se mais segura nesse mundo. Sem os sonhos, não haveria aprendizagem — nem sequer memória.

Os eventos são processados nos sonhos, colocados na devida perspectiva, organizados e classificados. Isso ocorre quando a mente consciente está separada do envolvimento direto com os acontecimentos físicos. Os sonhos servem para atenuar o impacto dos acontecimentos do dia, enquanto o significado dessas atividades vai sendo filtrado através dos vários níveis da personalidade, assentando-se em complementos de intenção e crença.

Muitas vezes, o verdadeiro impacto de um evento só ocorre depois de ele ter sido reinterpretado ou revivido num sonho.

Como os sonhos seguem caminhos de associação, eles ultrapassam barreiras temporais, permitindo ao indivíduo misturar, comparar e associar eventos de diferentes períodos da sua vida.

Tudo isso acontece de forma semelhante à brincadeira de uma criança — através da criação de dramas oníricos criativos, nos quais o indivíduo é livre para desempenhar milhões de papéis diferentes e para examinar a natureza de eventos prováveis, como se estivesse a jogar.

Na brincadeira, as crianças adotam certas regras e condições “por um tempo”. A criança pode parar quando quiser. Podem ocorrer inúmeros eventos lúdicos com variados graus de intensidade, mas, regra geral, os efeitos terminam quando o jogo acaba.

A criança brinca a ser adulta, e volta a ser criança quando os pais a chamam — portanto, os efeitos do jogo não são duradouros. Ainda assim, são uma parte importante do cotidiano infantil, e influenciam a forma como se relaciona com os outros.

Do mesmo modo, nos sonhos, os eventos produzem efeitos apenas durante o próprio sonho. Não invadem, na prática, as horas de vigília — o urso que ataca desaparece quando se abrem os olhos; não vos persegue fisicamente pelo quarto.

A grande versatilidade da espécie humana na sua reação aos acontecimentos depende em larga medida dessa capacidade de sonhar.

A espécie ensaia as suas reações prováveis a eventos prováveis no estado de sonho e, assim, prepara-se melhor para agir “no futuro”.

Até certo ponto, os sonhos são também vivenciados pela consciência celular, pois as células têm igual interesse nos eventos psíquicos e físicos do indivíduo.

De certo modo, os sonhos são comportamentos compostos — jogos mentais e psíquicos que servem aos propósitos da mente e do corpo.

O feedback do ambiente físico pode desencadear um sonho alarmante que leva o indivíduo a despertar. Certas substâncias químicas também podem afetar os sonhos, alterando a “realidade celular”.

Muitos comprimidos para dormir são prejudiciais, pois inibem a resposta natural do corpo ao ambiente durante o sono e entorpecem a relação íntima entre a mente sonhadora e o corpo adormecido.

Porque tendes ideias muito limitadas sobre o que é a lógica, parece-vos que o eu onírico não é crítico ou “lógico”; no entanto, funciona com uma discriminação extraordinária — filtrando dados, enviando alguns para certas partes do corpo e estruturando a memória.

Os comprimidos para dormir impedem também essas funções críticas dos sonhos — que são tantas vezes negligenciadas.

A verdade é que os sonhos envolvem altos atos de criatividade. Estes não são apenas intuitivos, mas são formados com uma lógica que supera de longe as vossas ideias sobre lógica.

Esses atos criativos são depois encaixados com precisão através de processos associativos que se combinam para formar os eventos do sonho.

Deveria ser evidente, portanto, que os sonhos não são eventos passivos.

Alguns rivalizam com os eventos físicos em intensidade e até em efeito.

Envolvem uma coordenação ativa entre mente e corpo, e trazem ao indivíduo experiências que, de outro modo, seriam inalcançáveis.

Nota prática: Pequenas quantidades de estimulantes comuns, como café ou chá, ingeridas antes de dormir, quando já estás sonolento, têm efeitos benéficos: estimulam a atividade onírica e ajudam na recordação dos sonhos.

Uma dose muito grande pode, evidentemente, acordar-te, mas uma pequena quantidade, se já estiveres com sono, permite-te levar a mente consciente para dentro do sonho, onde ela pode atuar como observadora.

Uma quantidade mínima de álcool pode também ter esse efeito. Tudo o que suprime a atividade, no entanto, também suprime os sonhos.

Como é sabido, quem é privado de sono com sonho (REM) por tempo suficiente começará a alucinar em estado de vigília, pois acumula-se demasiada experiência por processar. Há muitas atividades hormonais secundárias que ocorrem somente durante o estado de sonho. Mesmo o crescimento celular e a revitalização física são acelerados enquanto o corpo dorme. Fim do ditado. Dai-me um momento...

(Após nos dar uma página de material pessoal para mim e para a Jane, Seth encerrou a sessão às 11h56 da noite.)

CAPÍTULO 11

O UNIVERSO E A PSIQUE

SESSÃO 796 — 7 DE MARÇO DE 1977 — 21h52, SEGUNDA-FEIRA

(A primeira metade desta sessão surgiu por causa de um sonho que a Jane teve na noite anterior e interpretou por si própria durante o dia. Embora essa parte não seja ditado formal para o livro, estamos a apresentar aqui alguns comentários de Seth sobre o sonho, uma vez que são de interesse geral e se encaixam no material anterior que ele já tinha dado sobre sonhos.

A segunda parte da sessão foi uma resposta a uma conversa que eu e Jane tivemos antes de começar, relacionada com a evolução, tema de uma nota que estou a escrever para o Volume 2 de Realidade Desconhecida. Posso vir a citar parte do que Seth disse nesta sessão nessa nota.

Não tínhamos esperado que ele abordasse nenhum dos dois assuntos esta noite, já que não lhe pedimos especificamente. No entanto, as explicações de Seth esclareceram tanto o sonho da Jane como as nossas perguntas sobre evolução. Primeiro, ele falou diretamente do sonho e, a seguir, prosseguiu com o seguinte:)

Não basta — e na verdade raramente é suficiente — reconhecer medos emocionais profundos uma ou duas vezes. Eles precisam de ser enfrentados mais ou menos diretamente. Caso contrário, os velhos hábitos permitem que esses medos sejam enterrados novamente.

O sonho do Ruburt possibilitou uma realização emocional consciente do medo — mas mais do que isso, proporcionou a libertação desse medo, ou a solução para uma equação emocional profunda.

Neste caso, tratava-se da compreensão, sentida emocionalmente, de que a vida não é dada aos filhos pelos pais, mas através dos pais — pela VIDA (com maiúsculas) em si; ou por Tudo O Que É — “sem cordões ou amarras”.

A segunda parte do sonho — a solução — ainda não tinha sido sentida emocionalmente pelo Ruburt, embora ele já a conhecesse intelectualmente. Mas só com o sonho é que os dois aspetos se uniram — o conhecimento intelectual e a compreensão emocional.

Não se pode explicar uma realidade emocional como essa de forma lógica ou matemática.

Por vezes, doenças de longa duração são resolvidas repentinamente através de um sonho. No entanto, na maioria dos casos, os sonhos previnem esse tipo de doenças crónicas, fornecendo uma série contínua de pequenas revelações pessoais, que são pequenas, sim — mas importantes.

Ou seja, os sonhos são o melhor tipo de medicina preventiva.

Algumas dificuldades psicológicas requerem luz e compreensão conscientes. Outras, no entanto, atuam mesmo sem a participação consciente, e são frequentemente resolvidas — ou atenuadas — ao mesmo nível onde surgiram, sem interferir com a mente consciente.

Assim como o corpo realiza manipulações físicas complexas sem o vosso conhecimento consciente de o que está a ser feito, ou como, também os vossos sistemas psicológicos internos resolvem muitas vezes os próprios problemas por meio de sonhos dos quais não tendes consciência.

Não poderíeis, fisicamente, suportar a recordação total dos vossos sonhos. *(Com uma risada leve:)* A vossa consciência não é capaz de lidar com as profundezas e riquezas psicológicas que essa atividade revela.

Por um lado, os vossos conceitos de tempo — tanto realista como praticamente — tornar-se-iam difíceis de manter na vida normal.

Isto não significa que não seria benéfico ter muito mais recordação de sonhos — porque seria, sem dúvida. Apenas quero explicar porque é que tantos sonhos não são recordados.

Embora uma grande parte deles permaneça oculta, a maioria das pessoas entra muitas vezes em contacto com fragmentos de sonhos logo abaixo do limiar da consciência — sem os reconhecer como tal. Em vez disso, experimentam impulsos: de fazer isto ou aquilo, de comer isto ou aquilo, ou de evitar alguma coisa.

Um exemplo simples: Um indivíduo sem qualquer recordação do sonho decide cancelar uma viagem de avião, e mais tarde descobre que o avião caiu.

Esse impulso de cancelar pode não ter nenhuma explicação racional aceitável — pode surgir como uma premonição espontânea. Ou pode até parecer um ajuste lógico de planos.

Estamos aqui a partir do princípio de que um sonho esquecido antecipou a catástrofe provável. Essa informação foi processada inconscientemente, a probabilidade considerada e rejeitada. Psicologicamente ou fisicamente, a pessoa não estava pronta para morrer. Outros, com a mesma informação, acharam que a morte era a probabilidade aceite.

Isto não significa que essas pessoas cometeram suicídio no sentido habitual — mas que, numa manipulação psicológica única, já não mantinham a mesma afirmação da vida que tinham antes.

É como se atirassem as suas vidas ao destino, dizendo — não como antes: “Eu viverei”, mas: “Viverei ou morrerei conforme o Destino decidir.” Poderão usar outros termos em vez de “Destino”, é claro — mas a intenção vital, pessoal, direta e afirmativa de viver já não está presente.

Essas pessoas estão a caminho de outra realidade, e preparadas para ela. A mente consciente, porém, só pode conter uma parte limitada da experiência. A vida como a conhecemos não poderia existir se tudo fosse consciente nesses moldes. A “doce embalagem” da existência física, como vos disse, existe tanto pelo que exclui quanto pelo que inclui.

De formas importantes, os vossos sonhos tornam a vida possível, organizando automaticamente a vossa existência psicológica — da mesma forma que o vosso corpo é automaticamente organizado por processos biológicos. Podeis fazer grandes progressos ao compreender os vossos sonhos, ao recordá-los e ao participar conscientemente neles com maior frequência.

Mas não podeis tornar-vos totalmente conscientes dos vossos sonhos na sua totalidade e ainda assim manter a vossa postura física normal. Como civilização, falhais em colher os maiores benefícios dos sonhos, embora a mente consciente consiga lidar com muito mais material onírico do que permitis atualmente.

Esse tipo de treino acrescentaria imensamente à dimensão da vossa vida. Os sonhos educam-vos até em relação ao espaço e orientação, e estão muito mais relacionados com a posição do organismo no ambiente do que se imagina.

A criança aprende relações espaciais nos sonhos.

Agora dai-nos um momento...

(Com muito humor...)

A questão sobre os sonhos foi uma boa pergunta, e como vês, eu tinha uma boa resposta. ("Sim...")

O Ruburt precisava saber do que tinha medo, e a interpretação do seu sonho deu-lhe esse conhecimento, permitindo-lhe lidar com isso. Era o medo da morte — não escolhido, claro — o receio de que, se não cumprisse o seu dever, se não trabalhasse arduamente, se não compensasse a mãe por uma vida dada de forma mágica e relutante, então, numa espécie de equação mágica, ela, a mãe, pudesse tirá-la de volta. Mas a mãe não foi quem deu a vida. A vida veio de Tudo O Que É, do espírito da própria vida, e foi oferecida livremente — para não ser retirada por ninguém, nem ameaçada por nenhuma força, até que essa vida cumpra os seus próprios propósitos e decida seguir adiante. (Como Seth, Jane transmitiu tudo isto com grande intensidade.)

O Ruburt achava que não era seguro relaxar, como se o simples ato de se permitir parar significasse morrer. Mas a vida é expressão. Ela manifesta-se pela força que lhe é inerente, e não há força que se lhe oponha ou que a ameace. A morte, nos vossos termos, parece certamente um fim, mas é, na verdade, uma tradução da vida para outra forma. E isso leva-me naturalmente ao próximo tema (que diz respeito às nossas perguntas sobre a evolução).

Antes de mais, há dificuldades verbais relacionadas com a definição de vida. Parece que existe matéria viva e matéria não viva, o que leva a perguntas como: "Como é que a matéria não viva se torna viva?" *(Com uma gargalhada:)* Façam uma pausa. Essa é a dúvida persistente.

Na verdade, nos vossos termos, não existe tal coisa como matéria não viva. Existe apenas um ponto que vocês reconhecem como tendo as características que atribuíram arbitrariamente à vida ou às condições de vida — um ponto que cumpre os requisitos que definiram como sendo próprios de algo vivo. Isto dificulta bastante a discussão, pois não há um momento específico em que a vida tenha sido "inserida" na matéria não viva. Não há um ponto onde a consciência tenha "surgido". A consciência existe na mais pequena partícula, independentemente das condições de vida aparentes ou daquilo que vos

pareça faltar-lhe em termos de “vida”. Dêem-nos um momento... Se temos de falar em termos de continuidade — o que lamento —, então poder-se-ia dizer que a vida no universo físico, no vosso planeta, “começou” espontaneamente num determinado número de espécies ao mesmo tempo. Estou a ir devagar para tornar o material o mais claro possível.

(A Jane transmitiu este material muito lentamente, com muitas pausas longas e olhos fechados durante quase todo o tempo. O que Seth disse sobre o início espontâneo da vida, nos nossos termos, surpreendeu-me.)

Havia homens totalmente desenvolvidos — com plena capacidade intelectual, emocional e de vontade — a viver ao mesmo tempo, nos vossos termos, que as criaturas que se supõe serem os antecessores evolutivos do homem. Existiram espécies que vieram e foram, das quais não têm conhecimento. Houve desenvolvimentos paralelos. Ou seja, houve “macacos” que atingiram as suas próprias “civilizações”, por exemplo. Usavam ferramentas. Não eram homens em potência, nem evoluíram para homens. É errado dizer que não se desenvolveram ou que o seu progresso foi travado, pois não foi. A sua realidade explorou as ramificações da animalidade de uma forma completamente diferente. O seu desenvolvimento foi paralelo ao do homem em muitos aspetos: viveram simultaneamente na Terra e partilharam o ambiente.

Já me referi a eles como xamãs animais, pois o homem aprendeu com eles. Muitas das minhas declarações anteriores passam despercebidas, ou talvez as palavras pareçam banais, mas existem outras condições de vida que não percebem — por vezes porque as vossas sequências temporais são demasiado distintas. Antes de surgir a menor célula, nos vossos termos, já existia a consciência que a formaria.

(Pausa longa.)

As palavras quase me falham, as diferenças semânticas são tão vastas: se eu disser “a vida veio de um sonho”, tal afirmação parece-vos sem sentido. No entanto, da mesma forma que a vossa realidade física pessoal depende largamente do vosso estado de sonho — e é impossível sem ele —, também a primeira célula se materializou fisicamente e tornou-se real apenas por causa da sua realidade interior de consciência. Em termos mais simples, houve um ponto onde a consciência se imprimiu na matéria por meio de intenção, ou formou-se como matéria. Esse “despertar” não pode ser logicamente explicado, apenas comparado, digamos, a uma iluminação — uma luz que ocorreu em todo o lado ao mesmo tempo, tornando-se um meio para a vida tal como a entendem.

Nada teve a ver com a tendência de certos tipos de células para se reproduzirem, mas sim com uma iluminação geral que criou as condições nas quais a vida, tal como a conhecem, se tornou possível — e nesse ponto hipotético e imaginário, todas as espécies ficaram latentes. Nunca houve um ponto em que a consciência foi “introduzida”, porque a consciência era a própria iluminação da qual emergiram as primeiras células. Essa iluminação estava em todo o lado, em cada ponto, consciente de si mesma e das condições formadas pela sua presença.

Em termos vossos, cada espécie está consciente das condições das outras espécies e de todo o ambiente. O ambiente forma a espécie e a espécie forma o ambiente. Como já deixei entender, existiram todos os tipos de espécies híbridas de homem-animal e animal-homem, que a vossa ciência desconhece. Ossadas encontradas e atribuídas separadamente a um homem e a um animal pertenciam, por vezes, à mesma criatura.

("Afeganistão?", perguntei, já que Jane, em transe, teve dificuldade com a palavra.)

De facto: o Afeganistão vem à mente como um ambiente particularmente fértil. A vossa mente consciente é esplêndida e única. No entanto, leva-vos a interpretar todos os outros tipos de vida segundo os vossos próprios critérios e experiências.

A complexa natureza da consciência dos outros animais escapa-vos por completo. E quando comparam as vossas tecnologias, aprendizagens, pensamento lógico, culturas e artes com o que compreendem da experiência animal, parece não haver dúvidas de que são superiores, “a flor da evolução” — que todos os outros tipos de vida são superados pela vossa existência. Estão fechados à experiência intrincada, voluptuosa, sensorial e social dos animais — ou até das plantas —, incapazes de perceber esse outro tipo de emoção e pertença biológica, essa identificação sensual e rica com a Terra, separados de uma cultura biológica que é, em todo o lado, parte integrante da vida vegetal e animal. Também fazem parte disso, mas a mente consciente, com as suas próprias especificações, não consegue lidar com esse tipo de conhecimento.

(Pausa.)

Houve também homens — nos vossos termos — mais desenvolvidos do que vós — ainda que a vossa ideia de desenvolvimento seja altamente errónea. Mas superavam-vos em tecnologia, se esse for o vosso critério. Hesito em dizer certas coisas, pois é fácil que os significados sejam mal interpretados; mas quando perguntam qual é o propósito da consciência, partem do princípio

de que deve haver um só propósito — quando a verdade mais ampla e criativa é que a própria consciência não pode estar ciente de todos os seus propósitos, mas vai descobrindo a sua natureza através das suas próprias manifestações. Para quem quer respostas fáceis, isto não é uma resposta, admito. Mas existe, eu sei, em termos heroicos, um amor, um conhecimento, uma compaixão, uma criatividade que podem ser atribuídos a Tudo O Que É — e que estão presentes em cada criatura.

Sei que a mais pequena partícula de consciência nunca pode ser dividida, e que cada uma contém uma capacidade infinita de criatividade e desenvolvimento — e que cada uma é intrinsecamente abençoada. Há um plano e um criador, mas estão tão unidos — um dentro do outro e fora um do outro — que é impossível separá-los. O Criador está também nas Suas criações, e as próprias criações são dotadas de criatividade. Se tiverem mais perguntas sobre este tema, tragam-nas na próxima sessão. (Em voz alta:) Fim da sessão.

("Obrigado, Seth. Foi muito bom." *(Com humor:)* Naturalmente. Agora: uma pequena nota para ti. Portaste-te muito bem este Inverno, evitando o mal-estar que por vezes te afeta em Janeiro e Fevereiro. Os meus parabéns.

("Obrigado." (11h40. Fiquei surpreendido com o comentário de Seth, uma vez que me parece que a minha energia tem estado "boa" desde que me lembro. E aconteceu que citei partes do material de Seth sobre evolução e tempo no Volume 2 de "Unknown" Reality. Ver Apêndice 12.)

SESSÃO 797, 14 DE MARÇO DE 1977, 21H32 – SEGUNDA-FEIRA

(As provas tipográficas do livro de Jane, The World View of Paul Cézanne, chegaram esta manhã pelo correio, enviadas pela editora, e ela passou a maior parte do dia a revê-las — verificando erros de ortografia, pontuação, omissões e afins.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Então, para continuar: Quando perguntas sobre o início de um universo, estás a falar de um universo visível. Existe consciência em cada ponto concebível e hipotético dentro do universo. Existe, portanto, um "universo invisível" do qual brota o universo visível ou objetivo. Não quero exagerar a dificuldade deste material em particular, mas mal posso deixar de sublinhar a complexidade da questão. Dá-nos um momento...

O vosso universo não surgiu num ponto específico, nem a partir de uma célula inicial — mas começou a existir por completo, em todo o lado ao mesmo tempo, à medida que as pulsações internas do universo invisível atingiram certas intensidades que “impregnaram” simultaneamente todo o sistema físico. Neste caso, apareceu primeiro a luz. Ao mesmo tempo, as unidades EE (de energia eletromagnética) manifestaram-se, emergindo do universo invisível para a definição. De novo, devido à força psicológica das ideias preconcebidas, tenho de contornar muitos dos vossos conceitos. No entanto, em grande parte do meu material, insinuei claramente o que agora estou a afirmar — embora essas implicações possam ter-vos passado despercebidas.

(De modo algum, pelo menos do ponto de vista da Jane e do meu...)

Disse, por exemplo, que o universo expande-se como uma ideia — e, assim, o universo visível surgiu da mesma forma. Tudo isto é bastante complicado, pois, como já referi, o mundo renasce numa nova criatividade a cada momento. Independentemente da vossa definição de criatividade ou da criação do mundo, deparam-se sempre com a questão de onde veio essa energia, pois parece que uma quantidade inimaginável de energia foi libertada, mais ou menos de uma só vez, e que essa energia teria de se esgotar. Contudo, é essa mesma energia que continua a dar nascimento ao universo.

Nesses termos, ele continua a ser criado. As unidades EE, ao imprimirem um campo físico provável, contêm dentro de si o conhecimento latente de todas as espécies que podem surgir nessas condições. Esses agrupamentos “começam” no universo invisível. Pode-se dizer que levaram incontáveis séculos até essas unidades se combinarem, formarem classificações de matéria e várias espécies; ou pode-se dizer que esse processo ocorreu de imediato. Depende da vossa posição relativa — mas o universo físico foi semeado, impregnado, em simultâneo, por toda a parte. Por outro lado, isso ainda acontece, e não há nenhum ponto real de “entrada”.

Dá-nos um momento...

Vocês distinguem entre consciência e a vossa versão dela, que consideram consciência de si. Quando falo de átomos e moléculas como tendo consciência, quero dizer que possuem consciência de si próprios como identidades. Não quero dizer que amam ou odeiam, nos vossos termos, mas que estão cientes da sua própria separação e da forma como essa separação coopera na formação de outras organizações. Estão, na verdade, intrinsecamente conscientes de todas essas possíveis colaborações e imbuídos com o “ímpeto” de realização de valor. Cada espécie conhecida estava inerentemente “presente” na impregnação geral do universo visível.

Se o universo fosse uma pintura, por exemplo, o pintor não teria primeiro pintado a escuridão, depois uma explosão, depois uma célula, depois a junção de grupos de células num organismo simples, e a seguir a multiplicação desse organismo noutros semelhantes a ele, traçando um padrão desde uma ameba ou um paramécio até ao ser humano — mas teria começado, sim, com um painel de luz, uma pintura base, onde todos os organismos do mundo estariam incluídos, ainda que não em detalhe.

Depois, numa criatividade que emergiria da própria pintura, as cores tornar-se-iam ricas, as espécies ganhariam definição, os ventos soprariam e os mares mover-se-iam com as marés. O movimento e a energia do universo continuam a vir de dentro. Tenho plena consciência de que isto dificilmente é uma declaração científica — mas no momento em que Tudo O Que É concebeu um universo físico, este foi invisivelmente criado, dotado de criatividade, e destinado a emergir.

Como cada parte hipotética e concebível do universo é consciente, o Planeador está presente no próprio plano, nos termos mais grandiosos — talvez, para vós, fundamentalmente inconcebíveis. Não existe, obviamente, nenhum “exterior” para onde o universo invisível se tenha materializado, uma vez que tudo existe efetivamente num reino mental, psíquico ou espiritual que é impossível descrever.

Para vós, o vosso universo parece agora objetivo e real, e parece-vos que, em algum momento, isso não era assim — e por isso perguntam sobre a sua criação e a evolução das espécies. A minha resposta foi dada nos termos em que a pergunta geralmente é feita. Enquanto acreditarem e experimentarem a passagem do tempo, tais perguntas ocorrerão naturalmente — e fazem sentido nesse enquadramento. Quando começarem a questionar a própria natureza do tempo, então o “quando” do universo torna-se irrelevante.

Quase toda a gente concordará, espero eu, que o universo é um exemplo magnífico de criatividade. Poucos concordarão, no entanto, que se pode aprender mais sobre a natureza do universo examinando a vossa própria criatividade do que através da análise do mundo com instrumentos — e aqui está uma ironia requintada, pois são vocês que criam os instrumentos da criatividade, ao mesmo tempo que muitas vezes defendem teorias que negam ao ser humano tudo, exceto as reações mais mecânicas.

Noutras palavras, o mundo conhece-se a si mesmo, descobre-se a si mesmo, pois o Planeador deixou espaço para a surpresa divina, e o plano não foi, em parte alguma, predeterminado; nem existe nele nada que corresponda às vossas teorias de sobrevivência do mais apto.

Estas são distorções criativas da vossa parte, diretamente relacionadas com especializações da consciência que vos cortam do contacto mais amplo que existe, a outros níveis, entre as espécies e a terra. Mais uma vez, a consciência permeia o universo em toda a parte, e está ciente de todas as condições. O equilíbrio da natureza no vosso planeta não é fruto do acaso, mas o resultado de cálculos constantes e instantâneos por parte de cada minúscula consciência, quer faça parte de uma rocha, de uma pessoa, de um animal ou de uma planta. Cada uma “mantém o espaço unido” de forma invisível, seja qual for a sua posição. Isto é uma colaboração.

A vossa própria consciência tem qualidades únicas, na medida em que, tal como outras espécies de vida relativamente longa, associam a vossa identidade à forma física de modo muito mais rígido. Outros tipos de consciência “entram e saem de formas” com grande liberdade. Existe um entendimento biológico que ocorre, por exemplo, quando um animal mata outro para se alimentar. A consciência da presa abandona o seu corpo sob o impulso de um tipo de estímulo que vos é desconhecido. Quero ser muito cauteloso aqui, pois refiro-me à interação natural entre os animais. Isto não deve ser interpretado como justificação para a matança cruel de animais por parte do homem em muitas circunstâncias.

Façam uma pausa.

(O material seguinte de Seth surgiu por causa de alguns comentários zangados que fiz durante a pausa. Devido a reportagens noticiosas e ao meu próprio estado mental negativo durante o dia, estava cheio de raiva, na verdade, por aquilo que me parecia ser o estado caótico do mundo humano. Antes da sessão tínhamos lido algumas críticas de livros que também ajudaram a acender esse estado. Uma delas fora escrita por um “investigador” do cérebro que, na nossa opinião, demonstrava muito pouca compreensão da condição humana. Quase contra a minha vontade, achei curioso que esse crítico também tivesse escrito livros sobre o cérebro — que, por sua vez, tinham sido atacados por outros críticos.

(Tenho a certeza de que a Jane já está cansada de me ouvir repetir, de tempos a tempos, que a espécie humana se envolveu em pelo menos três grandes guerras em pouco mais de meio século, além de uma série de outras “menores”. Além disso, acrescentei, como no nosso mundo “prático” geralmente renunciemos a qualquer crença em coisas como a reencarnação ou o que considero uma verdadeira postura religiosa, colocamos todo o valor da vida dentro de cada indivíduo que vive o “agora”. Mandar os nossos jovens para o campo de batalha, nessas circunstâncias — privando-os da única vida, da única dádiva preciosa e insubstituível — parece-me o pior crime imaginável,

disse à Jane. E acrescentei mais coisas nesse mesmo tom, mesmo sabendo, lá no fundo, que estava a simplificar demais a condição humana.)

Uma resposta imparcial e ponderada à tua reflexão.

O mundo histórico e cultural tal como o conhecem parece ser o único mundo objetivo, com a sua história já escrita, o presente e, espera-se, um futuro provável. Parece também que o futuro tem de ser construído a partir dessa única espécie ou passado conhecido. Muitas vezes pode parecer apenas uma figura de estilo quando falo sobre probabilidades. Em muitos aspetos, pode parecer quase absurdo considerar a possibilidade de que “existe mais do que uma Terra”, ou que há muitas Terras, cada uma suficientemente semelhante para ser reconhecida, mas diferente nos aspetos mais vitais.

Esta casa, por exemplo, existe. Mas podes abrir a porta, num determinado dia, para um mundo provável do teu ponto de vista imediato — e nunca notar a diferença. Isto acontece constantemente, e quero dizer mesmo constantemente. Tu moves-te entre probabilidades sem te aperceberes. As transições são literalmente invisíveis para ti, embora possam surgir como elementos dispersos nos teus sonhos. Tal como um diamante tem várias facetas, também a tua realidade tem, nesse sentido.

(Para mim:) Desde o teu nascimento, ocorreu uma probabilidade alternativa que poderias ter seguido, na qual as tuas guerras não aconteceram. Há outra probabilidade em que a Segunda Guerra Mundial terminou em destruição nuclear — e tu não entraste nessa. Escolheste esta realidade provável para colocares certas perguntas sobre a natureza do homem — observando-o no ponto em que oscila entre criatividade e destruição, conhecimento e ignorância; mas num ponto que, aos teus olhos, contém os potenciais para os mais auspiciosos tipos de desenvolvimento. O mesmo se aplica ao Ruburt.

De certa forma, o homem é, neste momento de probabilidade, uma espécie em transição. Este é um tempo e uma realidade em que toda a ajuda possível é necessária — e os vossos talentos, capacidades e até preconceitos tornaram-vos ambos particularmente adequados para este drama. Ao mesmo tempo, não te detenhas demasiado sobre a situação mundial, pois uma concentração na tua própria natureza, e na natureza física do teu mundo — as estações, por exemplo — permite-te renovar a tua energia e liberta-te para aproveitares a visão clara que é necessária.

(Um ponto que referi durante a pausa — a dificuldade de ver com clareza aquilo que o homem está realmente a fazer, enquanto espécie.)

Ambos se envolveram nesta probabilidade precisamente para a utilizarem como estímulo criativo, que vos levasse à procura de um certo tipo de

entendimento. Existe sempre uma troca criativa entre o indivíduo e o seu mundo. Em maior ou menor grau, todos os que estão envolvidos nesta probabilidade escolheram-na por razões próprias. Dito isto, também vos digo que muitos deixam esta probabilidade para outra quando já aprenderam e contribuíram.

Por agora, despeço-me com um caloroso boa noite — a menos que tenham perguntas.

Tenho um comentário. (*Para ti:*) Estás pessoalmente a inibir a recordação dos teus sonhos porque não queres dedicar o tempo a lembrá-los e interpretá-los. Sabendo disto, talvez queiras mudar os teus hábitos.

(Agora Seth transmitiu outro material para mim e para a Jane, e terminou finalmente.)

SESSÃO 798, 21 DE MARÇO DE 1977, 21H54 – SEGUNDA-FEIRA

Boa noite.

(*"Boa noite, Seth."*)

Agora: as duas últimas sessões, mais ou menos sobre a evolução, podem ser incluídas neste livro e servir como sessões introdutórias de um novo capítulo, intitulado: "O Universo e a Psique."

A tua próxima pergunta é fácil de prever, claro está, pois queres saber a origem desse "universo interior" de onde, segundo te disse, o universo exterior constantemente emerge — e aqui temos de nos afastar da objetividade estimada e entrar, em vez disso, num domínio mental, onde se compreende que as contradições não são erros; um domínio interior suficientemente vasto para conter contradições a um certo nível, que, a outro nível, deixam de o ser.

Na ciência, tal como é atualmente concebida, é necessário que não surjam contradições próprias. Se uma hipótese é "provada verdadeira", então não pode ser provada falsa — ou, evidentemente, nunca foi verdadeira desde o início. Nesses termos, portanto, o universo teve "um Criador" ou não teve; ou surgiu como descrito pela teoria do Big Bang, e está constantemente a expandir-se — ou não. A evolução existe — ou não.

Regra geral, essas teorias são "provadas verdadeiras" pelo simples processo de excluir tudo o que pareça contraditório, e assim as vossas teorias científicas têm um peso considerável de validade — mas apenas dentro dos seus próprios quadros. Nestes quadros, fizeram classificações que agora vos parecem

bastante óbvias. O senso comum valida-as, e parece impossível considerar a realidade de outro modo.

Contudo, por natureza, essas categorias estruturam tanto a vossa experiência da realidade que quaisquer formas alternativas de perceber a vida não só parecem indignas de confiança, como totalmente impossíveis. Assim, as vossas classificações das várias espécies surgem como as únicas divisões lógicas possíveis entre os seres vivos. No entanto, nada podia estar mais longe da verdade. Esse método global de separação conduz inevitavelmente a perguntas como: “Qual das espécies surgiu primeiro? Qual veio depois? Como é que uma espécie emergiu de outra?”

Essas perguntas são trazidas à tona pelas vossas classificações temporais, sem as quais seriam irrelevantes. As vossas categorias estabelecem divisões exteriores. Servem como pontos de referência úteis, mas, na verdade, não afetam em nada a experiência natural dos vários seres vivos que chamam de “outras espécies”. As vossas especializações funcionam enquanto se mantêm dentro do respetivo enquadramento, mas depois têm de lidar com as perguntas que essas divisões automaticamente geram.

É talvez difícil compreender que essas classificações são categorias escritas e verbalizadas que, na realidade, nada dizem sobre a experiência vivida pelas outras criaturas — apenas registam hábitos, tendências e separações da mais superficial ordem. Se o vosso objetivo é compreender o que os outros seres vivos percebem, então os métodos que utilizam são, no melhor dos casos, míopes, e no pior, completamente contraproducentes.

Por exemplo: independentemente da informação ou dados obtidos através da experimentação animal ou da dissecação com fins científicos — e por mais valiosos que os resultados possam parecer — as consequências desses métodos são tão distorcidas que acabam por compreender menos sobre a vida do que compreendiam antes.

As respostas à origem do universo e das espécies encontram-se, receio, em domínios que tendes largamente ignorado — precisamente nos territórios que consideram menos científicos e que pareciam oferecer os menores resultados práticos. Os métodos atuais apenas vos darão respostas fáceis, fabricadas. Não satisfarão nem o intelecto nem a alma.

Como o vosso universo brota de um universo interior, e como esse universo interior permeia cada recanto da vossa existência, é aí que devem procurar — na realidade das vossas próprias mentes e emoções. Devem olhar para o universo natural que conhecem. Devem observar com intuição e instinto criativo as criaturas à vossa volta, não como outras espécies com certos

hábitos, nem como propriedades inferiores da Terra a serem dissecadas, mas como exemplos vivos da natureza do universo, em constante existência e transformação.

Devem estudar a qualidade da vida, ousar seguir os padrões dos vossos próprios pensamentos e emoções, e cavalgar essa mobilidade, pois é nessa mobilidade que se encontram pistas sobre a origem do universo e da psique.

A visão do universo e da natureza por parte do poeta é, então, mais científica do que a do cientista — pois compreende mais da natureza. A criança que ri, cheia de alegria e espanto ao ver a sua primeira violeta, compreende muito mais, nos termos mais profundos, do que o botânico que, há muito, esqueceu a experiência de ver uma única violeta — apesar de ter na ponta da língua os nomes e classificações de todas as flores do mundo. Informação não é necessariamente conhecimento ou compreensão.

Os pensamentos surgem na vossa mente da mesma forma que o universo objetivo emerge para a realidade — ou seja, da mesma maneira. Diagramar frases pouco vos diz sobre a linguagem falada, e nada sobre as performances físicas e mentais milagrosas que vos permitem falar — e, da mesma forma, classificar as espécies do mundo está totalmente desligado de qualquer compreensão verdadeira.

O sentimento subjetivo do vosso ser, a vossa experiência íntima, de momento a momento — tudo isso possui a mesma qualidade misteriosa que, a vós, parece pertencer ao próprio universo. Sois mortais, e por toda a parte encontram provas dessa mortalidade, e, ainda assim, dentro desse quadro, os vossos sentimentos e pensamentos têm uma realidade pessoal que transcende todas essas classificações.

Sabem que, fisicamente, irão morrer — mas, a certa altura, cada pessoa tem a certeza secreta de que ela própria escapará a esse destino, e de que a vida, de algum modo, é eterna. É através desses sentimentos que a psique rompe todas as concepções erradas, sugerindo, ao mesmo tempo, a natureza do ser e do universo.

Num plano mais amplo da realidade, então, não há começo nem fim para o universo — e nesse plano, não existem contradições. Também não há começo nem fim para a psique. Podem dizer: “Está bem, aceito isso” — e, ainda assim, persistir: “Mas, nos nossos termos, quando é que o mundo começou, e de que maneira?” Contudo, a simples tentativa de colocar essa origem no tempo torna quase qualquer resposta inevitavelmente distorcida.

A verdade é que as respostas encontram-se na vossa própria experiência. Estão implícitas no vosso comportamento espontâneo — ou seja, na maravilhosa atividade dos vossos corpos e mentes. Façam uma pausa.

Caminhais perfeitamente sem ter qualquer conhecimento consciente da atividade dos mecanismos internos. Podem ter aprendido, ou lido, sobre a anatomia do corpo e a interação entre as suas partes. No entanto, tenham ou não essa informação, caminham na mesma. Esses dados, portanto, não contribuem em nada para a vossa capacidade de andar. Nesse sentido, um atleta pode ter um entusiasmo natural pelo movimento e impaciência pela leitura — não se importando com o que, dentro do corpo, o faz mover-se, desde que o desempenho seja excelente — enquanto um inválido, com vastos conhecimentos sobre todas as partes do corpo, pode ser totalmente incapaz de se movimentar normalmente.

O corpo sabe como andar. Esse conhecimento está embutido e é posto em prática. O corpo sabe como se curar, como usar os nutrientes, como regenerar os tecidos. No entanto, nos vossos termos, o corpo em si não tem acesso ao tipo de informação que a mente possui. Sendo assim “ignorante”, como pode funcionar tão bem? Se fosse cientificamente inclinado, o corpo saberia que tal desempenho espontâneo é impossível, pois a ciência não consegue explicar a realidade da vida tal como ela existe neste momento — muito menos as suas origens.

A consciência dentro do corpo sabe que a sua existência se dá dentro do contexto corporal — e simultaneamente a partir dele. No dia-a-dia, a consciência muitas vezes entra em repouso — sonha acordada, ou vive-se a si própria como estando, de algum modo, separada da realidade física do corpo. À noite, durante o sono, a consciência do eu afasta-se ainda mais da realidade física, e fá-lo com a mesma espontaneidade com que o corpo caminha. Estas experiências não são hipotéticas. Acontecem a cada pessoa.

Nesses momentos, cada um tem alguma consciência de um tipo de compreensão que não depende da acumulação de dados, mas de uma experiência mais profunda, de um contacto direto com a realidade da qual o mundo emerge. Este é o tipo de conhecimento sem palavras que o corpo possui — aquele que vos permite mover fisicamente e que resulta numa precisão espetacular nas reações corporais. É, portanto, altamente prático.

Nos vossos termos, a mesma força que formou o mundo forma agora a vossa realidade subjetiva — e é a fonte do universo natural. Explorar essas realidades com amor levar-vos-á a um contacto direto com as dimensões interiores do vosso ser, fornecendo compreensões intuitivas da maior importância. O movimento do universo manifesta-se no movimento da vossa

experiência íntima, e é nesse campo aparentemente mais vago que se encontrarão as respostas.

Fim da dissertação. Dêem-nos um momento...

(Após transmitir mais algumas páginas sobre outros temas, Seth encerrou a sessão às 23h40.)

(Mais uma vez, Seth surpreendeu-nos ao indicar que as duas sessões anteriores deviam ser consideradas parte de A Psique — e mais uma vez percebemos que deixara as nossas perguntas levá-lo exatamente para onde já planeava ir. Com o passar dos anos, também descobrimos que, muitas vezes, as nossas dúvidas refletem as dos leitores em geral.)

SESSÃO 799, 28 DE MARÇO DE 1977, 21H42 – SEGUNDA-FEIRA

(Há alguns dias, a Jane recebeu pelo correio um combinado de agenda e calendário — um trabalho bastante elaborado, a cores. O patrocinador já lhe tinha enviado um exemplar em 1976, onde constava uma passagem de Seth. Abaixo de cada data há uma página com linhas para notas e compromissos, e na página oposta surgem notícias e citações variadas. Ontem, ao folhear o livro para ver se a Jane era mencionada — não era —, comecei a ler alguns dos pequenos textos.

Achei que o editor tinha mudado de abordagem, pois agora encontrei muito mais peças sobre gastos governamentais absurdos, corrupção e por aí fora. Li algumas delas em voz alta para a Jane. Pareciam-me ao mesmo tempo ridículas e trágicas. (Curiosamente, encaixavam perfeitamente nos meus sentimentos e perguntas recentes sobre o comportamento da nossa espécie, e com o material que Seth tem vindo a transmitir. De facto, Seth tinha muito mais para partilhar sobre este tema nesta noite — e, mesmo sem o dizer, a Jane e eu tomámos como certo que esta sessão também pertence a A Psique.)

Bem: Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

(Com elaborado humor:) Uma dissertação sobre a natureza do homem, para vosso esclarecimento.

Percebem que um tigre, ao seguir a sua natureza, não é mau. Ao olharem para a vossa própria espécie, tendem a ser menos benevolentes, menos compassivos, menos compreensivos. É fácil condenar o vosso semelhante. Pode ser difícil de entender, mas a vossa espécie tem boas intenções.

Percebem que o tigre existe num determinado ambiente e reage segundo a sua natureza. O mesmo se aplica ao homem.

Mesmo as suas atrocidades são cometidas numa tentativa distorcida de alcançar o que considera serem bons objetivos. Muitas vezes falha em atingir esses objetivos — ou até em perceber como os próprios métodos utilizados impedem a sua concretização. Ainda assim, ele é tão abençoado quanto os animais, e os seus fracassos resultam da sua falta de compreensão.

O homem está diretamente confrontado com um mundo consciente muito mais complexo do que os restantes animais, lidando particularmente com símbolos e ideias que depois são projetadas para a realidade exterior, onde devem ser postas à prova. Se essas ideias pudessem ser testadas mentalmente, no vosso contexto, não haveria necessidade de existência física humana.

As questões envolvidas aqui são demasiado complexas, por isso sou obrigado a simplificar ao máximo. É como se o homem dissesse: “E esta ideia, o que fazer com ela? O que acontecerá se a lançarmos na realidade física? Até onde podemos levar qualquer uma das grandes ideias sociais, científicas ou religiosas, que são criações tão características da mente humana?”

Se tudo pudesse ser resolvido mentalmente, numa espécie de quadro de desenho não físico, então o grande desafio da existência física seria desnecessário — e sem sentido.

Quão longe, por exemplo, se pode levar o nacionalismo? Até que ponto o mundo pode ser tratado como se estivesse fora do homem, como um objeto? O que pode o homem aprender ao tratar o corpo como uma máquina? Como uma miragem? Como sendo impulsionado por instintos cegos? Ou como se fosse habitado por uma alma?

Em certa medida, todas essas são reflexões únicas e criativas que, vindas apenas dos animais, seriam consideradas realizações intelectuais curiosas e iluminadoras. Os animais têm de se relacionar com a Terra — e o homem também. Tal como o animal deve brincar, acasalar, caçar a presa ou colher bagas no contexto físico do sol, do solo, das árvores, da neve, do granizo e do vento, assim o homem deve perseguir as suas ideias, revestindo-as das realidades elementares da Terra, percebendo-as como eventos.

Quando é destrutivo, o homem não procura sê-lo por si só; mas, na ânsia de alcançar aquilo que considera ser um objetivo bom, esquece-se de examinar a bondade dos seus métodos. Um animal que persegue e mata a sua presa serve o propósito maior de manter o equilíbrio da natureza — mesmo que não tenha consciência disso — e, mais uma vez, a sua intenção não é má.

O homem consome ideias. Ao fazê-lo, contribui para um outro tipo de equilíbrio, do qual, na maioria das vezes, não tem consciência. Mas nenhum homem age verdadeiramente com a intenção pura de fazer o mal, ou de ser cruel.

As tempestades rasgam os céus do verão, lançando trovões e relâmpagos. Os terremotos podem devastar regiões inteiras. Podemos lamentar profundamente os estragos causados, sabendo que nem a tempestade nem o terremoto são maus. Não só não tiveram má intenção, como a sua ocorrência corrigiu o equilíbrio da Terra.

(Esta sessão foi marcada por uma entrega mais rápida e intensa da Jane do que o habitual, com vários momentos em que falava em voz alta. Eu diria que ela poderia ter transmitido o material a um ritmo muito mais veloz se eu conseguisse acompanhá-la nas anotações.)

Isto exige uma compreensão única. Tenho consciência disso — e, no entanto, as tempestades destrutivas provocadas pela humanidade, em última análise, não podem ser consideradas mais “más” do que um terremoto. Embora as obras do homem possam frequentemente parecer destrutivas, não se deve culpar a intenção do homem — nem se deve jamais cometer o erro de confundir o homem com as suas obras.

Muitos artistas bem-intencionados produzem, por vezes, obras medíocres, tanto mais decepcionantes e lamentáveis para eles próprios por terem sido motivadas por uma intenção inicialmente boa. A sua falta de conhecimento, técnica e método torna-se então evidente.

Ao concentrarem-se demasiado no mundo dos jornais e nos relatos negativos das ações humanas, torna-se extremamente fácil perder de vista aquilo que (com voz mais alta) vos digo ser a boa intenção fundamental de cada homem e de cada mulher. Essa intenção pode estar confusa, mal executada, enredada em conflitos de crenças, sufocada pelas mãos ensanguentadas de assassínios e guerras — e ainda assim, nenhum homem ou mulher a perde.

Essa é a esperança da espécie, e sempre permaneceu acesa, como uma luz brilhante dentro de cada ser humano. Essa boa intenção é transmitida através das gerações. Essa iluminação é muito mais poderosa do que quaisquer ódios ou rancores nacionais que também possam ser passados adiante.

É imperativo, para qualquer paz de espírito, acreditar na existência dessa intenção inata de bondade no ser humano. Essa intenção é partilhada por todos os outros animais. Cada animal sabe que, sob certas condições, outro pode lutar ou assumir posturas agressivas, ou defender o seu ninho. Cada animal sabe que, em tempo de fome, pode ser caçado por outro. No entanto, exceto nessas situações, os animais não têm medo uns dos outros. Sabem que

o outro animal tem uma intenção boa. (Mais alto:) Concede o mesmo à tua própria espécie.

Agora: mantém, na tua mente, a distinção entre o homem e as suas obras. Critica à vontade as suas obras, ao leres nos jornais sobre erros, estupidezes, traições ou guerras. Junta páginas e mais páginas desse tipo de material, se assim desejares — e não falo apenas contigo, ou com o Ruburt, mas com qualquer pessoa que espere encontrar um vislumbre de verdade, paz de espírito ou criatividade.

Colecionar os piores fracassos do homem não é muito diferente de colecionar as piores obras de qualquer artista e encontrar prazer em destruí-las. O homem também produziu obras magníficas: o elevado nível de comunicação verbal, a multiplicidade de interações emocionais e de trocas culturais, a facilidade em exteriorizar ideias e conceitos, os alcances da imaginação — tudo isso, entre muitas outras coisas, é único no universo.

Identificar o homem com as suas piores criações é procurar deliberadamente as manchas e os erros de um artista de valor, e depois condená-lo por isso. Fazer isso é condenar-se a si próprio.

Se um cientista disser que a consciência é fruto do acaso, ou se as teorias de Darwin indicarem que o homem é, basicamente, o descendente triunfante de assassinos, muitas pessoas protestam. Mas, se disserem que os homens são idiotas ou que não merecem o chão que pisam, estão a dizer exatamente a mesma coisa. Pois têm de lidar com esta realidade tal como a conhecem; e, nesses termos, condenar o homem é condenar a espécie como a conhecem — e as bases práticas do vosso mundo.

Dizer que as pessoas podem escapar para outra probabilidade é, pragmaticamente, uma evasiva — separada, claro, da realidade das probabilidades, pois falo agora do ponto de vista emocional.

Agora: fisicamente, o vosso corpo tem uma posição no espaço e no tempo. Vou falar de experiência primária e secundária. Vamos chamar “experiência primária” àquela que existe diretamente em termos sensoriais, no vosso momento presente — o contacto do corpo com o ambiente. Estou a criar estas divisões para facilitar a nossa discussão — ou (com um sorriso) o meu monólogo.

Chamarei então “experiência secundária” à informação que vos chega através, por exemplo, da leitura, da televisão, de conversas com outras pessoas, cartas, etc. Este tipo de experiência é, em grande parte, simbólica. Isto deve ser evidente.

Ler sobre uma guerra numa tarde calma e solarenga não é o mesmo que estar na guerra, por mais vívida que seja a descrição. Ler sobre uma crise energética não é o mesmo que estar sentado numa casa gelada. Ler sobre a possível aniquilação da humanidade por destruição nuclear ou por outras estupidezes, enquanto se está sentado calmamente na sala de estar, está obviamente muito distante da realidade descrita no artigo.

Nos níveis com que nos preocupamos, o corpo deve reagir, primeiramente, à existência presente, imediata, no espaço e tempo. A outros níveis, está equipado para lidar com muitos tipos de dados — como já mencionei anteriormente, através da precognição das células.

Mas o corpo depende da mente consciente para lhe dar uma avaliação clara e precisa das condições do espaço e do tempo que ocupa. Depende desse conhecimento.

Queres fazer uma pausa?

“Não.”

Se estás confortavelmente instalado numa sala segura, sem qualquer perigo presente, os teus sentidos devem transmitir essa informação com precisão. A tua mente consciente deve assimilá-la.

Deveria ser fácil o suficiente olhar à tua volta e perceber que estás em segurança. A mente consciente serve para dar ao corpo uma leitura das condições culturais — pois há sofisticações e especificidades que, nos vossos termos, só a consciência pode avaliar.

Se, em condições naturalmente seguras — no sentido da experiência primária —, te deixas dominar por sinais de insegurança vindos da experiência secundária — daquilo que lês, por exemplo —, então estás a demonstrar falta de discernimento.

Não estás a conseguir diferenciar entre a situação presente, fisicamente segura, e a imaginada, que talvez seja insegura e ative alarmes de perigo. Os mecanismos do corpo tornam-se altamente desorientados.

Os sinais enviados ao corpo são muito contraditórios e, se tais condições se prolongarem, chega-se a um ponto em que já não se sabe se se está, de facto, em perigo ou apenas a imaginar o perigo.

A mente, então, força o corpo a manter-se num estado de alerta constante — mas, mais grave ainda, treinas-te a ignorar o teu feedback sensorial direto no momento presente.

(A Jane, como Seth, transmitiu todo este material com grande ênfase.)

O teu corpo pode dizer-te que estás seguro, e os teus sentidos mostram que não há perigo presente — no entanto, habituaste-te de tal forma a confiar na experiência secundária que já não confias nas tuas reações instintivas de criatura.

Por causa do grande dom da imaginação que o ser humano possui, os sinais de alarme não só invadem o momento presente — que está seguro — como também se estendem ao seguinte, e ao próximo, e são projetados interminavelmente para o futuro.

Em qualquer grau ou forma, cada indivíduo é, assim, privado da sua crença na capacidade pessoal de agir de forma significativa e com propósito no presente. O corpo não pode agir amanhã, hoje. Os seus dados sensoriais devem ser claros.

Essa sensação de impotência perante a ação leva a um estado de desespero em graus variados — e esse estado não se prende a detalhes específicos, mas infiltra-se em toda a vida emocional, se lhe for permitido.

Em qualquer grau, o material condenatório e crítico torna-se com frequência uma profecia autorrealizável — pois aqueles que nele depositam valor (*em voz mais alta*) permitem que esse material obscureça as suas reações.

Nos vossos termos, enquanto vivem, e nos termos mais pertinentes da sensação íntima, a vossa realidade deve ser aquilo que percebem dentro do enquadramento do vosso tempo — e aquilo que criam dentro desse enquadramento, à medida que o experienciam.

Portanto, suplico-vos que não ajam como se o homem estivesse destinado a destruir-se num qualquer futuro — que não ajam como se o homem fosse um imbecil, condenado à extinção, um animal meio louco com um cérebro fora de controlo.

Nenhuma das destruições profetizadas que o homem tanto teme é uma realidade no vosso tempo; nem, apesar de todos os profetas da desgraça ao longo das eras, a criatividade do homem se destruiu a si mesma nesses termos.

(*Com voz alta:*) Há quem faça carreira de condenar as falhas e os erros dos outros — ou da própria espécie — e, por causa dessa atitude, a grande energia e a boa intenção do homem permanecem invisíveis.

O homem está num processo de vir-a-ser. As suas obras são imperfeitas — mas são as obras imperfeitas de um artista genial em formação, cujas falhas são de facto marcantes e grotescas apenas à luz do génio que sente dentro de si, e que constantemente o guia e impele para a frente.

Quando considerares o futuro nos teus termos, as realizações construtivas são tão realistas como as destrutivas. Nesses termos, cada ano da existência humana justifica uma visão mais otimista, não mais pessimista.

Não podes colocar a boa intenção do homem fora do contexto físico — porque, fora desse contexto, não existe a criatura que conheces.

Não podes dizer que a natureza é boa, mas gerou o homem como um cancro sobre si própria — pois, se assim fosse, a natureza teria mais bom senso.

Também não podes dizer que a Natureza — com “N” maiúsculo — destruirá o homem se este a ofender, ou que a Natureza pouco se importa com a sua própria espécie e apenas quer promover a Vida — com “V” maiúsculo —, pois a natureza está dentro de cada membro de cada espécie; e sem cada membro de cada espécie, a natureza — com maiúscula ou minúscula — não existiria.

(Com humor:) Vou deixar-te descansar os teus dedos naturais.

(Tinha a mão cansada — uma das raras vezes em que isso aconteceu durante as sessões. O ritmo da Jane tinha sido mais rápido que o habitual e, por vezes, bem mais alto. Achei o material excelente. A Jane, na verdade, não queria fazer pausa. Estava pronta para continuar poucos minutos depois, mas pedi-lhe que esperasse até a minha mão descansar um pouco. Retomámos.)

Porque são criaturas naturais, dentro de vós existe um estado natural de ser. Esse estado pode ser uma reserva sempre presente de paz, vitalidade e compreensão.

Independentemente do que os vossos cientistas pensem, o vosso corpo, a vossa consciência e o vosso universo estão constantemente a emergir para a atualização.

Assim, ao cultivarem uma experiência clara da vossa própria consciência e do vosso ser, no tempo e no momento tal como o sentem, podem aceder à vitalidade e ao poder maiores que estão disponíveis.

Para isso, confiem nos vossos dados sensoriais imediatos — não na experiência secundária que descrevi antes. Esses dados primários, embora ancorados no presente, ao darem-vos a posição necessária no tempo, podem ainda abrir-vos para a intemporalidade de onde todo o tempo emerge.

Podem trazer-vos intuições subtis, pistas sobre a verdadeira natureza do constante vir-a-ser do universo.

Esse tipo de experiência permite-vos vislumbrar os padrões mais amplos da criatividade humana — e o vosso papel neles.

Têm sido ensinados a concentrar-se nas críticas e nas falhas da vossa sociedade; e, nos vossos tempos, parece que tudo vai correr mal — que, deixado ao seu curso, o mundo irá degradar-se, o universo morrerá, o homem destruir-se-á a si próprio.

Essas crenças infiltram-se de tal forma no vosso comportamento que passam a organizar grande parte da vossa experiência — e roubam-vos os benefícios que a própria natureza vos oferece, por todo o lado, através da experiência primária direta.

Muitas vezes, então, ignoras a realidade dos teus sentidos no mundo — a vitalidade luxuosa e o conforto do momento diário — ao exagerares a importância da experiência secundária, tal como foi definida nesta discussão.

A projeção ou profecia mais negativa parece ser a mais prática; quando estás a ler sobre os males do mundo, dizes com total honestidade, e sem qualquer humor: “Como posso ignorar a realidade — a realidade destrutiva — do presente?”

Contudo, nos termos mais práticos, imediatos e mundanos, tu e o teu mundo estão, nesse momento, naturalmente e fisicamente seguros, tal como os teus sentidos corporais percebem de imediato. Nos termos mais básicos do corpo, não estás a reagir às condições atuais.

Isto tornar-se-ia perfeitamente claro se estivesses fisicamente a vivenciar as condições sobre as quais lêes. Se o mundo estivesse a desabar sobre ti, compreenderias claramente que, “antes”, estavas a reagir a uma situação imaginada, e não real.

Receio que uma parte disto ainda vos escape — a ti, ao Ruburt, e a outros. Mas, embora desastres, reais ou vividos à distância, possam de facto ocorrer mais tarde, são muito diferentes daqueles que se vivenciam fisicamente.

Ao concentrares-te negativamente naquilo que *poderá* acontecer, apenas acrescentas infelicidade à sua natureza — e destróis a tua própria posição.

A tua *posição no tempo* é extremamente importante, pois é a tua base prática de atuação. Tens de confiar nos teus dados sensoriais nesse sentido. Caso contrário, confundes a tua posição psicológica com a corporal, pois o corpo não

pode estar, ao mesmo tempo, numa situação de segurança e de perigo. Gasta os seus recursos a lutar batalhas imaginárias.

Para algumas pessoas, guerras, pobreza, assassinatos, traição, corrupção são experiências primárias — e devem ser enfrentadas como tal, exigindo ação imediata. O corpo precisa de reagir. Essas pessoas são agredidas, roubadas. Esses são dados sensoriais imediatos — e, de uma forma ou de outra, elas reagem.

Mesmo que de forma débil, o seu ponto de poder corresponde imediatamente ao ponto de perigo.

Mas não podes reagir fisicamente da mesma forma a perigos projetados ou imaginados. Parece que não há reação possível. E sentes frustração.

Foste feito para lidar com a tua experiência imediata, primária — e ao fazê-lo, cumpres a tua responsabilidade.

Podes agir na tua própria experiência, e por isso afetar os outros. Não tens de ignorar as guerras em outras partes do mundo, nem de fechar os olhos.

Mas se permites que essas experiências obscureçam o teu presente — a tua intersecção válida com a realidade — então falas e ages a partir de uma posição que não é tua, e negas ao mundo os benefícios que a tua atual versão da realidade poderia permitir-te oferecer.

A validade natural da tua percepção sensorial tem de permanecer clara — só assim poderás tirar total proveito das intuições e visões que devem surgir através da tua intersecção pessoal com o espaço e o tempo.

Nesses termos, a integridade sempre atual da natureza envolve-te por toda a parte. Representa a tua experiência direta.

Oferece-te conforto, criatividade e inspiração — que só impedem de chegar até ti quando permites que a experiência secundária se sobreponha ao teu encontro diário e momento a momento com a terra física.

Tenho consciência das tuas perguntas sobre os aspetos de sono e vigília da vida na Terra. Responderei esta noite ou na próxima sessão, como preferires.

("Bem, podemos deixar isso para a próxima vez.")

Então começaremos por aí.

Todo este material desta noite aplica-se às pessoas em geral, a vós, e também é dirigido especificamente ao Ruburt.

(Pausa.)

Se não estivesses cansado, continuaria.

("Está bem, podes continuar mais um pouco, se quiseres.")

(O Seth passou então a transmitir material pessoal para a Jane e terminou a sessão às 23h59. A Jane estava pronta para continuar, e até pensou em usar o gravador. Eu disse-lhe que estava disposto a continuar a tomar notas, mas ela acabou por decidir não prolongar a sessão.)

SESSÃO 800, 4 DE ABRIL DE 1977, 21H43 – SEGUNDA-FEIRA

(Esperámos mais de 20 minutos até o início da sessão. A Jane comentou várias vezes: "Este atraso parece mesmo estranho." Mas Seth retomou o material sobre o comportamento da nossa espécie, ao mesmo tempo que se aproximava do encerramento de A Psique.)

Ditado. *(Pausa longa.)*

Tu crias a tua própria realidade. Essa realidade contribui para a experiência dos outros, mas cada um de vós possui uma posição única e original no espaço e no tempo — que é só vossa, de forma bem prática, independentemente da existência relativa do tempo.

Só quando operas a partir da tua própria posição podes ajudar os outros da melhor maneira possível.

Antecipar o perigo, ou assumir imaginativamente os problemas dos outros, rouba-te a energia com que poderias verdadeiramente ajudá-los.

Não estou a dizer, portanto, que desvies o olhar das condições infelizes do mundo. É necessária ajuda prática em todas as áreas da vida humana.

Mas é muito melhor — e, em última instância, mais prático — concentrares-te nos elementos benéficos da civilização.

É muito melhor organizares os teus pensamentos em torno de realizações do que fazeres listas mentais das deficiências e falhas do homem.

Essa prática conduz a sentimentos de impotência e desesperança, onde a ação efetiva parece impossível.

A vida possui exuberância. Se essa exuberância for valorizada, nutrida, encorajada, então é gerada energia adicional — uma superabundância — que não é necessária apenas para a vida privada diária, mas pode ser eficazmente canalizada para aquelas áreas do mundo onde a ajuda é mais necessária.

A força, vitalidade e eficácia do pensamento raramente são tidas em conta.

Poderás dizer: “O pensamento não pára uma guerra” — mas então, o que achas que a iniciou?

Ao longo da história, os oprimidos muitas vezes ergueram-se ao poder, usando a força, rebelando-se contra os seus opressores — e ainda assim, aprendendo pouco com essa experiência, tornam-se a nova elite, os novos detentores do poder.

As suas condições físicas podem ter mudado completamente. Agora, são eles os donos dos governos, da riqueza.

Desapareceram as condições que, ao que parece, originaram a revolta.

E mesmo assim, por retaliação, voltam-se contra outros, criando uma nova classe de oprimidos — que, por sua vez, se erguerão e retaliarão.

Apesar das aparências, as condições exteriores não causam guerras, nem pobreza, nem doenças, nem quaisquer das circunstâncias infelizes que observam no mundo.

As vossas crenças formam a vossa realidade. Os vossos pensamentos geram a experiência prática. Quando estes mudarem, as condições mudarão.

Ao acrescentares a tua própria energia, foco e concentração a circunstâncias difíceis noutras partes do mundo, não estás a ajudar — estás a contribuir para essas situações. Fechar os olhos de forma ignorante, “lavar as mãos” do assunto, por assim dizer, é igualmente uma atitude curta de vista. Fingir que tais situações não existem, por medo delas, só trará essa realidade temida para mais perto.

É muito melhor colocares-te firmemente na tua própria realidade, reconhecê-la como tua, incentivar a tua força e criatividade, e a partir desse ponto de vista observar essas áreas do mundo — ou da tua própria sociedade — que precisam de ajuda construtiva.

Com propósito, na tua vida pessoal, nos teus diálogos diários com os outros, nas tuas relações através de grupos ou associações, reforça, tanto quanto possível, a força e as capacidades dos outros. Esse reforço irá adicionar poder

peçoal a todas as outras pessoas com quem esses indivíduos entrarem em contacto.

Identifica as crenças que estão por trás das condições desafortunadas. Se as ideias deste livro fossem verdadeiramente compreendidas, então cada indivíduo poderia avaliar a sua própria realidade de forma realista. Já não haveria necessidade de armar uma nação contra um ataque antecipado — mas imaginário — de outra.

Rancores pessoais não se acumulariam, de modo a que homens e mulheres deixassem de temer novas feridas e de se esconder da vida ou das relações, evitando o contacto com os outros. Não é virtuoso contar as tuas falhas. A rigidez moral pessoal pode ser um caminho muito estreito.

Se cada um compreendesse e percebesse a graciosa integridade da sua individualidade — tal como tentam perceber a beleza de todas as outras criaturas naturais — então permitiriam à sua própria criatividade uma maior liberdade de expressão. Há ordem em todos os elementos da natureza — e tu fazes parte dela.

A grande amplitude das estações representa os alcances da tua alma. Não alcançarás espiritualidade ao desviares o olhar da natureza, nem ao tentares libertar-te dela. Não “vislumbrarás a vida eterna” ao negares a vida que tens agora — pois essa vida é o teu caminho único, e contém em si pistas que te pertencem.

Tudo O Que É vibra com desejo.

(Com mais força:) A negação do desejo apenas te trará apatia. Aqueles que negam o desejo são os mais atingidos por ele.

Cada uma das vossas vidas é um episódio simultaneamente minúsculo e gigantesco, mortal e imortal, fornecendo experiências que formam de forma significativa — abrindo dimensões da realidade acessíveis a mais ninguém, pois ninguém pode ver a existência a partir da tua perspetiva. Ninguém pode ser tu, exceto tu.

Há comunicações a outros níveis, mas a tua experiência de existência é completamente original — e deve ser valorizada. Nenhum ser, a partir de qualquer limiar psicológico — por mais vasto que seja — pode escrever um livro que defina a psique, apenas apresentar sugestões, pistas, palavras e símbolos.

As palavras e ideias deste livro representam realidades interiores — ou seja, são como teclas de piano a tocar outros acordes; acordes que, idealmente, serão ativados dentro da psique de cada leitor.

Cada um de vós está agora inserido no mundo natural — e esse mundo está inserido numa realidade da qual a natureza emerge. As raízes da psique estão seguras, nutrindo-a como uma árvore a partir do solo do ser.

A fonte da força da psique está dentro de cada indivíduo — o tecido invisível da existência da pessoa.

(Pausa longa.)

A natureza é luxuriante e abundante nas suas expressões. A realidade maior da qual a natureza surge é ainda mais abundante — e, dentro dessa experiência multidimensional, nenhum indivíduo é ignorado, esquecido, rejeitado, perdido ou abandonado.

Uma árvore não precisa pedir alimento à terra ou ao sol — e, da mesma forma, tudo o que precisas está disponível para ti na tua experiência prática.

Se acreditas que não és digno de sustento, se acreditas que a própria vida é perigosa, então as tuas próprias crenças tornarão impossível utilizares plenamente a ajuda que está disponível.

Em grande medida, pelo facto de estares vivo, é evidente que estás a ser sustentado. Não podes simplesmente fechar a porta à vitalidade do teu próprio ser — e a vitalidade “desperdiçada” em depressões profundas é muitas vezes maior do que a energia usada em atos criativos.

Tu és uma parte de Tudo O Que É; portanto, o universo inclina-se na tua direção. Ele dá. Ele ressoa com vitalidade.

Então rejeita as crenças que te dizem o contrário. Procura dentro de ti — cada um de vós — aqueles sentimentos de entusiasmo e alegria, mesmo que sejam apenas ocasionais, e incentiva os eventos ou pensamentos que os provocam.

Não podes encontrar a tua psique ao pensares nela como algo separado — como uma joia guardada num armário eterno. Só podes experienciar a sua força e vitalidade ao explorares a realidade subjetiva que é tua — pois ela levar-te-á infalivelmente àquela fonte maior do ser que transcende tanto o espaço como o tempo.

Fim da sessão. Fim do livro.

(Pausa.)

O próximo será uma beleza.

("Será?", provoquei o Seth um pouco. A sessão mal tinha começado quando percebi que ele estava a encerrar A Psique. Até a voz da Jane, ao falar por ele, indicava um certo tom de conclusão.)

Sem dúvida que será.

Agora, brevemente: a postura geral da espécie é largamente mantida pelos padrões de sono e vigília de que falaste recentemente.

Dessa forma, uma grande parte da espécie foca-se na realidade física, enquanto outra grande parte mantém um pé firme na realidade interior.

(O nosso gato, Willy Two — ou Billy — estava a dormir ao meu lado no sofá. Ao acordar, espreguiçou-se, saltou para o chão e depois para o colo da Jane, enquanto ela falava por Seth. Billy sentou-se de frente para ela. Pousei o bloco de notas e peguei nele. Seth continuou a falar enquanto eu levava o gato até à porta da cave.)

Ele é uma criatura doce.

("Sim.")

Assim que me voltei a sentar, Seth terminou a frase que começara antes da interrupção do Billy:

— trabalhando nos padrões interiores que formarão as realidades do dia seguinte, e fornecendo pré-visualizações prováveis de acontecimentos futuros.

A realidade do sono e da vigília está, portanto, equilibrada na mente mundial — não no cérebro mundial.

No entanto, a parte adormecida da espécie representa as atividades inconscientes do cérebro no corpo — especialmente quando pensas no movimento de todas as ações da espécie. Esses movimentos conscientes têm uma base inconsciente.

Se pensares num cérebro mundial em massa — uma entidade — então ele também deve acordar e dormir em padrões.

Se imaginares a ação diária em massa como sendo realizada por um ser gigantesco, então todas essas ações conscientes têm contrapartes inconscientes — e deve haver uma vasta intercomunicação de um sistema nervoso interior.

Parte de tal cérebro teria de estar desperta todo o tempo, e parte envolvida em atividade inconsciente. E é exatamente isso que acontece.

Diferentes culturas são assim capazes de comunicar, pois o conhecimento cultural de várias partes do mundo é transmitido à parte adormecida de todo o organismo.

Quando dormem, as nações despertas adicionam os acontecimentos do dia à memória mundial — e trabalham nas probabilidades futuras.

Voltarei a este assunto. Tinha-me esquecido dele quando encerrei prematuramente a sessão anterior.

A hesitação do Ruburt esta noite foi causada por uma nostalgia mal colocada pelo fim do nosso livro.

Estais ambos, de facto, a iniciar um novo período — mais produtivo, surpreendentemente agradável e algo extraordinário nas vossas vidas.

E agora, despeço-me com um caloroso boa noite.

("Muito obrigado, Seth. Boa noite.")

(Como se pode ver pelos comentários de Seth sobre a mente-cérebro mundial em massa, ele já estava pronto para iniciar novo material. E embora tenha mencionado um novo livro, a Jane e eu não tínhamos ideia de que ele começaria um tão rapidamente — mas foi exatamente isso que aconteceu.

O Volume 1 de *Unknown Reality* saiu no outono de 1977 — e, por essa altura, Seth já estava bem avançado no seu mais recente trabalho: *The Individual and the Nature of Mass Events*, mesmo antes deste livro, *A Psique*, estar dactilografado para publicação.

Eu ainda estava a trabalhar nas notas do Volume 2 de *Unknown Reality*.

A escrita da Jane sobre William James também acabou por se tornar um livro: *The Afterdeath Journal of an American Philosopher*.

Portanto, durante o ditado deste manuscrito de Seth, ela produziu, por sua própria iniciativa, os livros sobre Cézanne e James.

Sem dúvida que toda essa criatividade citada nesta nota é a "prova do pudim" — evidência da riqueza e das capacidades da psique.

A Jane demonstra essas qualidades à sua maneira, claro, mas os seus equivalentes existem em cada um de nós, à espera de serem usados.)